

CLAUDINER BUZINARO

REVISTA DO LIVRO, PORTA-VOZ DO INL:
MEMÓRIA E INDEXAÇÃO DE UM PERIÓDICO
DO SÉCULO XX

ASSIS
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CLAUDINER BUZINARO

REVISTA DO LIVRO, PORTA-VOZ DO INL:
MEMÓRIA E INDEXAÇÃO DE UM PERIÓDICO
DO SÉCULO XX

COMISSÃO JULGADORA

TESE PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTOR
Faculdade de Ciências e Letras - UNESP
Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social

Presidente e Orientador

Dra. Ana Maria Domingues de Oliveira

2º Examinador

3º Examinador

4º Examinador

5º Examinador

Assis, ____ de _____ de 2006

Claudiner Buzinaro

Revista do Livro, porta-voz do INL:
Memória e Indexação de um Periódico
do Século XX.

Tese apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras de Assis – UNESP –
Universidade Estadual Paulista para a
obtenção do título de Doutor em Letras
(Literatura e Vida Social)

Orientadora: *Doutora Ana Maria Domingues de Oliveira*

Co-orientadora: *Doutora Diléa Zanotto Manfio*

ASSIS

2006

*À minha família, refúgio maior,
especialmente minha mãe, Igualdar Romero Buzinaro.*

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Ana Maria Domingues de Oliveira pela confiança.

À professora Dra. Diléa Zanotto Manfio que esteve comigo durante todos esses anos e co-orientou o presente trabalho.

Ao Luiz Roberto pela força e paciência.

Aos professores Antônio Roberto Esteves e Maria Lidia L. Maretti pelas sugestões durante o exame de qualificação, que foram imprescindíveis para a conclusão do trabalho.

Aos amigos pela força.

Especialmente ao professor Dr. Fernando Antônio Cazarini, que mais que um amigo se tornou mentor.

BUZINARO, Claudiner. *Revista do Livro*, porta-voz do INL: análise e indexação de um periódico do século XX. 2005. 327f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.

RESUMO

O objetivo do trabalho é a análise e a indexação da *Revista do Livro*. O periódico foi lançado em 1956 como porta-voz do antigo Instituto Nacional do Livro (INL) e circulou até 1970, quando saiu o número 43, tendo abrigado neste espaço de tempo em suas páginas os nomes mais expressivos da inteligência brasileira. O Instituto Nacional do Livro, órgão oficial do governo, foi criado em 1937. Portanto, o contexto histórico-político-social em que se insere a *Revista do Livro* pode ser delimitado entre 1937 (criação do Instituto Nacional do Livro) e 1970 (último número da *Revista do Livro*). Obviamente, ao fazermos esta contextualização teremos que recuar aos antecedentes que levaram à criação do INL e, por outro lado, avançar após o momento em que se deu a interrupção da *Revista do Livro*. Tornam-se igualmente necessárias considerações quanto à implantação da imprensa no Brasil e quanto à evolução do gênero “revista”, na Europa e sua conseqüente implantação no Brasil durante o século XIX. Finalmente, será esboçado um breve histórico do Instituto Nacional do Livro (INL) e do surgimento da *Revista do Livro*, com suas implicações culturais no Brasil da segunda metade do século XX.

Palavras-Chaves: Indexação. Periódicos Brasileiros, Instituto Nacional do Livro (Brasil), Literatura Brasileira.

BUZINARO, Claudiner. *Revista do Livro*, voice of the INL: analysis and indexation of a twentieth century periodical. 2005. 327 p. PhD Thesis, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis.

ABSTRACT

The aim of this study is the analysis and the indexation of the *Revista do Livro*. The periodical was launched in 1956 as the voice of the former *Instituto Nacional do Livro* (INL) and circulated until 1970, year of the 43rd number, keeping at this time on its pages the more expressive names of the Brazilian intelligentsia. The *Instituto Nacional do Livro*, official government branch, was created in 1937. Therefore, the social political historical context in which the *Revista do Livro* takes place may be delimited between 1937 (*Instituto Nacional do Livro* creation) and 1970 (*Revista do Livro's* last number). Obviously, in doing this contextualization, we return to the background that led to the INL creation and, on the other hand, we go ahead after the moment that the *Revista do Livro* was quit. Considerations on the introduction of the Brazilian press and the evolutions of the genre “magazine” in Europe and its subsequent creation in Brazil during the Nineteenth Century are likely necessary. At last, a brief historical outline of the *Instituto Nacional do Livro* (INL) and the creation of the *Revista do Livro* are delineated with its cultural implications in the second half of the Twentieth Century, in Brazil.

KEYWORDS: Indexation, Brazilian Periodicals, Instituto Nacional do Livro (Brazil), Brazilian Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
-------------------------	---

CAPÍTULO 1

1.1 - Contexto político cultural do período em estudo.....	13
1.2 - A Imprensa no Brasil.....	36
1.3 - A Revista no Brasil.....	59

CAPÍTULO 2

2.1 - Diretrizes do Estado Novo para a Educação e Cultura.....	77
2.2 - O Instituto Nacional do Livro.....	81
2.2.1 – Balanço das realizações do INL.	89
2.2.2 - O INL e o Regime Militar.....	94
2.2.3 – A Enciclopédia Brasileira e o Dicionário da Língua Nacional.....	101

CAPÍTULO 3

3.1 - A <i>Revista do Livro</i>	106
3.2 - Características da <i>Revista do Livro</i>	108
3.3 - Trabalhos publicados pela <i>Revista do Livro</i>	117

CAPÍTULO 4

4.1 - Procedimentos para a Indexação.....	133
4.2 – Indexação da <i>Revista do Livro</i>	140

CONSIDERAÇÕES FINAIS	313
-----------------------------------	-----

REFERÊNCIAS	317
--------------------------	-----

ANEXOS	320
---------------------	-----

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Buzinaro, Claudiner
B992r Revista do livro, porta voz do INL: memória e indexação
de um periódico do século XX / Claudiner Buzinaro. Assis,
2006
327 f.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de
Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Indexação. 2. Periódicos brasileiros. 3. Instituto Nacio-
nal do Livro (Brasil). 4. Literatura brasileira. I. Título.

CDD 025.343
056.9

869.908

Introdução

Em meados do século XX, a intelectualidade brasileira, influenciada pelas idéias européias, constituía o centro propulsor do pensamento moderno que revolucionaria o cenário político e cultural do país. A imprensa brasileira era a grande divulgadora desses ideais, vivenciando um grande avanço técnico. Neste momento, surgiam por todo o país periódicos das mais diversas tendências. Dentre eles, o gênero revista engloba uma série de

assuntos e temas e oferece um panorama das produções culturais de indivíduos e instituições, destacando-se, por exemplo, as revistas literárias que proporcionam uma rica fonte para pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento.

Pareceu-nos, assim, importante resgatar a *Revista do Livro* pela sua significação e importância fundamental para uma revisão da história da imprensa literária do Brasil e seu caráter documental como expressão de uma época da história política do país. Ao editar obras de escritores do passado, bem como ao abordar temas da época, a *Revista do Livro* torna-se um mosaico, que propicia ao pesquisador inúmeras possibilidades de enfoque. Textos literários das mais variadas tendências convivem harmoniosamente nas páginas da *Revista do Livro*. Cabia a ela o papel de elemento catalisador da cultura nacional, o qual consistia em dar ao povo brasileiro o conhecimento que lhe fosse necessário para elevar-se cultural e socialmente.

Como veículo oficial do Instituto Nacional do Livro (INL), a *Revista do Livro* nos proporciona um vasto mural político e cultural de um importante período da história do Brasil das duas primeiras décadas da segunda metade do século XX. A memória brasileira ganha dimensão nas páginas da *Revista do Livro*, uma vez que a mesma assume um caráter polifônico, não se atendo a gêneros e estilos específicos, dando-nos um vasto panorama do período.

A *Revista do Livro* começa a circular em 1956 como porta-voz do Instituto Nacional do Livro (INL). Este, por sua vez, fora criado em 1937, durante o governo de Getúlio Vargas, tendo como projeto principal a criação da *Enciclopédia Brasileira* e o *Dicionário da Língua Nacional*, trabalho entregue a Mário de Andrade (1893 – 1945). Apesar de ter passado metade de sua existência sob o regime de governos ditatoriais - o Estado Novo e o

regime militar de 1964 -, jamais conseguiu implantar seu projeto primordial, a *Enciclopédia* e o *Dicionário*.

Com a criação do INL, o Estado passa a controlar o mercado editorial brasileiro e com o regime de co-edição, que nem sequer fora cogitado no decreto de criação do referido Instituto, mas fora implantado durante o regime militar, opera-se uma mudança da funcionalidade do órgão, que passa de produtor a subsidiador de cultura, mantendo os mecanismos de controle final.

Uma revista que divulgasse os trabalhos executados pelo INL era uma antiga reivindicação de seu diretor e fundador Augusto Meyer (1902 - 1970) já no governo Vargas, porém isso somente foi possível durante o governo de Juscelino Kubitschek quando era diretor do Instituto, José Renato Santos Pereira.

A *Revista do Livro* propõe um caráter nacional em sua produção, porém isso não implicaria em que o pensamento universal não encontrasse abrigo em suas páginas. Fizeram parte do corpo editorial da *Revista* nomes ilustres da história da cultura no Brasil como: Alexandre Eulálio(1932 – 1988), Brito Broca (1904 – 1916), Antonio Houaiss (1915 – 1999), Celso Cunha, M. Cavalcanti Proença, J. Galante de Sousa e Augusto Meyer.

Esse grupo foi o mais constante na *Revista*. Outros nomes tiveram passagem rápida, porém não menos importante, como: Antônio Cândido (1918 -), Gilberto Freyre (1900 – 1987), Luís da Câmara Cascudo (1898 – 1986) e Sérgio Buarque de Holanda (1902 – 1982). A marca registrada da *Revista do Livro* foi o projeto gráfico elaborado por Tomás Santa Rosa Júnior.

A maioria dos textos publicados na *Revista do Livro* foi editada de jornais, revistas e/ou materiais que se encontravam dispersos em bibliotecas. Alguns são simples

transcrições, outros são precedidos de estudos críticos. Esta diversidade tanto de estilo como temporal é que faz a riqueza da *Revista*.

O presente trabalho pretende a análise e a indexação da *Revista do Livro*, estruturando-se em: Introdução, quatro Capítulos, Considerações finais e Anexo.

O Capítulo 1 apresenta o panorama político e cultural da época em que a *Revista do Livro* circulou, além de discorrer sobre a implantação da imprensa no Brasil e do surgimento das revistas.

O Capítulo 2 enfoca, inicialmente, as diretrizes do Estado Novo estabelecidas pelo governo de Getúlio Vargas para a cultura, bem como as estratégias de manipulação então utilizadas. Em seguida, apresenta um histórico do Instituto Nacional do Livro (INL), órgão responsável pelo controle da editoração no Brasil, focalizando a *Revista do Livro* como seu porta-voz.

O Capítulo 3 descreve as características da *Revista do Livro*, seu aspecto físico e as seções em que ela se estrutura, oferecendo assim uma visão panorâmica do periódico.

No Capítulo 4, após estabelecer e explicitar os procedimentos, apresenta-se a indexação dos quarenta e três números da *Revista do Livro*.

No Anexo, o leitor encontrará informações bibliográficas referentes ao Corpo Editorial do periódico.

O trabalho não tem a pretensão de esgotar o assunto, visto que a *Revista do Livro* nos proporciona um painel de vastas possibilidades.

Capítulo 1

1.1 - Contexto político-cultural do período em estudo

Intelectuais envolvidos no movimento modernista de 1922 manifestam divergências quanto ao papel da cultura para o desenvolvimento brasileiro. Conforme as historiadoras Mariza Veloso e Angélica Madeira em *Leituras Brasileiras. Itinerários no Processo Social e na Literatura* percebe-se neles:

[...] uma necessidade premente de marcar posições diante dos acontecimentos e debates que ocorriam em todo o mundo, no período entre guerras, e que culminaram, no Brasil, com a Revolução de 30, quando ascendem ao poder novos grupos sociais liderados por Getúlio Vargas. (1999, p.104).

Após o Estado Novo em 1937, grupos de artistas e intelectuais modernistas se unem às elites políticas, num projeto modernizador para o Brasil. Isto interessa ao Estado, pois vão ganhando espaço na literatura os temas nacionalistas:

Logo os artistas se preocupariam em desvendar o Brasil, voltando-se para o regionalismo e para a crítica social. Como acontecia nas novas obras de sociologia e história, a massa anônima de raças formadoras da nacionalidade e de trabalhadores do campo e da cidade passa a ocupar primeiro plano. (NOSSO SÉCULO, 1980, p.162).

Para Veloso e Madeira, estes grupos estavam de acordo quanto ao caráter de brasilidade a se imprimir à cultura brasileira, porém divergiam quanto ao significado do nacionalismo:

Alguns, como os participantes do Movimento Anta – Menotti del Picchia, Plínio Salgado e Cassiano Ricardo -, eram adeptos, em política, de uma ideologia da ordem e de um Estado forte; no campo da estética, propuseram um retorno a um “primitivismo autêntico”, representado por Martim-Cererê, de

Cassiano Ricardo, e pelas “posições de fé” contidas no Manifesto verde amarelo. (199, p.105)

Outro grupo capitaneado por Mário de Andrade e Oswald de Andrade (1890 – 1954) – apesar de suas propostas completamente diferenciadas – tenta resumir suas posições quanto ao caráter nacionalista. Oswald de Andrade, com uma visão mais cosmopolita, parte para a Europa para, na sua visão antropofágica, devorar a cultura alienígena, enquanto Mário de Andrade parte para o interior do país para registrar a cultura brasileira. Ambos com o mesmo pensamento, o de valorizar a cultura brasileira. Esta visão popular de cultura, proposta por Mário de Andrade, foi o que levou o Instituto Nacional do Livro (INL) a propor-lhe a criação da *Enciclopédia Brasileira*, pois esta visão “populista” - ação política que toma como referência e fonte de legitimidade o cidadão comum, cujos interesses pretende representar - satisfazia às necessidades do Estado.

De 1930 a 1945, Getúlio Vargas trava uma verdadeira guerra contra a imprensa. O DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) assume o papel de censor durante o Estado Novo. A reação é imediata, a imprensa usa dos mais variados artifícios para driblar o sistema.

A princípio os jornais de maior circulação em São Paulo (*O Estado de São Paulo*, *Diário de São Paulo*) e no Rio de Janeiro (*O Globo*, *Diário Carioca*, *Diário da Noite*, *Jornal do Brasil*) apoiaram a Aliança Liberal e a Revolução de 30. Entretanto instalado o regime, a desilusão é geral. A imprensa passa a defender uma Constituição para o Brasil.

A perseguição aos órgãos de imprensa promove um racha dentro do próprio governo. Maurício Cardoso, foi ministro da Justiça. No início de 1937, houve o empastelamento do *Diário Carioca*. Cardoso tentou apurar responsabilidades. Desautorizado pelo governo, demitiu-se juntamente com outros políticos gaúchos.

O descontentamento dos jornais atinge seu auge em 1937, quando a constituição aboliu a liberdade de expressão. Todos os meios de comunicação e expressão foram submetidos à censura prévia que dava à imprensa caráter de utilidade pública, o que a obrigava a publicar comunicados do governo. Inicia-se um período negro, jornais são fechados, outros, a contra gosto, passam a servir a ditadura. O historiador Nelson Werneck Sodré (1911 – 1999) atenta para o fato de que: “ A ditadura criou órgão específico, o Departamento de Imprensa e Propaganda, chefiado por Lourival Fontes, segundo o modelo nazista; o famigerado DIP controlava a imprensa e o rádio e baixava lista de assuntos proibidos.” (1983, p.381). Citando Freitas Nobre (1922 -), Werneck Sodré prossegue: “Jornais enriqueceram e jornalistas se corromperam, o quanto era possível enriquecer-se e corromper-se.” (1983, p.382). Isso se dá, porque o DIP passou a distribuir verbas para os jornais, verbas essas atreladas ao comprometimento dos mesmos com o regime.

Os desmandos do governo assumem proporções desmedidas. A imprensa, para sobreviver, procura a clandestinidade. Com a imprensa amordaçada, as perseguições do regime passam despercebidas. Werneck Sodré (1965, p.168) narra algumas dessas perseguições como por exemplo a de Graciliano Ramos (1892 – 1953) e de Monteiro Lobato (1882 – 1948) entre outras.

Ainda de acordo com Werneck Sodré, o início da segunda guerra mundial teve reflexos no Brasil. Em princípio, as vitórias dos nazistas e de seus aliados serviram para fortalecer o regime de Vargas. O país toma posição neutra em relação ao conflito. Entretanto a entrada dos Estados Unidos da América na guerra, em 1941, obriga o Brasil a tomar uma posição frente ao conflito em 1942. A imprensa percebe uma brecha, e assume posição a favor dos países aliados contra o nazismo. Nesta abertura passa a criticar o regime: “A propósito do que ocorria no exterior, as críticas visavam o que ocorria no

próprio Brasil... O Estado Novo começou a deteriorar-se rapidamente.” (SODRÉ, 1983, p.383).

Terminada a Segunda Guerra Mundial, a democracia vencera por meio dos Aliados, designação que engloba os 25 países que lutaram contra o nazi-fascismo, incluindo Estados Unidos da América, União Soviética e Brasil. A ditadura do Estado Novo, instaurada em 1937, já não tinha bases em que se apoiar. As oposições vinham aglutinando-se desde 1943, ano em que foi divulgado o “Manifesto dos Mineiros”, que pedia a redemocratização do país. O próprio Getúlio Vargas prometera: “A redemocratização virá, quando terminar a guerra”.

Mas, a par de algumas medidas “democratizantes” como por exemplo a reforma da Constituição, marcando eleições diretas, a permissão para a criação de partidos e a anistia para todos os presos políticos, o Governo procurava manter intacto o arcabouço do Estado Novo. A lei Agamenon (28/05/45) – principal peça da legislação eleitoral – beneficiava a máquina do Estado Novo, praticamente garantindo a eleição de um grande número de políticos da situação. Assim, surgiram o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), ambos da situação, recrutando, o primeiro antigos interventores e o segundo lideranças sindicais fiéis ao governo de Getúlio. Mas isso não era tudo: apesar de ter indicado a candidatura do general Eurico Gaspar Dutra para a presidência da República, o próprio Vargas alimentava projetos continuístas, procurando cultivar uma base popular. A 15 de julho de 1945, Luís Carlos Prestes, líder comunista beneficiado pela anistia, lança em São Paulo a campanha “Constituinte com Getúlio”. A 13 de agosto, lideranças sindicais e funcionários do Ministério do Trabalho, iniciam o movimento “queremista”, promovendo comícios transmitidos pelo rádio por todo o país. “Queremos Getúlio” era o *slogan*. Um respeitado líder democrata opositor, Otávio

Mangabeira, chegou a pedir publicamente que as Forças Armadas interviessem “em defesa da nação”.

Eram as contradições da difícil conjuntura política de 1945. O ditador se tornava “democrata” e um democrata julgava necessário o recurso da força no caminho da abertura democrática. Em outubro, a nomeação para a chefatura de polícia do Rio de Janeiro de Benjamim Vargas, o “Bejo”, irmão do ditador e uma das grandes figuras dos cassinos do Estado Novo, desencadeia fulminante reação dos militares, liderados por Dutra e Góis Monteiro: Getúlio é deposto, no dia 29, com tanques cercando o palácio presidencial.

Em seu retiro no Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas parecia estar acabado politicamente. Era novembro de 1945 e a campanha eleitoral estava no auge. O PSD lança a candidatura do general Eurico Dutra, ex-ministro da Guerra do Estado Novo. Porém, Dutra sabia que, sem o apoio de Vargas era-lhe impossível vencer as eleições. Getúlio continuava em seu retiro em São Borja. A 21 de novembro, o general envia um documento aos dirigentes do trabalhismo, prometendo, se eleito, escolher o ministro do Trabalho em comum acordo com o PTB e distribuir as outras pastas ministeriais entre os partidos que o apoiassem. É diante desse compromisso que Vargas resolve voltar à vida pública. A 25 de novembro, dirigiu-se ao povo brasileiro em manifesto que anunciava seu apoio ao general Dutra. Este documento, conhecido como “Ele disse”, decidirá a sorte das eleições. A vitória é do general Dutra que toma posse em 31 de janeiro de 1946.

No período pós-guerra, por uma cultura democrática e antifascista, os escritores fazem a literatura do “compromisso social”:

Um dos sinais mais significativos do período de desorganização social que atravessamos é esta tendência para questionar todo mundo, numa ânsia desesperada de entender a confusão [...] Estamos assistindo [...] a formação de

uma geração que encara a atividade intelectual como um estudo e um trabalho que sejam instrumento de vida, sendo esta concebida como uma necessidade permanente de revisão e um ataque sem dó a tudo que signifique individualismo narcísico e hipertrofia do próprio eu. (...) Não nos compete, evidentemente, assumir uma cor política qualquer e descer à rua, clamando por ação direta. Cada um com suas armas. A nossa é essa: esclarecer o pensamento e pôr ordem nas idéias. (CÂNDIDO apud NEME, 1944, p.31)

Assim, o socialismo, o freudianismo e o catolicismo existencial se transformam em peças que vão decifrar este homem engajado socialmente e sustentar toda a literatura da época. Alguns escritores exerceram influência marcante neste contexto, são os norte-americanos: John dos Passos, Ernest Hemingway (1899 – 1961), William Faulkner (1897 – 1962) e John Steinbeck (1902 – 1968), que difundem o gosto pela análise psíquica e interpretam o mal-estar do período pós-guerra.

Tanto no âmbito político, como no econômico, o governo Dutra é marcado pelo descontentamento. Na política, acabou se mostrando mais próximo à UDN (União Democrática Nacional), que exercia uma certa oposição ao seu governo, do que o PTB, partido que o ajudara a se eleger. Na economia, a política adotada levou ao aumento do custo de vida, impelindo as massas urbanas a se manifestarem contra o governo. Era nas ruas e nas fábricas onde se concentravam a maior fonte de problemas. O aumento do custo de vida e o congelamento dos salários, estagnados desde 1942, quando o Brasil entrou no conflito mundial, adotando uma “economia de guerra”, provocaram, em 1945 e no começo de 1946, em uma onda de greves. Outro grande problema do governo, era o crescimento do Partido Comunista, que fazia oposição ferrenha a Dutra.

A 19 de abril de 1950, aniversário de Getúlio Vargas, houve uma reunião de seus amigos e correligionários em São Borja, onde é articulada a sua volta. Eleito em 31 de janeiro de 1951, Vargas enfrentou vários problemas para assumir o governo. A UDN

(União Democrática Nacional) tentou impedir a posse, alegando que a Constituição exigia do vencedor a maioria absoluta. Apelou ao Tribunal Superior Eleitoral, mas não foi atendida. Entre as Forças Armadas registram-se certa tensão. Os principais chefes militares, entretanto, declaram que respeitariam a decisão da Justiça Eleitoral.

Em 1953, dá-se a virada decisiva do segundo governo Vargas, aquele que formará sua definitiva imagem de “Pai dos Pobres”. Na realidade, até 1952, Getúlio havia apostado na negociação com os norte-americanos, dos quais queria obter empréstimos para implantar indústrias de base. Em troca, os EUA pediam manganês, urânio e participação na guerra da Coreia. Apostara também na contenção das reivindicações populares, estimuladas pela sua própria vitória. Prova disso fora a nova “Lei sobre os crimes contra o Estado e a ordem política e social”, promulgada em janeiro de 1953, que proibia a realização de comícios ou reuniões políticas a céu aberto, considerando quem as organizasse sem a autorização da polícia, fora da lei. Uma lei sob medida para conter o avanço das manifestações contra a carestia e pelos reajustes salariais (renovados só uma vez em 1943). Entretanto, apenas dois meses depois, o descontentamento popular explode na greve geral, jogando por terra a nova lei e, assim, alertando Vargas para o fato de que o novo aliado de que necessitava, para mudar o rumo dos acontecimentos, talvez fosse a massa, que vinha tentando conter.

Os americanos mostravam-se reticentes em manter suas promessas de apoio ao nosso desenvolvimento industrial. Em novembro de 1953, John Foster Dulles, secretário de Estado do governo Eisenhower, declararia, por fim, ao embaixador brasileiro Walter Moreira Salles, que dos 250 milhões de dólares prometidos por Truman apenas 100 seriam concedidos. Tratava-se, de fato, de uma resposta a várias ações do Governo brasileiro: a reforma cambial, que encarecia os bens importados para favorecer a indústria nacional; a lei sobre remessas de lucro; a criação da Petrobrás; a sustentação do preço do café. A pressão

do Governo americano não cessaria de crescer, enquanto a venda de café para os EUA caía de 4,1 milhões de sacas no início de 1953 para 2,9 milhões no começo de 1954.

Desde de novembro de 1952, a Federação das Associações Comerciais do Brasil iniciara uma campanha contra as medidas industrializantes. Getúlio não dispunha de apoio junto à imprensa e ao rádio, quase integralmente nas mãos de poucas famílias, suas inimigas e porta-vozes do temor que as elites e a classe média sentiam com o povo nas ruas e a inflação a galope. Mesmo os industriais que haviam apoiado sua eleição hesitavam. Enquanto isso, João Goulart, nomeado ministro do Trabalho após a greve, organizava nos sindicatos, sua própria máquina de “pelegos”(sindicalistas favoráveis ao Governo), para controlar a massa trabalhadora. Em fevereiro de 1954, ele apresentou a Getúlio uma proposta de aumentar em 100% o salário mínimo. Os jornais clamaram contra a medida, e um grupo de coronéis emitiu o famoso “Memorial” que veladamente fazia críticas ao aumento do salário mínimo. Getúlio cederia às pressões demitindo Goulart. A 1º de maio, contudo, Vargas decretava o aumento de 100% do salário mínimo e sua revisão a cada três anos. Não era preciso mais nada. Para a UDN e os conservadores, Getúlio e sua equipe deviam ser destituídos. Pelo golpe, se necessário. Porém, o golpe final foi a madrugada de 5 de agosto de 1954, quando Carlos Lacerda voltava para sua residência, na rua Toneleiros, 180, Copacabana, em companhia de seu filho Sérgio e do major da Aeronáutica Rubens Florentino Vaz, este dirigindo o automóvel. Vinham de mais uma reunião antigetulista no Externato São José. Quando se despediam na porta, dois pistoleiros – que os esperavam de tocaia – começaram a atirar. Lacerda foi ferido levemente no pé, mas o major levou um tiro no peito. Morreu a caminho do hospital. Durante o ataque fora também ferido o guarda

municipal Sálvio Romeiro, que, tendo presenciado acidentalmente o atentado, além de acertar um tiro no táxi que escapava com um dos atacantes, anotara também a placa.

A presença do major Vaz junto com Lacerda não era casual. Tempos atrás, atraídos pela intensidade da apaixonada campanha contra Vargas movida por Lacerda, um grupo de oficiais udenistas da Aeronáutica se oferecera espontaneamente para protegê-lo. Mas quem eram, afinal, os atacantes que Lacerda acusava estarem a mando de Vargas? No dia seguinte, o motorista do táxi alvejado, Néelson Raimundo de Souza, apresentou-se à polícia com a incrível versão de que não conhecia os pistoleiros. Mas a bala que vitimara o major era calibre 45, privativo das Forças Armadas. Lacerda obteve, então, do brigadeiro Eduardo Gomes a abertura de um inquérito policial militar e a retirada das investigações das mãos da polícia. O coronel-aviador João Adil Oliveira foi encarregado de dirigir o IPM. Em apenas vinte e nove horas conseguiram prender o assassino: o motorista confessou que transportara Climério Eurides de Almeida, um dos duzentos membros da guarda presidencial, metade da qual formada por gaúchos. O segundo atacante foi reconhecido por Lacerda por meio de uma foto. No dia 17, após intensa busca, Climério foi preso, outro pistoleiro, identificado: João Alcino do Nascimento. O mandante era o próprio chefe da guarda: Gregório Fortunato, o Anjo Negro, fiel guarda-costa de Getúlio desde o Estado Novo. A partir dos acontecimentos, três alternativas se colocaram para Vargas: resistir até o fim, renunciar ou suicidar-se. A última foi a escolhida. E, em 24 de agosto de 1954, Vargas mata-se com um tiro no coração.

Juscelino Kubitschek, eleito em 1955, estabelece um governo que promete um novo “estilo”. Logo é apelidado de “presidente bossa-nova”, estilo musical que estourava na época e que propunha o rompimento com os velhos padrões.

Kubitschek tem como projeto populista (proposta de elevar o nível de vida da população, gerando oportunidades de emprego) a política desenvolvimentista. Esta fica evidente em seus discursos ao prometer “50 anos em cinco”. Como em todo governo populista, JK é um nacionalista, seu projeto de desenvolvimento prega a nacionalização, eliminando, teoricamente, as diferenças sociais.

Mesmo com a política populista que previa o desenvolvimento a qualquer custo, revistos à distância, os anos JK aparecem como um dos períodos mais ricos da produção cultural brasileira, num quadro de profundas mudanças de comportamento. Foram os anos de consolidação do cinema novo, surgido pouco antes e que consagraria diretores como Glauber Rocha (1938 – 1981), Nelson Pereira dos Santos (1928 -) e Joaquim Pedro de Andrade (1932 – 1988). No teatro, desenvolveram-se os grupos Arena e Oficina que impulsionaram criadores como Augusto Boal(1931 -), Gianfrancesco Guarnieri (1934 -) e José Celso Martinez Correia (1937 -). Durante o governo Kubitschek chegaram às livrarias obras clássicas como *Grande Sertão: Veredas* (1956) e *Corpo de Baile* (1956), de Guimarães Rosa (1908 – 1967), *Laços de Família* (1960), de Clarice Lispector(1911 – 1989), *O Encontro Marcado* (1956), de Fernando Sabino(1923 -), *Duas Águas* (1956), de João Cabral de Melo Neto(1920 – 1999) e *A Casa Assassinada* (1959), de Lúcio Cardoso (1913 – 1968). O panorama literário enriqueceu-se com o surgimento do concretismo. A vertente formalista da nova poesia foi constituída pelos concretistas, que em 1957, lançaram o seu manifesto no *Jornal do Brasil*, complementando-o no ano seguinte com o “Plano Piloto para Poesia Concreta”. Os principais representantes dessa corrente foram os irmãos Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari, José Lino Grünwald, Ferreira Gullar. Segundo os concretistas era possível fazer poesia fora das estruturas tradicionais da língua, usando palavras como objetos concretos. Assim, a sintaxe tradicional poderia ser

abolida e o aspecto das palavras (tamanho, forma da letra, cor) juntamente com o suporte (cor do papel, espaço gráfico) e o seu sentido ganhavam dimensão de “produtores de impacto poético.” (BOSI, 1970, p.523). Haroldo de Campos afirmaria que “a função da poesia concreta não é [...] desprover a palavra de sua carga de conteúdos, mas sim utilizar a carga como material de trabalho em pé de igualdade com os demais materiais.” (NOSSO SÉCULO, 1980, p.261).

Os estudos brasileiros foram alimentados com o lançamento de obras como *A Literatura no Brasil* (1955), de Afrânio Coutinho (1911 – 2000), *Formação da Literatura Brasileira* (1959), de Antônio Cândido *Visão do Paraíso* (1958), de Sérgio Buarque de Holanda, *Formação Econômica do Brasil* (1959), de Celso Furtado (1920 -), *Os Donos do Poder* (1959), de Raymundo Faoro (1925 -), e *Ordem e Progresso* (1959), de Gilberto Freire. No campo das artes plásticas, um passo importante foi a eclosão do movimento neoconcreto, tentativa de encontrar uma expressão nacional para o projeto construtivista internacional, a partir de um manifesto assinado, em março de 1959, por Amilcar de Castro (1920 – 2002), Ferreira Gullar (1930 -), Lygia Clark (1920 – 1988), Lígia Pape (1929 – 2004) e Reinaldo Jardim (1926 -). É desse período o grande *boom* da produção artística brasileira. Artistas como Iberê Camargo (1914 – 1995), Sérgio Camargo (1930 – 1990), Alfredo Volpi (1896 –1988)e Mira Schendel (1919 –1988) encontram sua maturidade. Na música popular, o período não poderia ter sido mais produtivo. Vinícius de Moraes (1913 – 1980), poeta consagrado, destaca-se como letrista, enriquecendo o movimento musical que era a bossa nova, surgida em 1958.

Desde 1937 (ano de criação do INL) houve um grande aumento do mercado de livros no Brasil. Isso se deu, segundo Sérgio Miceli (2001, p.147):

[...] em meio às novas condições resultantes da crise de 1929 e, mais adiante, em virtude da impossibilidade de continuar importando livros portugueses e franceses com o início da Segunda Guerra Mundial, afrouxam-se os laços da sujeição cultural.

As importações feitas anteriormente davam lugar às obras de produção interna. Segundo Miceli, a partir de 1942, para cada 2,5 livros de autores estrangeiros eram lançados em média 7,5 livros de autores nacionais. O INL, responsável pela editoração no Brasil, necessitava de um veículo que divulgasse os trabalhos desenvolvidos pelo Órgão. Devido ao liberalismo do governo de Kubitschek, isso foi possível, criando-se então a *Revista do Livro* em 1956. Uma revista já era reivindicada desde a criação do Instituto Nacional do Livro no governo Vargas, pois o INL necessitava de um veículo para sua divulgação.

Há, ainda, outro fator no qual o governo de Kubitschek investiria: a industrialização, que apesar de todo o discurso nacionalista, amplia o sistema capitalista e, conseqüentemente, a influência norte-americana sobre o Brasil. Interessava aos EUA a instalação de indústrias no Brasil, devido à mão de obra e matéria prima baratas, além de um mercado consumidor cobiçado pelas grandes potências mundiais.

Com a industrialização houve um grande avanço do parque gráfico no Brasil, o que permitiu um significativo desenvolvimento da imprensa:

O crescimento real do mercado do livro não didático só foi retomado quando o governo começou a interessar-se por essa indústria, e isso apenas se verificou com a ascensão à presidência da República, em 31 de janeiro de 1956, de Juscelino Kubitschek de Oliveira. (HALLEWEL, 1985, p.442).

Jânio da Silva Quadros assumiu a presidência em 31 de janeiro de 1961, herdando de Juscelino Kubitschek um país em acelerado processo de concentração de renda e

inflação. Muito embora a vice-presidência houvesse ficado para o PTB, com João Goulart, finalmente a UDN conseguia chegar ao poder. Isso foi conseguido graças ao estilo ímpar de Jânio, o chamado populismo caricato, uma vez que utilizava seus discursos e ações de forma a tornar-se atraente para o público. Passou a assemelhar-se à classe popular ao usar camisa esporte e manter seus cabelos sempre despenteados, com caspa nos ombros, além dos típicos sanduíches de mortadela que tirava do bolso e degustava em público, e o boné de condutor de bonde, atacava as elites com denúncias de corrupção e acenava em defesa das camadas oprimidas. Sua ligação com a UDN, entretanto, tornava seu discurso contraditório, já que era a representante das elites que ele atacava.

Uma vez empossado, Jânio tomou medidas um tanto controvertidas. A proibição de biquínis nas praias é o maior exemplo desses atos governamentais. No plano externo, exerceu uma política não alinhada. Apoiou Fidel Castro diante da tentativa fracassada de invasão da Baía dos Porcos pelos norte-americanos. Em 18 de agosto de 1961, condecorou o ministro da indústria de Cuba, “Che” Guevara, com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, a mais alta comenda brasileira. Além disso, Jânio rompeu com o partido que o elegeu, a UDN, provocando enorme insatisfação.

Para derrotar a inflação, Jânio adotou uma política ditada pelo FMI (Fundo Monetário Internacional): restringiu o crédito e congelou os salários. Com isso, obteve novos empréstimos, mas desagradou ao movimento popular e aos empresários. No entanto, a inflação não foi controlada.

Pressões norte-americanas e da UDN provocaram freqüentes atritos entre o Presidente e o Congresso Nacional. No dia 24 de agosto de 1961, Carlos Lacerda, então Governador da Guanabara, denunciou pela televisão que Jânio Quadros estaria articulando um golpe de Estado. No dia seguinte, o Presidente surpreende a nação: em uma carta ao

Congresso, afirmando que estava sofrendo pressões de “forças terríveis”, renunciou à presidência. Quando da renúncia, o vice-presidente João Goulart estava fora do país, em visita oficial à China. O Presidente da Câmara, Ranieri Mazili, assumiu a presidência como interino, no mesmo dia, 25 de agosto. A UDN e a cúpula das Forças Armadas tentaram impedir a posse de Jango, por ele estar ligado ao movimento trabalhista. Os ministros da Guerra, Odílio Denys, da Marinha, o vice-almirante Silvio Heck e o da Aeronáutica, o brigadeiro Gabriel Grún Moss, pressionaram o Congresso para que considerasse vago o cargo de Presidente e convocasse novas eleições.

O governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, encabeçou a resistência legalista, apoiado pela milícia estadual. Em seguida, criou a Cadeia da Legalidade: encampou a Rádio Guaíba, de Porto Alegre, e, transmitindo em tempo integral, mobilizou a população e as forças políticas para resistir ao golpe e para defender a Constituição. As principais emissoras do país aderiram à rede e a opinião pública respaldou a posição legalista. Em 28 de agosto de 1961, o general Machado Lopes, comandante do 3º Exército, sediado no Rio Grande do Sul, também declarou apoio a Jango. Em 2 de setembro, o problema foi contornado: o Congresso aprovou uma emenda à Constituição (Emenda nº 4) que instituiu o regime parlamentarista, no qual os poderes se concentravam primordialmente nas mãos do Primeiro-ministro, esvaziando os poderes presidenciais.

Jango tomou posse em 7 de setembro de 1961, sob o regime parlamentarista. Seu governo foi marcado pelo confronto entre diferentes políticas econômicas para o Brasil, conflitos sociais e greves urbanas e rurais. Seu governo é dividido em duas fases: Fase Parlamentarista (da posse em 1961 a janeiro de 1963) e a Fase Presidencialista (de janeiro de 1963 ao Golpe em 1964).

O parlamentarismo foi derrubado em janeiro de 1963: em plebiscito nacional, 80% dos eleitores optaram pela restauração do presidencialismo. Enquanto durou, o parlamentarismo teve três primeiros ministros, entre eles Tancredo Neves, que renunciou para candidatar-se ao governo de Minas Gerais.

Em 1961 a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria e o Pacto de Unidade e Ação, de caráter intersindical, convocaram greve reivindicando melhorias das condições de trabalho e a formação de um ministério nacionalista e democrático. Foi esse movimento que conquistou o 13º salário para os trabalhadores urbanos. Os trabalhadores rurais realizaram, no mesmo ano, o 1º Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, em Belo Horizonte. O Congresso exigiu reforma agrária e CLT (Consolidação das Leis de Trabalho) para os trabalhadores rurais. Em 1962, com a aprovação do Estatuto do Trabalhador Rural muitas ligas camponesas se transformaram em sindicatos rurais.

João Goulart realizou um governo contraditório. Procurou estreitar as alianças com o movimento sindical e setores nacional-reformistas, mas paralelamente tentou implantar uma política de estabilização baseada na contenção salarial. Seu Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social, elaborado pelo ministro do Planejamento Celso Furtado, tinha por objetivo manter as taxas de crescimento da economia e reduzir a inflação. Estas condições, exigidas pelo FMI (Fundo Monetário Internacional), seriam indispensáveis para obtenção de novos empréstimos, para a negociação da dívida externa e para a elevação do nível de investimento. O Plano Trienal também determinou a realização das chamadas reformas de base: reforma agrária, fiscal, educacional, bancária e eleitoral. Para o governo, elas eram necessárias ao desenvolvimento de um “capitalismo nacional” e “progressista”.

O anúncio dessas reformas aumentou a oposição ao governo e acentuou a polarização da sociedade brasileira. Jango perdeu rapidamente suas bases na burguesia. Para evitar o isolamento, reforçou as alianças com as correntes reformistas: aproximou-se de Leonel Brizola, então deputado federal pela Guanabara, de Miguel Arraes, governador de Pernambuco, da UNE (União Nacional dos Estudantes) e do Partido Comunista, que, embora na ilegalidade, mantinha forte atuação nos movimentos popular e sindical. O Plano Trienal foi abandonado em meados de 1963, mas o Presidente continuou a implementar medidas de caráter nacionalista: limitou a remessa de capital para o exterior, nacionalizou empresas de comunicação e decidiu rever as concessões para exploração de minérios. As retaliações estrangeiras foram rápidas: governo e empresas privadas norte-americanas cortaram crédito para o Brasil e interromperam a negociação da dívida externa.

No Congresso se forma a Frente Parlamentar Nacionalista, em apoio a Jango, e a Ação Democrática Parlamentar, que recebia ajuda financeira do Instituto Brasileiro de Ação Democrática (I.B.A.D.), instituição mantida pela Embaixada dos Estados Unidos da América. Crescia a agitação política. A polarização entre a esquerda e a direita foi recrudescendo. Junto a Jango, estavam organizações como a UNE, a CGT e as Ligas Camponesas: no campo oposto, encontravam-se o IPES (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais) o IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática) e a TFP (Tradição, Família e Propriedade).

A crise se precipitou no dia 13 de março de 1964, em razão da realização de um grande comício em frente à Estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Perante 300 mil pessoas Jango decretou a nacionalização das refinarias privadas de petróleo e desapropriou, para reforma agrária, propriedades às margens das rodovias, ferrovias e zonas de irrigação

de açudes públicos. Paralelamente a tudo isso, cumpre assinalar que a economia encontrava-se extremamente desordenada.

Em 19 de março foi realizada, em São Paulo, a maior mobilização contra o governo: a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, organizada por grupos de direita, com influência dos setores conservadores da Igreja Católica. A manifestação, que reuniu cerca de 400 mil pessoas, forneceu apoio político para derrubar o Presidente. No dia 31 de março, iniciou-se o verdadeiro movimento para o golpe. No mesmo dia, tropas mineiras sob o comando do general Mourão Filho marcharam em direção ao Rio de Janeiro e Brasília. Depois de muita expectativa, os golpistas conseguiram a adesão do comandante do 2º Exército, General Amaury Kruel. Jango estava no Rio de Janeiro quando recebeu o manifesto do General Mourão Filho exigindo a sua renúncia. No dia 1º de abril parte para Brasília na tentativa de controlar a situação. Ao perceber que não conta com nenhum dispositivo militar e nem com apoio armado dos grupos que o sustentavam, abandona a capital e segue para Porto Alegre. Nesse mesmo dia, ainda com Jango no país, o Presidente do Senado, Auro de Moura Andrade, declarou vaga a Presidência da República. Ranieri Mazzilli, Presidente da Câmara dos Deputados ocupou o cargo interinamente. Exilado no Uruguai, Jango participou da articulação da Frente Ampla, um movimento da redemocratização do país, junto com seu ex-inimigo político, Carlos Lacerda, e com Juscelino Kubitschek. Mas a frente não logrou êxito.

Na década de 1960, no que concerne ao aspecto cultural, a literatura, por exemplo, estava num impasse. Nenhum dos novos escritores conseguira superar o impacto causado pela renovação introduzida por Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Contrapondo-se ao trabalho dos grandes mestres, bem como à obra de autores como Jorge Amado (1922 -

2001) e Érico Veríssimo(1905 – 1975), surge uma nova geração que criou a chamada “erupção inconformista”, mais ligada à cultura de massa. É a época em que profissionais de outras categorias, como os publicitários, começam a fazer literatura, exemplo de Ricardo Ramos (1929 – 1992) e Marcos Rey (1925- 1999). Outro autor que alcançou consagração foi Autran Dourado (1926 -), ex-assessor de imprensa de JK, que publicou *Ópera dos Mortos* em 1967 e iniciou suas experiências de metaliteratura, fazendo crítica e criação ao mesmo tempo. Antônio Callado (1917 – 1997) tem a preocupação com uma literatura que retrate o seu tempo e no romance *Quarup* (1967) descreve o intelectual da cidade experimentando a realidade da selva. Seus personagens vão viver no Xingú e, no caminho, deparam-se com a repressão no nordeste nos primeiros anos do Regime Militar. É comum também nos anos de 1960 um tipo de literatura que o crítico Alfredo Bosi (1936 -) chamou de “brutalista”, ou seja, que tem como tônica a abordagem da agressividade nas grandes cidades. Assim, os contos de Dalton Trevisan (1925 -), passados em Curitiba, mostram as agruras da vida conjugal e as humilhações do homem de rua. Sempre seguindo esta temática, Trevisan lançou *Cemitério de Elefantes* (1964) e *O Vampiro de Curitiba* (1965). Outros exemplos de crítica social na literatura encontram-se nos livros de João Antônio (1937 – 1996) (*Malagueta, Perus e Bacanaço*, 1963) e de Marcos Rey (*Memórias de um Gigolô*, 1968), que revelam a vida marginal no submundo de São Paulo e Rubem Fonseca (1925 -) (*A Coleira do Cão*, 1965 e *Lúcia McCartney*, 1965). Outro nome importante da época foi J.J.Veiga (1915- 1999) (*A Hora dos Ruminante*, 1966), mestre da alegoria e precursor do realismo fantástico no Brasil.

A crítica literária alcançou grande projeção na década de 1960, tendo surgido uma nova geração. O crescimento das classes médias urbanas e da população universitária, bem como o desenvolvimento do mercado editorial foram responsáveis pela grande procura de

análises e explicações sobre literatura. As vanguardas internacionais tornaram-se acessíveis através de estudos e traduções, como aconteceu com *Ulisses* de James Joyce (1882 – 1941), traduzido por Antônio Houaiss (1915 – 1999) e publicado pela Civilização Brasileira em 1966. Outro trabalho, no período, que deve ser destacado, é o de Otto Maria Carpeaux (1900 – 1978), *História da Literatura Ocidental*, publicada em sete volumes entre 1959 e 1965. A obra oferece uma visão sistemática das correntes literárias e divulga autores e livros até então desconhecidos no Brasil. A preocupação sociológica marca a produção de Antônio Cândido, que em 1965 publicou *Literatura e Sociedade*. Destaca-se ainda no período Eduardo Portela (1932 -), marcado pelo Existencialismo com *Literatura e Realidade Nacional* (1963). Reunindo expoentes da crítica, como os já citados, o “Suplemento Literário” de *O Estado de São Paulo* publicava ainda colaborações de Wilson Martins (1921 -) (*Os Modernistas*, 1965), Anatol Rosenfeld (1912 – 1973) (*Texto/Contexto*, 1969), Boris Schnaiderman (1917 -) (tradutor e divulgador da literatura russa) e Afonso Celso Ávila (1928 -) (*Projeções do Mundo Barroco*, 1967).

Também na década de 1960, um tipo de literatura que provocou escândalo junto ao público, foi a literatura anticonvencional de Cassandra Rios (1932 – 2002) e Adelaide Carraro (1926 – 1992). Ainda assim mantinham um público fiel. Seus livros eróticos, que muitos consideravam pornográficos, arrebataram milhões de leitores apesar das perseguições da censura e do ataque da crítica. No final da década, entrava na décima edição o romance *Volúpia do Pecado* de Cassandra Rios, seu primeiro livro, seguido de outros, que têm o lesbianismo como temática central. Adelaide Carraro lançou-se em 1963, com o romance *Eu e o Governador*, resultado de suas experiências políticas quando fazia campanha para Jânio Quadros. Depois dele, publicou *Eu Mataria o Presidente*, *A Falência das Elites* e outros *best sellers*.

Outro movimento em voga na década, foi o “poema-praxis”. O movimento fundia formalismo e engajamento político. Enquanto os concretistas davam por encerrado o “ciclo do verso”, em 1962 um novo grupo surgiu para restaurar sua validade, lançando o “poema-praxis”, em que a idéia era mais importante que o jogo técnico formal. O marco inicial da “poesia-praxis” foi o lançamento em 1962, de *Lavra Lavra*, de Mário Chamie (1933 -), principal teórico do grupo. O livro foi elaborado de forma que autor e leitor participassem da criação da obra.. Os poemas desse livro focalizam o universo físico, social e psicológico do trabalhador rural, traduzindo o automatismo de seu dia a dia. Além de Chamie, a revista do Grupo Praxis lançou poemas de Armando Freitas Filho (*Palavra*, 1963), Mauro Gama (1938 -) (*Corpo Verbal*, 1964), Antônio Carlos Cabral (*Diário Cotidiano*, 1964), Yone Gianetti Fonseca (*A Fala e a Forma*, 1964) e Camargo Meyer (1941 -) (*Cartilha*, 1964). O movimento visava a idéia original e a submissão do poema a uma análise contextual que enfocava o próprio ato de escrever. Aumentava cada vez mais a preocupação do movimento com a poesia como uma experiência global, envolvendo produção e consumo poético. Assim, a partir de uma base formalista inspirada nos concretistas da década de 1950, nascia uma experiência poética de conteúdo social. Obedecendo essa orientação, Mário Chamie publicou *Indústria*, quando lançou a escritura-leitura, denominada “Textor”: texto-autor-leitor. Embora o “poema-praxis” não tenha alcançado a mesma expansão da poesia concretista, ainda assim suas produções provocaram reflexos nas artes gráficas, na música e na publicidade. Os sistemas de narração e montagem baseados no movimento “praxis” foram transpostos para o cinema por Ana Carolina em 1969, com o filme *Indústria*, e por Paulo Rufino, com o filme *Lavra a Dor Lavra*.

As correntes acadêmicas que orientaram a produção universitária nos anos de 1960 cedem lugar a novas vertentes e métodos, que irão conduzir as ciências sociais e a crítica

literária na década seguinte. A intensa produção das universidades originária de teses de professores começa a ser publicada em livros e surgem nomes como: Walnice Nogueira Galvão, João Alexandre Barbosa (1937 -), Davi Arrigucci Jr (1943 -), M. V. Benevides , Miriam Goldfeder, Heloísa Buarque de Holanda (1939 -), Roberto Schwarz (1938 -), João Luiz Lafetá (1946 - 1996), Antônio Carlos Brito(1944 – 1987), Carlos Vogt (1943 -); Benedito Nunes (1929 -), José Guilherme Merquior (1941 – 1991), Silviano Santiago (1936 -), Affonso Romano de Sant’Ana (1937 -), Gilberto Mendonça Teles (1931 -) e Luís Costa Lima (1937 -).

O Regime Militar é instaurado pelo golpe militar de 31 de março de 1964 e se estende até a Redemocratização. O plano político é marcado pelo autoritarismo, supressão dos direitos constitucionais, perseguição policial e política, prisão e tortura dos opositores e pela imposição de censura prévia aos meios de comunicação. Na economia, há uma rápida diversificação e modernização da indústria e serviços, sustentada por mecanismos de concentração de renda, endividamento externo e abertura ao capital estrangeiro. A inflação é institucionalizada pelos mecanismos de correção monetária e passa a ser uma das formas de financiamento do Estado. Acentuam-se as desigualdades e injustiça sociais.

O governo militar passa a governar por meio de Atos Institucionais. Os Atos Institucionais são mecanismos adotados para legalizar ações políticas não previstas e mesmo contrárias à Constituição. De 1964 a 1978 são decretados 16 Atos Institucionais e complementares que transformam a Constituição de 1946 em uma colcha de retalhos. O AI-1 de 9 de abril de 1964, transfere o poder político definitivamente aos militares, pois o mesmo era exercido formalmente pelo presidente da Câmara Federal, Ranieri Mazzilli, suspendendo por dez anos os direitos políticos de centenas de pessoas, entre elas os ex-presidentes João Goulart e Jânio Quadros, governadores, parlamentares, líderes sindicais e

estudantís, intelectuais e funcionários públicos. As cassações de mandatos alteram a composição do Congresso e intimidam os parlamentares.

Em 11 de abril de 1964, o Congresso elege para presidente o chefe do Estado-maior do exercito, marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. Empossado em 15 de abril de 1964, governa até 15 de março de 1967. Usa atos institucionais e emendas constitucionais como instrumento de repressão: fecha associações civis, proíbe greves, intervém em sindicatos, cassa mandatos de políticos. Cria o Serviços Nacional de Informações (SNI). Em 27 de outubro de 1964 o congresso aprova a lei Suplicy, que extingue a UNE (União Nacional dos Estudantes) e as uniões estaduais de estudantes. O novo governo assina com os EUA o acordo MEC-Usaid com o objetivo de reestruturar a educação pública no país. Este acordo propunha tornar a universidade pública particular, colocando o ensino superior em bases rentáveis e eliminando a interferência estudantil na administração, tanto colegiada como gremial. Em 18 de outubro manda invadir e fechar a Universidade de Brasília pela polícia militar.

O marechal Arthur da Costa e Silva assume em 15 de março de 1967 e governa até 31 de agosto de 1969, quando é afastado do poder por motivos de saúde. Logo nos primeiros meses de governo enfrenta uma onda de protestos que se espalha por todo o país. O autoritarismo e a repressão recrudescem na mesma proporção em que a oposição se radicaliza. Costa e Silva cria a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). É de seu governo o AI-5, mais abrangente e autoritário de todos os atos institucionais, na prática, revoga os dispositivos da Constituição de 1967, que substituiu a de 1946. Reforça os poderes do regime e concede ao Executivo o direito de determinar medidas repressivas específicas, como decretar o recesso do Congresso, das assembléias legislativas estaduais e das câmaras municipais. O governo

pode censurar os meios de comunicação, eliminar garantias de estabilidade do Poder Judiciário e suspender a aplicação do *habeas corpus* em casos de crimes políticos. O ato ainda cassa mandatos, suspende direitos políticos e cerceia direitos individuais. Em seguida ao AI-5, o governo Costa e Silva decretou outros doze atos institucionais e complementares, que passam a constituir o núcleo da legislação do regime. O AI-5 é revogado pela emenda nº 11, que entrou em vigor em 1º de janeiro de 1979.

Costa e Silva foi substituído por uma junta militar composta pelos ministros da Marinha, Augusto Rademaker; do Exército, Lyra Tavares; e da Aeronáutica, Márcio de Sousa e Melo. Governa por dois meses – de 31 de agosto de 1969 até 30 de outubro de 1969. Em 9 de setembro, decreta , entre outras medidas, o AI-14, que institui a prisão perpétua e a pena de morte em casos de “guerra revolucionária e subversiva” e impõe nova lei de segurança nacional. Decretou a abertura do Congresso, após dez meses de recesso.

Emílio Garrastazu Medici assume a Presidência em 30 de outubro de 1969 e governa até 15 de março de 1974. Seu governo fica conhecido como “os anos negros da ditadura”. O movimento estudantil, sindical e as oposições estão contidos e silenciados pela repressão policial. O fechamento dos canais de participação política leva uma parcela da esquerda a optar pela luta armada e pela guerrilha urbana. O governo responde com mais repressão. Lança também uma ampla campanha publicitária com o slogan ‘Brasil, ame-o ou deixe-o’. O endurecimento político é respaldado pelo chamado “milagre econômico”: crescimento do PIB, diversificação das atividades produtivas, concentração de renda e o surgimento de uma nova classe média com alto poder aquisitivo.

O general Ernesto Geisel assume a Presidência em 15 de março de 1974 e governa até março de 1979. Enfrenta dificuldades econômicas que anunciam o fim do “milagre econômico” e ameaçam o Regime Militar. O “milagre econômico” é a denominação dada

ao crescimento econômico ocorrido entre 1968 e 1973. Ao lado da euforia da classe média, que teve o poder aquisitivo ampliado naquele momento, existia um outro país, que não usufruía desse crescimento econômico. No final de 1973 a dívida externa contraída para financiar as obras faraônicas do governo atinge US\$ 9,5 bilhões. A inflação chega a 34,5% em 1974 e acentua a corrosão dos salários. A crise internacional do petróleo desencadeada em 1973 afeta o desenvolvimento industrial e aumenta o desemprego. Diante desse quadro, Geisel propõe um projeto de abertura política “lenta, gradual e segura”. Mas ainda cassa mandatos e direitos políticos. Devido ao expressivo crescimento das oposições nas eleições parlamentares de 1974, promulga a Lei Falcão, que impede o debate político nos meios de comunicação, em 24 de julho de 1976.

João Baptista Figueiredo assume a Presidência em 15 de março de 1979 e governa até 15 de março de 1985. O crescimento das oposições nas eleições de 1978 acelera o processo de abertura política. Em 28 de agosto de 1979 é aprovada a Lei de Anistia. No mesmo ano, em 22 de novembro, é aprovada a Lei Orgânica dos Partidos, que extingue a Arena e o MDB e restabelece o pluripartidarismo no país. Cresce também a mobilização popular por eleições diretas para cargos executivos. Em 13 de novembro de 1980 é aprovada uma emenda constitucional que restabelece as eleições diretas para governadores e acaba com os senadores biônicos, respeitando os mandatos em curso.

1.2 - A Imprensa no Brasil

Wilson Martins descreve em *A Palavra Escrita* as controvérsias quanto à instalação da imprensa no Brasil. Segundo Sérgio D. T. de Macedo coube aos holandeses a instalação da primeira tipografia no Brasil: “Aos holandeses se deve, ainda, a primeira tipografia

instalada no Brasil, aí por volta de 1630 a 1640, de propriedade de um tal Brée, segundo refere Vasconcelos em sua *Selecta Brasiliense*.” (apud Martins, 1996, p.299). A tese é corroborada por Melo Moraes em *Corografia do Brasil*, baseada em estudos de Alfredo de Carvalho, citados por José Gonsalves de Melo, Neto, porém sem maiores esclarecimento que viessem comprovar tal fato. Januário da Cunha Barbosa afirma em *Tempo dos Flamengos* ser “errônea suposição a idéia de que tivesse existido em Pernambuco, alguma tipografia.(Apud MARTINS, 1996, p. 300). Continuando Martins afirma que Alfredo de Carvalho cita na *Revista do IHGB* de 1908 que várias publicações dão conta de que os holandeses tenham efetivamente tentado instalar tipografias em Pernambuco, um tipógrafo foi encarregado do trabalho de impressão em Recife, mas morre em 3 de agosto de 1643, antes de iniciar o seu trabalho. A dificuldade de encontrar outro tipógrafo que se dispusesse a vir ao Brasil ou simplesmente a falta de interesse comercial teria desestimulado os holandeses, mesmo porque nesta época já havia uma pressão militar para expulsá-los do país. Entretanto, tem-se notícia de haver existido imprensa no Recife em 1706, segundo consta dos *Anais de Pernambuco* do historiador Francisco Augusto Pereira da Costa: uma tipografia se limitava a imprimir letras de câmbio e panfletos religiosos. Para tal afirmação, Januário da Cunha Barbosa, se apoia nos estudos de Antônio Joaquim de Melo (*Biografias de alguns poetas e homens ilustres da província de Pernambuco*) e de Pereira da Costa (*Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco*):

(...) em 1706, estabeleceu-se uma tipografia no Recife, que começou por imprimir letras de câmbio e breves orações devotas, mas desapareceu logo, por ter a ordem régia de 8 de julho do mesmo ano recomendado ao governador de Pernambuco que mandasse seqüestrar as letras impressas e notificar os donos delas e oficiais da tipografia, e que não consentisse que imprimissem livros, nem papéis alguns anexos. (MARTINS, 1996, p. 300).

Muniz Tavares confirma a teoria:

Até a transferência da corte para o Rio de Janeiro, a metrópole nunca quis consentir no estabelecimento de tipografias coloniais. Os tímidos ensaios de imprensa que tiveram lugar em Pernambuco e no Rio de Janeiro no decorrer do século XVIII, cerca de 1706 e em 1752 respectivamente, foram suprimidos, seqüestrando-se o material e sendo ameaçados de prisão os impressores. (TAVARES apud MARTINS, 1996, p. 299).

Gilberto Freyre (1900- 1987) afirma ter encontrado documentos em que constam que “a primeira coisa impressa em nosso país, nos seus dias coloniais, não foi nem jornal nem livro, mas um baralho de cartas de jogo”. (FREIRE apud MARTINS, 1996, p.306). Sérgio Buarque de Holanda afirma ser 1747 a data de instalação da primeira tipografia no Rio de Janeiro e que pertencia a Antônio Isidoro da Fonseca, porém não descarta uma instalação anterior:

Foi essa, ao que se sabe, a primeira oficina de impressão instalada no Brasil. Recentemente, compulsando documentos inéditos da Companhia de Jesus, pôde apurar entretanto Serafim Leite que, entre os livros da biblioteca do Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro, havia “alguns impressos por volta de 1724. (HOLANDA, 1948, p.175-6).

Pedro Júlio Barbuda e Artur Mota confirmam a hipótese de Sérgio Buarque de Holanda. O ano de 1752 é outra data que se tem notícia da instalação da primeira tipografia no Brasil pela Academia dos Seletos. Segundo Ribeiro dos Santos: “Mas durou pouco esta tipografia, porque, por ordem da metrópole, foi destruída e queimada para que se não propagassem por este meio idéias contrárias ao regime colonial”. (Apud MARTINS, 1996, p.299)

A chegada de D. João VI propicia a instalação da Imprensa Oficial no Brasil, com a assinatura em 13 de maio de 1808 do decreto que criou a imprensa Régia:

Tendo-me constado que os prelos que se acham nesta Capital eram os destinados para a Secretaria de Estado [dos Negócios] Estrangeiros e da Guerra e atendendo à necessidade que há da oficina de impressão nestes meus Estados: Sou servido que a casa onde se estabeleceram, sirva interinamente de “Impressão Régia”, onde se imprimam exclusivamente toda a Legislação de Papeis Diplomáticos que emanarem de qualquer Repartição do Meu Real Serviço; e se possa imprimir todas e quaisquer outras obras, ficando inteiramente pertencendo o seu governo e administração à mesma Secretaria. Dom Rodrigo de Souza Coutinho, do meu Conselho de Estado, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, o tenha assim entendido; e procurará dar ao emprego da Oficina a maior extensão e lhe dará todas as Instruções e Ordens necessárias; e participará a este respeito a todas as Estações o que mais convier ao Meu Real Serviço. Palácio do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1808. – Com a rubrica do Príncipe Regente Nosso Senhor. (MARTINS, 1996, p. 306-7)

A instalação da imprensa oficial no Brasil não significou a liberdade de expressão, ao contrário, a oficialidade serviu para cerceá-la, segundo Moreira de Azevedo:

quem desejava imprimir qualquer manuscrito apresentava-o antes com um requerimento à junta diretora, e só depois do despacho é que podia imprimi-lo; se o manuscrito dizia respeito à religião, à legislação ou à política, era a junta autorizada a mandá-lo rever por pessoas de profissão competente, dirigindo-lhes para este efeito ofício em nome de Sua Alteza Real. E exigindo seu juízo e aprovação por escrito, à vista da qual se mandava imprimir com as correções necessárias, precedendo licença da Secretaria de Estado. (apud MARTINS, 1996, p. 309)

Todo este rigor não impedia a chegada ao Brasil de jornais e livros considerados subversivos. O *Correio Brasiliense* impresso na Inglaterra com suas idéias liberalizantes, era fartamente lido aqui. As traduções de obras publicadas pela imprensa régia criam uma nova mentalidade no Brasil, pois dentre obras de pouca significação, editais, sermões etc, também imprimiu obras de grande valor, que iniciaram a vida intelectual brasileira. Dentre essas obras predominavam livros de ciências, de economia política e de direito:

As “novas idéias” faziam a sua entrada no Brasil por um inesperado viés, e o liberalismo econômico achava meio de se conciliar perfeitamente com o absolutismo político, fato que, aliás, nada tem de extraordinário. Sente-se, igualmente, a situação de um país desprovidos de livros fundamentais e que traduz à toda pressa os tratados de química, de medicina, de óptica, de matemática... A Imprensa Régia facilita, dessa maneira, com suas várias edições aparentemente anódinas, a mudança do clima intelectual. Ela prepara, sem o saber tal como fizera D. João VI, a independência do Brasil. (MARTINS, 1996, p. 311)

O simples fato de existir uma tipografia no Brasil já proporciona a idéia de liberdade. A partir da instalação da primeira oficina, outras vieram. Na Bahia a primeira data de 1811, em Pernambuco 1815, no Maranhão 1821. Em 1821 foram montadas duas novas tipografias no Rio de Janeiro, em 1822 mais quatro. São Paulo teve a sua em 1827, portanto, somente cinco anos após a independência:

[...] com todas suas presenças e uma porção de letras suficientes para sua laboração para ser enviado tudo a São Paulo, por mar, e que ao mesmo tempo fossem contratados dois hábeis oficiais, um de composição e outro de impressão, com declaração dos ordenados que deveriam vencer atentas circunstâncias da província para onde deveriam seguir... [O prelo] foi realmente encaixotado e contratados os tipógrafos, tendo sido todas essas providências aprovadas pelo governo imperial, o qual, por ofício de 25 de fevereiro de 1823, confirmava a ordem de remessa do material tipográfico que ficaria aguardando, apenas, o “aviso de embarque” que jamais chegou. E, poucos meses depois, por ordem do ministro da Fazenda, anulando a autorização de remessa do prelo, foi o mesmo desencaixotado para servir à futura Assembléia Legislativa. (MARTINS, 1996, p.312-3)

Segundo Werneck Sodré, outro fator que impedia a entrada do livro no Brasil seria os resquícios da inquisição em Portugal. A perseguição que vitimou grande parte dos intelectuais portugueses acarreta ao livro a pecha de maldito: “De sorte que o livro, e a técnica de fazê-lo, assumiram ali, pouco depois do início da existência histórica brasileira, o aspecto herético que atraía maldição e condenações”. (SODRÉ, 1983, p.9)

Em Portugal, os livros estavam sujeitos a três tipos de censura: à Episcopal ou do Ordinário, à Inquisição e à Régia

[...] exercida pelo Desembargo do Paço, desde 1576, cuja superioridade firmava-se nas Ordenações Filipinas, que proibiam a impressão de qualquer obra “sem primeiro ser vista e examinada pelos desembargadores do Paço, depois vista e aprovada pelos oficiais do Santo Ofício da Inquisição”. A partir de 1624, os livros dependiam das autoridades civís para serem impressos, isto é, das autoridades reconhecidas pelo Estado, dentre as quais para este fim, estavam as da igreja; mas dependiam ainda, para circular, da Cúria romana. (SODRÉ, 1983, p. 9-10)

Se a metrópole portuguesa enfrentava todos estes trâmites, pode-se imaginar as conseqüências que as medidas impuseram para o Brasil colônia.

O conhecimento dos seres humanos sempre teve uma forte influência de crenças e dogmas religiosos e no Brasil colônia, a igreja serviu de marco referencial para praticamente todas as idéias discutidas na época. A população não participava do saber, já que os documentos para consulta estavam em posse das ordens religiosas. O monopólio da igreja em relação ao livro é quebrado pelo Marquês de Pombal em 1768 substituindo o regime anterior pelo da Real Mesa Censória, regime que vigorou até 1787.

Werneck Sodré aponta outra dificuldade de se implantar a tipografia no Brasil:

Os portugueses encontraram, no litoral americano do Atlântico, comunidades primitivas, na fase cultural da pedra lascada, que não puderam aproveitar para o trabalho, pela impossibilidade em fazê-lo, nas grandes empresas que montaram, e que destruíram, física e culturalmente, nas áreas em que levantaram aquelas empresas, as que lhes permitiram dar estabilidade e continuidade à ocupação. Nessas áreas, preponderou a destruição física; nas áreas secundárias, em que o trabalho indígena foi aproveitado, preponderou a destruição cultural, em que foi instrumento a catequese jesuíta. Haveria alguma ilusão, no que diz respeito à inanidade dos resultados do destino aos curumins, nas escolas de ler escrever e contar? Não, certamente. Mais importante do que alfabetizar as crianças indígenas – e alfabetizar para quê? – era destruir nelas sua cultura.(SODRÉ, 1983, p. 10-1)

Enquanto que nas colônias espanholas, a situação é inversa:

A situação da zona espanhola foi inteiramente diversa: os europeus que ocuparam as suas áreas nela encontraram culturas avançadas que inclusive, conheciam a mineração e aproveitavam materiais preciosos. Eles eram preciosos, para os astecas e incas, não pelos mesmos motivos que fascinavam os europeus da fase mercantil, mas por outros, intimamente ligados à cultura que tais povos conheciam. Não se tratava de comunidades primitivas, na idade da pedra lascada, como no Brasil, mas de culturas já em nível adiantado de complexidade. Essas culturas precisavam ser destruídas e substituídas, sob pena de graves riscos para a ocupação [...]. (SODRÉ, 1983, p.11)

A imprensa foi, assim, introduzida nos territórios sob dominação hispânica no início do processo de colonização, já que havia necessidade da impressão de material que pudesse impor a essas colônias a cultura européia.

No Brasil, durante o Império as classes dominantes vinham das lavouras de café. Era uma atividade em franca expansão com as exportações do produto. Este avanço se dava principalmente pela grande demanda de escravos provenientes da mineração decadente. O tráfico negreiro recebeu um grande impulso e o setor cafeeiro absorvia esta grande mão de obra. Os estadistas, as figuras eminentes da vida pública, vinham desses latifúndios. Com o desenvolvimento cafeeiro e do tráfico, o predomínio da Corte torna-se absoluto. Os latifundiários oriundos da província do Rio de Janeiro começam a ter grande poder. Para esse grupo a imprensa deveria estar em suas mãos, deveria servi-lo e deveria contribuir para a consolidação da estrutura escravista e feudal, base do latifúndio. E não admitia resistência. A figura representativa vem a ser Justiniano José da Rocha (1812 – 1855), personagem de destaque da imprensa áulica do período. e portanto porta-voz da situação. Apareceu assim, *O Brasil* dirigido por Justiniano José da Rocha e Firmino Rodrigues da

Silva, jornal que circulou até 1852. Justiniano esteve também ligado a *O Novo Brasil*, *Correio do Brasil*, *O Constitucional*, *O Regenerador*, e participou da *Revista Popular*. Em 1861, colaborou com a *Revista do Instituto Científico*, de São Paulo. Justiniano José da Rocha exemplificou não apenas o jornalismo áulico, mas também a estreita relação entre imprensa e literatura, que se firmava e que predomina até os nossos dias. Naquela época não havia espaço nos jornais para a literatura. Esta ficava relegada às revistas especializadas. Havia uma imprensa política e uma imprensa literária.

Quando a imprensa política começou a declinar por conta da subserviência ao latifúndio, começou a fundir-se com a literária. São desse tempo: a revista *Niterói*, redigida em Paris, em 1836, a *Minerva Brasiliense*, que circulou na Corte, entre 1843 e 1845, a *Guanabara*, de 1852 a 1856. Outras menos importantes foram: *Iris* (1848-1849), *Beija-Flor* (1849-1852), *Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano* (1850-1861), *Revista do Instituto Científico* (1860-1864), *Revista Popular* (1859-1862). Era a época da consolidação do Romantismo brasileiro, época de escritores como: Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811 – 1882), Manuel de Araújo Porto Alegre (1806 – 1879), Francisco Adolfo Varnhagen (1816 – 1878), Francisco Salles Torres Homem (1822 – 1876), Luís Carlos Martins Pena (1815 – 1848), Joaquim Manuel de Macedo (1820 – 1882), Antônio Gonçalves Dias (1823 – 1864), Santiago Nunes Ribeiro (? – 1847), Joaquim Norberto de Sousa Silva (1820 – 1891), Alexandre José de Melo Moraes (1816 – 1882), João Manuel Pereira da Silva (1817 – 1898), Inácio Acioli de Barros (1848 – 1879), José Inácio de Abreu e Lima (1796 – 1869), Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (1825 – 1876) e outros.

As atividades jornalísticas não ficaram restritas somente à Corte. Nas províncias houve uma grande efervescência. No Maranhão, João Francisco Lisboa (1812 – 1836), que já no período da imprensa política fundara em 1832 *O Brasileiro*, colaborou em vários

outros periódicos: *Farol Maranhense*, em 1834, *Eco do Norte*, em 1838, *Crônica Maranhense*, em 1842. Ele é o exemplo típico de jornalista e escritor, pois tanto se destacou na imprensa política como na literária. De acordo com Sílvio Romero (1851 – 1914):

No Brasil, mais ainda do que noutros países, a *literatura* conduz ao *jornalismo* e este à *política* que, no regime parlamentar e até no simplesmente representativo, exige que seus adeptos sejam *oradores*. Quase sempre as quatro qualidades andam juntas: *jornalista é orador e é político*. (ROMERO apud SODRÉ, 1983, p. 184).

Nas províncias mais distantes proliferavam jornais e pasquins, que na ânsia de mudanças, chegaram ao limite de pregar a República. Obviamente foram logo contidos. Império e latifúndio que tinham se consorciado em 1840, criam um clima que não encontrou resistência. A força do Império estava consolidada e firme, porém as sementes das mudanças já estavam plantadas, mesmo que despercebidas e passaram a germinar após a guerra do Paraguai. A extinção do tráfico negreiro no início da Segunda metade do século XIX já era um forte sinal dessas mudanças. Porém isso não abala as instituições, pois o setor cafeeiro no qual se assentava a economia imperial permanecia em ascensão ao vencer a crise dos preços do café. A partir desse evento, o país passou a experimentar grande modernização, advinda dos capitais antes empregados no tráfico:

[...] começam aparecer as ferrovias, enquanto a navegação a vapor encurta as distâncias marítimas e permite aumentar o volume das trocas com o exterior e entre as províncias. Pouco depois, é o cabo submarino que liberta a informação externa da subordinação dos paquetes, e o telégrafo une progressivamente as zonas mais próximas do centro. Ao mesmo passo, desenvolve-se o comércio, a organização bancária e até a indústria, permitindo o aparecimento de uma figura como o Mauá, com as suas iniciativas variadas, que parecem audaciosas aos contemporâneos. (SODRÉ, 1983, p.186)

A sociedade foi sofrendo transformações, principalmente nas áreas urbanas e aos poucos emancipando-se das oligarquias rurais. Estas mudanças se fizeram sentir até mesmo em relação às mulheres: Joana Manso de Noronha fundou em 1852 no Rio de Janeiro, o *Jornal das Senhoras*.

O Rio de Janeiro crescia em conseqüência do comércio e em virtude de abrigar órgãos políticos e administrativos do governo. Em São Paulo, a grande concentração de estudantes faz com que as exigências culturais comecem a se desenvolver. Havia em São Paulo três tipografias: a Dois de Dezembro, a Literária e a Imparcial, que imprimiam três jornais e duas revistas. Outras tipografias e outros jornais viriam depois: *Correio Paulistano*, *Clarim Saquarema*, *O Meteoro* e *O Ipiranga*. Na Corte, os graves problemas políticos que já se anteviam, trouxeram profunda estagnação para a cidade. O órgão que representou esta época foi o *Jornal do Comércio*. Nelson Werneck Sodré cita a análise sobre o jornal feita pelo jornalista Alcindo Guanabara(1865 – 1918):

O decênio da maioridade adianta-se para nós ululante e temeroso. O *Jornal do Comércio* percorreu-o todo, mantendo uma serenidade que seria talvez singular em tão agitada época: haveis de encontrar, em suas páginas, todos os fatos, mas não percebereis nelas nenhum eco do muito que se dizia e que se transformava, nessa luta memorável, sob a influência da qual vacilou o Império. Esse alheamento das paixões em convulsão, essa intolerável tranqüilidade, num meio tão agitado, valeram ao *Jornal do Comércio* a força e o prestígio com que, no princípio do segundo reinado, ele agia e reagia sobre a sociedade, prestígio que cresceu e acentuou-se de tal arte que a expressão quarto poder lhe era aplicável com absoluta justiça. Nesse trecho da vida é com verdade que se pode dizer que a história do *Jornal do Comércio* se funde com a do reinado. Evocá-la é evocar a série de vultos que brilham na nossa política, nas nossas letras, nas nossas artes, todos os quais ou de lá saíram, ou lhe deveram a consagração do triunfo. Os grandes nomes acotovelam-se. Justiniano José da Rocha, o maior dos jornalistas brasileiros; o visconde de Jequitinhonha, o visconde de Araguaia. Porto Alegre, Rio Branco, Otaviano – que eu sei – todos os grandes nomes e todos os grandes espíritos fulguram nesses quarenta anos, emergem agora das coleções infinitas do *Jornal do Comércio* e desfilam diante dos olhos, nimbados daquela glória que os nossos sufrágios e nossos aplausos lhe concedem e reconhecem. A ação do *Jornal do Comércio* afirma-se então intensa e eficaz, no terreno político, como no literário e artístico. Como sempre,

o *Jornal do Comércio* não é partidário, mas pesa deliberadamente na concha das instituições. É conservador, nesse sentido; é moderado, em todos os sentidos. Como sempre, não encontrareis, em sua páginas ecos dos clamores partidários; mas acompanhareis, com mais detalhes, recebendo, talvez, impressões mais nítidas, os fatos que nos constituem a vida. Essa foi a época de nossa vida política. O solo que tremia ainda em 1827, por efeito do fragor da Independência, estava consolidado. Bernardo Pereira de Vasconcelos constituíra solidamente o partido conservador. Estabelecera-se a ordem, implantara-se a liberdade. Cessados os apelos à força a nação não caiu num silêncio mais deprimente do que a desordem. (SODRÉ, 1983, p.189-190)

A análise de Alcindo Guanabara vem confirmar a tendência conservadora do *Jornal do Comércio*, o que era costumeiro até então na imprensa brasileira. Contrariando esta tendência surge, na Corte, o *Correio Mercantil*, que além de assumir uma postura político-partidária era, talvez por isso mesmo, mais vibrante, e logo se tornou muito popular. Foi fundado por Joaquim Francisco Alves Branco Muniz Barreto (1800- 1885), que passou a direção ao seu genro, Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1825 – 1884)). No jornal reuniram-se grandes intelectuais da época, como Manuel Antônio de Almeida (1831 – 1861), que publicou em forma de folhetim, entre 1852 e 1853, o romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, sob o pseudônimo de Um Brasileiro. Em 1854, Francisco Otaviano traz para o jornal, José de Alencar (1829 – 1877), que passa a escrever crônicas que refletem toda a mudança por que passa o país. Em meados da segunda metade do século XIX, surgem no país jornais e revistas das mais variadas tendências. “Era, realmente, a época dos homens de letras fazendo imprensa.” (SODRÉ. 1983, p.192)

Estreava em 1855, em *A Marmota*, o jovem Machado de Assis (1839 – 1908), que com apenas 16 anos, fora levado por Paula Brito, para trabalhar no jornal

A agitação dominava o país com a estagnação da política imperial e com o final da guerra do Paraguai. O jornal *Opinião Liberal* publica em 1867:

Foi resolvido em conselho de Ministros a desapropriação de 30.000 escravos para formarem um exército libertador do Paraguai. Fechadas as Câmaras, meter-se-ão à obra, com urgência que o caso exige. Com tal exército, espera-se o governo salvar a honra do país e desagrava-lo das ofensas recebidas [...]. (SODRÉ, 1983, p.201).

Os jornais passam a criticar abertamente o governo. O recrutamento para a guerra do Paraguai feria a propriedade, pois a alforria desses escravos foi o maior gasto com a guerra e a substituição da mão de obra nas lavouras era difícil. Nesse processo estava o estímulo para a abolição da escravatura, o que aconteceu realmente logo ao final da guerra. Outro jornal que combatia abertamente o governo era, *A Reforma* surgido em 12 de maio de 1862. *A Reforma* defendia um programa liberal: reforma eleitoral, reforma judiciária, abolição do recrutamento e da Guarda Nacional, abolição da escravatura. E seu lema era: Ou a reforma ou a revolução.

As inovações tecnológicas permitem o advento da ilustração, portanto a caricatura passa a ser muito usada pelos jornais da época. Essa nova condição possibilita a crítica a partir do humor. Entre os precursores do humorismo impresso podemos citar: *O Corcundão* (1831); *O Martelo* e *o Segarrega* (1832); *O Cabrito*, *O Burro Magro*, *O Esbarra* e *a Marmota* (1833); *A Mutuca Picante* (1834); *O Belchior Político* (1844); *O Sino da Lampadosa*, *A Sineta da Misericórdia*, *O Sino dos Barbadinhos*, *O Carranca* e *o Cascalho* (1849); *O Fantasma* (1850); *A Caricatura*, *O Bodoque Mágico* e *O Martinho* (1851); *O Boticário* (1852); *O Azorrague* (1855); *A Carapuça* (1857); *O Heráclito* (1867); *A Abelha* (1873). Na linha de jornais humorísticos que fizeram da caricatura arma de contestação estão *o Diabo Coxo* e *O Cabrião*. *O Diabo Coxo* circulou em São Paulo de 1864 a 1865, é considerado o decano da imprensa de humor, pois foi o primeiro a ter grande penetração nas camadas mais populares, pois as imagens, naquela época, estavam restritas às classes

mais abastadas. Foi fundado pelo italiano Ângelo Agostini (1843 – 1910). Em 1866, após o encerramento do *Diabo Coxo*, o mesmo Agostini fundou *O Cabrião*, que, ligado aos liberais, criticava abertamente a imprensa conservadora e o clero, símbolos das oligarquias.

Em 3 de dezembro de 1870, começou a circular na Corte *A Republica*, órgão do Partido Republicano Brasileiro, que criticava abertamente o Império. Foi empastelada em 1873. Paralelamente surgiram vários outros jornais. A idéia republicana amplia-se progressivamente e ganha apoio das camadas cultas do país: estudantes, padres, militares e intelectuais. É também o período das revistas literárias, em que passaram a escrever grandes nomes que fizeram a história literária brasileira. São desta fase a *Minerva Brasiliense*, *Guanabara* e a *Revista Brasileira*, entre tantas outras. Não é mera coincidência esta convivência entre política e literatura:

[...] O desenvolvimento das letras, no Brasil, acelerara-se com a fundação dos cursos jurídicos, com o início das atividades públicas, de governo, de administração, de legislação, com o surto da imprensa. A cultura haurida de livros e transmitida pela palavra escrita ou falada, passara a encontrar espaço na vida brasileira, desde a autonomia e a estruturação do aparelho de Estado. As academias eram as antecâmaras do Parlamento. (SODRÉ, 1983, p.241).

Depois da Abolição da Escravatura os jornais republicanos não arrefeceram, pelo contrário, tornaram-se mais intensos. Apesar da onda de violência para conter a propaganda republicana, nada mais podia ser feito. Deu-se a República.

A mudança de regime não alterou o desenvolvimento da imprensa no país. Os jornais republicanos continuaram com a mesma força que tiveram no Império. Os monarquistas continuavam a fazer oposição com maior combatividade. Pequenos jornais, de curta duração, apareceram causando alguma agitação, para logo desaparecerem. Em 1891, surgiu o *Jornal do Brasil*. Grandes nomes das letras foram chamados para colaborar

em jornais: Salvador de Mendonça (1841 – 1913), Rui Barbosa (1849 – 1923), e o que se tornou uma figura importante do periodismo da época, Quintino Bocaiúva (1836 – 1912). A imprensa começou a ter uma visão mais empresarial, vivendo principalmente de publicidade, e tentando penetração em todos os meios sociais, com isso aumentando o preço da publicidade. Os anúncios passam a ter maior importância que a redação. Os dois maiores jornais brasileiros, o *Jornal do Comércio* e a *Gazeta de Notícias*, pelo grande número de anúncios, se vêem obrigados a criar um suplemento. Os jornais já não tinham mais cor política, tanto que criaram colunas pagas nas quais era possível fazer ataques a pessoas públicas ou privadas e instituições, não raro a própria polícia usava desse artifício. Existiam jornais de partidos, porém esses eram lidos somente se quem os apoiava estava em evidência.

A imprensa não estava livre de alguns percalços. A *Tribuna* surgido em 1890, sob a direção de Antônio Medeiros, passou a publicar violentos artigos criticando o marechal Deodoro. A resposta veio rapidamente e em 29 de novembro de 1890 o jornal foi depredado. O protesto foi imediato com a união de toda a imprensa do Rio de Janeiro contra tal arbitrariedade. A partir desse episódio, a imprensa deixa de lado a imparcialidade. Em 1890, um grupo liderado por Rodolfo Dantas, simpatizante do antigo regime, funda o *Jornal do Brasil*. Fizeram parte do redação do jornal: Gusmão Libo, Sousa Ferreira, Antônio de Sousa Pinto, José Veríssimo (1857 – 1916), Said Ali, Ulisses Viana, Pedro Veloso Filho, além de Joaquim Nabuco (1849 – 1910), como correspondente em Londres.

Joaquim Nabuco voltou da Europa em 1879 e assumiu a chefia de redação do *Jornal do Brasil*. Combateu ferozmente o regime republicano nos artigos: *Ilusões Republicanas* e *Outras Ilusões Republicanas*, que despertaram grandes polêmicas. Com a morte de D. Pedro II, em Paris, a campanha monarquista toma fôlego. No dia 16 de

dezembro de 1891, a redação é invadida por uma multidão aos gritos: “Mata! Mata! Nabuco.” (SODRÉ, 1983, p.259). O jornal é depredado. O governo se nega a garantir a vida de jornalistas monarquistas.

No pano de fundo do tumultuado período estava a falta de consciência da sociedade brasileira em relação às mudanças que aconteceram no país. Os antigos latifundiários, contrários à monarquia, pretendiam continuar a ter na República o domínio do aparelho de Estado e, portanto, preservar os seus interesses. Poucos, como Rui Barbosa, exigiam leis fortes que se fizessem respeitar, sendo, porém, vozes vãs nesse estado de coisas. Existia uma nova constituição, mas essa somente servia às camadas mais privilegiadas. Não havia organização do proletariado. No campo vivia-se situação análoga à escravidão. Uma burguesia fraca via no regime alternativas em benefício próprio. Uma parte dos republicanos se aliou a Floriano Peixoto, vice-presidente, que assumira após a renúncia do marechal Deodoro. Peixoto empolgara parte dos militares e dos intelectuais. A imprensa refletia a situação. Sua ascensão despertou atritos. O *Jornal do Brasil* era acusado de não protestar contra algumas arbitrariedades. O jornal alegou que por ser pequeno não tinha a possibilidade de independência e também não era transitório, pois pretendia se estabelecer como grande veículo de imprensa. De fato, a imprensa brasileira alcançava naquele momento o *status* de empresa:

Nos fins do século XIX estava se tornando evidente, assim, a mudança na imprensa brasileira: a imprensa artesanal estava sendo substituída pela imprensa industrial. A imprensa brasileira aproximava-se, pouco a pouco, dos padrões e das características peculiares a uma sociedade burguesa.. (SODRÉ, 1983, p.261)

Com a passagem do século, a transição é mais evidente: pequenos jornais desaparecerem, permanecendo somente aqueles que dispõem de equipamento gráfico

necessário para exercer sua função. Existe uma expansão tanto na produção quanto na distribuição. O país passava por transformações, que com a ascensão da burguesia avançaram as relações capitalistas. A imprensa refletiu este momento e somente jornais com estrutura empresarial sobreviveram

No começo do século XX, os grandes jornais já possuíam prédios próprios, telégrafos, máquinas elétricas e bandos de meninos que gritavam suas manchetes para o público nas ruas.. No conservador *Jornal do Comércio* colaboravam personalidades do Governo, entre os quais o Barão do Rio Branco (1845 – 1912). A *Gazeta de Notícias* fazia a crônicas da efervescência mundana da época, descrevendo a vida elegante da Capital Federal em coluna como o “Binóculo”, de Figueiredo Pimentel (1869 – 1914), que saudava as transformações da cidade. As antigas oficinas de jornais, que freqüentemente só davam prejuízos, haviam-se transformado em empresas lucrativas que veiculavam anúncios e atraíam leitores com caricaturas e manchetes, então uma novidade. Olavo Bilac (1865 – 1918) escrevia anúncios para xarope, Emílio de Menezes (1866 – 1918) fazia sonetos para marcas de cerveja. Ainda no Rio, o *Jornal do Brasil*, um dos maiores do país, contava com famosos ilustradores e caricaturistas como Raul Pederneiras (1847 – 1953), Julião Machado (1863 – 1930) e Arthur Lucas (1889 – 1973) e, desde 1900, já era aparelhado para publicar fotografias, uma grande inovação.

Em São Paulo, o jornal *Estado de S. Paulo* de Júlio de Mesquita (1862 –1927) alcançava grande público fazendo críticas ao Governo. Seu maior concorrente era o *Correio Paulistano*, órgão do Partido Republicano. No Recife, o *Diário de Pernambuco* estava já com oitenta anos de atividade, orgulhoso de ser “o mais antigo jornal do país e da América Latina”. Era porta-voz da oligarquia, enquanto na oposição se encontravam A

Provincia e o *Correio do Recife*. No Rio Grande do Sul circulavam o *Correio do Povo* e a *Federação*.

As relações entre os órgãos de imprensa e os grupos políticos acompanhavam as contradições de um sistema no qual a palavra escrita era de grande importância na formação da opinião pública, que não dispunha de canais de participação democrática. Os jornalistas passaram a serem aliciados. O próprio presidente Campos Sales comprou, com fundos públicos, a maioria dos jornais, encomendando elogios sobre sua política econômica. Os escritores e homens de imprensa como Machado de Assis e Lima Barreto (1881 – 1922) chegaram a redigir discursos para membros do Governo.

Mas havia órgãos de imprensa que procuravam manter posição de independência. Era o caso do *Correio da Manhã* (surgido em 1901), do Rio de Janeiro, que fazia apelos ao povo, conclamando-o à luta pela melhoria de condições e criticava Campos Sales, as arbitrariedades e a violência da polícia.

No decorrer dos anos 1920, surgem novas publicações em todo país. Entre muitas, aparecem *O Globo* (1925), *Diário Carioca* (1928), no Rio; *Folha da Manhã*, *Diário da Noite* (1925), *Diário Nacional* (1927), e *Diário de S. Paulo* (1929), em São Paulo. Nesse período, os jornais mais antigos procuram agilizar os seus noticiários. O *Jornal do Brasil*, por exemplo, começa a receber os serviços da *United Press* e, dois anos depois, é o primeiro a abrir uma exclusiva seção de rádio no jornalismo brasileiro. Em 1929, com o aparecimento do cinema falado, esse jornal dedica página inteira ao cinema. Em São Paulo, o interesse popular pelo futebol, que já ocupava largo espaço nos jornais, permite aparecer, em 1928, o semanário dedicado a esse esporte: *A Gazeta Esportiva*. No final dos anos 20, os mais importantes jornais brasileiros defendem causas oposicionistas. *O Estado de S. Paulo* era ostensivamente de oposição. De oposição seriam também o *Diário da Manhã*, o

Tacape e O Libertador no Recife e a *Folha do Norte*, em Belém. Para defender a causa oposicionista, Assis Chateaubriand (1892 – 1968) lançou o *Diário de S. Paulo*.

Durante o Estado Novo (1937-1945), regime abertamente ditatorial, a imprensa passou por grandes percalços: ou pactuava com o sistema ou era violentamente perseguida. Acirrou-se a censura, foi proibida a criação de novos jornais e o fechamento de outros. O DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) controlava a imprensa com mão de ferro.

Com a queda do Estado Novo e o estabelecimento das liberdades democráticas, a imprensa passa por uma reformulação total. Curiosamente, o número de jornais diminuiu, mas a qualidade melhorou sensivelmente. Surgiu, por outro lado, uma enorme quantidade de boletins, revistas, anuários, publicações infantis e femininas – em geral, de curta duração. O jornalismo, como um todo, entra na era das grandes reportagens, usando a fotografia em larga escala. Melhorou também, o nível dos profissionais da imprensa, com a pioneira criação do curso de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1948. Durante a década de 1950, as publicações de maior prestígio são os jornais *Diário da Noite*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha da Tarde* (em São Paulo); *Última Hora* e *Tribuna da Imprensa* (Rio de Janeiro); *O Povo* (Ceará); *Correio do Povo* (Rio Grande do Sul); e as revistas *O Cruzeiro* e *Manchete* (de circulação nacional). Em 1943, o jornalista Pompeu de Sousa (1914 – 1991) retornou dos Estados Unidos da América, onde estivera desde o ano anterior transmitindo um programa em ondas curtas para o Brasil. Reassumindo suas funções de editor internacional no *Diário Carioca*, começou a modificar o estilo redacional do jornal. As manchetes que antes eram quilométricas passaram a ser curtas. A tentativa de modernizar a linguagem jornalística era consequência direta da influência norte-americana, que começava a superar a escola francesa, vigente até então. Pompeu de Sousa procurou eliminar do noticiário a verborragia típica das matérias, o

famoso “nariz de cera”, que foi substituído pelo *lead*, onde as informações essenciais são condensadas no primeiro parágrafo. Outra característica do jornal eram os anúncios classificados, que ocupavam quase toda a sua primeira página, sobrando um espaço mínimo para as notícias. A tática empregada para a reformulação foi ocupar paulatinamente a primeira página com “chamadas” e *leads* de matérias. Outra grande inovação foi a criação do “Suplemento Dominical”, que contava com a colaboração de grandes intelectuais da época e divulgava as experiências de vanguarda. O jornal *O Globo*, de propriedade de Roberto Marinho (1904 – 2003), obteve rápido sucesso, caracterizando-se pela agilidade nas coberturas e no noticiário. O jornal nunca publicou grandes editoriais, atendo-se apenas a pequenos comentários sobre as notícias mais importantes. Quem sustentou a grande polêmica foram os jornais *A Última Hora*, de Samuel Wainer (1912 – 1980) (pró Getúlio) e *Tribuna de Imprensa*, de Carlos Lacerda (1914 – 1977) (contra Getúlio). *A Tribuna* era um jornal diferente dos demais, pendia mais para o gênero europeu, sem grandes títulos e com muitos desenhos e charges políticas. Tratava de temas gerais da cidade, abordados de maneira leve e casual, além de fazer sucessivas acusações contra a corrupção do Governo. Ao contrário da *Tribuna da Imprensa*, a *Última Hora* foi um periódico de grande impacto popular. Sua maior inovação residia no aspecto gráfico, com manchetes vistosas e desenhos.

Em 1951, surgiu, em Belo Horizonte, um jornal de oposição. O *Binômio*, dirigido por Euro Luís Arantes e José Maria Rabelo. Utilizar de humor como elemento da crítica política era a característica marcante desse tablóide, considerado o avô da imprensa nanica brasileira, tal como ela se configuraria nas décadas seguintes. A irreverência começava pelo nome do jornal, paráfrase ao *slogan* utilizado por Juscelino Kubitschek em sua campanha para o governo de Minas (Binômio: energia e transporte). O *Binômio* trazia como subtítulo:

“Sombra e água fresca”. Apesar de não aceitar publicidade do Governo, de empresas estatais e de comerciantes corruptos, o jornal alcançou grande sucesso de vendas nas bancas e logo passou a ser publicado no tamanho *standart* nas oficinas da *Tribuna da Imprensa*, no Rio de Janeiro. Por sua redação passaram nomes famosos como: Fernando Gabeira (1941 -), Vander Pirolli, Jacob Cajíba e Ziraldo (1932 -). Apesar de suas contundentes críticas, citando nomes e fatos, e de suas charges agressivas (em fevereiro de 1952, o binômio de JK era assim ilustrado: energia – policiais agredindo populares; transporte – um camburão de polícia), o jornal não tinha problemas com censura. Assis Chateaubriand, por exemplo, era chamado de “o maior ladrão que o Brasil produziu”. Comentava-se que JK recebia as críticas na “esportiva”, dando gargalhadas com as manchetes do jornal. Comentava-se também, que José Maria Rabelo, certa vez, trocara sapatos com um general que foi procurá-lo na redação, indignado com as críticas recebidas.

Em São Paulo, o jornal em ascensão era a *Folha da Manhã*. Seus empreendimentos inovadores incidiram mais no plano cultural e no conteúdo das matérias do que no plano gráfico. E, em 1956, a *Folha da Manhã* iniciou uma série de grandes campanhas, como a de “preservação das reservas florestais”, e a de denúncias dos “abusos e irregularidades da CMTC”, empresa de transportes coletivos. Os leitores telefonavam para a redação dando idéias, fazendo denúncias etc. O jornal mantinha um telefone de utilidade pública, chamado “Folhas Informações”, que fornecia todos os dados sobre o andamento das campanhas, além de sanar dúvidas relacionadas a assuntos de interesse geral. Ainda nessa década lançou o “Suplemento Dominical”, que abordava os mais variados assuntos.

Após o golpe de 1964, o controle das informações, mediante censura, pressões indiretas e intimidações, era quase absoluto. A censura e a autocensura instalaram-se gradativamente nas redações, a partir da promulgação da Lei de Imprensa em 1967, do AI-5

em 1968, e por fim, a nova Lei de Segurança Nacional, de 1969. No princípio, os censores eram oficiais das Forças Armadas, mas com o tempo o trabalho foi passando para a Polícia Federal. Com poucos casos de censura prévia, o controle era feito, em geral, via os bilhetinhos enviados às redações, com as notícias e assuntos vetados naquele dia. O principal era não prejudicar a imagem do Governo. Assim, por exemplo, o Instituto Internacional de Imprensa, sediado em Zurique, divulgou seu relatório, segundo o qual, na América Latina, o Brasil e mais quatro países não possuíam liberdade de imprensa: a notícia só foi liberada quando foi cortada a parte referente ao Brasil. Inicialmente, a maioria das proibições incidia sobre as notícias referentes à repressão ao terrorismo, das quais se devia publicar a versão oficial. Mas o âmbito da censura foi alastrando-se a praticamente toda a informação jornalística, estendendo-se até mesmo aos anúncios de publicidade. Quem se recusasse a acatar as instruções da Polícia Federal era submetido à censura prévia. Foi o caso da chamada “imprensa alternativa” (*Pasquim* e *Opinião*) e de outros pequenos jornais (*Tribuna da Imprensa* e *O São Paulo*, órgão da Arquidiocese de São Paulo). Também alguns periódicos da grande imprensa foram atingidos: a revista *Veja*, *O Estado de S. Paulo* e o *Jornal da Tarde*. Os diários conviviam com os censores em suas oficinas. Muitos órgãos não resistiram às pressões e foram obrigados a fechar; os que sobreviveram arcaram com os prejuízos. As matérias, charges, ilustrações ou fotos vetadas tinham que ser substituídas, não sendo permitido espaço em branco. Como protesto, *O Estado de S. Paulo* publicava versos de Camões e o *Jornal da Tarde*, receitas culinárias, preenchendo os vazios deixados pela tesoura da censura. A revista *Veja*, por sua vez, cobria os espaços com arvorezinhas, símbolo da Editora Abril. Outro fenômeno característico foi a criação das assessorias de imprensa dos órgãos públicos, que substituíam a função jornalística, limitando-se a reproduzir os informes fornecidos pelos Ministérios e demais entidades

públicas, Aqueles que buscavam questionar as informações oficiais, ou mesmo confrontá-las com outras fontes, tornavam-se *persona non grata* e, em geral, acabavam perdendo suas credenciais de trabalho.

A imprensa nos anos 1970 enfrentou imensos desafios, como a censura e a crise econômica que, principalmente no Rio de Janeiro, levou ao fechamento de jornais como o *Correio da Manhã* e o *Diário de Notícias*. Ao mesmo tempo, foi uma época de modernização da tecnologia de empresas jornalísticas. A partir de 1975, o jornal *O Estado de S. Paulo* passou a circular sem censura, mas ela continuou por mais algum tempo na revista *Veja* e, por muitos anos ainda, no jornal *Tribuna da Imprensa*. Nesse período surgiu toda uma linguagem amoldada às circunstâncias. Os jornalistas recorriam ao uso de metáforas, sem as quais muitas matérias seriam censuradas. Para a imprensa, os fatos mais tristes da década foram os fechamentos do *Correio da Manhã*, em 1973, e do *Diário de Notícias*, em 1976. Com a morte desses jornais, a grande imprensa carioca, ficou restrita, basicamente, ao *O Globo* e ao *Jornal do Brasil*. Ainda em 1975, desaparecia a revista *O Cruzeiro*. Aos poucos, seriam implantadas as publicações de informação: a revista *Veja* vem a se transformar na principal revista do país, seguida da *Isto É*

Um dos fenômenos que caracterizou a imprensa brasileira dos anos de 1970 foi a explosão dos “jornais nanicos”, expressão criada pelo escritor João Antônio (1937 – 1996). O precursor dessa moderna imprensa é *O Pasquim*, que surgiu nos fins dos anos de 1960. . Em 1970, dez de seus jornalistas e desenhistas foram presos, e durante cinco anos e meio o jornal esteve sob censura prévia. Em, 1975, ligado a *O Pasquim*, surgiu *O Bicho*, editado pelo cartunista Fortuna. Na mesma época, em Porto Alegre, Edgar Vasques colocava em circulação seu personagem *Rango*, uma publicação autônoma, que teve quase o mesmo sucesso da revista *Fradim*, de Henrique de Souza Filho (Henfil) (1944 – 1988). Esse

sucesso estimulava a criação de mais publicações de humor. Ainda em 1975, em São Paulo, era lançada *Ovelha Negra*, sob a direção de Geandré. Mas nem toda “imprensa alternativa”(expressão cunhada na época) vivia de humor. No ano de 1972, surgiu *Opinião*, semanário de propriedade do industrial Fernando Gasparin, que seguia a linha sóbria das publicações européias. Parte de sua equipe, liderada por Raimundo Pereira (1940-), se deslocaria do Rio para São Paulo e criaria o semanário *Movimento*, mais radical em seus ataques ao Governo. A mais irreverente e criativa das publicações “nânicas”, no entanto, surgiu em 1972, o *Bondinho*, que contava com a participação da antiga equipe da revista *Realidade*, e que não se restringiu a falar de humor e política, mas continha matérias sobre cultura, enfocada a partir de um prisma crítico e *underground*. Depois de muitas apreensões, o *Bondinho* acabou fechando por motivos econômicos. O mesmo grupo, então, criou *O Grilo*, revista em quadrinhos ligada ao *underground* norte-americano e europeu. Também dessa mesma equipe é o jornal *Ex*, que viveu de 1973 a 1975, quando publicou um amplo relato sobre a morte do jornalista Vladimir Herzog. Depois do *Ex* foi a vez de *Mais Um*, que durou apenas uma edição. Um dos anos mais ricos para a pequena imprensa foi 1975, quando surgiram *Versos*, em São Paulo, dirigido por Marcos Faerman (1944 – 1999); *Coojornal*, da cooperativa de jornalistas de Porto Alegre; e *De Fato*, em Belo Horizonte. No ano seguinte surgiram: *Posição* (Vitória) e *Paralelo* (Porto Alegre), em 1977, apareceu o jornal *Repórter* e o semanário *Em Tempo*, uma dissidência do *Movimento*. Ligado à contracultura, surgiram *Verbo Encantado*, em Salvador, *Presença* e *A Flor do Mal* de Luís Carlos Maciel (1938 -), editado pelo *Pasquim*. No fim da década, surgem os jornais dos setores oprimidos: *Brasil Mulher*, *Nós Mulheres* e *Lampião da esquina*, sendo este último porta-voz dos homossexuais; devem ser mencionadas também as publicações ligadas a grupos políticos, como o jornal *O Trabalho*, da Organização Socialista Internacional (OSI);

Convergência Socialista, do grupo do mesmo nome; *Hora do Povo*, do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8); e *Voz da Unidade*, do PCB.

O exercício do poder está ligado ao controle dos meios culturais, portanto o governo sempre esteve ligado aos meios de comunicação, sejam em regimes ditatoriais ou democráticos. Nos regime ditatoriais o controle era imposto pela força, enquanto que na democracia, o controle está ligado a distribuição de verbas.

1.3 - A Revista no Brasil

Estabelecer a diferença entre os vários gêneros de periódicos sempre foi uma tarefa árdua para os estudiosos, já que os gêneros se confundiam. Essas diferenças foram se estabelecendo ao longo do tempo e assim cada gênero assume características específicas. A revista, como veremos a seguir, adquirirá corpo editorial mais condizente com a proposta de se divulgar com maior grau de profundidade os assuntos dos temas publicados.

A experiência pioneira em periodismo literário é apontada unanimemente pela bibliografia como sendo o *Journal des Sçavans* (sic), (cf. MARTINS, 2001, p.38) que circulou semanalmente a partir de 1665, em Paris, tendo como objetivo a catalogação e resenha de livros recentemente publicados, a divulgação de obituários de personalidades, relatos sobre experiências científicas, etc. Na Itália, a primeira experiência em periódico literário ocorreu em Roma, a partir de 1668, com circulação trimestral: *Giornale dei letterati*. Em 1682, surgiu em Leipzig, redigido em latim, *Acta Eruditorum*, um dos periódicos internacionais mais importantes, documentando o período do Iluminismo e refletindo sobre os avanços da ciência e da erudição nos países de fala alemã. A *Edinburgh*

Review (1802), a *Quartely Review* (1809) e a *Blackwood's Magazine* (1817), publicadas na Grã-Bretanha, são consideradas exemplos pioneiros da forma de “revista” como se entende na atualidade. (cf. MARTINS, 2001, p.38).

Segundo Ana Luiza Martins, a diferença básica entre os gêneros jornais e revista, é que o primeiro se preocupa mais com o teor político e com a divulgação imediata, enquanto que a revista, além de um texto mais elaborado, aborda assuntos variados.

O termo “revista” deriva-se da palavra inglesa *review*, tendo hoje o sentido de publicação periódica: “Publicação periódica mais ou menos especializada, geralmente mensal, que contém ensaios, contos, artigos científicos etc. apresentando como sinônimos seus correlatos magazines, hebdomadários, anais e boletins”. (MARTINS, 2001, p.45)

No dicionário *Aurélio*, o verbete “revista” é definido como:

Publicação periódica de formato variado, em que se divulgam artigos originais, reportagens, etc., sobre vários temas, ou, ainda, em que se divulgam, condensados, trabalhos sobre assuntos variados já aparecidos em livros e noutras publicações. (HOLANDA, 1999, p.1765)

Alice Campos Moreira em *Anais das Jornadas e do Encontro Nacional dos Periódicos Nacionais* cita a definição do dicionário *Aurélio* e complementa:

Caracteriza-se pelo formato menor que o jornal e pelo gênero do artigo, crônica reportagens e outras colaborações, amplamente ilustradas por fotografias, inclusive cores. Pode ser semanal, quinzenal, mensal, trimestral até quadrimestral. Essas últimas são de caráter científico ou especializado. (MOREIRA, 2003. p.31)

A revista é um gênero que privilegia um dado momento histórico, servindo como fonte documental para futuros pesquisadores.

Insista-se que o caráter fragmentado e periódico da revista é seu traço recorrente, imutável nas variações geográficas e temporais onde o gênero floresceu, resultando sempre em publicação datada, por isso mesmo de forte conteúdo documental. Quanto aos seus objetivos, variaram ao longo do tempo, condicionados às circunstâncias históricas de gestação e circulação, cabendo apreendê-los, reafirmá-los, nos contextos próprios de sua existência, ao seu tempo cultural, revelador da variedade de seus propósitos. (MARTINS, 2001, p.46)

Um exemplo típico de revista que representou uma época é a *Kosmos*, sinalizadora do processo de modernização do Rio de Janeiro. Por seu moderno projeto gráfico, já era a “propaganda” da efervescência pela qual passava o Rio no início do século XX:

Kosmos não fora pensada para questionar nenhum tipo de sistema: literário ou não. Seu conteúdo de arte – literária, gráfica, plástica – constrói-se sobre tendências diversas do panorama intelectual fin-de-siècle no qual encruzavam-se simbolistas, parnasianos, decadentes, realistas já em fase de dissolução. Antes de mais nada, *Kosmos* era ato de afirmação; veículo móvel, comprobatório do remodelamento urbano, sua extensão. Protagonista de uma consciência urbana moderna que se modelava à custa da negligência dos subúrbios cariocas, espaço da competência de Lima Barreto. (DIMAS, 1983, p.10)

Veículo intermediário entre o jornal e o livro, a revista além de ser mais barata reunia em suas páginas uma grande variedade de assuntos, o que atraía uma grande massa do público leitor. “A dificuldade do gênero no Brasil se dá pela precariedade do parque gráfico brasileiro, além do grande número de analfabetos e a falta de bibliotecas públicas e livrarias e ponto de vendas”. (MARTINS, 2001, p. 42)

A história das revistas no Brasil começou nas ruas de Salvador, em janeiro de 1812, quando o tipógrafo português Manuel Antônio da Silva Serva tentava vender exemplares do primeiro número de *As Variedades ou Ensaio de Literatura*. Silva Serva não teve êxito, tanto que produziu somente um segundo exemplar do calhamaço de 30 páginas, que mais tarde viria a ser considerada a primeira revista produzida no Brasil.

Um dos motivos do fracasso de *As Variedades* se explica pelo fato de grande parte da população da época ser analfabeta. Porém, o reconhecimento de *As Variedades* como o gênero inaugural de revista no Brasil é inquestionável, tanto que o formato serviria de modelo a partir de 1828 quando surgiu no Rio de Janeiro a *Revista Semanária dos Trabalhos Legislativos da Câmara dos Senhores Deputados*.

Vale ressaltar que existiu um periódico entre 1808 e 1822, editado em Londres, o jornal *Correio Brasiliense, Armazém Literário* voltado exclusivamente para o Brasil. Resulta entretanto uma dúvida quanto ao gênero desta publicação:

A confusão se dá, pois o *Correio Brasiliense* era editado na forma e no tamanho de livro, e composto por longos artigos cuja informação era analisada em textos que se prolongavam por vários números. Cada exemplar continha cerca de 100 páginas e era dividido por seções: política, comércio e artes, literatura e ciências, miscêlania e eventualmente correspondência. (LUSTOSA, 2003, p.15)

Com uma visão liberal, o *Correio Brasiliense* criticava a administração portuguesa. Seu editor Hipólito da Costa (1774 – 1823) era um abolicionista, que pregava substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre, defendia que o Estado deveria restringir sua interferência na sociedade e uma maior participação do povo na política. “Hipólito José da Costa Ferreira Furtado de Mendonça [...] fundou em Londres, em junho de 1808, aquele primeiro jornal, ou melhor, aquela revista mensal, que se bateria pela Independência brasileira até o advento dela, quando desapareceu..” (MARTINS, 2001, p.47)

Outros periódicos circularam no Brasil no período, é o caso de a *Gazeta do Rio de Janeiro*, lançado em 1808, foi o primeiro jornal impresso no país. Era uma espécie de jornal

oficial, pois publicava os decretos e fatos relacionados à família real, além de notícias internacionais, essas sob controle rígido da Imprensa Régia.

Em 1821, vários periódicos são lançados: o *Conciliador do Reino Unido*, fundado pelo baiano José da Silva Lisboa (1756 – 1834), o Visconde de Cairu, *O Amigo do Rei e da Nação*. O *Revérbero Constitucional Fluminense* foi o primeiro a passar pelo crivo da censura o que lhe propiciou a oportunidade de defender abertamente a liberdade de imprensa e a defender os ideais da revolução francesa: liberdade, igualdade e fraternidade. No mesmo espírito liberalizante surgem o *Despertador Brasiliense* e *A Malagueta*. O coronel Manuel Ferreira de Araújo, antigo editor da *Gazeta do Rio de Janeiro*, lança em 1º de outubro de 1821, *O Espelho*, que provavelmente seria financiado por D. Pedro.

A posição do Brasil contra a corte portuguesa levou a uma tentativa de esvaziar o governo de D. Pedro. Após vários decretos e tentativas, vem o golpe final: um decreto determinava a volta imediata do príncipe regente a Portugal. O poder da imprensa se fez sentir conclamando o povo a tomar posição contrária ao governo português:

Decidida a impedir que levassem daqui o príncipe, uma multidão de cerca de 10.000 pessoas, armadas de objetos mais inimagináveis, atravessou as ruas do Rio em direção ao morro do Castelo, onde se concentravam as tropas portuguesas. “Essa cabrada se leva a pau!” foi o comentário do general Avilez. Mesmo assim ele preferiu não enfrentá-la e recolheu-se com sua tropa à Praia Grande, em Niterói, onde ficou sitiado. (LUSTOSA, 2003, p. 27)

A imprensa brasileira teve um papel preponderante na independência, ao estabelecer posição contrária à corte portuguesa e criar uma consciência política nos brasileiros e portugueses.

Desde 1838 o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro edita sem interrupção a *Revista do IHGB*, de tiragem trimestral, com mais de 400 volumes publicados e séries

especiais, como são os tomos relativos a quatro congressos de História Nacional e um congresso de História da América. É hoje considerada uma das mais antigas revistas do ocidente, devido à sua periodicidade ininterrupta.

Entretanto, desta época até as revistas tomarem corpo editorial mais específico foram mais de 70 anos. Neste período, mais especificamente entre 1860 e 1870, duas publicações tiveram destaque: *Semana Ilustrada* e *A Vida Fluminense*. Ambas abusaram da ilustração e da fotografia para retratar a guerra do Paraguai (1864-1870). Nesta época, pouca era a preocupação com o texto, usava-se conforme o costume, textos curtos, tipo “textos-legendas”.

Foi somente no início do século XX que as publicações periódicas obtiveram maior sucesso e ganharam popularidade. Neste momento, tornaram-se porta-vozes das classes dominantes que ditavam os costumes e as regras sociais, detendo, acima de tudo, o poder político. Neste sentido as revistas foram instrumentos de grupos sociais que se empenharam em naturalizar suas representações através da imposição de uma determinada forma de ver e reproduzir o mundo.

Porém isso não impediu as publicações de evoluírem e de se modernizarem, até porque os grupos sociais eram ávidos de mais sofisticação. A primeira metade do século XX, foi para o universo das revistas, marcado por muitas modificações, mais de forma que de conteúdo. Esse período é dividido em “dois sub-períodos delimitados por transformações de ordem técnica que influenciaram a forma de apresentação dessas revistas”. (MAUD, 1996, p 73). O primeiro período, segundo Maud, se inicia em 1900, com a introdução da fotografia na *Revista da Semana*, o único periódico ilustrado com fotos até então, e se prolonga até 1928, quando foi lançada a revista *O Cruzeiro*. Na primeira fase, a linha editorial das publicações variava do crítico e cômico ao refinado e

artístico, abrangendo o universo da elite carioca em todas as suas possibilidades. São representantes do cômico as revistas *Fon-Fon* e *Careta*. Já a tendência mais refinada e artística foi representada pelas revistas *Ilustração Brasileira* e *Kosmos*.

O segundo momento das publicações começa para Maud com o lançamento da revista *O Cruzeiro* e se prolonga até a década de 1960, com a introdução da cor nas fotos de revista. Além das modificações técnicas, constata-se a partir do referido ano uma reconfiguração no campo das comunicações, as publicações abandonam a perspectiva de serem apenas suportes para o poder político de seus proprietários e passam a fundamentar-se mais na função de informar. Neste momento, a matéria jornalística passa a ser um produto comercial que atrai leitores e publicidade.

Para Maud, os anos que circunscrevem o período de 1930 a 1960, na história das publicações ilustradas, diferenciam-se do período anterior, tanto pela introdução de novas técnicas de impressão, quanto por uma redefinição do mercado editorial, ávido por informações atualizadas. Isso foi decisivo para a mudança no padrão estético e informativo das revistas. Enquanto no primeiro momento as publicações traziam mais textos ficcionais, crônicas e fotografias pequenas e independentes do texto escrito, o segundo priorizou a notícia:

É importante enfatizar a diferença entre estes dois períodos, como forma de caracterizar as mudanças inscritas na própria transformação da audiência das revistas, dentre as quais se pode destacar: a ampliação dos estratos médios da sociedade carioca, crescimento urbano e valorização de padrões comportamentais associados aos meios de comunicação, passando a mídia a ser um elemento importante na formação do gosto. (MAUD, 1996, p. 98)

Vale ainda ressaltar que a partir dos anos 30, a modernização e o desenvolvimento do parque gráfico brasileiro já se anteviam, com a importação de máquinas da Alemanha e o aperfeiçoamento dos processos de composição de jornais e revistas.

Na década de 1930, dois acontecimentos mexeram com o brio dos brasileiros: a revolução que instalou a era Vargas e a eleição de Miss Universo da gaúcha Yolanda Pereira. A partir desses acontecimentos as revistas, capitaneadas por *O Cruzeiro* passaram a dar maior importância à reportagem. Os jornalistas deixam as redações e vão para as ruas em busca de reportagens. Todos os aspectos da realidade brasileira – política, modo de vida, artes, esporte, espetáculos, consumo, etc – foram alvos dos olhares mais atentos dos jornalistas.

A progressiva influência das revistas na vida brasileira criaria a necessidade de se especializar para atender o público mais diversificado, pelas publicações específicas, por exemplo para a família, para adolescentes, para mulheres e outras.

A criação de uma identidade visual se fazia necessária e as capas passam a ter um papel importante neste aspecto: o leitor deveria identificar prontamente sua revista nas bancas. As publicações do início do século XX (como *Fon-Fon*) traziam na capa apenas desenhos e reproduções de pinturas, o que não refletia o conteúdo dos artigos e reportagens. As revistas *O Cruzeiro* (nos anos de 1940) e *Manchete*, (na década seguinte), saem em busca de furos jornalísticos. Os editores descobrem, então, o valor das chamadas de capa.

No início do século XX, as reportagens eram feitas dentro da própria redação não refletindo, portanto, a realidade das ruas. Coube a João do Rio (1881 – 1921), quebrar este paradigma, com suas pautas ousadas e seu ímpeto de repórter. Foi um dos primeiros a sair dos salões e gabinetes e ir atrás da notícia nas ruas e becos da cidade. Escreveu reportagens (*Kosmos – 1904*) que seriam o padrão de décadas mais tarde. Não havia, por exemplo, a

preocupação com a objetividade, porém a narrativa trazia já um ingrediente indispensável à atividade, a disposição de contar o Brasil para os brasileiros. Os textos dele eram moldados na crônica, usados anteriormente por literatos para contar os fatos, experiência de revistas estrangeiras, sobretudo as francesas. Antes de João do Rio, os textos não eram importantes, apenas complementavam as ilustrações.

O grande desafio na reportagem brasileira inciou-se anteriormente durante a Guerra do Paraguai. Até essa época, eram apenas transcritos relatos oficiais ou publicação de cartas enviadas dos campos de batalha. A cobertura começou a ganhar destaque na *Semana Ilustrada*, com o envio de repórteres ao campo de batalha e uso de fotografia, o que posteriormente, serviu de modelo para futuras publicações periódicas.

A revista *O Cruzeiro* foi a responsável pela instalação das grandes reportagens no jornalismo brasileiro. Seu reconhecimento se dá em função da realização de grandes matérias. Entre elas, foram destaque, por exemplo, os xavantes na Amazônia, a expedição do coronel Percy Fawcett, a égua do Jockey Club, que bebia cinco litros de leite por dia, a morte de Aída Cury, o crime do Sacopã, Barreto Pinto de cuecas, Miss Brasil e Miss Universo, a derrubada de Perón, o suicídio de Vargas, a renúncia de Jânio e os grã-finos de São Paulo.

As grandes reportagens já não eram novidade nas revistas brasileiras. Na década de 1960, o eixo da indústria de revistas começou a mudar-se para São Paulo, como previra Victor Civita (1907 – 1990) ao transferir para a cidade a Editora Abril. Em 1966, a Editora Abril lançou *Realidade*. A revista uniu temas ousados e investigação aprofundada com textos elaborados e ensaios fotográficos antológicos. Ofereceu ao leitor um padrão até então desconhecido no país. Com o Brasil sob o regime militar, não era tarefa fácil. Um número dedicado à mulher brasileira, em 1967, que falava abertamente de liberação sexual,

frustração no casamento e sonhos de independência foi o bastante para que parte da edição fosse aprendida sob a alegação de atentar contra a moral e os bons costumes. Sucesso nas bancas, *Realidade* alcançou grandes tiragens. Apesar disso tornou-se inviável comercialmente. Não bastava vender muito, se os anunciantes passaram a preferir a televisão.

Reportagens de impacto tornaram-se rotina. A *Quatro Rodas*, surgida em 1960 e que se dedicava ao leitor motorizado, introduz um novo gênero, a reportagem de serviço. Com “Um Cego Tira Carteira de Motorista”, a revista pôs a mostra o comércio ilegal de documentos de habilitação, enquanto *Placar*, dedicada aos esportes, revelava casos de *doping* e fraudes na loteria esportiva, a *Exame*, de negócios e economia, mostrou os absurdos do modelo trabalhista brasileiro. As revistas femininas não se restringiam somente a amenidades. A revista *Cláudia* ganhou prêmios ao denunciar casos de espancamento de mulheres e abuso sexual de criança, enquanto *Marie Claire* se interessou por temas como, o cotidiano das guerrilheiras zapatistas no México ou as angústias das mães de internos da Febem.

Um outro filão bastante explorado pelas revista foram as reportagens de bastidores. A revista *Playboy* explorou muito bem este expediente, foi ganhadora do Prêmio Esso de Reportagem, sobre a história secreta da criação do Plano Cruzado, em 1986.

O terreno mais fértil das revistas seria a informação. A revista *Veja* foi criada em 1968 com o objetivo de não ficar apenas nas resenhas. A revista passou a analisar o fato, o contexto em que se deu, os desdobramentos e conseqüências. Lançada semanas antes que o AI-5 estabelecesse feroz controle à imprensa, a revista teve edições mutiladas ou apreendidas.

A revista *Veja* chegaria ao ano 2000 como a quarta maior revista semanal de notícias do mundo. O sucesso de *Veja* motivou outras do gênero, como *Afinal*, que durou o breve espaço de 1984 a 1989. Em 1976 surge a *Isto É*, circulando a princípio mensalmente, no ano seguinte se tornaria semanal. Trouxe como novidade um caderno de seis páginas dedicadas aos direitos do consumidor. Buscou não uniformizar o texto de quem nela escrevia, cada redator passou o imprimir seu estilo próprio. As revistas de informações passaram a fazer parte do cotidiano dos cidadãos e influenciar nesse cotidiano. *Veja* e *Isto É* tiveram um papel decisivo ao denunciar a corrupção do governo Collor e o vasto material publicado pelas revistas possibilitou o processo de *impeachment* do presidente.

As revistas foram um veículo importante para escritores e intelectuais e para alguns foi o início. Exemplos não faltam. Rubem Braga teve a maior parte de sua produção lançada originalmente em *Manchete*. Na mesma revista Fernando Sabino (1923 -) e Paulo Mendes Campos (1922 – 1991) contribuíram para fazer da crônica um gênero literário de maior credibilidade. A revista *Senhor*, lançada em 1959, em que a equipe editorial contava com Paulo Francis, publicou a obra *A Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água*, de Jorge Amado; *Meu Tio o Iauretê*, de Guimarães Rosa e *A Menor Mulher do Mundo*, de Clarice Lispector. Também revistas como *Playboy* e *Cláudia* se esmeraram no campo literário, publicando ficção de boa qualidade.

Na imprensa estavam representados intelectuais das mais variadas correntes doutrinárias. Jackson de Figueiredo alinhavou o pensamento católico nas páginas de *A Ordem*, lançada em 1921. O pensamento integralista estava em *Anauê*, (de 1935 a 1937), dos *Cadernos da Hora Presente*, (de 1939 a 1940). O pensamento comunista encontrou abrigo nas páginas das revistas *Problemas* (1947 a 1956) dirigida por Carlos Marighella e *Literatura* (de 1946 a 1948), de Astrojildo Pereira (1890 – 1965).

Nos anos de 1940, as publicações culturais encontram espaço na revista *Clima* (de 1941 a 1943), que era editada pelos alunos das primeiras turmas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Pelo menos três deles se tornaram expoentes da intelectualidade brasileira: Antônio Cândido, Paulo Emílio Salles Campos e Décio de Almeida Prado (1917 – 2000).

Também em São Paulo, nos anos de 1950, circularam as revistas *Invenção*, portavoz do movimento da poesia concreta, e a *Revista Brasiliense*, de Caio Prado Jr. (1907 – 1990), que circulou entre 1955 e 1964, quando foi fechada pela censura.

Uma característica que acompanhou a trajetória das revistas brasileiras foi o humor. Sua missão era traduzir os fatos em imagens. Desde o século XIX, a irreverência dos cartunistas vinha atormentando os poderosos e contribuindo para tornar mais críticas as publicações do país. Os *cartoons* já aparecem em 1844 em *A Lanterna Mágica*, revista de Manuel Araújo Porto Alegre (1808 – 1879) e Rafael Mendes de Carvalho (1817 – 1870). A partir daí, o humor começou a aparecer timidamente nas revistas, é o caso de *Marmota Fluminense* de 1852, *Ilustração Brasileira* de 1854, *L'Iride Italiana* e *O Brasil Ilustrado* de 1855 e no final da década com *O Charivary*.

Somente no final do ano de 1860, o desenho passou a fazer parte de um modo mais regular na imprensa. A *Semana Ilustrada*, de Henrique Fleuiss (1823 – 1882), foi modelo para muitas das publicações do século XIX.

Os desenhos assumiram a partir daí tamanho prestígio, que as revistas foram mais associadas com seus caricaturistas do que com os próprios redatores. O Brasil começava a se mostrar pelos traços dos mestre do humor formados, entre outros, por Bordallo Pinheiro (1846 – 1905) e Pereira Neto. Na virada do século XX, o desenho brasileiro seria influenciado pelo português Julião Machado.

No ano de 1898 estrearam em *O Mercúrio* os caricaturistas Raul Pederneiras (1874 – 1953) e K. Lixto, pseudônimo de Calisto Cordeiro (1877 – 1957), que, com J. Carlos (1884 – 1950), definiriam o modelo do humor gráfico brasileiro, que foi seguido por mais de meio século. O grupo espalhou, ainda, seus desenhos pelas revistas *O Malho*, *D. Quixote*, *Fon Fon!* e *Careta*.

O humor não poupava os poderosos e esnobes da época, o chargista era um atento observador dos costumes, era mestre da sátira social.

Pelo menos uma mulher chegou a fazer sucesso como caricaturista. Nair de Teffé (1886 – 1981), que assinava seus desenhos com o nome masculino Rian (anagrama de seu nome). Tinha motivo para isso. De ascendência aristocrática (filha do Barão de Teffé), casara-se em 1910, com ninguém menos que o marechal Hermes da Fonseca, presidente da República na época. Seus desenhos procuram retratar a sociedade carioca nas primeiras décadas do século XX, não se metia em política, nem mesmo em seus desenhos.

A caricatura de costume ganharia força mais adiante com *O Cruzeiro*. O nome mais expressivo do período é Millôr Fernandes (1924 -). Em 1968, a recém - criada *Veja* contrataria o humorista, que depois passaria longa temporada em *Isto É*.

Seus sucessores na Editora Abril – primeiro Jô Soares (1938 -) e depois Luís Fernando Veríssimo (1936 -) – se preocuparam mais com o texto do que com o desenho. O desenho de humor voltaria às páginas de *Veja*, em 1991, com Chico Caruso, que desde de 1970, formava com o irmão Paulo Caruso, e com Henfil, o grande trio do humor gráfico brasileiro.

Somente a fotografia tem a capacidade de eternizar os acontecimentos históricos, cenas emblemáticas do cotidiano e os personagens protagonistas, dando-nos uma visão instantânea e real dos acontecimentos possibilitando uma interpretação particular. Pode-se

construir um painel do século XX por meio das imagens fixadas pelas revistas. O uso da fotografia nas revistas ficaria marcado desde a Guerra do Paraguai, mas não se tratava da primeira incursão da fotografia em revistas brasileira. O invento já vinha sendo usado de forma indireta: ela servia de base para litografias que os jornais e revistas estampavam em seguida. Foi assim que *O Besouro* mostrou a seca no Ceará entre 1877 e 1878, pelos desenhos de Bordallo Pinheiro sobre fotos de J. A. Corrêa.

O uso direto de fotografias começou a ocorrer em 1884 na *Galeria Contemporanea do Brasil*. Trata-se de um retrato de Machado de Assis feito por Insley Pacheco, um dos grandes fotógrafos da época. O uso do fotojornalismo se fixou no início do século XX, na *Revista da Semana*. As fotos que acompanhavam as caricaturas, textos e crônicas leves fizeram da revista um grande sucesso. A *Revista da Semana* influenciou várias outras: *Kósmos*, *O Malho*, *Fon-Fon*, *Careta* e *A Ilustração Brasileira*. A grande explosão da imagem em revistas se dá em *O Cruzeiro* quando, em 1943, o fotógrafo Jean Manzon (1915 –1990) implantou na revista uma nova linguagem visual. Algumas de suas fotos, que ocupavam páginas inteiras, dispensavam o texto já que diziam por si, devido à carga dramática empregada pela fotógrafo.

A reforma iniciada em *O Cruzeiro* teria seqüência em *Manchete*, lançada em 1952, e que elegeu a fotografia como ponto forte. Seu criador, Adolpho Bloch, escolheu papel de boa qualidade, o que se tornaria marca da revista, investiu em rotativas modernas e contratou uma equipe de grandes fotógrafos. *Manchete* cresceu nos anos dourados do desenvolvimento nacional, a partir de 1956, quando se iniciou o governo de Juscelino Kubitschek. Enquanto se urbanizava, o país é tomado pela euforia da construção de Brasília. O que restava de nacionalismo após a era JK morre com o golpe militar de 1964.

Realidade, lançada pela Editora Abril em 1966, ajudou a fazer o retrato do Brasil após o golpe. A preocupação era mostrar a cara do Brasil em reportagens marcantes.

Os anos de 1960 marcaram a chegada de uma novidade na área da fotografia, a criação do primeiro estúdio brasileiro de grande porte, montado pela Editora Abril. Formou-se ali toda uma geração de fotógrafos especialistas em estúdio.

Durante os anos negros da ditadura militar, a fotografia desempenhou papel importante na imprensa brasileira, mostrando subliminarmente o que não podia ser dito com palavras.

Ainda relacionando-se à fotografia na imprensa, deve-se destacar que na década de 1940, as editoras descobriram um novo filão: as revistas de fotonovela. Inspiradas nos folhetins do século XIX, reuniam romance, aventura e melodrama familiar em capítulos, quase sempre com final feliz. No Brasil, escritores do porte de José de Alencar (1829 – 1877) já haviam usado o formato do folhetim, desde meados do século XIX, para mostrar seus romances em partes nos jornais. Machado de Assis falou ao público feminino em *Jornal das Famílias* e *A Estação*. A estratégia de se contar uma história em partes – como os folhetins franceses – virou logo uma febre e multiplicou a venda de revistas.

A revista *Encanto*, da Coluna Sociedade Editora, traria as primeiras fotonovelas. As produções importadas, inspiravam-se em folhetins consagrados, como *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas (1824 – 1895). *Grande Hotel*, da Editora Vecchi, que então publicava histórias de amor em quadrinhos, adotou a novidade a partir de 1950. Em 1952, a editora Abril resolveu inovar e criou a *Capricho*. A revista trazia em cada edição uma história completa. A resposta foi rápida. As leitoras fizeram de *Capricho* a revista mais popular do Brasil. O novo folhetim adotou outra forma, porém o conteúdo continuou o mesmo: amores proibidos, filhos bastardos, histórias de vingança... Na década seguinte,

Sétimo Céu, da Editora Bloch, decidiu abraçar os temas e os personagens para aproximar-se mais da leitora. Começou a produzir fotonovelas estreladas por cantores e atores estreados.

Com o avanço do cinema chegou-se a temer pelo fim do folhetim. Revistas como *A Cena Muda* e mais adiante *Cinemim* criaram uma estratégia para manter as vendas, passaram a fazer resumo dos filmes, editados em capítulos e ilustrados com fotogramas, antecipando o que fariam mais tarde as revistas de televisão com as telenovelas.

Nos anos de 1970, o folhetim eletrônico acabou com as fotonovelas, embora *Tv Sucesso*, da Bloch, tenha criado a “fatonovela”, com temas baseados em fatos reais. As revistas *Contigo!* e *Intervalo*, da Editora Abril, *Amiga*, da Bloch, e *Cartaz*, da Rio Gráfica, passaram a tratar de sua sucessora, a telenovela.

Outro grande filão das revistas foi o erotismo. As primeiras revistas destinadas ao público masculino brasileiro não ousavam dizer o que eram, abrigavam-se sob o rótulo de “galantes”.

Nem todos, porém, mereciam este tratamento eufemístico, e algumas, no final do século XIX, traziam títulos maliciosos: *O Badalo*, *O Nabo*, *O Ferrão* e *Está Bom, Deixa..* Nessa categoria estava *O Rio Nu*, a primeira publicação do gênero a fazer sucesso. Começou em 1898, como um tablóide semanal, em pouco mais de um ano pulou de quatro para oito páginas e passou a “dar duas por semana”, conforme registrou em um editorial.

Mostrar um seio nu não era uma tarefa fácil, num tempo em que até para tomar banho de mar a mulher se cobria do pescoço ao tornozelo. Portanto, não surpreende que a revista fosse arduamente perseguida pela censura.

As revistas masculinas ganharam força em 1922, quando o então membro da Academia Brasileira de Letras, Humberto de Campos (1886 – 1934), lançou no Rio de

Janeiro, a revista *A Maçã*, que trazia a colaboração de artistas como K. Lixto e Di Cavalcanti (1897 – 1976) e escritores do prestígio de Artur Azevedo. Humberto de Campos definiu os objetivos não só de sua revista, como das masculinas de um modo geral, tirando-as do terreno da pornografia para situá-las na do erotismo.

A Maçã era até comportada se comparada a *Shimmy – Revista da Vida Moderna*, que circulou no Rio entre 1925 e 1933 com fotos de mulheres nuas, contos eróticos e piadas picantes.

As revistas galantes sumiram das bancas, em grande parte devido à censura do Estado Novo. Em seu lugar, no final da década de 1950, surgiram publicações pornográficas, os chamados “catecismos”, revistas clandestinas em quadrinhos que circularam até os anos de 1970. O grande artista do gênero foi Carlos Zéfiro (1921 – 1992), não pelo traço, bastante rudimentar, mas pelo enredo sempre explícito.

Os novos ares de 1960, década da revolução sexual, viriam a mexer com os tabus e preconceitos, abrindo espaço para um modo mais natural de encarar o erotismo e a sensualidade. Stanislaw Ponte Preta, pseudônimo do jornalista Sérgio Porto (1923 – 1968), fez sucesso com as fotos de belas moças que publicava em sua coluna “As Certinhas do Lalau”, primeiro em *Manchete*, depois em *O Cruzeiro* e mais tarde no jornal *A Última Hora*. Parodiando a lista das “mulheres mais bem vestidas do ano”, promoção do colunista Jacinto de Thormes., Stanislaw divulgava as suas “mais bem despidas”.

Foi com *Fairplay*, em 1966, que a revista masculina brasileira ganhou cara de modernidade. Começou com discretos nus femininos e, a partir do décimo número, empenhou-se em despir as beldades da época, uma seleção que incluía Odete Lara (1929 -), Betty Faria e Leila Diniz (1945 – 1972).

Dois anos antes, surgira *Ele e Ela*, disposta a mostrar a nudez feminina e falar de sexo sem rodeios. A revista não tardou em atrair a censura, que se instalou em sua redação. A tiragem da revista viria a aumentar nos anos 1980 quando foi abolida a censura.. Estava desimpedido o caminho que década e meia mais tarde, permitiria o surgimento de revistas de nus mais ousados, entre elas *Sexy*, além daquelas dedicadas ao nu masculino, como *G Magazine* e *Íntima & Pessoal*.

Em meados da década de 1970, *Ele e Ela* foi obrigada a dividir com outras publicações o território das revistas masculinas. Primeiro, com *Status*, lançado pela Editora Três em 1974, que por alguns anos lançou uma vitoriosa fórmula, a nudez feminina aliada a ficção de ótima qualidade. Concursos promovidos pela revista premiaram autores como Dalton Trevisan (1925 -) e Rubem Braga. *Status* não tardou a enfrentar a concorrência daquela que viria a ser a mais importante publicação masculina no país: *Playboy*. A nova revista chegou ao Brasil com o título de *Homem*, pois a censura proibiu o uso da marca criada em 1953 pelo americano Hugh Hefner. O título definitivo seria adotado em 1978, quando *Playboy* se apresentou como “versão brasileira da melhor, da maior e mais importante revista masculina do mundo”.

Como outras revistas masculinas, coube-lhe enfrentar a censura, que vetava textos e ordens absurdas. Os censores criaram o que o humorista Luís Fernando Veríssimo chamou de “cota mamária”: não se podia publicar mais que um seio por página, igual racionamento era aplicado a outra parte traseira da mulher. Somente em 1980, o brasileiro pôde ver um nu frontal nas revistas masculinas nacionais, depois de um século das publicações “galantes”.

Por sua perenidade e diversidade de assuntos o gênero revista constitui-se fonte valiosa para pesquisa.

Obviamente devemos levar em conta as diretrizes que orientaram cada período, pois os periódicos de modo geral não tinham, como visto anteriormente, autonomia completa, portanto, se submetiam ao sistema, mesmo que lutando para escapar ao controle.

Capítulo 3

3.1 - A Revista do Livro

O primeiro número da *Revista do Livro* é de junho de 1956. Na apresentação da primeira edição consta o texto de abertura do então ministro da Educação e Cultura Clóvis Salgado:

A “Revista do Livro”, órgão oficial do Instituto Nacional do Livro, cujo primeiro número se apresenta ao público brasileiro, é mais uma manifestação dos altos propósitos do governo em contribuir para o aprimoramento da cultura nacional. Demonstra o empenho do I.N.L. em cumprir suas tarefas específicas, com o apoio e a plena confiança do Ministério da Educação e Cultura. A Revista será mais um veículo de difusão e um campo aberto ao debate de idéias, sugestões e planos que visem o desenvolvimento cultural do nosso povo. (REVISTA DO LIVRO, 1956, p.2)

Em um texto denominado “Depoimento”, o diretor da *Revista* José Renato Santos Pereira exorta toda a intelectualidade a unir-se ao governo no sentido de impulsionar o “processo civilizador da nação” e buscar o comprometimento dos homens de cultura e os estudiosos em “alcançar estágio superior ao incompleto sistema pedagógico-universitário vigente”. Segundo o diretor, a *Revista* pretende um caráter nacional, porém isso não implicará exacerbação nacionalista, já que a cultura nacional está interligada às correntes do pensamento universal. O Estado, como depositário da cultura nacional, está cumprindo seu papel de democratização dessa cultura ao lançar a *Revista do Livro*, procurando

incorporar “à nossa cultura milhões e milhões de brasileiros que não sabem ler nem escrever.” Continuando:

Os homens desta idade devem e podem esforçar-se no sentido de que a palavra “Democracia” readquira a sua plenitude e a sua dignidade e a palavra “Cultura” volte a ser parte integrante deste significado, como o perfume à flor, o sabor ao alimento, a cor à terra ... Demo-nos as mãos. Marchemos ombro a ombro em direção ao generoso coração do povo brasileiro, para lhe ofertar o pão e a rosa da cultura. (REVISTA DO LIVRO, 1956, p.4)

Prometendo tiragem trimestral, este primeiro número foi uma homenagem a Machado de Assis, autor representativo do universo cultural brasileiro.

A produção veiculada na *Revista do Livro* lhe confere um caráter elitista, contrariando portanto, a proposta de ser um veículo de democratização da cultura. Pelo nível das matérias editadas, o leitor mediano encontrará dificuldades de entendimento, visto que é necessário um vasto referencial teórico. Seu público alvo é o meio intelectual e universitário. Seu sistema de distribuição era precário, uma vez que foi distribuída pelo próprio INL, portanto, não se cumprindo as previsões anteriores em que prometia vasta distribuição. Essas contradições não diminuem o brilho da *Revista*, sua importância é destacada quando em janeiro de 2002, um grupo de intelectuais (Alfredo Bosi, Autran Dourado, Carlos Heitor Cony, Heloísa Buarque de Holanda, José Midlin, Moacyr Werneck de Castro, Nélida Piñon, Luís Schwartz (1938 -) e Raymundo Faoro), portanto, depois de 31 anos, relançaram a *Revista do Livro*. Esta nova fase pretende ser uma retomada da anterior, como consta no editorial de lançamento.

O presente volume representa a retomada do que foi um dos projetos editoriais mais bem-sucedidos na área do antigo Ministério da Educação e Cultura. Demos-lhe o número 44 para expressar uma proposta de continuidade. Estampamos na capa a mesma foto – um Machado de Assis jovem, de barba gloriosamente inculta – que figurou na capa do primeiro número, antes de

executado o elegante projeto gráfico de Tomás Santa Rosa Jr., a partir do número 2, que se tornaria marca registrada da publicação.

A nova Revista do Livro pretende ser fiel ao padrão de qualidade de sua primeira fase. Algumas mudanças de forma e conteúdo se fizeram necessárias para adaptá-la à realidade de nosso tempo. Mantivemos o mesmo formato mas a concepção gráfica mudou. Tornou-se, também, menos “literária” em relação ao seu paradigma. A extraordinária expansão do mercado editorial brasileiro nas três últimas décadas não poderia deixar de refletir numa publicação que trata de livros como a nossa. Abrimos espaço, da mesma forma, para a ciência da informação, levando em conta a importância cada vez maior que as bibliotecas públicas assumem na nossa sociedade. A produção acadêmica brasileira, que aumentou em quantidade e qualidade, estará também mais representada na atual Revista de Livro. (REVISTA DO LIVRO, n°44, 2002)

Obviamente trata-se de uma retomada mais no sentido de homenagem ao que foi sem sombra de dúvida, um importante marco no que se refere às questões relacionadas ao livro. Os tempos são outros e as preocupações ídem. Não se pode ignorar as novas mídias, o mundo eletrônico é uma realidade e o livro certamente sofre sua influência. Na nova Revista do Livro já se observa esta preocupação em textos como: Quem tem medo de tecnologia?, de Heloísa Buarque de Hollanda e Direito autoral na era da internet, de Henrique Gandelman.

3.2 - Características da Revista do Livro

A *Revista do Livro* é apresentada medindo 18 X 27 cm e constando cada número de aproximadamente 300 páginas. A tiragem a princípio seria trimestral. A capa (sempre em cores pastéis) apresenta na parte superior em tipos maiores “Revista do Livro”, logo abaixo em tipos menores “Órgão do Instituto Nacional do Livro”, no centro existe uma vinheta e na parte inferior da capa aparece “Ministério da Educação e Cultura”

Na contra-capas, sempre em branco, aparece no verso a ficha técnica: diretor José Renato Santos Pereira, redatores Alexandre Eulálio e Brito Broca, assistente geral Augusto Souza Meyer, conselho consultativo Antonio Houaiss, Augusto Fragoso, Celso Cunha, Crisanto M. Filgueira, J. Galante de Sousa e M. Cavalcanti Proença.

Desde o final do século XIX, a atividade intelectual já era encarada como profissão. Com o surgimento de várias facções, partidos, ligas e entidades políticas das mais variadas, tornou-se necessário a busca por indivíduos aptos a contribuir para a legitimação desses grupos. Portanto, tornou-se evidente a cooptação da elite intelectual pelas forças políticas, não importando para tanto a cor política do cooptado.

Atuando em nome de seus interesses próprios e manejando os recursos políticos que o comando da máquina governamental lhe oferece, essa camada burocrática passa a acolher indivíduos que pouco antes se haviam filiado a movimentos e a forças políticas concorrentes. (MICELI, 2001, p. 218).

Escapar desse mecenato forçado era tarefa difícil. Sérgio Miceli em *Intelectuais à brasileira* alerta para o fato de que somente escritores de alta vendagem tinham autonomia literária frente ao Estado. Estes escritores que se firmavam entre 1920 e 1930, tiveram ao seu favor não só o fortalecimento do mercado editorial como também o momento de efervescência política – caso de Jorge Amado e Érico Veríssimo. Se, de um lado, os escritores que se posicionassem contra o poder eram ameaçados com censura e prisão, por outro, lhe ofereciam trabalho remunerado.

Incapaz (ou incapacitado) de articular uma política cultural que ultrapassasse as funções mecenáticas do Estado, o governo acabou transformando o serviço público em instância supletiva de uma política cultural e educacional pouco eficiente, já que falhou sempre na construção da infra-estrutura essencial à modernização da produção literária [...]. Se o Estado não se responsabilizava pela alfabetização do público, nem preservava os interesses do país no mercado nacional, a nomeação de escritores para cargos públicos consistia, de um lado, na confissão de sua impotência institucional, de outro, na tentativa de remendar a impotência de forma canhestra, mutilando simultaneamente a instituição literária, por não reconhecê-la como tal, e o serviço público, no qual postulava a existência do ócio necessário à criação. (LAJOLO&ZILBERMAN, 1996, p.71).

Renato Cordeiro Gomes no texto “Intelectuais e a cidade das letras” no livro *O Papel do Intelectual Hoje*, citando Gramsci, observa que:

não se pode governar sem ficção, não se governa também por pura coerção, é necessário ter crenças para se governar e que um dos papéis do Estado é fazer crer. É neste contexto que entra o escritor, as estratégias do fazer crer têm a ver com a construção da ficção. (GOMES, 2004, p.125)

Este estreito laço dos intelectuais com o poder se fez sentir mais pesadamente a partir da década de 1930.

Entre os anos de 1960 e 1980, o escritor “jornalista” ganhou importância, pois a ficção era escrita por eles, o que os alçou a protagonistas desta mesma ficção. Jornalistas são personagens em *A Festa*, de Ivan Angelo; *Cabeça de negro* e *Cabeça de papel* de Paulo Francis; *Um animal na Floresta* e *Domingo 22* de Carlinhos de Oliveira; *O inferno é aqui mesmo* de Luiz Vilela; *Setembro não tem sentido* de João Ubaldo Ribeiro, e tanto outros, como os romances-reportagem. Vale lembrar que estávamos em plena ditadura militar. O resto do continente vivia o grande auge do realismo mágico e da literatura latino-americana, com escritores jornalistas como Gabriel García Márquez e Mario Vargas Llosa. Apesar da censura – ou talvez por causa dela – a literatura nacional despertou um grande interesse do público leitor. O que fez com que o crítico Silviano Santiago afirmasse:

o romancista jovem poderá abdicar do trabalho literário como bico, passatempo noturno ou atividade de fins de semana, para se consagrar à sua profissão em regime de *full time*, como um bom escritor europeu, americano, ou mais recentemente, hispano-americano. (1989, p. 24)

O intelectual vivia entre a cruz e a espada, ou seja, entre a elite e o proletariado. Pensavam um papel absolutamente utópico – fazer a revolução. A geração dos anos de 1960 tinha quase que por obrigação ser de esquerda, o que eventualmente os colocava em

papéis de patrulheiros uns dos outros. Os laços dos escritores com o poder os levam a assumir uma postura ambígua. Por terem uma visão privilegiada do período acabaram tendo também grandes frustrações, pois enfrentaram uma realidade que não podiam mudar camuflando uma vocação literária que não conseguiam levar a diante.

Neste sentido, o escritor João Antonio observa em *Abraçado ao meu amor*:

Tenho dito, com algum rompante, que a profissão faz alcoólatras, jogadores, impotentes, solitários empedernidos ou viciados na gula da mesa e do poder, e, por isso, rodeados de inimigos, detratores e desafetos por toda parte ... Provavelmente, só por si, a profissão não faça essas desgraças e devastações, mas, sim os infelizes que a procuram, fracassados em outros meios, já chegam a elas doentes, impregnados, neurastênicos, ansiosos, atrapalhando-se com espectros e manias. Agora, a profissão apressa bem esses processos. (ANTONIO, 2001, p.90).

A idéia de que o intelectual é agente do saber e da “verdade”, portanto papel conscientizador, fez com que eles próprios criassem um sistema de poder, onde se assumem como transformadores da realidade. Esta visão totalizante cria, porém, um certo distanciamento e em vez de ampliar, estreita os horizontes.

Creio indispensável manejar uma relação mais fluida e complexa entre as instituições ou classes e os grupos intelectuais. Inclusive por sua condição de servidores de poderes, estão em contato imediato com o forçoso princípio institucionalizador que caracteriza qualquer poder, sendo portanto os que melhor conhecem seus mecanismos, os que mais estão treinados em suas vicissitudes e, também, os que melhor aprendem a conveniência de outro tipo de institucionalização, o do restrito grupo que exerce as funções intelectuais. (RAMA, 1985, p.47).

Prosseguindo, Ángel Rama aponta dois tipos de linguagem: a oficial e a cotidiana. A oficial cristaliza as convenções instituídas e somente este tipo chega ao registro escrito. Da linguagem cotidiana, utilizada pelo povo nas relações sociais, não se encontra registro, falha que ele atribui à responsabilidade dos letrados.

De acordo com Vera Lúcia Follain de Figueiredo:

A trajetória do escritor parece, então, exemplar quando se deseja pensar a figura do intelectual na América Latina. Escrevendo para defender os direitos de uma camada social que, sendo analfabeta, não pode ler nem comprar seus romances, situa-se num lugar absolutamente incômodo, dependendo da burguesia nacional que detém o poder sobre as editoras e a imprensa. (2004, p. 144)

Quando se escreve, mesmo sem intenção política, se revelam as máscaras da sociedade e os mecanismos do poder. O texto literário tem a capacidade de revelar as estruturas da sociedade, dando à literatura foro especial na caracterização de uma época.

Procuramos identificar os paradigmas ideológicos delimitados entre o Estado Novo e o Regime Militar. A análise desse período nos leva a perceber o que acontece nos órgãos do Estado: tornam-se poder absoluto, a ideologia é emitida pelos aparelhos do Estado.

O Instituto Nacional do Livro como multiplicador das transformações por que passou o Estado; do facismo do Estado Novo para o anti-comunismo do Regime Militar, tem seu papel inicial – de multiplicador de uma ideologia (no Estado Novo) reduzido a mero aparelho repressivo (no Regime Militar). Portanto, resultando sua transformação em aparelho mais repressivo que ideológico.

O deslocamento da ação do INL, que era editar, passou em 1970, ao regime de co-editar. Foi o golpe fatal na *Revista do Livro*.

Dos livros publicados naquele ano, somente 3% são editados pelo INL, dos quais um terço são publicações institucionais. A série de medidas legais iniciadas em 1970, terceirizava (para usar um termo atual) a linha editorial do INL, moldando o Instituto à imagem de um Estado tecnocrata, comparando-se as atividades dos chefes da seção de

publicações durante o Estado Novo e as época da instauração do regime de co-edição, fica patente o deslocamento para uma atuação meramente burocrática.

O princípio básico, a divulgação do livro e portanto o estímulo à leitura, trabalho efetuado pela *Revista do Livro*, perde sua função. O alvo das medidas não era mais o público leitor, mas a iniciativa privada, que além de exclusividade no mercado e da subvenção de seus custos, tinha parte de suas edições compradas pelo Estado. O único senão imposto às editoras pelo Regime Militar estava nos pareceres dos peritos responsáveis pela linha editorial. O que o INL não editaria, no contexto repressivo de então, as editoras também não cogitariam de editar.

Portanto, não escapou a *Revista do Livro* deste destino, pois os intelectuais que a criaram já colaboravam com o INL.

Vários colaboradores passaram pelas páginas da *Revista do Livro*, porém este grupo foi o mais constante, auxiliando-a por praticamente toda sua existência. O que se pode questionar é a razão da reunião em torno da *Revista do Livro* de um grupo com posturas políticas tão ecléticas. Isto não significou que deixaram de lado suas crenças. O que estava em jogo era a sobrevivência. “Un escritor no necesariamente es un intelectual, un intelectual no necesariamente es un político, un político no necesariamente es un revolucionário” (OUTRA TRAVESSIA, 2003, p.13). Na segunda metade da década de 1960 e início dos anos de 1970, chegou a existir uma simbiose entre o escritor e o revolucionário, período que se caracterizou pela supressão quase que total entre o campo literário e o político. Como foi afirmado anteriormente, a *Revista do Livro* tinha como proposta o desenvolvimento cultural do povo, porém, o intelectual era identificado com a cultura das elites. Cabia a este mesmo intelectual não pela mediação política e sim pela intelectual incluir o povo neste universo, tendência originada no romantismo que

depositava no povo um saber natural em contrapartida ao saber rebuscado da cultura das elites. Esta duplicidade de papéis não impediu que esses intelectuais se reunissem em torno da *Revista do Livro* num projeto maior. Por ser um veículo subsidiado pelo Estado, a *Revista do Livro* tornou-se um campo fértil para as mais variadas experiências. Matérias que somente interessaria a um pequeno público leitor, portanto sem muito acesso a jornais e revistas da época, nas páginas da *Revista do Livro* encontrou guarida.

A *Revista do Livro* não segue uma postura ideológica precisa. As linhas temáticas se sucedem como um leque de variadas possibilidades: podemos ter acesso a um texto crítico do século XIX e na página seguinte a um de 1950. Talvez seja esse universo múltiplo exatamente o que faz a riqueza da *Revista*.

As seções da revista obedecem uma certa seqüência. Ainda que novas seções fossem criadas posteriormente, não se alteraram as primeiras. O “Sumário” é apresentado na página inicial da *Revista do Livro*, onde constam o mês, o ano e o número do tomo, dividido nas seções que a compõe: “Estudos”, “Inéditos”, “Resenhas”, “Arquivo”, “Vária”, “Noticiário” e “Bibliografia”.

A seção “Estudos” consta sempre de um estudo crítico de uma determinada obra ou autor. Em “Inéditos”, publica-se material inédito, quase sempre tratando-se de correspondência entre escritores. A seção “Resenhas”, como o próprio nome aponta pretende resenhar obras lançadas no Brasil e no exterior. “Arquivo”, que consta na própria *Revista do Livro* (nº 38) como a seção “em que são divulgadas páginas esquecidas da literatura brasileira”. Na seção “Vária” podem ser encontrados estudos críticos, resenhas, índices de dicionários e matérias em língua estrangeira. Em “Noticiário” constam as publicações do Instituto Nacional do Livro e notícias referentes ao próprio Instituto. Em

“Bibliografia”, Áureo Ottoni faz a relação da bibliografia publicada no Brasil no trimestre a que se refere a *Revista*. Na abertura das seções existe sempre uma vinheta acompanhada pelo nome da seção em tipos maiores.

A *Revista do Livro* é interrompida por dois anos (1961-1964), mas não se tem uma explicação plausível para este hiato, já que no número de retomada em março de 1964 consta uma nota informando que “... motivos independentes à direção do INL e à redação da revista, agora superados, causaram essa interrupção do nosso periódico, então num dos seus momentos de maior prestígio”. A partir do número 27 e 28 (reunidos num mesmo volume) percebe-se uma alteração no padrão da *Revista*. O número de páginas diminui consideravelmente e passa-se a registrar somente o ano da *Revista* (Ano VIII) e não mais o mês como acontecia anteriormente. A *Revista do Livro* já não é mais a mesma, no número 31, além da alteração gráfica, muda-se o tamanho (15 X 22 cm). Novas seções são criadas, como “INL: Crônica”, que tem função específica de divulgar os trabalhos do INL. “O Livro Brasileiro no Estrangeiro”, “Na Estante”, “A Véspera do Livro” e “O Livro no Mundo” são seções que tratam do veiculação e a parte estrutural do livro. “Os Novos” se propõe a lançar autores novos, “Resenha”, que não condizendo com o título, publica somente atividades do INL, tais como, Prêmio Roquette Pinto, Prêmios Literários Nacionais, a venda de livros nas farmácias proposta pelo INL. A seção “Reportagens” que versava sobre assuntos relacionados ao livro, por exemplo, da venda de livros de bolso até o perfil de determinado escritor. Em “Depoimentos”, escritores discorrem sobre sua obra. Na seção “In Memoriam” são apresentados perfis de autores falecidos. Na seção “Crítica” encontram-se resenhas de livros. Finalmente, na seção “Poesia”, que, atendendo ao público leitor, passa a publicar poemas. Estas seções, porém, não seguem um padrão fixo, como por exemplo a publicação na seção “Resenha” de um artigo discorrendo sobre o dia da cultura e da

ciência. Segundo consta da Nota da Redação (10.25.8.1.10.8) “Essa alteração foi feita com base em estudos e observações que vieram a recomendá-la como necessária, sob vários aspectos...” A nova proposta pretende dar prioridade ao desenvolvimento do livro no Brasil, tanto no aspecto industrial como comercial. A Revista se reveste de um caráter especial, segundo nota da redação, seria esse um caráter documentário. Seria esta a função da nova seção “INL: Crônica”

[...] foram reunidos trabalhos especiais, com aquêlê sentido informativo essencial, acêrca das atividades desenvolvidas pelo INL ao longo de seus 30 anos e, em particular, em 1967. No conjunto, êsses trabalhos oferecem ao leitor uma visão objetiva do papel que o Instituto tem desempenhado no contexto da vida cultural do país, como instrumento apropriado de propagação do livro e de estimulação intelectual. Quem não conhece o que êsse órgão do MEC já fez e o que vem fazendo, pode, à leitura de tantos testemunhos, colocar-se a par de suas atuações e conhecer as suas perspectivas históricas. (REVISTA DO LIVRO, 1965, p.5)

Ao examinarmos a *Revista do Livro* algumas questões chamam a atenção. Como uma revista que se propõe ao desenvolvimento cultural do povo, publica textos tão herméticos? No contexto do século XX, onde os traços definidores da democratização cultural é uma constante, como não lembrar da observação Ecléa Bosi quanto a visão de cultura até meados do século XIX: “uma educação humanística ampla, mas acessível apenas à nobreza e à alta burguesia.”(BOSI, 19977, p.22). Outra indagação diz respeito as reedições de matérias, tão freqüentes na *Revista do Livro*. Seria esta uma estratégia para fugir ao controle? O que se falou no século XIX, teria menos importância na atualidade do ponto de vista político?

Apesar dos esforços, percebe-se que a partir da retomada (nº 31), a *Revista do Livro* não consegue mais manter o padrão anterior. As seções criadas posteriormente não seguem um critério específico, podendo aparecer em um número e desaparecer nos seguintes.

O INL, desde sua criação, não contou com grandes verbas. Os recursos financeiros reduzidos destinados à *Revista do Livro* aliados ao regime de co-edição, agravaram a situação da *Revista*. A decisão do ministro da educação Jarbas Passarinho de reorganizar o setor de publicações e substituir o general Umberto Peregrino, diretor do INL de 1967 a 1970, por Maria Alice Barroso levou, em 1970, à suspensão da *Revista do Livro*.

A *Revista do Livro* como o próprio INL, sofreu, durante toda a sua existência a indiferença do Estado. Foram criados para satisfazer alguns interesses e não deram condições para que se mantivessem. Tudo indica que a oficialidade previa que se extinguiriam por si próprios. A garra de alguns colaboradores, principalmente de Augusto Meyer, fizeram com que o projeto sobrevivesse mais que o esperado.

3.3 – Trabalhos Publicados pela Revista do Livro

A *Revista do Livro* se apresentava como um veículo para a difusão e o debate de idéias , sugestões e plano que visava o desenvolvimento cultural.

Embora a *Revista do Livro* tivesse como proposta incentivar a cultura em geral, ao examiná-la nota-se a predominância de matérias que abordam a literatura. A prosa ocupa papel de destaque, pela constância e quantidade. De modo geral, são trabalhos editados que se encontravam dispersos, em sua grande maioria, análises críticas. O poema ocupa pouco espaço se levarmos em conta o universo da *Revista*, pois se apresenta esparsamente. Podemos registrar

alguns trabalhos que tratam especificamente da lírica. *A Poesia Científica de Augusto dos Anjos*, de José Escobar Faria (1.1.1.12.2.1); *Le Contrepoint Poétique*, de Michael Gauthier(1.1.1.13.2.1), *Um inédito Alphonsus de Guimarães*, poemas comentados por Paulo Sérgio Nery, com dois fac-símiles da obra (1.1.2.4.10.1); *Poesia do Haiti*, de Maurice A. Lubin (1.2.1.13.2.1); *Um Poeta de 45*, de Antônio D’Elia (2.3.4.4.2.1); *José Severiano de Resende e alguns temas de sua poesia*, Adalberto da Costa e Silva (2.4.1.5.5.2); *A Educação do Poeta*, de Carlos David (2.4.4.1.10.1); *O Sentido da Poesia de Baudelaire*, de Dante de Moraes (2.4.4.2.2.1); *Tres Poetas de America (Cesar Vallejo, Pablo Neruda y Nicolás Guillén)*, de Augusto Tamayo Vargas (2.5.1.4.2.1); *Os Sonetos do Soneto*, de José Lino Grünwald (2.5.2.1.2.1); *Concretismo, ou uma hipótese autocontrariada*, de Oswaldino Marques (3.7.1.2.2.1); *O Conceito Romântico de Poesia*, de Alphonsus de Guimarães Filho (3.7.4.6.2.1); *Ou en est la Poétique?*, de Michael Gauthier (3.10.1.2.2.1); *Uma alternância vocálica na poesia de língua portuguesa*, de Josué Montello (4.11.1.1.2.6); *A poesia de Delmira Augustini*, de Bella Josef (4.11.1.10.2.1); *Rimas que não rimam*, de Mello Nóbrega (5.15.1.7.2.1); *Poesias Malditas*, de Mário de Andrade (5.18.2.1.10.1); *À busca da poesia*, de Pedro Xisto (6.19.1.1.2.1); *Contribuição para uma edição crítica das poesia de Augusto dos Anjos*, de Francisco de Assis Barbosa (11.28.1.2.2.1); *O humor na poesia*, de Cassiano Nunes (11.30.1.3.2.1); *A poesia de Olavo Bilac*, de Bella Josef (11.30.1.4.2.1); *A Mudança*, de Zilda Mamede (13.36.19.1.10.1); *Abstrata*, de Olga Savary (13.36.19.2.10.1).

Um gênero literário que a *Revista* também não privilegiava era a narrativa. Registram-se, além de poucos trechos de romances e algumas crônicas, os contos *Um dedo ao vento*, de Renato Soares de Lima (13.36.13.4.10.1) e *Mal-Assombrado*, de Carmosina Araújo (13.35.11.2.10.1).

Mesmo não existindo uma seção de cartas dos leitores, em alguns editoriais da revista, percebe-se algumas insatisfações desses leitores:

Haverá quem reclame algum espaço na “Revista” para estudos científicos e filosóficos; quem note ausência de comentários sobre teatro, cinema, artes, etc. Tudo isso já tem sido objeto de nossas cogitações. Mesmo no setor literário, do qual mais nos ocupamos, se torna sensível a necessidade do “review” para os livros do dia. Não basta a resenha puramente bibliográfica, que vimos fazendo como ninguém até hoje fez entre nós: é preciso também para completá-la, a informação crítica. (REVISTA DO LIVRO, 1958, p.5)

Com o propósito de comemorar todas as datas literárias, a Revista traz alguns números especiais relacionados com o nascimento ou morte de alguns escritores.

A *Revista do Livro* abrigou em suas páginas os nomes mais expressivos da inteligência brasileira da época. Trabalhos publicados pela *Revista* não perderam o viço, pelo contrário tornaram-se clássicos para estudiosos de nossa literatura. É caso do artigo *A biblioteca de Machado de Assis*, Jean-Michel Massa (6.19.4.1.2.1) e *De Machadinho a Brás Cubas*, de Augusto Meyer (3.9.1.1.2.1). Portanto, pareceu-nos importante destacar alguns trabalhos publicados pela *Revista*.

Na *Revista do Livro* se encontram transcritos 16 pareceres emitidos por Machado de Assis (1.1.2.3.10.2), quando censor do Conservatório Dramático. Os originais dos pareceres se encontram atualmente na Biblioteca Nacional. Os documentos mostram uma outra faceta do escritor: Machado censor. É perfeitamente óbvio o interesse da *Revista* nesses pareceres, já que o INL passou por dois regime ditatoriais e José Galante de Souza que faria o elogio dos pareceres para o número seguinte da *Revista*, foi censor das edições do INL durante o regime militar.

Os pareceres estão redigidos no próprio formulário que o Conservatório Dramático enviava as peças para o julgamento. Os 16 pareceres cobrem o período de 2 anos, de março

de 1862 a março de 1864, quando o escritor estava prestes a completar 25 anos. Somente haviam sido publicados dois pareceres, o primeiro em um jornal da época, o outro após a morte do autor, quando então aparece o nome de Machado de Assis ligado ao aparato censório do Império.

Os pareceres deviam obedecer a algum embasamento do Conservatório Dramático:

1-Não devem aparecer na cena assuntos nem expressões menos conformes com o decoro, os costumes e as atenções que em todas as ocasiões devem guardar maiormente naquelas em que a Imperial Família honrar com a sua presença o espetáculo. 2- O julgamento é obrigatório quando as obras censuradas pecarem contra a veneração à Nossa Santa Religião, contra o respeito devido aos poderes políticos da Nação e às Autoridades constituídas, e contra a guarda da moral e decência pública. Nos casos, porém, em que as obras pecarem contra a castidade da língua, e aquela parte que é relativa à Ortoepia, deve-se notar os defeitos, mas não negar a licença. (REVISTA DO LIVRO, 1956, p.178)

Passemos a alguns pareceres da lista de Machado de Assis: na comédia *Finalmente* (1862) de Antonio Moutinho de Souza, aprovada por Machado, é cometido um erro, já que o escritor a julga uma tradução, um erro justificável, pois na época era comum a não citação da natureza da obra ou o autor das traduções. Sobre a peça, Machado escreve:

A phrase é polida, sem segunda intenção. Todavia o meu escrupulo leva-me a aconselhar a supressão de uma expressão de Asevedo na 2(scena. É a seguinte resposta ao criado: - Ella disse que o alecrim havia de me fazer bem á cabeça... amarga zombaria! A phase isolada nada tem de reprehensivel; mas se nos lembrar-mos que Asevedo está persuadido de que os ramalhetes de Augusto são dirigidos a sua mulher acharemos equivoco na expressão. (REVISTA DO LIVRO, 1956, p. 179)

Percebemos por este trecho, que a simples suspeita de adultério já era suficiente para a censura, pelo menos parcial da obra.

A peça *Um Casamento da Época* (1862) de Constantino do Amaral Tavares é aprovada com algumas ressalvas:

O caráter da baronesa, madrinha de Elvira, falseia-se a meu ver no segundo acto (...) Elvira cahe-lhe nos braços (...) confia á madrinha os segredos da sua infelicidade (o casamento que lhe é imposto). A baronesa responde á Elvira lembrando-lhe o divorcio (...) nenhuma palavra de resignação, nada disso que aquella matrona que alli representava a sociedade devia faser ou diser antes de aconselhar esse triste e ultimo recurso [...] (REVISTA DO LIVRO, 1956, p. 180).

O simples mencionar da palavra divórcio tira da baronesa todo o seu caráter de nobreza.. O parecer da tradução da peça de Victorien Sardou *Os Nossos Íntimos*, feita por Joaquim da Silva Lessa Paranhos, recebe o seguinte comentário:

A comédia **Os nossos íntimos**, é a mesma que já examinei com o título os **Íntimos**. Pude reconhecê-la apesar da tradução que está em vasconço. É deplorável que no teatro subvencionado, e donde devia partir o ensino, se representam peças tão mal escritas (...) **Os nossos íntimos** parece haver saído da taverna, tal é seu aspecto immundo e pouco compatível com a decência do Conservatorio Dramatico. (REVISTA DO LIVRO, 1956,181)

Sobre a comédia *A Mulher que o Mundo Respeita* (1862) de Verediano Henrique dos Santos Carvalho, Machado afirma:

A comedia A mulher que o mundo respeita não está no caso de obter a licença pedida para subir á scena. É um episodio immoral, sem principio nem fim. Pelo que respeita ás condições litterarias, ser-me-há dispensada qualquer apreciação: é uma baboseira, passe o termo. (REVISTA DO LIVRO, 1956, p. 187).

É perfeitamente compreensivo a publicação dos pareceres no contexto político da época, pois assim identificaria Machado de Assis com o regime autoritário instalado.

Outro importante documento foi publicado pela *Revista do Livro*. Trata-se do índice da *Coleção Brasileira* (12.32.7.1.7.8). Coleção de prestígio, a *Brasileana* trata de assuntos brasileiros – *História Secreta* de Gustavo Barroso, *Os dois Brasís* de Jacques Lambert, *História Econômica do Brasil* de R. Simonsen, *Primeiros Povoados do Brasil* de J. F. de

Almeida Prado, *Formação Histórica do Brasil* de Pandiá Calógera, *Evolução Histórica do Brasil* de Roberto C. Simonsen. Apesar de todo o prestígio, as edições sempre foram pequenas, o que faz da coleção uma raridade. Um fato curioso faz o primeiro volume ser mais raro que os posteriores, pois a *História Secreta* publicada na edição gerou protestos contra a inclusão de “obra tão inútil e tendenciosa.” (HALLEWELL, 1985, p. 303). A coleção, que teve início em 1931, a princípio fazia parte da *Biblioteca Pedagógica Brasileira*, porém alçou vô maior sendo descrita pelo jornal *O Estado de São Paulo* no suplemento Literário de 4 de março de 1973 como “... até hoje o mais completo repositório de informações sobre o Brasil, sua origem, sua formação, sua vida em todos os campos.” (HALLEWELL, 1982, p.301). Esse prestígio se dá por ser considerada como uma das primeiras coleções a dar a importância devida a assuntos brasileiros: *A Princesa Isabel* de Pedro Calmon, *As culturas Negras do Novo Mundo* de Arthur Ramos, *Estudos de História Colonial* de Hélio Vianna, *O Patriarca: Gênio da América* de Armando Caiby e *Aculturação dos Alemães no Brasil* de Emílio Willems. (cf. HALLEWELL, 1982, p.301).

Os raríssimos exemplares da coleção encontrados hoje estão com alguns poucos colecionadores e na Biblioteca Nacional.

Outra importante publicação foi a seção “Bibliografia Brasileira Corrente” da *Revista do Livro* que traz a cada número a bibliografia nacional atualizada. Este trabalho é de autoria de Áureo Ottoni e já era feito pela Biblioteca Nacional e pelo próprio INL, porém sem alcançar regularidade. Isso somente foi possível com a entrada de Ottoni no Instituto. Já circulava com regularidade o *Boletim Bibliográfico Brasileiro* que, editado pelo setor privado nada mais era do que o material do INL, elaborado por Áureo Ottoni. Esta seção dura até 1967 quando foi suspensa. O então diretor do INL, general Umberto Peregrino, aproveitando esta lacuna cria a *Bibliografia Brasileira Mensal*, pois

anteriormente era trimestral. Foi o melhor registro de obras publicadas no Brasil no curto período de sua existência, pois durou de 1967 a 1972. A suspensão desse boletim deu-se após a saída de Umberto Peregrino, uma vez que se “(...) descobriu um acúmulo de funções entre o INL e a Biblioteca Nacional, já que esta continuava a produzir o seu boletim bibliográfico.”(HALLEWELL, 1982, p. 313-5). Até seu encerramento em 1970, a *Revista do Livro* trouxe em suas páginas este documento imprescindível para pesquisadores.

Grande parte das matérias publicadas na *Revista* trata de análise crítica. Paulo Rónai apresenta, sob o título de *Um Enigma de nossa História Literária: Gregório de Mattos (1.2.1.6.2.1)*, a reunião de três estudos que o autor já publicara em 1950 no *Correio da Manhã*. O trabalho gera uma grande polêmica, pois levanta a possibilidade de plágio na obra do “Boca do Inferno”. Para corroborar sua tese, Rónai cita trabalhos de alguns escritores como o contemporâneo de Gregório, o Frei Lourenço Ribeiro, o primeiro a levantar esta possibilidade:

Frei Lourenço, ao que parece, teve a imprudência de falar mal dêste e de suas poesias; Gregório vingou-se num “epigrama” de incrível grosseria, em que apontava com insistência a origem mulata de seu rival, sem respeitar-lhe a família. Replicou o agredido com veemência não menor, passando em revista os podres de todos os parentes de Gregório, um por um, de mais a mais, vilipendiou a obra e acusou-o de ser “pirata do verso alheio”. (REVISTA DO LIVRO, 1957, p.55)

A polêmica de Rónai não tem nada de original, pois outros autores já levantaram as mesmas suspeitas no século XIX: para Varnhagen, as poesias de Gregório de Mattos eram imitações de Quevedo e Araripe Júnior estabeleceu semelhanças entre a obra de Gregório com as de Dante, Homero, Aretino e Petrarca. A *Tribuna Popular* trava uma guerra contra o trabalho de Paulo Rónai, que se defende

[...] Quem ler com isenção de espírito os trabalhos em aprêço, reproduzidos a seguir em sua substância, há de verificar, julgo eu, que o meu objetivo não foi agredir o poeta baiano, nem defendê-lo: apenas procuro estudar-lhe a obra para melhor compreendê-la. (REVISTA DO LIVRO, 1957, p.58)

A polêmica sobre Gregório de Mattos ganharia outro enfoque se levarmos em conta o que Haroldo de Campos chamou de “tradução”, que assume mais o sentido de intertextualidade do que propriamente cópia exata. Gregório nada mais fazia do que seguir os paradigmas do barroco, no sentido estético do movimento.

[...] desenvolvi o conceito de “plagiotropia”, que “tem a ver, obviamente, com a idéia de **paródia** como ‘canto paralelo’, generalizando-o para designar o movimento não linear de transformação dos textos ao longo da história, por derivação nem sempre imediata”. Falei, então, em Gregório de Mattos como “tradutor” (transformador) ostensivo de Gôngora e Quevedo”, num plano de “diálogo com as inflexões (tropismo) da tradição” não diverso substancialmente daquele em que se punha Camões quando “traduzia”, em diferentes momentos de sua poesia, seja a dicção “pedregosa”, seja o estilo “paradisíaco” de Dante. (CAMPOS, 1989, p.87)

Mais do que um imitador, o poeta era um glosador, além do duplo sentido que a palavra nos remete. Gregório de Mattos usou a forma que preconizou o barroco, ou seja, o jogo lúdico que o movimento possibilitou, tanto que sua poesia satírica é a que mais o identifica com sua alcunha.

O conto, como foi dito anteriormente, pouco é prestigiado na *Revista do Livro*. Algumas vezes aparece por outras vias. É o caso de *Salamanca do Jarau* (4.12.4.4.2.8), conto que serviria de motivo para um *ballet* de Luís Comes. *Salamanca do Jarau* foi recolhido da tradição oral por Simões Lopes Neto e se baseia na lenda das furnas de Salamanca ou Cuevas de San Cebrian, na Espanha, que se transferiu para o Rio Grande do Sul, misturando-se ali a elementos locais de tipos, paisagens e língua, de tal forma que, na

versão de Simões Lopes Neto, pouco resta do modelo original espanhol.. Um dos protagonistas dessa lenda é Blau Nunes, personagem recorrente da tradição oral gaúcha. Trata-se de um gaúcho pobre que sente atração pelos mistérios e as possibilidades de riqueza contidas nas furnas do Jarau, onde vive a princesa moura, mulher metamorfoseada em animal diabólico que arrasta os homens à perdição: a Teiniaguá. Esta lenda seria reaproveitada, mais tarde, por Érico Veríssimo, em *O Continente*. O conto *Salamanca do Jarau* segue o padrão de Guy de Maupassant, o chamado conto tradicional: curto, centrado em uma única ação, conduz o leitor à surpresa de um desfecho inesperado e freqüentemente trágico. A trama é, na verdade, uma preparação para o clímax final. Simões Lopes Neto controla os pontos de tensão de cada relato, criando expectativa no leitor. A tentativa de busca do dramático, em certos pontos, é tão intensa, que o texto parece ameaçado pelo excesso, ou seja, pelo melodrama barato. Porém, o autor consegue manter o conto nos limites do verossímil.

Os Folhetins de Hop-Frog, escritos por Tomás Alves sob o pseudônimo de Hop-Frog (4.12.3.1.10.1).que haviam sido publicados anteriormente na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em 1879 são considerados por alguns críticos como a primeira manifestação do naturalismo no Brasil e por outros, se não a primeira manifestação propriamente naturalista, no mínimo, o primeiro anúncio dos toques e modismos que viriam nele predominar.

Dois números da *Revista do Livro*, correspondentes a 1965, foram reunidos num só volume. Abrindo a seção “Estudos” é publicado o trabalho de Victor Knoll sobre o romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos (8.23.1.1.2.1). Fica-se sabendo que de início não havia projeto de um romance; apenas de um conto. Entretanto, depois de escrito o conto, nasceu o romance.. O conto seria o capítulo que narra o episódio da cachorra Baleia.

Considerando essa circunstância do nascimento do romance e verificando os outros capítulos, verifica-se que todos eles se assemelham formalmente, em linhas gerais, ao *Baleia*. Todos os capítulos narram situações próprias. Podem se concluir que *Vidas Secas* é um conjunto de contos reunidos em um mesmo volume, nos quais vivem os mesmos personagens, nos mesmos lugares.

O autor continua afirmando que seria bastante marcante esse caráter de livro de contos que *Vidas Secas* possui se imaginássemos para cada capítulo outros lugares e outros nomes para os personagens. Desta forma, podemos dizer que a obra em questão compõem-se de uma série de quadros feitos de situações próprias que se constituem, cada um deles, em um todo autônomo. Qualquer pessoa que ainda não tenha entrado em contato com *Vidas Secas* caso leia “O menino mais velho” não se sentirá desorientada como nos sentimos quando entramos no cinema com o filme já no meio. Não é preciso organizar a situação total na qual se dá aquele quadro. Ele mesmo já se constitui um todo organizado. Qualquer um dos quadros nos parecerá uma peça completa e não perguntaremos se aqueles personagens vêm de outras situações ou se caminham para outras. Entretanto, esses quadros são capítulos. E de romance. O fato de cada um dos capítulos possuírem autonomia, a ponto de podermos pensar em um livro de contos, não se constitui obstáculo para chamar-mos *Vidas Secas* de romance. *Vidas Secas* é romance porque encaramos, não cada capítulo em separado, mas o todo que esses capítulos formam, a interdependência que guardam entre si.

Cada capítulo, que pode ser considerado como uma unidade, faz parte de uma outra unidade maior que engloba todos os quadros, dando coerência aos treze capítulos, enfim ao romance. E essa unidade é feita através dos personagens e do lugar fictício. E os quadros, os cortes se assim pode-se dizer, configuram um enredo que se constitui nessa totalidade que é o romance *Vidas Secas*.

Na da *Revista do Livro* é publicado um estudo de Herman Lima sobre *Os Jagunços*, de Afonso Arinos (11.27.1.4.2.1), romance que foi rejeitado pelo próprio autor. Escrito para publicação em folhetim nos jornais e sob o pseudônimo de Olívio de Barros, é considerado hoje uma raridade. O romance criou uma certa polêmica quando do seu lançamento. Araripe Júnior numa crítica no *Jornal do Comércio* (1903) sobre o aparecimento de *Os Sertões* dizia “estar saturado das narrações publicadas em folhas diárias e em livros, alusivos à guerra de Canudos, entre os quais, por último havia lido *Os Jagunços*, de Olívio de Barros, “romance histórico detestável.” (REVISTA DO LIVRO, 1968, p.87).

Talvez o crítico cearense não tenha se dado conta de que Olívio de Barros era na verdade Afonso Arinos e que o romance fora escrito em forma de folhetim para o jornal *Comércio de São Paulo*. Escrito apressadamente para o jornal, o volume trazia uma nota do editor desculpando-se dos erros de revisão, que devido à pressa não foram nem sequer revistos. Outro problema é que para escrever o livro o autor foi no rastro de *Os Sertões*, aproximando-se de tal forma que algumas páginas parecem cópias fieis de Euclides da Cunha.

Tristão de Ataíde afirma:

o romance é longo demais, sem unidade de fatura ou de narrativa e freqüentemente dessaborido, revelando quase sempre a composição apressada do folhetim. Tem, no entanto, boas páginas de vivacidade e pitoresco, especialmente na primeira página, e algumas outras fortes, de comoção e brilho, na parte final. Merecia ser refundido, como pretendia Arinos, cuja idéia era cindí-lo em dois, destacando o episódio de “A Morte de Conceição” – pois encerra muita coisa interessante, que é pena perde-se nessa edição de 100 exemplares, de que nem o autor possuía um volume. (REVISTA DO LIVRO, 1968, p.88)

De fato, Brito Broca informa no ensaio *Um romance de Afonso Arinos sobre Canudos* (4.13.4.3.2.1) na própria *Revista do Livro*, ter tido a informação do próprio autor de que foram

impressos somente 100 exemplares, restando hoje poucos exemplares dessa obra, um deles pertencente a biblioteca particular de Plínio Doyle. Brito Broca informa que Afonso Arinos não teria assinado a obra com seu próprio nome por dois motivos: por tratar-se de um romance de circunstância, o autor temia por em risco a reputação de sua carreira literária; e porque a situação dos monarquistas era crítica e Afonso Arinos continuava fiel ao antigo regime, inclusive defendendo-o nos jornais, e, portanto, não queria chamar mais a atenção para sua militância política.

Rodrigues Lapa teve alguns de seus textos editados na *Revista do Livro: A Data das Cartas Chilenas (1.1.1.2.2.1)*, *A ocultação nas Cartas Chilenas (2.3.1.1.2.1)*, *O texto das Cartas Chilenas (2.5.1.1.2.1)*, *Subsídios para a biografia de Cláudio Manuel da Costa (3.7.1.1.2.8)*, *Tiradentes e Gonzaga (3.8.1.5.10.8)*, *Algo de novo sobre Alvarenga Peixoto (4.12.1.1.2.1)*.

Em *A ocultação nas Cartas Chilenas*, Rodrigues Lapa afirma que treze cartas completam a obra de Gonzaga. São poemas satíricos que circularam em Vila Rica pouco antes da Inconfidência Mineira. São poemas escritos em versos decassílabos e tinham a estrutura de uma carta, assinada por Critilo e endereçada a Doroteu. Nessas cartas, Critilo, habitante de Santiago do Chile (na verdade Vila Rica), narra os desmandos e arbitrariedades do governador “chileno”, um político imoral, despótico, e narcisista, o Fanfarrão Minésio (na realidade, Luís da Cunha Meneses, governador de Minas Gerais até pouco tempo antes da Inconfidência). Estes poemas foram escritos numa linguagem bastante satírica e agressiva, e sua verdadeira autoria foi discutida por muito tempo. Após os estudos de Afonso Arinos e, principalmente, do trabalho de Rodrigues Lapa, não resta dúvida: Critilo é mesmo Tomás Antônio Gonzaga e Doroteu é Cláudio Manuel da Costa.

Na *Revista do Livro* foi publicado o texto de Augusto Fragoso *Dois momentos de Joaquim Nabuco* (5.15.1.4.2.1) que trata da polêmica entre Joaquim Nabuco e José de Alencar. O problema surgiu quando da apresentação de peça teatral *Os Jesuítas* de José de Alencar. A apresentação foi recebida com grande indiferença pelo público. O autor que já vinha acumulando derrotas anteriores – retirada de cena, pela polícia, da peça *As asas de um anjo* e várias derrotas políticas e literárias – para se explicar passou a publicar uma série de cartas em *O Globo*, grande jornal da época. Por infelicidade do autor, no jornal trabalhava Joaquim Nabuco como crítico literário, que talvez aproveitando a fama de Alencar, o usasse como escada para firmar-se, passando a criticá-lo em artigos no próprio jornal. Em um texto intitulado *O Sr. José de Alencar e o teatro brasileiro*, o crítico afirma que não reconhecia no escritor “uma só qualidade de dramaturgo”. Não demorou nem vinte e quatro horas para que Alencar se posicionasse. Estava criada a polêmica. Nabuco passou a rever toda a obra de Alencar, não lhe poupando sequer pequenos lapsos de revisão. Ambos vaidosos, se digladiaram semanas a fio. Nos comentários e nas caricaturas da época, a polêmica se refletiu, quase sempre a favor de Nabuco. Este era considerado sempre o “Bom”, sempre como grande crítico de postura nobre. Enquanto José de Alencar, ao contrário, aparecia como o “Mau”, vaidoso e intransigente. Joaquim Nabuco era “Quincas, o Belo” e Alencar “Zeca, o Mau”. *Mosquito*, semanário de Bordalo Pinheiro, em 20 de novembro de 1875, publicou um poema que nos dá a dimensão da celeuma:

Questão Literária

Às quintas e aos domingos

Traz o *Globo* uns rodapés

Que eu leio e releio, e as vêzes,

Leio-os ainda outra vez,
E só não volto à leitura
Quando me bastam as três.

Picante, sem ter mostarda,
Rescendentes, sem ter cheiro
Parecem mesmo adubados
Por formosos conselheiros
Os folhetins semanais
E os folhetins domingueiros

Nos supracitados dias
Tomo fartotes de risos;
E sem pegar as lições
Vou aprendendo a ter siso
Bem como a ser um bom crítico
Que bem pode ser preciso.

Um – cita Renan, Littré,
E quantos a estranja tem;
O outro – sem dar aprêço
Aos mestres, donde provém,
Fala só das próprias obras
E nunca cita ninguém.

De todas é talvez esta
A inspiração mais feliz:
Mostra com isso, de sobra
Que é senhor do seu nariz,
E que só conhece a pátria,
Que só ama o seu país.

Quincas, o belo n'altura
De sua inglória missão,
Procura com tanto afinco
Esmagar a presunção
Do hercúleo contentor
Que adoeceu de um pulmão.

Zeca, o terrível, no entanto
A ladear na comenta,
Sobranceiro e arrogante
Desdenha da corrigenda,
E se o negócio é mais sério
Passa por cima da emenda...

Semelhantes em princípios
E ambos iguais nos fins,

O que será que pretendem
 Demonstrar nos folhetins,
 Os campeões denodados
 Dos literários festins?

Achando iguais as vitórias
 Dos dois na argumentação,
 Não mais careço de provas
 P'ra formar opinião:
 - Entendo, protesto e juro
 Que ambos têm mais razão...

Joaquim Nabuco dizia que o *Ao Correr da Pena*, folhetim que José de Alencar publicara anteriormente, não passava de uma verdadeira salada e que o romance *Lucíola* era imitação de *Dama das Camélias*. E assim por diante.

A maioria dos escritores da época preferiram se calar sobre a questão, é o caso de Machado de Assis, que era amigo dos dois. Outros poucos não vacilaram em tomar partido. Araripe Júnior considerou os artigos de Nabuco uma agressão. O próprio Joaquim Nabuco reconheceu logo após, que a polêmica só lhe causou remorso e desagrado, e confessa que tratou com presunção e injustiça o grande escritor

Embora a amostragem seja pequena, percebemos nela a heterogeneidade dos trabalhos publicados. Mesmo a *Revista do Livro* propondo-se a divulgar a cultura de um modo geral, examinando-se o seu conteúdo nota-se a predominância de análises críticas. A ligação de certas figuras das mais variadas tendências no corpo editorial da *Revista* parece não alterar o espírito

cooperativo já que esses elementos se uniram num ideal comum. A motivação às vezes parece provinda do passado, pois para o grupo, o amor à tradição é que inspiraria a atuação. Apesar da grande quantidade de textos críticos de difícil compreensão, não se pode negar a riqueza de informações. Podemos afirmar a importância da *Revista do Livro* para caracterizar um momento da vida cultural no Brasil. As referências feitas na *Revista do Livro* possibilitam o levantamento de fontes importantes para reconstruir um vasto período de nossa cultura.

Capítulo 4

4.1 - Procedimentos para a Indexação

De forma geral, a vida do ser humano depende de organização, até mesmo em seus aspectos mais corriqueiros do cotidiano “De fato não existe nenhum aspecto de uma vida ordenada que não possua alguma forma de indexação como parte essencial de seu funcionamento”(COLLISSON, 1971, p.5). A necessidade de indexação como conhecemos atualmente parte do grande número de informações acumuladas pelo indivíduo a partir da industrialização, onde a memória não é suficiente para armazenar todos estes dados “... é uma faculdade que se está deixando atrofiar junto com aquelas outras forças de tato, visão e olfato que as engenhocas de uma era mecânica nos estimulam a não usar”. (COLLISSON, 1971, p.5)

Essa necessidade inerente ao ser humano de organizar informações, fez que, com o advento do livro surgisse nos mosteiros formas de se localizarem documentos. O próprio livro tem sua organização específica: os cabeçalhos dos capítulos, os sumários, índices etc., sem os quais seria muito penosa a consulta e citação de obras como, por exemplo, a *Bíblia*.

Com o surgimento dos periódicos pela evolução da tecnologia gráfica, a partir de meados do século XVIII, aprimoram-se os índices. Pode-se afirmar que o século XX foi a grande época da indexação, pois a ocorrência da crescente massa de informação fez com que a sistematização se fizesse imperativa. Dessa necessidade surgiram inúmeras possibilidades, pois cada tema requer uma indexação específica. Não se pode usar o mesmo critério de indexação para livros, periódicos, fotografias, sons etc. Cabe ao indexador a escolha da indexação que satisfaça as suas necessidades e as do público a que se dirige.

É de grande importância a indexação de periódicos, uma vez que este procedimento proporcionará ao pesquisador maior agilidade na consulta. Esta constatação se torna verdadeira para quem tem que pesquisar assunto de interesse em material não indexado.

Ninguém que se ache empenhado na tarefa de extrair informações de fontes impressas – seja bibliotecário, técnico de informação, jornalista, secretário, cientista ou pesquisador etc. – pode fugir à consciência de frustração que ocorre constantemente por saber que a informação existe, sem saber onde ela existe. (COLLISSON, 1971, pp.11-12).

No procedimento da indexação da *Revista do Livro*, as indicações das informações que se repetem ao longo do processo serão organizadas via um sistema de dígitos. É o caso do ano da revista que será indicado pelo primeiro dígito, obedecendo numeração de 1 a 15, ou seja, um número para cada ano dos quais a revista circulou, de 1956 a 1970.

No segundo dígito vem a indicação do fascículo da *Revista do Livro* correspondente à matéria que está sendo indexada

No terceiro dígito será indicada a seção da revista a que pertence a matéria, seções estas elencadas a partir dos índices da própria *Revista do Livro*.

O quarto dígito indica a ordem da matéria na seção.

O quinto dígito indica o tipo de texto da matéria.

O sexto dígito indica a área de conhecimento em que a matéria se insere.

1° dígito = ano da revista

2° dígito = mês/fascículo

3° dígito = seção da revista

4° dígito = ordem da matéria

5° dígito = tipo de texto

6° dígito = área de conhecimento

A seguir apresentamos as “classificações” que podem ocorrer em cada dígito:

1° dígito = ano da revista

1 = 1956

2 = 1957

3 = 1958

4 = 1959

5 = 1960

6 = 1961

7 = 1964

8 = 1965

9 = 1966

10 = 1967

11 = 1968

12 = 1969

13 = 1970

2º dígito = fascículo (mês/trimestre)

1 = 1-2 = junho

2 = 3-4 = dezembro

3 = 5 = março

4 = 6 = junho

5 = 7 = setembro

6 = 8 = dezembro

7 = 9 = março

8 = 10 = junho

9 = 11 = setembro

10 = 12 = dezembro

11 = 13 = março

12 = 14 = junho

13 = 15 = setembro

14 = 16 = dezembro

15 = 17 = março

16 = 18 = junho

17 = 19 = setembro

18 = 20 = dezembro

19 = 21-22 = junho

20 = 23-24 = julho-dezembro

21 = 25 = março

22 = 26 = setembro

23 = 27-28

24 = 29-30

25 = 31

26 = 32 (1º Trimestre 1968)

27 = 33 (2º Trimestre 1968)

28 = 34 (3º Trimestre 1968)

29 = 35 (4º Trimestre 1968)

30 = 36 (1º Trimestre 1969)

31 = 37 (2º Trimestre 1969)

32 = 38 (3º Trimestre 1969)

33 = 39 (4º Trimestre 1969)

34 = 40 (1º Trimestre 1970)

35 = 41 (2º Trimestre 1970)

36 = 42 (3º Trimestre 1970)

37 = 43 (4º Trimestre 1970)

3º dígito = seção da revista

0 = Abertura (fora de seção)

- 1 = Estudos
- 2 = Inéditos
- 3 = Arquivos
- 4 = Vária
- 5 = Resenha
- 6 = Noticiário
- 7 = Bibliografia
- 8 = INL: Crônica
- 9 = O Livro Brasileiro no Estrangeiro
- 10 = Na Estante
- 11 = Resenha
- 12 = Crítica
- 13 = Os Novos
- 14 = O Livro no Mundo
- 15 = A Véspera do Livro
- 16 = Reportagens
- 17 = Depoimentos
- 18 = *In Memoriam*
- 19 = Poesia

4º dígito = ordem da matéria na seção

- 1= primeira
- 2= segunda
- 3= terceira

...

5º dígito = tipo de texto

- 1 = Editorial / Depoimento
- 2 = Estudo Crítico / Artigo
- 3 = Crônica
- 4 = Correspondência
- 5 = Resenha
- 6 = Notícia
- 7 = Índice
- 8 = Catálogo
- 9 = Entrevista
- 10 = Outros

6º dígito = área de conhecimento

- 1 = Literatura
- 2 = Teatro
- 3 = Música
- 4 = Cinema
- 5 = Artes Plásticas
- 6 = Lingüística
- 7 = Várias / Outra(s) / Outro(s)

Além da indexação será feito uma pequena indicação do assunto de cada matéria. A seguir um exemplo da indexação:

1.1.1.5.2.2. DAMASCENO, Darcy. “A elaboração de *O Juiz de Paz na Roça*”. (47-54). O texto tenta precisar a data em que foi escrita a peça teatral *O Juiz de Paz na Roça* de Martins Pena.

Autores e/ou obras citadas:

O Juiz de Paz na Roça
Martins Pena
Paula Brito
Luís Francisco da Veiga

Quando não constar nome do autor ou da obra os mesmos serão listados como **n.c.**, ou seja, não consta.

Vale ainda dizer que como procedimento, todas as palavras estrangeiras foram grafadas de acordo com o registro encontrado nas diversas fontes consultadas.

4.2 – INDEXAÇÃO DA REVISTA DO LIVRO

1.1.0.1.1.8. SALGADO, Clovis. “Fac-símile da apresentação”. (1).
Texto do ministro da educação e cultura apresentando a *Revista do Livro*.

1.1.0.2.1.8. PEREIRA, José Renato Santos. “Depoimento do Diretor do INL”. (3).
Depoimento do diretor do INL sobre o lançamento da *Revista do Livro*.

1.1.0.3.1.1. n.c. “Machado de Assis”. (5). Texto que indica Machado de Assis como patrono da *Revista do Livro*.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis
Augusto Meyer

1.1.1.1.2.1. MEYER, Augusto. “Chateaubriand”. (9-16). Estudo sobre a obra de Chateaubriand.

Autores e/ou obras citada

Chateaubriand
Standhal

Racine

Shakespeare	<i>Histoire générale des voyages</i>
<i>Mémoires d'un tourist</i>	Milton
Henri Bayle	Dante
Saint-Beuve	<i>As Mil e uma noites</i>
<i>Mémoires d'Outre-Tombe</i>	Voltaire
<i>La Rochefoucauld</i>	Virgilio
Matias Aires	Lucrecio
Molière	Bernardin Saint-Pierre
Ginguené	Rousseau
Morellet	Daniel Defoe
Chénier	Gressner
Jules Lamartine	Goethe
Thibaudedet	<i>Werther</i>
Taine	<i>Atala</i>
	<i>Paulo e Virginia</i>
Diderot	Baltasar Gracián

1.1.1.2.2.1. LAPA, Rodrigues. “Cartas Chilenas”. (17-34). O texto levanta algumas hipóteses quanto a data de publicação de *Cartas Chilenas*.

Autores e/ou obras citadas:

Cunha Menezes
 Hissope
 José Pedro Xavier da Veiga
 Silvio Romero
 Caio de Melo Franco
 Lindolfo Gomes
 Tito Lívio de Castro
 Alberto Faria
 Afonso Arinos
 Cláudio Manuel da Costa
 Tomás Antônio Gonzaga

1.1.1.3.2.1. MONTEIRO, Adolfo Casais. “Tentativa de Síntese da Poesia Portuguesa”. (35-41). O texto sintetiza as características da poesia portuguesa.

Autores e/ou obras citadas:

Homero
 T. S. Eliot
Tradition and the individual talent
 Rosseau
 Fernando Pessoa

Mário de Sá Carneiro
 Malheiro Dias
 Correia de Oliveira
 Afonso Lopes Vieira
 Antero de Figueiredo
 Alberto de Oliveira
 Agostinho de Campos
 Almada-Negreiros
 Antônio Correia de Oliveira
 Gomes Leal
 Antônio Nobre
 Cesário Verde
 Eugênio de Castro
 Gonçalves Crespo
 José Régio
 Kierkegaard
 Bossuet

1.1.1.4.2.7. CANNABRAVA, Eurylo. “Idéia e Emoção” (42-46). O texto discorre sobre as tendências de se raciocinar cientificamente sobre problemas filosóficos.

Autores e/ou obras citadas:

Bergson
 Kant

1.1.1.5.2.2. DAMASCENO, Darcy. “A elaboração de O Juíz de Paz na Roça”. (47-54). O texto tenta precisar a data em que foi escrita a peça teatral *O Juíz de Paz na Roça* de Martins Pena.

Autores e/ou obras citadas:

O Juiz de Paz na Roça
 Martins Pena
 Paula Brito
 Luís Francisco da Veiga

1.1.1.6.2.2. LIMA, Cavalheiro. “Cinema: Problema de Governo”. (58-71). A estreita relação entre os países e a produção cinematográfica.

1.1.1.7.5.1. MAGNE, Augusto P. “Nota à Margem de Famoso Apócrifo”. (72-76). Sobre a tradução de *Livro da Vida de Cristo* para o português.

1.1.1.8.2.3. COSME, Luís. “Experiência do Concretismo na Música”. (77-80). Segundo o autor, o concretismo pensa a música apenas do ponto de vista sonoro, o que a limita, deve-se considerá-la como algo artísitico: fator construtivo para o aproveitamento do seu nível estrutural e estético.

Autores e/ou obras citadas:

Maurice Martenot
Teremin

1.1.1.9.2.1. FRIEIRO, Eduardo. “A Fábula das Abelhas”. (81-84). Fábula alegórica segundo a qual a prosperidade das nações depende do desenvolvimento dos vícios antes das virtudes, tanto que é preciso escolher entre o bem-estar e a honestidade.

Autores e/ou obras citadas:

Bernard de Mandeville
A fábula das Abelhas

1.1.1.10.2.1. TEIXEIRA, Maria de Lourdes. “A Prosa de Ficção em São Paulo”. (85-94). São Paulo no quadro geral da literatura brasileira, o elemento melhor aparelhado para ficção. Existe um grande número de poetas e carece de mais romancista.

Autores e/ou obras citadas

Teresa Margarida da Silva e Orta	Waldomiro Silveira	Monteiro Lobato
Ruy Bloem	<i>Os Cablocos</i>	Rui Barbosa
Ernesto Ennes	<i>Nas Serras e nas Furnas</i>	<i>Urupês</i>
<i>Aventuras de Diófanos</i>	<i>Mixuângos e Leréias</i>	<i>Cidades Mortas</i>
Pereira da Silva	Cornélio Pires	<i>Negrina</i>
Sílvio Romero	<i>Quem Conta um Conto...</i>	<i>Os Negros são-</i>
<i>O Filho do Pescador</i>	<i>Dona Guidinha do Poço</i>	<i>História de João Crispim</i>
Teixeira e Sousa	Oliveira Paiva	Enéias Ferraz
Jerônimo Corte-Real	<i>Lâmpada Antiga</i>	<i>Adolescência Tropical</i>
Júlio Ribeiro	<i>Dialeto Caipira</i>	<i>Uma Família Carioca</i>
Inglês de Sousa	<i>Elogio da Mediocridade</i>	Albin Michel
<i>Gramática Portuguesa</i>	Olavo Bilac	Manuel Gahisto
<i>O Padre Belchior de Pontes</i>	<i>Letras Floridas</i>	Abel Bonnard
<i>O Mulato</i>	<i>A Pulseira de Ferro</i>	José Olímpio
Aluízio Azevedo	<i>Pedro e Paulo</i>	<i>Crianças Mortas</i>
Zola	Vicente de Carvalho	Tristão de Ataíde
Eça de Queiroz	<i>Arminhos</i>	Léo Vaz
<i>A Carne</i>	<i>Carícias</i>	<i>Professor Jeremias</i>
<i>O Missionário</i>	<i>Cara Alegre</i>	<i>Madame Pomery</i>
<i>O Coronel Sangrado</i>	<i>Salada de Frutas</i>	Amado Cauby
<i>O Cacaulista</i>	<i>A Choupana das Rosas</i>	<i>Sapésias e Tiguéras</i>
Afonso Arinos	Veiga Miranda	Paulo Setúbal
	<i>Redenção</i>	Amadeu de Queirós
	<i>Mau Olhado</i>	Moacir Deabreu
	<i>Pássaros que fogem</i>	Edgar Allan Poe
		Hoffmann

Afonso Smidt	<i>O Crime do Estudante</i>	Patrícia Galvão
<i>Colônia Cecília</i>	<i>Batista</i>	Flávio de Campos
<i>Menino Felipe</i>	<i>A Casa do Gato Cinzento</i>	Galeão Coutinho
<i>Saltimbancos</i>	<i>Cabloca</i>	Sra. Leandro Dupré
<i>Os Impunes</i>	<i>Pathé-Baby</i>	Ondina Ferreira
<i>A Marcha</i>	<i>Brás, Bexiga e Barra</i>	Orígenes Lessa
<i>Brutalidade</i>	<i>Funda</i>	Luís Martins
Mário de Andrade	<i>Laranja da China</i>	Dinah Silveira de
Oswald de Andrade	<i>Mana Maria</i>	Queirós
Paulo Prado	<i>Cavaquinho e Saxofone</i>	Leão Machado
Menotti Del Picchia	José Geraldo Vieira	Tito Battini
Cassiano Ricardo	<i>A Ronda do</i>	Cecílio Carneiro
Plínio Salgado	<i>Deslumbramento</i>	Aristides Ävila
Guilherme de Almeida	<i>A Mulher que Fugiu de</i>	Helena Silveira
Ronald de Carvalho	<i>Sadoma</i>	Fracisco Brasileiro
Graça Aranha	<i>A Quadragésima Porta</i>	Mário Donato
Renato Almeida	<i>A Túnica e os Dados</i>	Albertino Moreira
	<i>Albatroz</i>	José Ortiz Monteiro
	<i>A Ladeira da Memória</i>	Leonardo Arroyo
Antônio de Alcântara	<i>Território Humano</i>	Pedro de Oliveira
Machado	José Américo de	Ribeiro Neto
Mário Neme	Almeida	Maslowa Gomes Venturi
<i>Macunaíma</i>	Rachel de Queirós	José Mauro de
<i>Amar, Verbo Intransitivo</i>	José Lins do Rêgo	Vasconcelos
<i>Piá Sofre? Sofre.</i>	Amando Fontes	Ruth Guimarães
<i>Memórias de João</i>	Graciliano Ramos	Lígia Fagundes Teles
<i>Miramar</i>	Jorge Amado	Hernâni Donato
<i>Serafim Ponte Grande</i>	Cornélio Pena	Antônio Olavo Pereira
<i>Os Condenados</i>	Lúcio Cardoso	Lígia Junqueira
<i>Marco Zero</i>	Barreto Filho	José de Barros Pinto
<i>Juca Mulato</i>	Ciro dos Anjos	Machado Florence
<i>Flama e Argila</i>	Dionélio Machado	Jorge Carneiro
<i>Laís</i>	Dalcídio Jurandir	Herculano Pires
<i>A mulher que pecou</i>	Yan de Almeida Prado	Ibiapaba Martins
<i>Salomé</i>	A Famosa Revista	Marcos Rey
<i>O Estrangeiro</i>	Geraldo Ferraz	
Ribeiro Couto		

1.1.1.11.2.5. VIEIRA, José Geraldo. “Cinquenta Anos de Paisagem Brasileira”. (95-110). O Museu de Arte Moderna de São Paulo realizou uma exposição para mostrar a evolução da pintura nacional quanto à paisagem.

Autores e/ou obras citadas:

Frans Post	Nocolas Antoine Taunay
Francisco Muzzi	Monvoison
Jean Batiste Debret	Hornbrook

Buvelot Bertichen	Modrian
Martin	Kandinsky
Sespe	Browse
Stallone	Delbanco Sutherland
Vinet	Edward Middledicht
Facchinetti	Cézane
Paillère	Louis James
Vitor Meireles	Sheila Fell
Rodrigues Duarte	Pougny
Teles Júnior	Tatline
Aurélio de Figueiredo	Larionov
Firmino Monteiro	Chagall
Antônio Parreiras	Lèger
João Batista da Costa	Marcousis
Almeida Júnior	Delaunay
João Batista Pagani	Severini
Boaventura Carão	Arnaldo Pedroso d’Horta
João Batista Castagneto	Iberê Camargo
Rafael Pinto Bandeira	Oswaldo de Andrade Filho
Agostinho Mota	Antônio Bandeira
Eliseu Visconti	Aloísio de Magalhães
Jean Boret	Geraldo de Barros
Anita Malfatti	Genaro de Carvalho
Di Cavalcanti	Aldemir Martins
Tarsila do Amaral	Darcy Penteado
Guignardi	Joan Ponç
Panceti	Franck Schaeffer

1.1.1.12.2.1. FARIA, José Escobar. “A Poesia Científica de Augusto dos Anjos”. (111-116). O conceito poético de Augusto dos Anjos, onde o feio pode se manifestar.

Autores e/ou obras citadas:

Divina Comédia
Fausto
Hamlet
 Da Vinci
Guernica
Gioconda
 Picasso
Les Fleurs du Mal
 Tristan Corbière
 Baudelaire
 Haeckel
 Darwin
 Spencer

Monólogo de uma Sombra
Barcarola
Poema Negro

1.1.1.13.2.1. GAUTIER, Michel. “Le Contrepoint Poétique”. (117-134). O autor pretende determinar, no verso isolado, o elemento musical que faz com que ele seja uma unidade poética.

Autores e/ou obras citadas:

Valery
 Gauthier
 Racine

1.1.2.1.10.1. OLIVEIRA, José Osório de. “Um Garrett Brasileiro – Influência do Brasil em Portugal”. (139-143). O autor cobra um estudo mais aprofundado das influências que o Brasil exerce sobre Portugal.

Autores e/ou obras citadas:

J. Lúcio de Azevedo
 Gilberto Freire
 Manuel de Sousa Pinto
 Padre Antônio Vieira
 Caldas Barbosa
Um Prêto
 José Antônio Benedito Soares de Faria
 Barbosa
 Serafim da Silva Neto
 Álvaro Lins
Introdução da Literatura Brasileira
A Literatura Portuguesa no Brasil
História Breve da Literatura Brasileira
 Almeida Garrett
Helena
Romance de Garrett
 Rosa de Lima
Bosquejo da História da Literatura Portuguesa
Parnaso Lusitano
 José Durão

Caramuru
Marília de Dirceu
 Gonzaga
Uruguai
 José Basílio da Gama
História Brasileira
Viagens na minha Terra
Comuraí
 Araújo Pôrto Alegre
Brasílianas
 Colombo
Literatura Brasileira Contemporânea
A Confederação dos Tamoios
O Guarani
Os Timbiras
 Visconde Taunay
 Manuel Pinheiro Chagas
A Virgem Guaraciaba
 José de Alencar
Iracema
 Gonçalves de Magalhães

1.1.2.2.10.1. GARRETT, Almeida. “Comuraí”. (145-176). Transcrição dos manuscritos do texto *Comuraí (história brasileira)* de Almeida Garrett.

1.1.2.3.10.2. ASSIS, Machado de. “Pareceres emitidos por Machado de Assis”. (178-192). Algumas peças avaliadas por Machado de Assis quando membro do Conservatório Dramático.

Autores e/ou obras citadas:

<i>Clermont ou a mulher do artista</i>	<i>As Leas Pobres</i>
<i>Finalmente</i>	E. Augier
Antonio Moutinho de Souza	E. Foussier
<i>Um Casamento da Época</i>	<i>A Caixa do Marido e a Charuteira da Mulher</i>
Constantino do Amaral Tavares	<i>As Conveniências</i>
<i>Os Íntimos</i>	Quintino Francisco da Costa
Victorien Sardou	<i>O Anel de Ferro</i>
<i>Os Descarados</i>	<i>Areires</i>
E. Augier	<i>As Mulhers do Palco</i>
<i>As Garatujas</i>	<i>O Filho do Erro</i>
A.E. Zaluar	<i>Os Espinhos de uma Flor</i>
<i>Mistérios Sociais</i>	J. R. Pires de Almeida
César de Lacerda	<i>Ao Entrar na Sociedade</i>
<i>A Mulher que o Mundo Respeita</i>	Luiz C. P. Guimarães Jor
Verediano Henrique dos Santos Carvalho	

1.1.2.4.10.1. Néry, Paulo Sérgio. “Um Inédito de Alphonsus de Guimarães”. (193-197). Transcrição de um manuscrito de Alphonsus de Guimarães doado ao Instituto Nacional do Livro por Augusto Meyer.

Autores e/ou obras citadas:

Augusto Meyer
Dona Mística

1.1.5.1.5.6. POTTIER, Bernard. n.c. (201-203). O autor apresenta o livro de Jean Perrot *A Lingüística*, ressaltando a clareza e a condensação, indispensáveis a um livro que pretende apenas divulgar conhecimentos.

Autores e/ou obras citadas:

Jean Perrot
G. Gougenhein
A. Sauvageot
R. Michéa
V. Garcia
M. G. Guillaume
M. R. Valin

1.1.5.2.5.8. COELHO, Saldanha. n.c. (204-211). Resenha de vários livros lançados no Brasil em 1955 e 1956.

Autores e/ou obras citadas:

O Caçador de Mosquito
Charles Dickens
Monteiro Lobato
O Ciclo da Doutrina Monroe
Danton Jobim
A Experiência Roosevelt
Revolução Brasileira
Problemas de Nosso Tempo
Para Onde Vai a Inglaterra?
Tempo de Espera
Ricardo Ramos
Os Condenados
Constantino Paleólogo
Assunção de Salviano
Antônio Callado
Machado de Assis
João Alfonsus
Marques Rebêlo
Aníbal Machado
Cão da Madrugada
Garimpos da Bahia
Herberto Sales
Cascalho

Madrugada Sem Deus
Mário Donato
Thomas Hardy
Flaubert
Vitor Hugo
Gogol
Os Espíritos da Montanha
John Dewey
Willa Carter
Sherwood Anderson
Carl Steinbeck
E. C. Caldas
Henry David Thoreau
Da Posse Prematura
Yone de Sá Motta
Contos do Imigrante
Samuel Rawet
Nova Conversa Sobre Graça Aranha e Inglês de Sousa
Rodrigo Octávio
Diário de Segismundo
Carlos David

1.1.5.3.5.1. CARMO, Pinto do. n.c. (212-213). O grande número de obras de escritores brasileiros traduzidas para o exterior.

Autores e/ou obras citadas:

Noite
Érico Verríssimo
Roberto Velândia
Ensayistas Brasileños
Antologia de Cuentistas Brasileños
Güipás del Magdalena
Hijos de la Calle
Assunção Santos

Mário Ribeiro
Gutton Hassen
Consuelo dos Reis e Melo
Rubem Jobim
Maurício Caminha de Lacerda
Jurandir Ferreira
Elias Domil
Edilberto Coutinho

1.1.5.4.5.1. ENEIDA. “Um Fiel a Si Mesmo”. (214-217). Resenha do livro *Monteiro Lobato, Vida e Obra* de Edgar Cavalheiro.

Autores e/ou obras citadas:

Monteiro Lobato
 Edgar Cavalheiro
 Fagundes Varela
Biografias e Biógrafos
 Garcia Lorca
Testamento de uma Geração
 Álvares de Azevedo
 Euclides da Cunha
 Camilo Castelo Branco
 Velha Praga
Urupês
 Tristão de Ataíde
 Edgard de Carvalho

1.1.7.1.10.8. SOUSA, José Galante de. “A Biblioteca Brasileira e sua História”. (221-227). História da criação da Biblioteca Brasileira.

Autores e/ou obras citadas: vários

1.1.7.2.8.8. OTTONI, Aureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (228-280). A bibliografia brasileira no primeiro semestre de 1956.

Autores e/ou obras citadas: vários

1.1.6.1.6.8. n.c. “Catálogo das Publicações do INL”. (283-302). Catálogo da obras lançadas pelo INL em 1956.

Autores e/ou obras citadas: vários

1.1.6.2.6..8. n.c. “Noticiário da Seção de Publicação” (303-307). O texto mostra o decreto de criação do INL e o objetivo do mesmo.

Autores e/ou obras citadas: vários

1.1.6.3.6.8. n.c. “Plano da Enciclopédia Brasileira”. (308). Um dos objetivos propostos pelo INL é a elaboração de uma enciclopédia brasileira.

1.1.6.4.6.8. MACHADO, Hélio Gomes. “Novo Impulso às Bibliotecas Públicas”. (309-312). Outro objetivo proposto pelo INL é a difusão do livro junto às camadas menos favorecidas da população brasileira.

1.1.6.4.6.8. n.c. “Informação sobre a Biblioteca do Exército”. (313-318). Pequeno histórico da Biblioteca do Exército.

Autores e/ou obras citadas: vários

1.2.0.1.1.8. PEREIRA, José Renato Santos. “Novos Instrumentos de Cultura”. (3-7). Texto de abertura da *Revista do Livro*, em que ressalta duas iniciativas para incrementar a cultura: a semana do museu e o convênio que INL estabeleceu e que visa a criação de uma biblioteca pública em cada cidade brasileira.

1.2.1.2.10.8. CANNABRAVA, Euryalo. “Plano de Trabalho”. (11-14). Plano de trabalho para a Enciclopédia Brasileira.

1.2.1.3.2.7. BUNGE, Mário. “Há Progresada la Filosofia durante el Siglo XX?”. (15-21). Qual foi a contribuição para a filosofia dos pensadores do século XX?

1.2.1.4.1.8. BRANT, Celso. “O Professor e a Escola Secundária”. (23-28). O papel do professor no ensino secundário.

1.2.1.5.2.8. RÉVAH, I.S. “Les Jésuites contre L’Inquisition: La Campagne pour la Fondation Générale du Commerce du Bréil (1646)”. (29-53). Normas para o comércio entre França e o Brasil no século XVII.

1.2.1.6.2.1. RÓNAI, Paulo. “Um Enigma de nossa História Literária” (55-66). As influências estrangeiras na obra de Gregório de Matos.

Autores e/ou obras citadas:

Lourenço Ribeiro	Tácito
Varnhagen	Heliodoro
<i>Florilégio</i>	Lucano
Araripe Júnior	Apuleio
Homero Pires	Dante
Ronald de Carvalho	Petrarca
<i>Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Colonial</i>	Samazzaro
Sérgio buarque de Hollanda	Groto
Sílvio Júlio	Ariosto
Clóvis Monteiro	Marcial
Quevedo	Pedro Calmon
<i>Canciones</i>	Lope de Veja
Giambattista Mariano	<i>Obras de Gregório</i>
Homero	Góngora
Teócrito	Fray Luís de León

1.2.1.7.2.1. GOMES, Eugênio. “Cruz e Sousa e o Mundo Shakespeariano”. (67-74). As influências de Shakespeare na obra do simbolista Cruz e Sousa.

Autores e/ou obras citadas:

Victor Hugo
Shakespeare
Hamlet

Paul Claudel
Jules Laforgue
Nestor Victor
Roger Bastide
Otelo
Andréa Maggi

Giovanni Cuneo
Ermete Novelli
Olavo Bilac
Machado de Assis
Piedosa
Macbeth
Balada de Loucos
Exilado
Alberto de Oliveira
Sílvio Romero

1.2.1.8.2.1. FARIA, Octávio de. “Coelho Neto”. (75-81). O autor tenta se redimir em relação ao “mestre” Coelho Neto.

Autores e/ou obras citadas:

Nietzsche
Cocteau
Max Jacob
Machado de Assis
Graça Aranha
Plínio Salgado
Oswald de Andrade
D’Annunzio
Bourget
Balzac
Victor Hugo
Tolstói
Proust
Dostoievski

Goethe
Rio Negro
Sertão
Treva
Alísio Azevedo
Inverno em Flor
Turbilhão
Tormenta
A conquista
A Capital Federal
Miragem
Fogo Fátuo
Quebranto
A Muralha

1.2.1.9.2.2. SOUSA, J. Galante de. “Machado de Assis, Censor Dramático”. (83-92). Os pareceres de Machado de Assis quando membro do Conservatório Dramático

Autores e/ou obras citadas:.

Os Lazaristas
Antônio Ennes
Memórias Póstumas de
Brás Cubas
As Leões Pobres
E. Augier
E. Foussier
Túnica de Nessus
Sizenando Nabuco

José de Alencar
Mãe
Os Espinhos de uma Flor
O Filho do Erro
José Ricardo Pires de
Almeida
Joaquim Garcia
Confederação dos
Tamoios

A carteiro de meu Tio
Semanas Literárias
O Crítico
Eugène de Miracourt
Clermont ou A Mulher
do Artista
Antônio Moutinho de
Sousa
A Probabilidade
Camilo Castelo Branco

O Morgado de Fafe em Lisboa
Um Casamento da Época
 Constantino do Amaral Tavares
S. Gregório, o Taumaturgo
Os tempos de Independência
O Conde de Zampieri
O Lucas de Feira de Santana
Os Caixeiros Nacionais
Romance de um Enjeitado
 Innocencio Francisco da Silva
Diccionário Bibliographico
Portuguez
 Silio Bocanera

Theatro Nacional. Autores e Actores Dramáticos
 Sacramento Blake
 Agrário de Sousa Menezes
Os Íntimos
 V. Sardou
Os Nossos Íntimos
 Lafayette Silva
João Caetano e sua Época
 Modesto de Abreu
Os Descarados
As Garatujas
 Augusto Emílio Zaluar
A Redenção
O Mundo Equivoco
 Dumas Filho
Teresa ou Anjo ou Demônio

Os Mistérios Sociais
 César Lacerda
A Mulher que o Mundo respeita
 Veridiano Henrique dos Santos Carvalho
A Vida de Camões
Malditas
A Caixa do marido e Charuteira da Mulher
A Conveniência
 Quintino Francisco da Costa
O Anel de Ferro
As Mulheres do Palco
Ao Entrar na Sociedade
 Luís Guimarães Júnior

1.2.1.10.2.1. MENDONÇA, Carlos Sússekind. “Lúcio de Mendonça: Anos de Formação”. (93-104). A vida e a obra de Lúcio de Mendonça.

Autores e/ou obras citadas:

Martim Francisco Júnior
 Mendes de Paiva
 Olímpio Valadão
 Teixeira da Mota
 Dino Bueno
 Canuto Saraiva
 Inácio de Bulhões
 Caetano de Magalhães
 Melo Nogueira
 Rubim César
 João Köpke
 Acioly de Brito

Pádua e Castro
 Miguel Dutra
 João Teodoro de Sá
 Pires da Mota
 Castro Alves
O Til
 José de Alencar
O Mistério da Estrada de Sintra
 Eça de Queiroz
Horas do Bom Tempo
Névoas Matutinas
 Felix Pacheco

1.2.1.11.2.1. CARNEIRO, Felisberto. “Ainda a Origem da Tragédia”. (105-108). A gênese da tragédia.

Autores e/ou obras citadas:

Homero
Ilíada
 William Shakespeare
Poética
 Heródoto

1.1.1.12.2.1. CASCUDO, Luís Câmara. “Dos Nomes Feios”. (109-115). Sobre o uso de palavras na literatura.

Autores e/ou obras citadas:

Ma bru
 Fabrice Carré
 Paul Bilhaud
 Cervantes
Don Quijote de La Mancha
 Richard Payne Knight
 João do Rio
 Jean Goropius
 François Rabelais
 Gil Vicente
Dicionário do Folclore Brasileiro

1.2.1.13.2.1. LUBIN, A. Maurice. “Poesia do Haiti”. (117-132). A história da literatura no Haiti.

Autores e/ou obras citadas:

Pierre Pinchinat
 Vicente Ogé
 André Rigaud
 Toussaint Louverture
 Antoine Dupré
 Justes Chanlatte
 Jules Solime
Hymne a la Liberté
 Victor Hugo
 Lamartine
 Gauthier
 Alfred de Musset
 Alfred de Vigny
 Alcibiade Fleury Battier
 Tertulien Guibaud
 Luc Grimard
 Dominique Hypolite
 León Laleau

René Deprestre
André Breton

1.2.1.14.2.8. ALMEIDA, Renato. “A Importância dos Estudos Americanos de Folclore”.(133-138). As fontes do folclore americano.

1.2.1.15.2.3. COSME, Luís. “Folcmúsica no Rio Grande do Sul”. (139-157). O estudo da música folclórica do Grande do Sul.Rio.

Autores e/ou obras citadas:

Boi Barroso
Salamanca do Jarau
Enio Freitas de Castro
William J. Thoms
Música Popular do Rio Grande do Sul
Gaúcho
Chirimindé
Amargo
Herivelto Martins
Carreteiro
Cancioneiro Gaúcho
Augusto Meyer

1.2.1.16.2.5. MACHADO, Lourival Gomes. “Mário de Andrade, Crítico de Arte”. (159-170). Mário de Andrade como crítico de artes plásticas.

Autores e/ou obras citadas:

Obras Completas
Lasar Segall
Cândido Portinari
O Baile das Quatro Artes
Manuel Bandeira
Tarsila do Amaral
Aleijadinho
Gonzaga Duque
Ronald de Carvalho
Gregório de Matos
Pedro Gomes Chaves
Padre Jesuíno Monte Carmelo
Rodrigo M. F. de Andrade

1.2.1.17.2.5. MARQUES, Oswaldino. “A Regra corrige a Emoção”. (171-180). Estudo sobre o artista plástico Santa Rosa.

Autores e/ou obras citadas:

Vasari
 El Greco
 Braque
 Matisse
 Picasso
Pássaro Noturno
Crucificado

1.2.2.1.10.1. MENDONÇA, Lúcio de. “O Estouvado – Cenas dos Primeiros Anos da República”. (181-236). Em comemoração ao centenário de Lúcio de Mendonça, a publicação do romance inacabado *O Estouvado*.

Autores e/ou obras citadas:

Carlos Süssekind de Mendonça
 Daudet
 Uma Roumestan
O Nababo
Reis no Exílio
 George Boehrer
Da Monarquia à República
O Marido da Adúltera

1.2.4.1.5.6. CUNHA, Celso. “Granada y El Romancero”. (239-249). Sobre o livro *Granada y El Romancero* do filólogo Manuel Alvar.

Autores e/ou obras citadas:

Manuel Maldonado
 Amado Alonso
 Ramón Menéndez Pidal
 Dámasio Alonso
 Rafael Lapesa
 Alonso Zamora Vicente
El Habla del Campo de Jaca
Estudios sobre el Dialecto Aragonés en la Edad Media
El Dialecto Aragonés
Notícia del Habla de Aguaviva de Aragón
 M. Savechis Guarner
El Habla de Las Cuevas de Coñart
Dos Cortes Sincrónicos en el Habla de Garu
Proyecto de um Atlas Linguístico de Andalucía
El Romance de Gerinelda entre los Sefardis Marroquines

La Bella en Misa

1.2.4.2.2.1. CARPEAUX, Otto Maria. “Os Portugueses e os Outros”. (243-245). A valorização diferente de um escritor em sua terra e no estrangeiro.

Autores e/ou obras citadas:

Maupassant	Gil Vicente
Charles Morgan	Virgílio
João Gaspar Simões	Petrarca
Raul Brandão	Tasso
Cesário Verde	<i>Os Lusíadas</i>
Camões Aubrey Bell	Padre Antônio Vieira
Homero	Eça de Queiroz
Shakespeare	Camilo Castelo Branco
Dante	Sá Carneiro
Ernesto Manaci	Fernando Pessoa
Fernão Lopes	<i>Ode Marítima</i>
<i>Menina e Moça</i>	T. S. Eliot
Bernardim Ribeiro	

1.2.4.3.2.1. BENITEZ, Justos Pastor. “El Medio Americano Al Través de Tres Escritores”. (245-248). A América Latina do ponto de vista dos três escritores.

Autores e/ou obras citadas:

Euclides da Cunha
A Margem da História
 Domingo Faustino Sarmiento
 José Eustácio Rivera

1.2.4.4.10.1. FILHO, Alphonsus de Guimarães. “Através de uma Poesia”. (249-253). Sobre a poeta Henriqueta Lisboa.

Autores e/ou obras citadas:

Flor da Mata
Velório
Prisioneira da Noite
Enternecimento
Madrinha Lua
A Face Lívida
Azul Profundo

1.2.4.5.2.1. MARQUES, Oswaldino. “A Revolução de Guimarães Rosa”. (254-255).

Estudo de *Corpo de Baile* de Guimarães Rosa.

Autores e/ou obras citadas:

Mário de Andrade
 Alcides Maia
 Hugo de Carvalho Ramos
 Simões Lopes Neto
 Afonso Arinos
 Coelho Neto
 Euclides da Cunha
Sagarana
Grande Sertão: Verdeas
 Shakespeare
Fausto
 Göethe
 Dante
 Tasso
 Camões

1.2.4.6.2.1. COUTINHO, Afrânio. “A Nova Crítica”. (256-258). Estudo sobre o New Criticism.

Autores e/ou obras citadas:

Dámaso Alonso
 Wellek
 Warren
 William Elton
 William Empson
 Richard Blackmur
 Kenneth Burke
 Clanth Brooks
 T.S. Eliot
 Helmut Hatzfeld
 Leo Sptzer
 Erich Auerbach

1.2.4.7.5.1. SÁFADY, Naief. “O Primeiro Romance Camiliano”. (259-260). Sobre *Anátema* primeiro romance de Camilo Castel Branco.

1.2.4.8.2.8. CUNHA, Sylvio. “A Fotografia será uma Arte?”. (261-263). A conceituação da fotografia como arte.

Autores e/ou obras citadas:

Delacroix
 Lamartine
 Lewis Mumford
 Carlos Drummond de Andrade
 Portinari
 Guignard

1.2.4.9.7.8. SÉRGIO, Paulo. “Índice Geral do Dicionário Bibliográfico Cearense de Guilherme Stuart”. (264-284). Pequeno histórico do Dicionário Bibliográfico Cearense.

1.2.6.1.6.8. n.c. “Catálogo das Publicações do INL”, (287-304).

Informes sobre a Enciclopédia Brasileira, Obras Subsidiadas da Enciclopédia Brasileira, Curso de Edótica, comemoração dos 117 anos de Machado de Assis, Exposição Landucci, Documentário Cinematográfico, I Congresso de Língua falada no Teatro, Semana Coelho Neto, Estudos de Filosofia e Os Países Hispano-Americanos e o Brasil.

1.2.7.1.7.8. OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (305-380). Publicações no Brasil entre abril e agosto de 1956.

Autores e/ou obras: vários

2.3.0.1.1.8. PEREIRA, José Renato Santos. “Um depoimento de Mário de Andrade”.

(3-5). Texto de Mário de Andrade que discute os problemas das bibliotecas populares no Brasil.

2.3.1.1.2.1. LAPA, Rodrigues. *A Ocultação nas “Cartas Chilenas”*. (11-28).
 A ocultação dos personagens de *Cartas Chilenas*.

Autores e/ou obras citadas:

Varnhagen
 Afonso Arinos
 Sacramento Blake
 Alberto Faria

2.3.1.2.10.7. CANNABRAVA, Eurylo. “Americanos e Europeus”. (25-35)

A diferença essencial entre os Estados Unidos e a Europa, é que os americanos acreditam na ciência, enquanto os europeus “vivem” a história.

2.3.1.3.2.1. PROENÇA, M. Cavalcanti. “Alguns Aspectos Formais de *Grande Sertão: Veredas*”. (34-54).

Tentativa de classificar a obra de Guimarães Rosa.

Autores e/ou obras citadas:

Mário de Andrade
 José de Alencar
 Charles Bally
Sagarana
 Saint-Hillaire
Viagens às Nascentes do São Francisco
 Afrânio Coutinho

2.3.1.4.2.1. SOUSA, J. Galante de. "Bento Teixeira e a Prosopopéia". (55-68)
 A vida e a obra de Bento Teixeira.

Autores e/ou obras citadas:

Diálogos
Naufrágio
Plutarco Brasileiro
Florilégio da Poesia Brasileira
Varões Ilustres
 Sacramento Blake
História Geral do Brasil
 Varnhagen
Diálogos das Grandezas do Brasil
Fênix Renascida
 Capistrano de Abreu
 José Veríssimo
Rico Avaro e Lázaro Pobre

2.3.1.5.2.1. CÂMARA, J. Mattoso. "Um Soneto de Machado de Assis". (67-74)
 Partindo do soneto *Ocidentais* de Machado de Assis, o autor faz um estudo do gênero soneto.

Autores e/ou obras citadas:

Dante
 Byron
 Wordsworth
 Spencer
 Milton
Memórias Póstumas de Brás Cubas
 Gregório de Matos
 Cláudio Manuel da Costa
Meridionais
 Alberto de Oliveira
Relíquias de Casa Velha
 Shakespeare

2.3.1.6.2.2. CARNEIRO, Felisberto. “Ainda a Origem da Tragédia II”. (75-81)
A natureza e função do coro na tragédia.

Autores e/ou obras citadas:

Camões
Ovídio
Byron
Manuel Bandeira

2.3.1.7.2.5. BARATA, Mário. “Araújo Pôrto-Alegre e a Missão Artística Francesa”. (83-93). A contribuição de Pôrto-Alegre para a cultura brasileira.

Autores e/ou obras citadas:

Martins Pena	Vitor Meireles
<i>Brasilianas</i>	Pedro Américo
<i>Cenas Naturais</i>	Félix Émile Taunay
<i>Corcovado</i>	Agostinho José da Costa
<i>Destruição das Florestas</i>	Sousa Lôbo
Gonçalves Dias	Honorato Lima
Sílvio Romero	Almeida Reis
Saint-Hillaire	Gonzaga Duque
Adriano Taunay	Jorge Vedras
Ferrez	Teófilo de Jesus
Debret	Franco Velazco
Pettrich	Rodrigo M. F. de Andrade
Thorwaldsen	<i>Primeira Missa</i>
Chaves Pinheiro	<i>Moema</i>
João Caetano	

2.3.1.8.10.8. FONSECA, Edson Nery. “Desenvolvimento da Biblioteconomia e da Bibliografia no Brasil”. (95-124) O autor faz um estudo do desenvolvimento da biblioteconomia no Brasil do século XIX até meados do século XX.

Autores e/ou obras citadas:

Ramiz Galvão
Augusto Meyer
Anuário Estatístico do Brasil
Boletim Bibliográfico
Bibliografia da Bibliografia Brasileira
Antônio Simões dos Reis
Dicionário Bibliográfico Brasileiro
Sacramento Blake

Dicionário Bio-Bibliográfico

João Francisco Velho Sobrinho
 Alfredo do Valle Cabral
 Manoel Cicero Peregrino da Silva

2.3.2.1.10.1. n.c.”Autógrafos de Edgar Mata”. (127-141) Os manuscritos das poesia de Edgar Mata.

2.3.3.1.10.1. n.c. n.c. (147-180). Consta desta matéria: Centenário de José Veríssimo, Um Artigo Esquecido. Cartas de Nabuco e Capistrano e Excertos.

Autores e/ou obras citadas:

Quadros Paraenses
Primeira Páginas
Viagem ao Sertão
 Emílio Littré
 Carlos Gomes
Cenas da Vida
Amazônica
Pará e Amazonas
Questão de Limite
Estudos Brasileiros
A Educação Nacional
A Amazônia
Aspectos Econômicos
O Século XX
A Pesca na Amazônia
Ginásio Nacional
A Instituição Pública e a
Imprensa
Estudos de Literatura
Brasileira
Homens e Cousas
Estrangeiras
O que é Literatura?
Outros Escritores.
História da Literatura
Brasileira
História Geral e da
Civilização
Para o Uso dos Alunos
da Escola Normal do
Distrito Federal
Letras e Literatos

Estudinhos Críticos de
Nossa Literatura do Dia
 Sílvio Romero
 Araripe Júnior
 Olavo Bilac
 Alberto de Oliveira
 Alphonsus de Guimarães
 Cruz e Sousa
 Coelho Neto
 Gregório de Matos
 Machado de Assis
 Brito Broca
 Joaquim Nabuco
 Goulart de Andrade
 Miguel Melo
 A Visão da Estrada
 Humberto de Campos
Rei Negro
 Afrânio Coutinho
 J. Galante de Sousa
 Capistrano de Abreu
Ressurreição
Memórias Póstumas de
Brás Cubas
Antônio José e Molière
Relíquias de Casa Velha
Dom Casmurro
Cinco Minutos, A
Viúvinha
Lucíola
Contos Fluminenses
Diva
Papéis Avulsos

Merimée
Les Mauvais goût mène
au Crime
Páginas Recolhidas
 Manuel de Almeida
Memórias de um
Sargentos de Milícias
 Dante
 Cervantes
 Haeckel
Helena
Esau e Jacó
Memorial de Aires
 Émile Zola
 Goethe
 Almeida Garret
 Musset
 Balzac
 Flaubert
 Renan
 Schopenhauer
 Rui Barbosa
 Manuel Antônio de
 Almeida
Efemérides
 Teixeira de Melo
Diário do Rio
 Orville Derby
 Vale Cabral
Americanas
Crisálidas
 Prescott

Ticknor	<i>Educação Sentimental</i>	Joaquim Manuel da
Bancroft	Numa Roumestan	Macedo
Fenimore Cooper	<i>Reis no Exílio</i>	José de Alencar
Longfellow	Daudet	Casimiro de Abreu
Bryant	Afonso Celso	Fagundes Varela
Beecher Stowe	<i>Um Invejado</i>	Gonçalves Dias
Bret Hart	Camões	<i>Pindorama</i>
Emerson	Frei Luís de Sousa	Melo Morais Filho
<i>Mark Twain</i>	<i>A Moreninha</i>	

2.3.4.1.2.1. FRIEIRO, Eduardo. “O Verdadeiro Bibliófilo”. (183-183). Segundo o autor, o verdadeiro bibliófilo chama-se Lowrich, personagem criado por Charles Nodier, escritor romântico francês.

2.3.4.2.2.7. LEWIN, Willy. “Breve Aproximação à Crítica de Cinema e Teatro com Algumas Palavras Preliminares sobre Problemas de Arte, Moralidade ou Prudência”. (187-190). As várias possibilidades de uma abordagem crítica.

Autores e/ou obras citadas:

Roger Caillois	Sófocles
<i>Vocabulaire Esthétique</i>	Shakespeare
Jean Hytier	Racine
<i>Les Arts de Littérature</i>	<i>Última Gargalhada</i>
T.S. Eliot	Murnau
Paul Valéry	King Vidor
André Malraux	<i>Encorajado Potemkin</i>
Pierre –Aimé Touchard	Eisenstein
Ésquilo	<i>Jeanne d’Arc</i>
	Dreyer

2.3.4.3.2.1. MARTINS, Luís. “Jorge de Lima”. (191-197). A vida e a obra de Jorge de Lima.

Autores e/ou obras citadas:

<i>O Acendedor de Lampiões</i>	<i>Tempo e Eternidade</i>
José Lins do Rêgo	<i>A Túnica Inconsútil</i>
<i>Invocação de Recife</i>	Georges Bernanos
Manuel Bandeira	<i>Invenção de Orfeu</i>
<i>Pau Brasil</i>	Cassiano Ricardo
<i>Macunaíma</i>	Carlos Drummond de Andrade
<i>Cobra Norato</i>	Mário de Andrade
Murilo Mendes	Manuel Anselmo

2.3.4.4.2.1. D'ELIA, Antonio. "Um Poeta de 45". (199-207) A obra do poeta Domingos Carvalho da Silva.

Autores e/ou obras citadas:

Poemas Escolhidos

Jorge de Lima

Montaigne

Bem Amada Efigênia

Girassol de Outono

Casais Monteiro

Hernani Cidade

O Conceito de Poesia como Expressão da

Cultura

Manuel Bandeira

Canto em Louvor da poesia

Rosa Extinta

Praia Oculta

Canção marítima

Sérgio milliet

Augusto Frederico

Elegia para os Suicidas do viaduto

Mensagem

Péricles Eugênio da Silva

Paulo Mendes Campos

Mário de Andrade

Schiller

Goethe

T.S. Eliot

2.3.4.5.2.8. SCHNEIDER, Otto. "A Mais Antiga Livraria Brasileira". (209-212).
Artigo sobre a livraria "Ao Livro Verde", considerada a mais antiga do país.

2.3.4.6.7.8. EULÁLIO, Alexandre. Índice do "Dicionário Bibliográfico Brasileiro" de A. V. A. Sacramento Blake". (213-236) Verbetes (A – D) do dicionário bibliográfico brasileiro de Sacramento Blake.

2.3.6.1.8.8. n.c. "Catálogo das publicações do INL". (239-252)

Catálogos das publicações do INL, onde consta *Centenário de Aluisio de Azevedo e Panorama de 1956*.

Autores e/ou obras citadas: vários

2.3.7.1.8.8. OTTONI, Áureo. "Bibliografia Brasileira Corrente". (255-323)
Lançamentos literários no Brasil entre setembro e dezembro de 1956.

Autores e/ou obras citadas: vários

2.4.1.1.2.8. HOUAISS, Antônio. "Sobre os Problemas da Averbção Enciclopédica". (7-21) Alguns problemas da *Enciclopédia Brasileira*, como introdução, diretrizes e normas gerais.

2.4.1.2.2.8. RODRIGUES, José Honório. "Os Problemas da História e As tarefas do Historiador".(23-38). O texto discute o conceito de história e o papel desempenhado pelo historiador.

Autores e/ou obras citadas:

W. Von Humboldt
 Ritter
 Marx
 Max Weber
 Benedetto Croce
 Arnald Toynbee
 Nietzsche
 Spengler
 Lloyd George
 Stanley Baldwin
 Goethe
 Pierre Denis
 Jacques Lambert
 Viana Moog
Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil
 Capistrano de Abreu
 Sérgio Buarque de Holanda
Retrato do Brasil
Política Geral do Brasil
 José Maria dos Santos
 Henry Hauser
 Paulo Prado
 Gilberto Freire
A Study of History

2.4.1.3.2.7. GRASSO, Dick Edgar Ibarra. “Sobre la Clasificación Marxista de Las Épocas Prehistóricas y la Arqueología Moderna”. (39-51). A tentativa de se classificar as sociedades do ponto de vista marxista.

Autores e/ou obras citadas:

F. Engels
El Origen de la Familia, de la Propiedad Privada y el Estado.
Ancient Society
 Lowis H. Morgan

2.4.1.4.2.1. HADDAD, Jamil Almansur. “Notas ao Romantismo Brasileiro”. (53-64). O autor estuda o complexo “amor e medo” nos romances brasileiros.

Autores e/ou obras citadas:

Mário de Andrade
 Álvares de Azevedo
 Casimiro de Abreu
 Rosário Fausto

Artur Ramos
Lira dos Vinte Anos
 Saint-Hilaire
Sobrados e Mocambos
 Wanderley Pinho
Salões e Damas do Segundo Reinado
A Valsa
 Afonso Costa
Poetas de Outro Sexo

2.4.1.5.5.1. COSTA e SILVA, Alberto da. “José Severiano de Resende e Alguns Temas de sua Poesia”. (65-72). Sobre a publicação do livro *Mistérios* de José Severiano de Resende.

Autores e/ou obras citadas:

Alphonsus de Guimarães
Mefistófele
 Baudelaire
 Vírgilio
 Homero
Cartas Paulistas
 Eduardo Prado
 Adrian Leverküh
 Thomas Mann
Doktor Faustus
 T.S. Eliot

2.4.1.6.2.1. FERREIRA, Izacyl Guimarães. “Um Esquema Tradicional”. (73-81)
 Sobre o poema *Profundamento* que integra o livro *Libertinagem* de Manuel Bandeira.

Autores e/ou obras citadas:

Pedro Salinas
 Augusto Meyer
 Etienne Gilson
 Ernest Robert Curtius
 Italo Sicialiano
 Anne Krause
 Jorge Manrique
 François Villon

2.4.1.7.2.1. BENITEZ, Justos Pastor. “Algunos Enasystas Americanos”. (83-91)
 Estudos sobre ensaístas do século XIX.

Autores e/ou obras citadas:

Taine	Alcides Arguendas
Sócrates	Cecílio Báez
Sarmiento	Enrique José Varona
José Enrique Rodó	Letelier
González Prada	Berreda
Eugenio Maria de Hosto	Fernando Ortiz
José Martí	Gilberto Freire
<i>Bases</i>	Max Enrique Ureña
<i>Facundo</i>	Alfonso Reyes
Joaquim Nabuco	Ricardo Rojas
Rui Barbosa	José Vasconcelos
Cecílio Del Valle	Arturo Capdevile
Andrés Bello	<i>El Crimen de la Guerra</i>
García Moreno	José Asunción Flores
<i>Los Siete Ensayos</i>	Juan Esteban Echeverría
Antonio Saco	

2.4.1.8.2.1. BROCA, Brito. "O Aparecimento de *O Cortiço* em 1890". (92-99). Estudo quando do lançamento do livro *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo.

Autores e/ou obras citadas:

Aluísio Azevedo	Nilo Bruzzi
<i>O Mulato</i>	Pedro Luís
Capistrano de Abreu	Eça de Queiroz
Urbano Duarte	Émile Zola
Sílvio Romero	Júlio Ribeiro
Araripe Júnior	<i>A Carne</i>
Bernardo Guimarães	<i>Livro de uma Sogra</i>
Manuel Antônio de Almeida	<i>O Homem</i>
Gonçalves de Magalhães	<i>Casa de Pensão</i>
Dutra e Melo	Luís Murat
<i>A Moreninha</i>	<i>Ondas</i>
Joaquim Manuel de Macedo	Pardal Mallet
<i>O Guarani</i>	<i>Brasileiros Antigos e Modernos</i>
José de Alencar	Medeiros e Albuquerque
Casimiro de Abreu	
<i>As Primaveras</i>	

2.4.2.1.10.8. SANTOS, Joaquim Felício do. "As Páginas do Ano 2000". (103-160). Sátira política escrita por Joaquim Felício dos Santos no reinado de D. Pedro II.

Autores e/ou obras citadas:

A Reconciliação de D. Pedro com o Marquês de Caxias

Laboulaye
 Júlio Verne
 Walter Scott
 Alexandre Dumas
 Kant
 Rosseau
Os Lusíadas
Vultos Nacionais

2.4.3.1.2.2. PENA, Martins. “Folhetins de Martins Pena”. (163-189).
 Crítica teatral feita por Martins Pena em folhetins e na Semana Lírica.

2.4.4.1.10.1. DAVID, Carlos. “A Educação do Poeta (Notas para uma biografia literária)”. (193-198) . Biografia do poeta Augusto Meyer

Autores e/ou obras citadas:

O Aprendiz de feiticeiro
 Mário Quintana
Sapato Florido
Vovó Musa
 José Pnto da Silva
História Literária do Rio Grande do Sul
 Émile Zola
Maitre de Forges
Segredos de Infância
À Sombra da Estante
Prêto & Branco
Literatrua e Poesia
Coração Verde
Giraluz
 Camões
 Euclides da Cunha
Caderno Azul
Un Homme Libre

2.4.4.2.2.1. MORAIS, Carlos Dante de. “Os Sentidos da Poesia de Baudelaire”. (199-202).
 A atitude de auto- condenação na poesia de Baudelaire.

Autores e/ou obras citadas:

Les Phases
 Edgar Allan Pöe
Les Fleurs du Mal
La Beauté

Les Bijoux

2.4.4.3.2.8. HECKER, Paulo. “Teatro, Cinema e a Obra Literária”. (203-206). Os pontos em comum entre teatro, cinema e obra literária.

Autores e/ou obras citadas:

Barbara Bel Geddes
Gérard Philippe
Laurence Oliver
O Gabinete do Dr. Caligari
Joana D’Arc
Monsieur Verdoux
Cecil B. de Mille
Robinson Crusoe
Daniel Dafoe
Cesare Zavattini
Billy Wilder
Frans Capra
Alfred Hitchcock
Vittorio de Sica
Rossellini
Roma, Cidade Aberta
Francisco, Arauto de Deus
A Morte do caxeiro Viajante

Laslo Benedek
Henry James
Frederic March
Viagens à Itália
Stefan Zweig
Mêdo
Arthur Miller
Kevin MacCarthy
André Gide
Shakespeare
Noel Coward
Uma Rua Chamada Pecado
Elia Kazan
Sartre
Ibsen
L’Engrnage

2.4.4.4.2.1. SIMÕES, Roberto. “Padre Vieira e o Amor Mundano”. (297-209). A obra de Padre Vieira pretendia apenas obter algum proveito espiritual, foi além disso, pois atingiu alvo não pretendido pelo autor.

2.4.4.5.2.6. PEREIRA, Sílvio Batista. “Apolinário Porto Alegre”. (211-213). No Brasil são poucos os que se dedicam à lingüística.

Autores e/ou obras citadas:

História da Revolução de 1835
Popularium Sul-Rio-Grandense
Artur Neiva
Estudos de Língua Nacional
Schleicher
Hovelacque
Max Mueller
Frederico Diez
Franz Bopp
William Whitney
De Nadaillac

Topinard
 Elisée Reclus
 Fernando Lázaro Carreter
Dicionário de Termos Filológicos

2.4.4.6.2.1. CUNHA, Sylvio da. “Permanência de Sá de Miranda”. (215-217).
 Sobre o poeta Sá de Miranda, a perenidade de sua obra.

Autores e/ou obras citadas:

Bernardino Ribeiro
 Gil Vicente
 Homero
 Lope de Veja

2.4.4.7.7.8. EULÁLIO, Alexandre. “Índice do Dicionário Bibliográfico Brasileiro de A.V.A. Sacramento Blake”. (219-232). Verbetes (E - L) do dicionário de Sacramento Blake.

Autores e/ou obras citadas: vários

2.4.6.1.8.8. n.c. “Catálogo das Publicações do INL”. (235-242). Na seção “noticiário” consta o Catálogo das Publicações do INL: Dois Centenários: Alberto de Oliveira e Fialho de Almeida, II Semana Nacional do Livro e O INL e a América Latina.

Autores e/ou obras citadas: vários

2.4.7.1.8.8. OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (245-303).
 Bibliografia lançada no Brasil entre janeiro e abril de 1957.

Autores e/ou obras citadas: vários

2.5.1.1.2.1. LAPA, M. Rodrigues. “O Texto das *Cartas Chilenas*”. M. Rodrigues Lapa. (7-21). Estudo genético de *Cartas Chilenas*.

2.5.1.2.2.1. ESTRADA, Ezequiel Martinez. “Balzac, Pöe y Dostoiewski”. (23-28).
 Estudo comparativo entre os 3 autores.

Autores e/ou obras citadas:

Proust
 Kafka
El Escarabajo de Oro
El Doble Asesinato de la Calle Morgan

La Carta Robada
 Luís Lambert
 William Wilson
Eureka
Serafita
Los Desterrados
Humillados y Ofendidos
La Prima Bette y El Primo Pons
Memórias Escritas en un Subterráneo
 Nietzsche
Eugenia Grandet
Maestro Cornelius
La Mujer de 30 Años
Los Chuanes
Papá Goriot
Un Gran Hombre de Provincia

2.5.1.3.2.1. PROENÇA, M. Cavalcanti. “Nota para um Rimário de Augusto dos Anjos”. (29-39). Estudo das rimas na poesia de Augusto dos Anjos.

Autores e/ou obras citadas:

Olavo Bilac
 Edgar Allan Pöe
 Bocage
 Cecília Meireles
Romanceiro da Inconfidência
 Castro Alves
O Corvo
Filosofia da Composição
A Meretriz

2.5.1.4.2.1. VARGAS, Augusto Tamayo. “Tres Poetas de América”. (41-58).
 Estudo sobre César Vallejo, Pablo Neruda e Nicolás Guillén.

Autores e/ou obras citadas:

Henrique Gonzáles Martines
 José Santos Chocano
 Herrera Reissing
 Enrique Gonzáles Martínez
 Ronald de Carvalho
 José Carlos Mariátegui
 José Maria Eguren
 Abraham Valdelomar
 Enrique Bustamante y Ballivián

Los Heraldos Negros
Poemas Humanos
 Verlaine
 Trilce
Crepusculario
El Hondero Entusiasta
Veinte Poemas de Amor y Una Canción Desesperada
Residencia en la Tierra
 T. S. Eliot
Poesia y Estilo de Pablo Neruda

2.5.1.5.2.1. GARCIA, Othon.”A Página Branca e o Deserto”. (59-71). A luta pela expressão em João Cabral de Melo Neto.

Autores e/ou obras citadas:

Valéry
 Mallarmé

2.5.1.6.2.1. BENITEZ, Justo Pastor. “El Ensayo en Ibero América (II)”. (73-81). O ensaísta deixa a visão panorâmica americana para se concentrar no ideal nacional.

Autores e/ou obras citadas:

Pedro Henrique Ureñas	Luis López de Meza
A.Zum Felde	Justo Prieto
Gilberto Freire	Natalício González
Leopoldo Zea	Rafael Heliodoro Valle
Jorge Mañach	Miguel Ángel Asturias
Merardo Vitier	Antonio Caso
E. Martínez Estrada	Alfonso Reyes
Jorge Luís Borges	José Vasconcelos
J. C. Mariátegui y Valcárcer	Henriques Ureñas
Benjamin Carrión	Rubén Dário
F. Diez de Medina	Emeterio Santovená
G. Trancovich	Juan José Ramos
Ricardo Donoso	Félix Lizaso
Baldomero Sanín Cano	

2.5.1.7.2.1. JUCA, Cândido (Filho).”Quem Seja o Autor do *Naufrágio*”. (83-88). Polêmica quanto a autoria da obra *Naufrágio*.

Autores e/ou obras citadas:

J. Galante de Souza

Curso de Português
A Literatura no Brasil
 Afrânio Coutinho
 Jorge d'Albuquerque Coelho
 Bento Teixeira Pinto
 Afonso Luís Pilôto
Cartas Chilenas
História Trágico-Marítima
 Bernardo Lopes de Brito

2.5.1.8.2.3. BANDEIRA, Antônio Rangel. “A Composição Pianística no Brasil”. (89-97).
 As composições brasileiras específicas para piano

Autores e/ou obras citadas:

Murilo Mendes
 Luís Heitor
150 anos de música no Brasil
 Listz
Sertaneja
 Brasília Itiberê
 Carlos Gomes
Marcha Humorística
Paisagens Tropical
10 Estudos para Piano
 Deolindo Tróis
 Francisco Vale
Batel da Dor
Serenata Antiga
Romance
Valsa Lenta
Corrupção
Marabá
Episódio Sinfônico
Insônia
 Francisco Braga

2.5.2.1.2.1. NÓBREGA, Mello. “Os Sonetos do Sonêto”. (101-146). Estudo da obra Otto Maria Carpeaux, onde o autor discorre sobre o sonêto explicando a vitalidade dessa forma poética rígida.

Autores e/ou obras citadas:

Otto Maria Carpeaux

Petrarca

Du Bellay
 Ronsard
 Marot
 Santillana
 Camões
 Jean Meschinot
Les Lunettes des Princes
 Guillaume Crétin
 Jean de Hesnaut
 Valéry
 Manuel Bandeira
 Alphonsus de Guimarães
 Manuel Machado
 Rubén Dário
 Dámaso Alonso

Novos Sonetos
 Alberto d'Oliveira
 Bocage
 Álvaro de Castelões
O Sonho do Infante D. Henrique
 Felinto de Almeida
 Cruz e Sousa
Jardim Sem Flores
 Francisca Júlia da Silva
 Paulo Rónai
Pefeição
 João do Leme
 Lope de Veja
Niña de Plata

2.5.3.1.4.8. KOSERITZ, Carlos Von. “As Cartas da Côrte”. (149-176). São 6 cartas escritas pelo Barão Carl Von Koseritz, alemão radicado no Rio Grande do Sul, sobre a côrte de Dom Pedro II.

2.5.4.1.2.8. CANNABRAVA, Euryalo. “Bélgica”. (179-202). Este artigo faz parte de uma série intitulada *Impressões de Viagens*.

2.5.4.2.2.1. SOUSA, J. Galante de. “Em Torno do Amedotário Machadiano”. (203-206). Machado de Assis como personagem de amedotas

Autores e/ou obras citadas:

Emílio de Menezes
 Paulo Nery
Dom casmurro
 Machado de Assis
Amedotas Históricas Brasileiras
 Lúcia Miguel Pereira
 Max Fleiuss
Cousas do Meu Tempo
 Artur Azevedo
 Alfredo Pujol

2.5.4.3.2.8. LIMA, Herman. “Escritores Caricaturistas”. (207-224). A relação entre a literatura e as artes plásticas.

Autores e/ou obras citadas:

Lucien Refort

La Caricature Littéraire

Daumier

Balzac

Gustave Doré

Victor Hugo

Abel Faivre

Maupassant

Eugênio Gomes

O Realismo Gráfico de Machado de Assis

Espelho Contra Espelho

Confluências, Dibujos de Literatos

Jean Cocteau

A Barricada

A Segunda Passagem do Mar Vermelho

Coelho Neto

O Cortiço

Aluísio Azevedo

Josué Montelo

Aluísio Azevedo e a Caricatura no Tempo do Império

Histórias da Vida Literária

2.5.4.4.7.8. EULÁLIO, Alexandre. “Índice do Dicionário Bibliográfico Brasileiro de A. V. A. Sacramento Blake- III”. (225-242). Verbetes (M - P) do Dicionário Bibliográfico Brasileiro.

Autores e/ou obras citadas: vários

2.5.6.1.8.8. n.c. “Catálogo das Publicações de INL”. (245-242). Nesta seção constam os catálogos das publicações do INL e um texto sobre os últimos dias de vida do poeta Edgar da Mata.

Autores e/ou obras citadas: vários

2.5.7.1.8.8. OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (255-306). As publicações no Brasil entre maio e julho de 1957.

Autores e/ou obras citadas: vários

2.6.0.1.10.8. n.c. “Nosso Vigésimo Aniversário”. (5-6). Texto comemorativo aos 20 anos do INL.

2.6.1.1.2.1. ETCHEVERRY, Manuel Graña. “La Equivalencia de Oxítonos, Paroxítonos y Proparoxítonos a fin de verso”. (9-53). A sonoridade e a métrica na poesia.

Autores e/ou obras citadas:

Manuel Bandeira
 Mário de Alencar
 Juan Caramuel
 Olavo Bilac
 Guimarães Passos
 Said Ali
 Méndez Bejarano
 Cruz e Sousa
 Juan del Encina
 Juan Dáz Rengifo
 Alonso López Pinciano
 Luis Alfonso de Carvalho
 Francisco Cascales
 Gonzalo Correas
 Juan Villar

Navarro Tomás
 Samuel Gili Gaya
 Vicente Salvá
 Garcilaso
 Andrés Bello
 Calderón de la Barca
 Casimiro de Abreu
El Alcalde de Zalamea
 Camões
 Robles Dégano
 José Gómez Hermosilla
Os Lusíadas
 Tomás de Iriarte
La Campana y el Esquilón

2.6.1.2.2.6. SOUSA, Arlindo de. “O nome Portugal”. (57-73). A origem da palavra “Portugal”.

2.6.1.3.2.1. GARCIA, Othon. “A Página Branca e o Deserto (II)”. (75-84). Continuação do número anterior onde o autor analisa a obra de João Cabral de Melo Neto.

Autores e/ou obras citadas:

Augusto Meyer
 Duas Águas
 Mário de Andrade
 Carlos Drummond de Andrade
 Mallarmé
 Apollinaire
 Valéry
 Décio Pignatari
Cartas Chilenas
Arte de Furtar
 Fidelino Figueiredo

2.6.1.4.10.8. GRASSO, Dick Edgar Ibarra. “La Verdadera História de Los Incas”. (85-93). O autor do texto discorre sobre algumas obras que contam a história do Incas.

Autores e/ou obras citadas:

Garcilaso de La Veja
 L. Baudín
El Imperio Socialista de los Incas
 Cieza de León

Sarmiento de Gamboa
 Arthur Posnanski
 Max Uhle
 Dr. José Imbelloni

2.6.1.5.2.7. GONÇALVES, Suzana. “O Testemunho de Simone Weil”. (95-104). Sobre o pensamento da ativista política Simone Weil.

Autores e/ou obras citadas:

Kierkegaard
 Nietzsche
 Charles Chaplin
 Karl Marx
Oppression et liberté
 Rabelais

2.6.1.6.2.6. CÂMARA, J. Mattoso. “A Coroa de Rubião”. (105-109). O estilo lingüístico na obra *Quincas Borba* de Machado de Assis.

Autores e/ou obras citadas:

Saussure
 Trubetzkoy
 Karl Bühler
Quincas Borba
 Machado de Assis

2.6.1.7.2.1. RELA, Walter. “Literatura Dramática Sudamericana Contemporânea”. (111-122). Estudo da literatura dramática sul – americana.

Autores e/ou obras citadas:

Martins Pena
 Manuel Segura
 Blest Gana
 Juan José Botero
 Florencio Sanches
 Pedro Salinas
 Pirandelo
 Sartre
 Prístley
 Bretch
 Christopher Fry
An Experience of Critics
 Francisco Defilippis Novoa

Enrique Gustavino
Pedro e. Pico
 Rodolfo Gonzáles Pacheco
 Arturo Cerretani
 Roberto Arlt

2.6.1.8.2.1. BARBOSA, Francisco de Assis, “Lima Barreto, Precursor do Romance Social”. (123-131). A trajetória literária de Lima Barreto.

Autores e/ou obras citadas:

Lúcio de Mendonça	<i>Clara dos Anjos</i>
José Veríssimo	<i>Recordações do Escrivão Isaias Caminha</i>
Guimarães Passos	<i>Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá</i>
Olavo Bilac	Taine
Emílio de Meneses	Eça de Queiroz
Felix Pacheco	Bruntière
Machado de Assis	Veiga Miranda
Euclides da Cunha	<i>Triste Fim de Polocarmo Quaresma</i>
Sílvio Romero	<i>Numa e Ninfa</i>
Teixeira Nunes	Graça Aranha
Oto de Alencar	Coelho Neto
Descartes	Afonso Arinos
Condillac	Valdomiro Silveira
Condorcet	Afrânio Peixoto
Kant	Monteiro Lobato
Spencer	Ranulfo Prata
Comte	<i>Impressões de Leitura</i>
<i>Discurso do Método</i>	
<i>Diário Íntimo</i>	

2.6.1.9.2.2. NETO, José Texeira. “Teatro de Província”. (133-154). As representações teatrais no Arraial do Tijuco (Diamantina).

Autores e/ou obras citadas

<i>Dido Abandonado</i>	Manuel Quintino de Araújo
<i>Memórias do Distrito Diamantino</i>	Meireles
<i>O Salteador</i>	Kean ou A Desordem e Gênio
<i>Contos do Padre Silvério, Viagário de Paraopeba</i>	Alexandre Dumas
Cônego Joaquim Gomes Carvalho	<i>Os Dois Renegados</i>
	José da Silva Mendes Leal Júnior
	<i>Os Seis Degraus do Crime</i>
	Teodoro d' Hargeville
	Antier Benjamim
	<i>Pedro Sem, que já teve e hoje não tem</i>

A Última Assembléia dos Condes Livres
Nova Castro

João Batista Gomes Júnior

Os Sete Infante de Lara

Juan de La Cueva

Trinta Anos ou A Vida de um Jogador

Victor Ducange

Dinaux

Otelo ou O Moro de Veneza

Luís Augusto Rebêlo da Silva

Victor Hugo

Joaquim Manuel de Macedo

Martins Pena

O Máscara Negra

A Noite do Castelo

Francisco José Ferreira Tôrres

Dom César de Bazan

Artur ou Depois dos Dezesesseis Anos

Duperty

Caetano Lopes Moura

O Caixeiro da Taverna

Schiller

O Gravador de Lápides

Luís Maria Bordalo

Domingos José Gonçalves de Magalhães

Antônio José, o Judeu

O Meirinho e a Pobre

Francisco Pinheiro Guimarães

História de uma Moça Rica

John Bul ou O Pirata Inglês

Joaquim Felício dos Santos

Os 29 ou Honra e Glória

José Felipe Ovídio Romano

Quem Perfia Mata a Caça

Elogio Dramático

O Nobre e o Plebeu

Octave Feuillet

Amor Filial

A Maldição

Teodomiro Alves Pereira

2.6.2.1.10.1 PENA, Martins. "O Rei do Amazonas". (155-165). Fragmento de um texto de Luís Carlos Martins Pena.

2.6.3.1.10.8. LIMA, Oliveira. "Machado de Assis e sua obra literária". (171-189). Conferência pronunciada por Oliveira Lima na Sorbonne em homenagem a Machado de Assis.

Autores e/ou obras citadas:

José de Alencar

Racine

Casimiro de Abreu

Castro Alves

Anatole France

Almeida Garret

Esau e Jacó

Relíquias de Casa Velha

Crisálidas

Iaiá Garcia

Victor Hugo

Memória Póstumas de Brás Cubas

Ressurreição

Quincas Borba

Americanas
Contos Fluminenses
Memorial de Aires
Divina Comédia
 Dante

2.6.4.1.2.1. ETIENNE, João (Filho). “Otávio de Faria”. (193-202). Sobre o romance *Tragédia Burguesa* de Otávio de Faria.

Autores e/ou obras citadas:

Balzac
 Proust
 Dostoiewski
 Mário de Andrade
Mundo dos Mortos
O Caminho da Vida
O Lôdo das Ruas
Anjo de Pedra
Os Loucos
Fronteiras da Sanidade
Destino do Socialismo

2.6.4.2.10.1. HECKER, Paulo (Filho). “Reposição de Teses Oraís”. (203-213). Texto da discursão em plenária de alguns problemas da poesia brasileira no Congresso de Escritores de Caxias do Sul.

Autores e/ou obras citadas:

João Cabral de Melo Neto
Pedra do Sono
 Carlos Drumond de Andrade
Duas Águas
Uma Faca Só Lâmina
O Rio
Morte e Vida Severina
 Lêdo Ivo
Cânticos
Um Brasileiro em Paris
O Rei da Europa

José Paulo Moreira da Fonseca
A Tempestade e Outros Poemas
 Tiago de Melo
Silêncio e Palavra
Narciso Cego
A Lenda da Rosa
 Afonso Félix
O Amoroso e a Terra
 La Fontaine
 Victor Hugo

2.6.4.3.2.3. COSME, Luís. “Três Compositores Brasileiros”. (215-219). Sobre os compositores José Maurício, Carlos Gomes e Vila Lôbos.

2.6.4.4.2.2. DAMASCENO, Darcy. “Martins Pena e o Conservatório Dramático”. (221-224). Os dissabores de Martins Pena quando foi eleito 2º secretário do Conservatório Dramático Brasileiro.

Autores e/ou obras citadas:

O Juiz de Paz da Roça
Vitiza ou Nero de Espanha
Otelo
O Judas em Sábado de Aleluia
O Noviço

2.6.4.5.5.7. ALVARENGA, Octávio Mello. “Huis Clos e o Apocalipse”. (225-227). Sobre *Huis Clos* de J. P. Sartre.

Autores e/ou obras citadas:

Dante
Divina Comédia
 T. S. Eliot

2.6.4.6.8.8 CARNEIRO, Edison. “Festas Tradicionais”. (229-230). O autor faz um levantamento das festas populares brasileiras.

2.6.4.7.10.8. PÔRTO, Vera da Silva. “*Tratamento das Publicações das Nações Unidas*”. (231-264). *Como são selecionados e guardados os documentos das Nações Unidas*.

2.6.4.8.7.8. EULÁLIO, Alexandre. Índice do “Diccionário Bibliográfico Brasileiro de A. V. A Sacramento Blake. (265-284)”. Verbetes (Q – Z) do dicionário de S. Blake.

Autores e/ou obras citadas: vários

2.6.6.1.10.8. n.c. “Catálogo das Publicações do INL”. (287-290). Consta desta seção: Catálogos das publicações do INL, Noticiário da Enciclopédia Brasileira e Dois Comentários (os centenários de dois escritores: Filinto de Almeida e José Francisco da Rocha Pombo).

2.6.7.1.8.8. OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (293-336). Bibliografia publicada no Brasil entre agosto e outubro de 1957.

Autores e/ou obras citadas: vários

3.7.1.1.2.8. LAPA, M. Rodrigues. “*Subsídios para a Biografia de Cláudio Manuel da Costa*”. (7-25). *O texto tenta elucidar certos passos na carreira política de Cláudio Manuel da Costa*.

Autores e/ou obras citadas:

Caio de Melo Franco
Obras Poéticas
Vila Rica
Cartas Chilena

3.7.1.2.2.1. BENITEEZ, Justo Pastor. “Panorama de la Literatura Paraguaya en el SigloXX”. (27-42). O desenvolvimento da literatura paraguai no século XX.

Autores e/ou obras citadas:

Cecílio Baéz	<i>El Jardin Del Silencio</i>
Manuel Gondra	<i>Conceptos Esteticos</i>
Manuel Domínguez	<i>Las Vertebrae de Pan</i>
<i>El Alma de la Raza</i>	<i>Ródopis</i>
Fulgencio Moreno	<i>Cármenes</i>
<i>Estudio Sobre la Independencia</i>	Ignacio A. Pane
<i>La Ciudad de Asunción</i>	<i>Canto a la Mujer Paraguaya</i>
Juan Emiliano O’Leary	Eusebio Ayala
<i>Solano Lopes y el Centauro de Ybicuí</i>	<i>Patria y Libertad</i>
<i>Nuestra Epopeya</i>	<i>Migraciones Paraguayas</i>
Alejandro Guanés	<i>El Materialismo Histórico</i>
<i>De Passo Por La Vida</i>	<i>El Problema de la Tierra</i>
<i>Del Viejo Saber Olvidado</i>	<i>Ara y Canta</i>
<i>Las Siete Palabras</i>	<i>Las Saucos de Babilonia</i>
Carmen Sanborezano	<i>El Aguila de La Guardia-Cárceles</i>
Eloy Fariña Nuñez	<i>La Relatividad de Einstein y Velasques</i>
<i>Canto Secular</i>	
<i>Al General Dias</i>	

3.7.1.3.2.1. GARCIA, Othon M. “A Página Branco e o Deserto”. (43-59). Ensaio sobre João Guimarães Rosa.

Autores e/ou obras citadas:

Carlos Bousoño
Duas Águas
Pedra do Sono
Cão Sem Pluna

3.7.1.4.2.1. RÉVAH, I. S. “João de Barros”. (61-71). Estudo sobre o cronista João de Barros.

3.7.1.5.2.4. LUCAS, Fábio. “Sobre a Crítica do Cinema”. (73-82). A falta de um modelo para a crítica cinematográfica.

Autores e/ou obras citadas:

Dickens
 Balzac
 Dostoiewsky
 Edgar A. Poe
 Baudelaire
 Cervantes
D. Quixote
 Rimbaud
 Proust
 Raul Pompéia
 Maupassant
Hamlet
O Sálario do Mêdo
Ladrões de Bicicletas

3.7.1.6.2.1. IVO, Lêdo. “A Moça e o Prosador”. (83-93). O autor propõe um prefácio imaginário para o romance *Abadias*, de Ciro dos Anjos.

Autores e/ou obras citadas:

Ciro dos Anjos
 Machado de Assis
O Amanuense Belmiro
The Well-Beloved
 Thomas Hardy
Montanha
Abadias
Dom Casmurro
 Sérgio Milliet
Relíquias de Casa Velha
Memorial de Aires
 Stendal
 Flaubert
 Anatole France
 Marcel Proust

3.7.1.7.2.8. DOURADO, Mecenas. “Dois Livros sobre Hipólito da Costa”. (95-107). Sobre as perseguições pelo Santo Ofício do jornalista maçom Hipólito José da Costa.

3.7.1.8.2.1 NÓBREGA, Melo. “Fagundes Varela, Plagiário?”. (109-120). As críticas quanto a originalidade de Fagundes Varela.

Autores e/ou obras citadas:

Humberto de Campos
 Olavo Bilac
 Vicente de Carvalho
 Alberto Faria
 Agripino Grieco
 José Veríssimo
História da Literatura Brasileira
 Gonçalves Dias
 Franklin Távora
Diário de um Lázaro
Vozes da América
 Quirino dos Santos
Mauro, o Escravo
I Juca Pirama
 Junqueira Freire
Inspirações do Claustro
Sombra e Sonho
 Casimiro de Abreu
 Teixeira de Melo
Contos e Fantasias
Primaveras

Melo Morais Filho
Juramento
Flor de Maracujá
Cantos Meridionais
 Ronald de Carvalho
Juvenília
Espumas Flutuantes
Noturnos
 Castro Alves
Vozes d'África
 Basílio da Gama
Recitativo
Amor e Ódio
 Luís Guimarães Júnior
Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Romântica
 Manuel Bandeira
 Álvares de Azevedo
Estâncias Teresa
Madrigal Melancólico

3.7.1.9.2.6. HOUAIS, Antônio. “Sobre a Linguagem de Vila dos Confins”. (121-153). O universo verbal de *Vila dos Confins*.

3.7.2.1.10.1. HORCH, Hans-Juergen. “Jesuítas e Frades”. (157-171). Comentário de um fragmento inédito de Castro Alves.

Autores e/ou obras citadas:

.
Espumas Flutuantes
Os Escravos
 Afrânio Peixoto
 Junqueira Freire
Obras Completas de Castro Alves
 Álvares Guimarães

3.7.3.1.10.8. PANDIÁ, Calógeras. “A Política Monetária no Brasil”. (183-198). Tradução do texto *La Politique Monétaire du Brésil* de J. P. Calógeras

3.7.4.1.2.7. TÁVORA, Franklin. “Dimensões do Mítico”. (201-205). As formas do auto conhecimento do ser humano.

Autores e/ou obras citadas:

Meister Eckhart
Angelus Silesius
 Kierkegaard
 Numberg
 Schilder
 Reik
 Karl Barth
 Dostoiewsky
 Sartre
 Heidegger
 Husserl
 Scheler
 Laski
 Hartmann
 Jaspers
O Posto do Homem Cósmico
 Alexandre Blok
Uma Vez no Coro
 Rilke
O Canto é a Existência

3.7.4.2.2.1. MARTINS, Heitor. “Manuel del Cabral: Hóspede do Mundo”. (207-213).
 Sobre o poeta Manuel del Cabral

Autores e/ou obras citadas:

César Vallejo
 Pablo Neruda
 Huidobro
 Manuel Bandeira
 Gabriela Mistral
 Eduardo Joubín Colombres
Chinchina busca el tiempo
Parábolas
Compadre Mon
De este lado del mar
Trópico Negro
Sangre Mayor
Los huéspedes secretos
Um cuarto de siglo de poesia
 Guillén

3.7.4.3.2.3. COSME, Luís. “Ensaio Sobre a Música Brasileira”. (215-220). Estudo sobre a música concreta.

3.7.4.4.2.4. SOUZA, Cláudio Mello e. “Tentativas de um Cinema Brasileiro”. (221-227). A propósito do panorama do cinema brasileiro, em especial o filme *Rio, Zona Sul*.

Autores e/ou obras citadas:

Ademar Gonzaga	<i>O homem que chutou a consciência</i>
Humberto Mauro	<i>Amei um Bicheiro</i>
<i>Lábios sem Beijos</i>	Nelson Pereira dos Santos
<i>Barro Humano</i>	Lima Barreto
<i>Brasa Dormida</i>	<i>O Cangaceiro</i>
<i>Ganga Bruta</i>	<i>Caiçara</i>
<i>Descobrimento do Brasil</i>	<i>Terra e sempre Terra</i>
<i>Alô, Alô Brasil</i>	<i>Painel Volta Redonda</i>
<i>Alô, Alô Carnaval</i>	<i>Simão, o Caolho</i>
<i>Limite</i>	<i>Canto do Mar</i>
Mário Peixoto	<i>O Sertanejo</i>
<i>Uma Aventura aos 40</i>	<i>Rio 40°</i>
Silveira Sampaio	
<i>O Ébrio</i>	

3.7.4.5.5.1. REIS, Antônio Simões dos. “Crítica no Brasil em 1894”. (229-234). A crítica literária brasileira em 1894, através da imprensa carioca.

3.7.4.6.7.8. CARMO, Célio Assis do. “Índice Brasileiro do Dicionário Bibliográfico”. (235-251). Verbetes de (A – K) do Dicionário Bibliográfico Português, de Inocêncio Francisco da Silva.

Autores e/ou obras citadas: vários

3.7.6.1.8.8. n.c. “*O Panorama Literário de 1957*”. (255-256). *Constam desta seção: Catálogos das publicações do INL e o panorama literário de 1957.*

Autores e/ou citados: vários

3.7.7.1.8.8. OTTONI, Aureo. “**Bibliografia Brasileiro Corrente**”. (265-309). **Bibliografia lançada no Brasil entre novembro e dezembro de 1957.**

Autores e/ou citadas: vários

3.8.1.1.2.1. GRÜNEWALD, José Lino. “Poesia Concreta”. (9-36). A definição de poesia concreta.

Autores e/ou obras citadas:

<i>Cassier Linguagem e Mito</i>	Herbert Read
	Mallarmé

Haroldo de Campos
 Gomringer
 Valery
Um Lance de Dados
 Robert Greer Cohn
 David Hayman
Joyce et Mallarmé
Finnegans Walke
 Laforgue
 Corbière
 T. S. Eliot
 Ernest Fenellosa
 A Escritura Chinesa Como Meio de Poesia
 Lewia Carol
Un Cop de Dés
Ulisses
 Joseph Campbell
 H. M. Robinson
 Ezra Pound
 Augusto de Campos
 Marinetti
 Cangiulo
 Ungaretti
 Palazzeschi
 Klee
 Kandinsky

Morgenstern
 Arno Holz
 August Stramm
 Kurt Schwitten
 William Carlos Williams
 Frederico Garcia Lorca
Canciones
 Oswaldo de Andrade
 João Cabral de Melo Neto
Fábula de Anfiôn
Psicologia da Composição
Antiode
Cão Sem Pluma
O Rio
Auto de Severina
Uma Faca Só Lâmina
 Décio Pignatari
Constelações
 Diogo Pacheco
 Maria José de Carvalho
 Willeys de Castro
 Ferreira Goulart
 Ronaldo Azevedo
 Pedro Xisto
Noigandres 3
 Wladimir Dias Pino

3.8.1.2.2.1. MARQUES, Oswaldino. “Concretismo, ou Uma Hipótese Autocontrariada”.(37-53). A estrutura da poesia concreta.

Autores e/ou obras citadas:

Valéry
 Elizabeth Sewell
 Mallarmé
 Rimbaud
 Rudolf Carnap
 Enry Poincaré
La Science et L’Hypothèse
 Kant
Crítica da Razão Prática

3.8.1.3.4.1. BROCA, Brito. “No Arquivo de Coelho Neto – a correspondência passiva do autor de Sertão”. (55-83). A correspondência recebida por Coelho Neto.

Autores e/ou obras citadas:

Olavo Bilac
O Rei Negro
 Luís Murat
 Guimarães Passos
 José Veríssimo
Estudos de Literatura Brasileira
A Conquista
O Bico de Pena
A Vida Literária no Brasil
 Humberto de Campos
La Drôle de Guerre
 Roland Dorgelés
 Eça de Queiroz
 Euclides da Cunha
Paisagens Espanholas
Coração Sensível
 Figueiredo Pimentel
O Cortiço
 Lauro Miller
 Mário de Alencar

 Ramiz Galvão
 Rui Barbosa
 Salvador de Mendonça
 Vicente de Carvalho
 Medeiros e Albuquerque
 Paul Claudel
Portage de Midi
 Dantas Barreto
 Afrânio Peixoto
A Academia Brasileira
 Fernão Neves
 Dantas Barreto
 Aluísio Azevedo
Impressões de Europa
 Osório Duque Estrada
 José do Patrocínio Filho
O Fabuloso Palucínio Filho
 Magalhães Júnior
 Miguel Couto

A Treva
 Monteiro Lobato
Cancioneiro Alegre
 Camilo Castelo Branco
 Gaspar da Silva
Canhenho de um Jornalista
 Eduardo Prado
O Filho das Trevas
 Do Desafio à Debandada
 Manuel Souza Pinto
Turbilhão
 João de Barros
Canaã
 Graça Aranha
Fertilidade
 Mandovi
Cega
A Tapera
Segundas Nupcias
Macambira
Sertão
 Marcel Prévost
 Perez Galdós
 Valle-Inclán
Os Velhos
 Anatole France
Dom Casmurro
Brás Cubas
 Machado de Assis
 Sílvio Romero
Pequena História da Literatura Brasileira
No Rancho
O Dinheiro
A Praga
Miragem
Assombramento
 Martin Brussot
Inverno em Flor
Água da Jumenta

3.8.1.4.2.1. GARCIA, Othon M. “A Página Branca e o Deserto – Área dos Símbolos”. (85-103). Conclusão do texto iniciado em números anteriores sobre João Cabral de Melo Neto.

Autores e/ou citadas:

Guimarães Rosa
 Mário Palmério
 Valéry
 Gonçalves Dias
 Carlos D. de Andrade
 Joaquim Cardozo
 Edgar A. Pöe
 Mallarmé
 Baudelaire
O Engenheiro
Pedra do Sono
Duas Águas
Amphion

3.8.1.5.10.8. LAPA, Rodrigues M. “Tirandentes e Gonzaga”. (103-110). Transcrição da conferência realizada em abril de 1958, por ocasião das festividades de Tiradentes.

Autores e/ou obras citadas:

Alvarenga Peixoto
 Cláudio Manuel da Costa
Cartas Chilenas

3.8.1.6.2.1. LINHARES, Temistocles. “Macedo e o Romance Brasileiro”. (111-117). O papel de Joaquim Manuel de Macedo na consolidação do romance brasileiro.

Autores e/ou obras citadas:

A Moreninha
 Gonçalves Dias
O Filho do Pescador
 Pedro Dantas
 Antônio Candido
 José de Alencar
O Moço Loiro
Os Dois Amores
A Luneta Mágica
Memórias do Sobrinho de Meu Tio
Memórias da Rua do Ouvidor
 Dutra e Melo
 Sílvio Romero
 Astrogildo Pereira
 Tristão de Ataíde

3.8.1.7.10.8. CARNEIRO, Edison. “Combate no Recife (1849)”. (119-136). Sobre a revolução dos Praieiros.

3.8.1.8.2.6. HOUAISS, Antônio. “Sobre a Linguagem de Vila dos Confins”. (137-164). Continuação do número anterior da Revista, onde o autor analisa a linguagem em *Vila dos Confins* de Mário Palmério.

3.8.2.1.2.8. VERÍSSIMO, José. “*Papéis Avulsos*” (167-180). *Três artigos que a princípio foram escritos para O Imparcial: o primeiro, analisa 3 livros publicados em 1914, o segundo, de caráter político e finalmente, esquemas dos capítulos da História da Literatura Brasileira.*

Autores e/ou obras citadas:

A Chave de Salomão
 Guilberto Amado
Esmaltes e Camafeus
 Eduardo Ramos
Correspondências, Notas e Colóquios
 Victor Orban
 Machado de Assis
 Pinheiro Machado
 Hermes Fontes
O Mundo em Sangue
Saudações aos Belgas
O Desastre Alemão
A Europa Conflagrada
 Gonçalves Dias
 José de Alencar

3.8.3.1.2.1. CUNHA, Euclides da. “O Brasil Mental”. (185-193). Compilação de três artigos de Euclides da Cunha, que estavam dispersos em jornais.

Autores e/ou obras citadas:

Camilo Castelo Branco
 José Pereira Sampaio
Pátria
 Guerra Junqueiro
 Os Lusíadas
 Victor Hugo
 Schiller
 Kant

3.8.4.1.5.1. ESTRADA, Ezequiel Martinez. “Placa de uma Radiografia”. (201-203). Sobre a obra *Radiografia de la Pampa*.

Autres e/ou obras citadas:

Casa Grande e Senzala

Gilberto Freire

Facundo

Sarmiento

Ojeada Retrospectiva

Dogma Socialista

Echeverría

Conflictos y Armonías de las Razas en América

Invariantes Históricas en el “Facundo”

3.8.4.2.2.1. BRITO, Mário da Silva. “Mário de Andrade e seu Primeiro Livro (notas para a história do modernismo brasileiro)”. (205-209). A aproximação de Mário de Andrade com Oswald de Andrade e a publicação de seu primeiro livro *Há uma gota de sangue em cada poema*.

Autores e/ou obras citadas:

Miguel Calmon

Olavo Bilac

Coelho Neto

Paul Fort

Marinetti

3.8.4.3.10.1. FRIEIRO, Eduardo. “Recordando Os Amigos do Livro”.(211-216). Episódios da vida literária em Belo Horizonte.

Autores e/ou obras citadas:

O Escrivão não é Triste

Ingenuidade

João Alphonsus

Carlos D. de Andrade

Ciro dos Anjos

Alfredo Balena

Antônio Borges

Luís Camilo

Milton Campos

Euríalo Canabrava

Orlando M. Carvalho

Mário Casassanta

Guilhermino César

Anibal Machado

Mário Matos

Oscar Mendes

Emílio Moura

Lincoln Prates

Abgar Renault

Orozimbo Nonato da Silva

Artur Versiani Veloso

A Alma dos Livros

Educação para Cegos no Brasil

Minas e os Mineiros na Obra de Machado de Assis
Ensaio de Política Econômica
Brejo das Almas
O Tratador de Pássaros
 Wellington Brandão
Duas Oficinas de Política Técnica
Acerca da Arte de Escrever para o Teatro
 José Maria Sena
A Antiga Melodia
 Heli Menegale
Escrever Certo

Aires da Mata
O Cabo das Tormentas
 Velórios
 Rodrigues M. F. Andrade
Canto da hora Amarga
Letras Mineiras
O Amauense Belmiro
O Município Mineiro em Face das Constituições
Último Canto da Tarde
O Mecanismo do Govêrno Britânico

3.8.4.4.2.4. SARDOU, Georges. “Crise Du Cinéma Français?” (217-221). O texto levanta a hipótese de o cinema francês estar em crise.

Autores e/ou obras citadas:

Celui Qui doit mourir
 Jules Dassin
Un condamné à mort s'est échappé
 Robert Bresson
Port Lilas
 René Claire
Mort en Fraud
 Marcel Camus
Patrouilles de choc
 Bernard Aubert

3.8.4.5.2.1. PRADA, Cecília. “O Eterno Revoltado – Albert Camus”. (223-226). A dificuldade de enquadrar Camus em qualquer escola literária ou filosófica.

Autores e/ou obras citadas:

Les Justes
La Chute
L'État de Siège
 Kerkegaard
 Chestov
 Jaspers
 Heidegger
Le Mythe de Sisyphe
Le Malentendu
La Peste

3.8.4.6.2.1. GUIMARÃES, Alphonsus de .”Conceito Romântico de Poesia”. (227-229). O ideal romântico na poesia.

Autores e/ou obras citadas:

Gonçalves Dias
Cantos
 Castro Alves
 Alvares de Azevedo
Lira dos Vinte Anos
 Casimiro de Abreu
Primaveras
Voz da América
 Fagundes Varella
Cantos e Fantasias
Espumas Flutuantes
 Bernardo Guimarães
Poesias
Fôlhas de Outuno
 Laurindo Rabelo

3.8.4.7.7.8. CARMO, Célio Assis do. “Índice do “Diccionario Bibliographico Portuguez de Inocencio Francisco da Silva”. (230-250). Transcrição dos verbetes (L – Z) do Diccionario Bibliographica Portuguez.

Autores ou/e obras citadas: vários

3.8.4.1.6.5.1. LAPA, Rodrigues M. “Catálogo das Publicações do INL”. (251- 256). Obras publicadas pelo Instituto Nacional do Livro.

Autores e/ou obras citadas: vários

3.8.7.1.8.8. OTTONI, Áureo. “*Bibliografia Brasileira Corrente*”. (251 – 254). *Publicações no Brasil entre janeiro e março de 1958.*

Autores e/ou obras citadas: Vários

3.9.0.1.1.8. n.c. “Apresentação”. (5 – 6). Texto de apresentação da Revista em que se comemora os 50 anos da morte de Machado de Assis.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis
Quincas Borba
 Flaubert
 Baudelaire

Dostoiewski
Mário Casassanta

3.9.1.1.2.1. MEYER, Augusto. “De Machadinho a Brás Cubas”. (9 – 18). O autor afirma que existe um divisor de águas na produção de Machado de Assis, antes e depois de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis	Lúcia Miguel Pereira
<i>Esaú e Jacó</i>	<i>Aspect of the novel</i>
<i>Helena</i>	Hugo Vries
<i>Memorial de Aires</i>	Henry James
<i>Iaiá Garcia</i>	Mário de Alencar
Garret	Ramon Fernandez
<i>Queda</i>	<i>Uma Criatura</i>
<i>Viagens</i>	<i>Message</i>
<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	<i>A Mosca Azul</i>
Sterne	Stendhal
Melville	<i>O Desfecho</i>
Xavier de Maistre	Victor Brombert
<i>Moby Dick</i>	Spinosa
Eugênio Gomes	<i>Suave Mari Magno</i>
Willian Ellery Segdwick	<i>No Alto</i>
Silvio Romero	<i>O Delírio</i>
<i>Ressurreição</i>	Baudelaire
E. M. Foster	Kierkegaard
	Lichtenberg
	<i>Quincas Borba</i>

3.9.1.2.2.1. PEREIRA, Lúcia Miguel. “Relações de Família na Obra de Machado de Assis”.(19 – 30). A estrutura familiar na obra de Machado de Assis

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis	<i>Jogo do Bicho</i>
<i>Memorial de Aires</i>	<i>Ressurreição</i>
<i>Primas de Sapucaia</i>	<i>A Herança</i>
<i>Contos Fluminenses</i>	<i>A Mão e a Luva</i>
<i>O Programa</i>	<i>Folha Rota</i>
<i>Ex-Cátedra</i>	<i>Helena</i>
<i>Encher Tempo</i>	<i>Questões de Maridos</i>
<i>A Desejada das Gentes</i>	<i>Iaiá Garcia</i>
<i>As Bodas de Luís Duarte</i>	<i>Casada e Viúva</i>
<i>Maria Cora</i>	<i>Casa Velha</i>
<i>Um Ambicioso</i>	<i>Memória Póstumas de Brás Cubas</i>

Quincas Borba
D. Casmurro

Esau e Jacó

3.9.1.3.2.1. GOMES, Eugênio. “O Microrrealismo de Machado de Assis”. (31 – 36). As minúcias psicológicas dos personagens de Machado de Assis.

Autores e/ou obras citadas

Machado de Assis
Raul Pompéia
Stendhal
La Chartreuse de Parme
Memórias Póstumas de Brás Cubas
Cervantes
Shakespeare
Padre Antonio Vieira
Sêneca
D. Casmurro
Iaiá Garcia
Esau e Jacó
Memorial de Aires
Quincas Borba

3.9.1.4.2.1. BROCA, Brito. “Na Década Modernista: Machado de Assis. au dessus de la mêlée”. (37 – 44). Autores que escreveram sobre Machado de Assis ou sofreram sua influência.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis

Professor Jeremias
Alcides Maya
Monteiro Lobato
Memorial de Aires
Afrânio Peixoto
Coelho Neto
De que Morreu João Feital?
Alfredo Pujol
Lucilo Varejão
A Carne
Anatole France
Júlio Ribeiro
Casemiro de Abreu
Luís Ribeiro do Vale
José de Alencar

Olavo Bilac
Joaquim Nabuco
José de Alencar
José Verríssimo
Rui Barbosa
Mário de Alencar
Coelho Neto
Graça Aranha
Magalhães de Azevedo
Machado de Assis
Memórias Póstumas de Brás Cubas
Joaquim Nabuco
Nilo Bruzzi
Osório Duque Estrada
D. Casmurro
Mário de Alencar
Lima Barreto
Carlos Drumond de Andrade

Triste Fim de Policarpo Quaresma
 João Alphonsus
Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá
 Marins de Oliveira
 Tristão de Ataíde
 Emílio Moura
Helena
Machado de Assis e a Política e Outros
Estudos
A Mão e a Luva
 Sterne
 Introdução ao Estudo do Pensamento Brasileiro-
 Swift
 Austregésilo de Ataíde
 Cândido Mota Filho
 Maupassant
 Oswald de Andrade
 Dickens
 Plínio Salgado

Balzac
 Casemiro de Abreu
 Daudet
 João Francisco
 Turguenief
 Humberto de Campos
 Tolstoi
 Fernando de Magalhães
Quincas Borba
 Múcio Leão
 Sílvio Rabelo
 Barbosa Lima Sobrinho
 Léo Vaz
 Antônio Sales
 Carlos Dias Fernandes
 Jacinto Silva
O Guarani

3.9.1.5.5.1. PEREGRINO JÚNIOR. “Biografia de um Livro sobre Machado de Assis”. (45-59). Sobre *Doença e Constituição de Machado de Assis*, livro que aborda a vida e obra do autor do ponto de vista naturalista.

Autores e/ou obras citadas

Doença e Constituição de Machado de Assis
Quincas Borba
 Alfredo Pujol

Páginas Recolhidas
Madame Minkowska
Noite de Almirante
 Lúcia Miguel Pereira
Várias Histórias
 Machado de Assis
Conto de Escola
 Evaristo de Moraes
Ao Acaso
 Luís de Paula Freitas
Diário do Rio
 Nelson Werneck Sodré
Queda que as mulheres tem pelos tolos
História da Literatura Brasileira
 Sílvio Romero
Desencanto

Esau e Jacó
Teoria do Medalhão
 Goethe
Iaiá Garcia
O Espelho
A Senhora Galvão
Histórias sem Data
O Segredo de Augusto
O Lapsos
Relógio de Ouro
Último Capítulo
Falenas
Uma Senhora
Cantigas de Esponsais
Memórias Póstumas de Brás Cubas
Um Homem Célebre
Memorial de Aires
Trio em La Menor
Relíquias de Casa Velha
 Xavier de Maistre
A Mão e a Luva
 Almeida Garret

Helena
Dom Casmurro

Ressurreição
Quincas Borbas

3.9.1.6.2.1. OLIVEIRA, Franklin de. “O Artista em sua Narração – A Fortuna Crítica de Machado de Assis: 1912 – 1958”. (61-69). A grande dificuldade de se estabelecer uma teoria crítica para a obra de Machado de Assis.

Autores e/ou obras citadas:

Souza Bandeira
Gilberto Amado
Páginas Literárias
Minha Formação no Recife
Dom Casmurro
Inglês de Souza
Memórias Póstumas de Brás Cubas
Eugênio Gomes
Alfredo Pujol
Espelho Contra Espelho
Lúcia Miguel Pereira
Machado de Assis e Gogol
Barreto Filho
Leopardi
O Romance Brasileiro
Otto Maria Carpeaux
Mário de Andrade
Uma Fonte Filosófica de M. A
Aspectos da Literatura Brasileira
Barbosa Lima Sobrinho
Alcides Maia
A Língua Portuguesa e a Unidade do Brasil
Graça Aranha
Esau e Jacó
Várias Histórias
Joaquim Nabuco
A Língua Literária no Brasil
Astrojildo Pereira
Souza Bandeira
Augusto Meyer
Papéis Avulsos
À Sombra da Estante
Histórias Sem Data
Preto e Branco
Páginas Recolhidas
Memorial de Aires
Relíquias da Casa Velha

R. Magalhães Júnior
Otávio Brandão
Machado de Assis Desconhecido
O Nihilista Machado de Assis
Ao Redor de Machado de Assis
Em Torno de Um Monumento
Afrânio Coutinho
J. Galante de Souza
A Filosofia de Machado de Assis Bibliografia de Machado de Assis
Sérgio Buarque de Holanda
A Cobra de Vidro
Leo Sptizer
Mário Matos
Linguistic and Literary
Machado de Assis: Os personagens explicam o autor
Criticism
História da Literatura Brasileira
Brito Broca
Machado de Assis e a Política e outros Estudos
Os Sertões
Josué Monteiro
Estampas Literárias
Pedro Lessa
Introdução a Machado de Assis
Quincas Borba
Páginas de Crítica
O Corpo como Destino
Guimarães Rosa
Buriti
Corpo de Baile
Teixeira de Freitas
Consolidação das Leis Civis
Direito das Coisas

3.9.1.7.2.1. ASTROJILDO, Pereira. “Consciência Nacional de Machado de Assis”. (71-94). A preocupação de Machado de Assis com os rumos da literatura brasileira.

Autores e/ou obras citadas:

<i>História Financeira</i>	<i>Instinto de Nacionalidade</i>	<i>Camões e Os Lusíadas</i>
Nicolau Midosi	Luís Pereira Barreto	<i>Secretário Del Rei</i>
Castro Carreira	Gonçalves de Magalhães	<i>O Abolicionista</i>
<i>Tú, Só Tú, Puro Amor</i>	Augusto Comte	<i>Quincas Borbas</i>
Nelson Werneck Sodré	R. Magalhães Júnior	José de Alencar
<i>Memória Póstumas de</i>	Domingos Guedes	<i>Dom Casmurro</i>
<i>Brás Cubas</i>	<i>Machado de Assis</i>	Araripe Júnior
Heitor Lira	<i>Desconfiado</i>	<i>Esau e Jacó</i>
Silvio Romero	<i>As Funções do Cérebro</i>	Tobias Barreto
Augusto Meyer	<i>Americanas</i>	<i>Memorial de Aires</i>
José Veríssimo	Saldanha Marinho	<i>Ensaio e Estudos de</i>
João Batista de Lacerda	Gonçalves Dias	<i>Filosofia e Crítica</i>
<i>História da Literatura</i>	<i>Direito Contra Direito</i>	<i>Etnologia Selvagem</i>
<i>Brasileira</i>	Shakespeare	<i>A Filosofia no Brasil</i>
Rodrigues Peixoto	D. Antônio de	<i>A Literatura no Brasil e</i>
<i>Ensaio de Ciências</i>	Macedo Costa	<i>a Crítica Moderna</i>
Ladislau Neto	<i>Ressurreição</i>	<i>Cantos Populares no</i>
Batista Caetano	<i>A Igreja e o Estado</i>	<i>Brasil</i>
Ferreira Pena	<i>O Primo Basílio</i>	<i>Estudos Populares Sobre</i>
Couto de Magalhães	Tito Franco de	<i>a Poesia Popular no</i>
Hartt	Almeida	<i>Brasil</i>
<i>A Religião e as Raças no</i>	<i>Contos Fluminenses</i>	<i>Cantos do Fim do Século</i>
<i>Brasil</i>	<i>O Papa e o Concílio</i>	<i>Quadros Paraenses</i>
Orville Derby	<i>Contos da Meia Noite</i>	<i>Estudos Brasileiros</i>
<i>O Selvagem</i>	Döellinger	Inglês de Souza
Fritz Müller	Fagundes Varela	<i>História de Um Pescador</i>
<i>O Fim da Criação</i>	Rui Barbosa	<i>O cacaolista</i>
Roger Bastide	Bernardo Guimarães	<i>O Coronel Sangrado</i>
Araújo Ribeiro	Tavares Bastos	<i>Um Estudo de</i>
Lúcia Miguel Pereira	Mário Casassanta	<i>Temperamento</i>
Darwin	<i>A Província</i>	<i>Poesia Popular</i>
<i>Memorial de Aires</i>	Lima Barreto	<i>Brasileira</i>
Miguel Lemos	<i>Descobrimto do Brasil</i>	<i>O Mulato</i>
José de Alencar	<i>A Mão e a Luva</i>	Aluísio de Azevedo
Teixeira de Souza	<i>Direito de Família</i>	Franklin Távora
<i>Mãe</i>	Garret	<i>O Cabeleira</i>
Pereira Simões	<i>Direito das Coisas</i>	Lorenço
Castro Alves	<i>Viagens na Minha Terra</i>	Quintino Bocaiuva
<i>Três Filosofias</i>	Joaquim Nabuco	Joaquim Serra
	Oliveira Lima	Salvador de Almeida
		Ferreira de Araújo

José do Patrocínio
Carlos Laet

Ferreira de Menezes
Rui Barbosa

3.9.1.8.2.1. SODRÉ, Nelson Werneck. “Posição de Machado de Assis”. (95-99). O papel de Machado de Assis na sociedade de sua época.

3.9.1.9.2.1. CÂMARA, J. Mattoso. “Machado de Assis e o Corvo de Edgar Pöe”. (101-109). As aproximações entre Machado de Assis e Edgar Allan Pöe

Autores e/ou obras citadas:

Byron
Manuel Bandeira
Álvarez de Azevedo
Casimiro de Abreu
Goethe
Fausto
Paul Bouget
Versos à Corina
A Mosca Azul
O Corvo
Edgar Pöe
Lenora
Gondin da Fonseca
Fernando Pessoa
Chapman
Souza Silveira

3.9.1.10.2.1. PROENÇA, M. Cavalcanti. “Duelos y Quebrantos”. (111-114). O lugar comum na obra de Machado de Assis.

Autores e/ou obras citadas:

Euclides da Cunha
Os Sertões
Raimundo Correia
As Pombas
Remy de Gourmont
José Lins do Rego
Fernando Sabino
Eugênio Gomes
Idéias de Canários
Anel de Policrates
Igreja do Diabo
O Lapsos
A Parasita Azul

Último Capítulo
Pobre Finoca
Dona Paula
Miss Dólar
 Matias Deodato de Castro e Melo
A Causa Secreta
 Luís Soares
Entre Santos
O Diplomático
Casada e Viúva
A Cartomante
Quem Conta Um Conto...
Uns Braços
A Desejada Das Gentes
Evolução

3.9.1.11.2.6. ÂNGELO, Hersilio. “Análise Literária de *A Carolina*”. (115-119).
 Análise do soneto *A Carolina* do ponto de vista do estilo e da gramática.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis
 Alceu Amoroso Lima
Quadro Sintético da Literatura Brasileira
 Souza Bandeira
Lições de Português
Relíquias de Casa Velha
Ocidentais
 Alfredo Pujol
Memorial de Aires
 J.I. Roquete
Novo Dicionário de Sinônimos
 Álvaro Lins
 Aurélio Buarque de Holanda
Roteiro Literário do Brasil e de Portugal
Gramática Histórica
 Heitor Pinto
 Epifânio Dias
Novos Estudos de Língua Portuguesa
Les Nouvelles Littéraires
Correspondência

3.9.1.12.2.1. MAGALHÃES JÚNIOR. “Machado de Assis e Charles Lamb”. (121- 129).
As influências inglesas na obra de Machado de Assis.

Autores e/ou obras citadas:

Eugênio Gomes
Espelho Contra Espelho
Shakespeare
 Swift
 Fielding
 Sterne
 Thackeray
 Dickens
Contos de Shakespeare
Reader's Digest
Balas de Estalo
O Lapsos
The Two Races Of Men
The Essay Of Elia
The Last Essays Of Elia
Memórias Póstumas de Brás Cubas
A Viagem Sentimental
Viagem à Roda de meu Quarto
John Vodril
 Rosamund Gray
Newspaper Thirty-Five Years Ago

The Nobleness Of The Ass
 Barbara S.
Contos Avulsos
D. Jucunda
Popular Fallacies
Esau e Jacó
Várias Histórias
Relíquias de Casa Velha
Quincas Borba
The Illustrions Defunct
D. Casmurro
O Escrivão Coimbra
Milton
 Virgílio
 Religio Medici
Christian Morals
Hydriotaphia
Urne Buriel
 Montaigne
Montesquieu
 Tomas Browne

3.9.1.13.2.1. IVO, LÊDO. “O Mar e o Pirilampo”. (131-136). As atividades de Machado de Assis como tradutor.

Autores e/ou obras citadas:

O Corvo Edgar Allan Pöe
 Lúcia Miguel Pereira
O Barbeiro de Sevilha
 Beaumarchis
Os Trabalhadores do Mar
 Vitor Hugo
 Raimundo Magalhães Júnior
Machado de Assis Desconhecido
O Anjo da Meia Noite
Ocidentais
 Charles Ribeyrolles
 Manuel Antônio de Almeida
Le Brésil Pittoresque
L'Archipel de La Mancha
 Ramos da Paz
 Remígio de Sena Pereira
 Reinaldo Montoro

Vitor Frond
 Antônio Simões dos Reis
Dom Casmurro
 José Galante de Sousa
 Castro Alves
Espumas Flutuantes
 Jamil Amansur Haddad
Notas Sobre o Rio de Janeiro
 John Luccock
O Brasil e os Brasileiros
 Kidder
 Fletcher
 Fagundes Varela
Navio Negreiro
O Vagalume
Contos do Ermo e da Cidade

3.9.1.14.2.1. FRAGA, Augusto. “Acheugas à Bibliografia Machadiana”. (137-139). A obra de Machado de Assis no periódico *Almanaque das Fluminenses*.

Autores e/ou Obras Citadas:

Lindolfo Gomes
Quincas Borba
Como se Inventaram os Almanques
 José Galante de Sousa
 João Ribeiro
 Raimundo Corrêa
 Adelina Lopes Vieira
 Alcinda Guanabara
 Artur Azevedo
 Pedro Rabelo
Soneto
Ocidentais
Um Óbito
Memorial
Contos Populares

3.9.1.15.2.1. SOUSA, José Galante de. “Cronologia de Machado de Assis”. (141-181). Cronologia dos principais fatos relacionados com a vida de Machado de Assis.

Autores e/ou Obras Citadas:

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Max Fleiuss
Lanterna Mágica
 Felix Ferreira
 Artur Barreiros
 Artur Azevedo
 Augusto Meyer
 Lúcia Miguel Pereira
Ela (Poesia)
Bibliografia de Machado de Assis
 Gonçalves Braga
 Paula Brito
 Manuel Antônio de Almeida

Desejo
O Espelho
Mistérios de Paris
 Eugênio Sue
Hoje Avental, Amanhã Luva
 Quintino Bocaiúva
O Velho Senado
 Henrique Fleiris
Desencantos
Queda que as Mulheres têm para os
Tolos
As Bodas de Joaquina
 Antônio Herculano da Costa

3.9.2.1.2.1. ASSIS, Machado de. “Semana Literária”. (185-206). O autor reclama uma crítica mais regular aos livros do período romântico.

Autores e/ou Obras Citadas:

O Guarani
 José de Alencar
Verso e Reverso
 Capistrano de Abreu
 Mário de Alencar
Bibliografia de Machado de Assis
 Magalhães Júnior

3.9.3.1.6.7. n.c. “A Morte de Machado de Assis”. (209-211). Informação sobre a morte de Machado de Assis.

3.9.3.2.6.7. FRAGOSO, Augusto. “Arquivo Machadiano”. (213-218). As várias condolências pela morte de Machado de Assis na “Gazeta de Notícias”.

3.9.3.3.2.1. FRAGOSO, Augusto. “Arquivo Machadiano”. (219-220).

Homenagem a Machado de Assis na Sorbonne.

3.9.3.4.4.1. NÓBREGA, Mello. “Uma Carta de Machado de Assis em Julho de 1908 (acompanhada de Fac-Símile)”. (223 – 256). Carta enviada a Batista Cepellos, autor de *Vaidades*.

Autores e/ou Obras Citadas:

Batista Cepellos
Vaidades

3.9.6.1.8.7. n.c. “Catálogo das publicações do INL”. (259-262). Lista das publicações do Instituto Nacional do Livro.

Autores e/ou obras citadas: vários

3.9.7.1.8.7. OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (265-324). Catálogo das publicações no Brasil entre abril e junho de 1958.

Autores e/ou obras citadas: vários

3.10.0.1.10.8. n.c. “Apresentação”. (5-6). Editorial onde a Revista se compromete a atender o interesse dos leitores, pois há quem reclame a falta de espaço para estudos científicos e filosóficos, além da ausência de comentários sobre teatro, cinema, artes plásticas etc.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis
 Artur Azevedo
 Frei Roberto Lopes
 Brito Broca
Capital Federal
 Coelho Neto
 Michel Gauthier
 Manuel Alvar

3.10.1.1.2.1. RICARDO, Cassiano. “A função dos Mitos no Bandeirismo”. (9-24). Estudo crítico sobre o livro *A Marcha para o Oeste*

3.10.1.2.2.1. GAUTHIER, Michel. “Où En Est la Poétique?” (31-43). Estudo do gênero poesia.

Autores e/ou obras citadas:

Aristóteles
 Horácio
 André Breton
 Lope de Veja
 Boileau
 Theophile Gautier
 Verlaine
 Mallarmé
 Valéry
 Maurice Grammont
 André Spire
Traité Général de Versification Française
Essai de Psychologie Linguistique
Petit Traité de Versification Française
Plaisir Poétique et Plaisir Musculaire

3.10.1.3.2.1. LIMA, Herman. “Origens da sátira política no Brasil”. (45-59). Sobre o Frei Vicente do Salvador, considerado o primeiro prosador e caricaturista ainda no século XVI.

Autores e/ou obras citadas:

Sílvia Romero
 Max Fleiuss
 Capistrano de Abreu
Lanterna Mágica
 Varnhagem
Brasil Ilustrado

Do Nome do Brasil
Revista do Instituto Histórico
 Gregório de Matos
O Corcundão
 Rutenbeuf
O Marlelo
 Jean de Mung
Cegarrega

Guillaume Coquiart
 Gondim Fonseca
 Pierre Gringoire
Biografia do Jornalismo Carioca
 Ronald de Carvalho
O Cabrito
Romance
O Burro Magro
 Emílio de Menezes
O Esbarra
 Olívio Montenegro
A Mutuca Picante
 Padre Miguel do Sacramento Lopes
 Gama
 Rafael Mendes de Carvalho
O Carapuceiro
 Bernardo Pereira Vasconcelos
Bodarrada
 Francisco Marques dos Santos
A Capangada
Jornal do Comércio
 Joaquim Serra
História da Literatura Brasileira

Manuel Antonio de Almeida
 Soares de Souza
Memórias de um Sargento de Milícias
La Sátira Política en Chile
 Ricardo Donoso
 Alberto Rangel
D. Pedro e a Marquesa de Santos
 Alvaro Machado
 Araújo Viana
Curso de Artes Palásticas no Brasil em Geral e na Cidade do Rio de Janeiro em Particular
 Esgronole Dória
 Gustavo Barroso
Terra do Sol
 Eugênio Gomes
Espelho Contra Espelho
 Dickens
 Frei Pedro Sinzig
A Caricatura na Imprensa do Brasil
 Pires de Almeida
Curso de Artes Pláticas

3.10.1.4.2.8. PORTELA, Eduardo. “Sobressalto e Dilema da Cultura Literária”. (61-70). O autor responde às críticas recebidas por Wilson Martins.

Autores e/ou obras citadas:

Afrânio Coutinho
A Literatura no Brasil
 Brunetière
 Huizinga
 Ernest Robert Curtius
 Ramón Menendez Pidal
 Camões
Os Lusíadas
 Eugenio Asensio
 Ivan Lins
Chanson de Roland
Cantar de Mio Cid
 Gaston Paris
 Joseph Bédier
Cantilena de Santa Eulália
 Paul Zumthor

L’Inventio dans la Poésie Française
Archaïque
 J. B. Wolters Groningen
 Djakarta
 Spitzer
 Jeanroy
 Erich Auerbach
 Goethe
 Schlegel e Uhland Grimm
 Michelet
 De Santis
 Fredrich Diez
Gramática das Línguas Românicas
Génie du Christianisme
 Chateaubirand

3.10.1.5.2.1. RÓNAI, Paulo. “A Morte de Ivan Ilitch”. (71-76).O autor discute a vida e obra de Tolstoi.

Autores e/ou obras citadas:

Tolstoi
A Morte de Ivan Ilitch
História de minha Infância
A Adolescência
Mocidade
Sebastopol
Os Cossacos
Guerra e Paz
A Karênina
A Minha Confissão
Crítica da Teologia Ortodoxa
Minha Religião
Contos para o Povo
O Poder das Trevas
A Sonata de Kreutzer
O que é Arte?
 Shakespeare
 Beethoven
Ressurreição

3.10.1.6.2.6. ALVAR, Manuel. “Diferencias en la Habla de Hombres y Mujeres”. (77-85). As diferenças lingüísticas entre homens e mulheres. As mulheres teriam uma consciência lingüística mais clara que os homens e eram mais propícias às inovações.

Autores e/ou obras citadas:

Guilliéron
 Bertoldi
 Jaberg
 Gallscheg
 Rousselot
 Louis Gauchat
 Von Wartburg
 Damaso Alonso
 G. Salvador

3.10.1.7.2.8. CARPEAUX, Otto Maria. “Imigrante Desconhecido”. (87-90). A contribuição dos imigrantes para a construção e desenvolvimento de países como Estados Unidos, Canadá, Brasil e Argentina.

Autores e/ou obras citadas:

Roquete Pinto	Platão
<i>Aportaciones Positivas de los Imigrantes</i>	Aristóteles
Ricardo Huch	Plótinus
Claudel	Dante
Valera	Spinosa
Dranmor	Kant
Múcio Leão	Goethe
Taunay	Hegel
Luís Cruls	<i>A Mechanic's Diary</i>
Goeldi	<i>Jouranal of Speculative Philosophy</i>
Segall	<i>Letters on Faust</i>
Alexandre Levy	Carl Schurz
Leopoldo Miguez	George Pultzer
Henrique Oswald	Susan Blow
Lorenço Fernandes	Willian Torry Harris
Francisco Mignone	Pierce
Camargo Guarnieri	Royce
Eliseu Visconti	Willian James
Henry Conrad Brokmeyer	Dervey
<i>Literary History of the United States</i>	Gillbert W. Chapman

3.10.1.8.2.1. NÓBREGA, Mello. “Evocação de B. Lopes”. (91-125). Sobre a vida e obra do poeta Bernardinho da Costa Lopes.

Autorers e/ou obras citadas:

Olavo Bilac	<i>Brasões</i>	João Ribeiro
Pedro Rabelo	<i>Sinhá Flor</i>	<i>Cromos</i>
Guimarães Passos	<i>Helenos, Patrícios e</i>	Galdino de Castro
Plácido Júnior	<i>Lírio Consolador</i>	Ulisses Sarmiento
Emílio de Meneses	<i>Plumário</i>	Luís Pistarini
<i>O Deus de Ceroulas</i>	<i>Poesias Completas</i>	Artur Lôbo
Berço	Emiliano Pernetá	Orlando Teixeira
Andrade Murici	Oscar Rosas	Luís Rosa
Afrânio Peixoto	Alcino Guanabara	Armando Lopes
Cruz e Souza	Artur Azevedo	Luís Nóbrega
<i>Broquéis</i>	<i>O Cruzeiro</i>	Alfredo Pimentel
<i>Val de Lírios</i>	<i>Gazeta da Tarde</i>	Artista Ébrio
Gonzaga Duque	<i>O País</i>	<i>Mameluca</i>
<i>Per Rura</i>	<i>Gazeta de Notícias</i>	<i>Cablocla</i>
<i>Xandoca</i>	<i>Folha Popular</i>	<i>Flor Carnívora</i>
<i>No Baile</i>	Jonas da Silva	<i>Paraíso Perdido</i>
	<i>Ânforas</i>	<i>Último Lírio</i>
		<i>Vida Nova</i>
		Teles de Meireles

Renato de Lacerda	Cruz e Souza	<i>Flores do Campo</i>
<i>Brasil dos Reis</i>	Manuel Bandeira	<i>Pizzicatos</i>
<i>Belopeanos</i>	Roger Bastide	<i>Miniaturas e Noturnos</i>
Machado de Assis	José Verissimo	Carlos Chiacchio
Lima Barreto	Frota Passos	Ronald de Carvalho
Gonçalves Dias	<i>Revista Brasileira</i>	<i>Inverno</i>
	Camões	Silvio Romero
Maciel Monteiro	Raimundo Correia	Agripino Grieco
Perilo D'Oliveira	Alberto de Oliveira	Édison Lins
Gonçalves Crespo	Andrade Murici	João Ribeiro
Puchkine	Casemiro de Abreu	Renato Lacerda
Dumas	Fagundes Varela	<i>Panorama do Movimento</i>
Richepin	Ezequiel Freire	<i>Simbolista Brasileiro</i>
Camilo Castelo Branco	Bruno Seabra	

3.10.1.9.2.3. COSME, Luís. “Música e História”. (127-134). As influências de uma nova estrutura musical em compositores como Debussy, Ravel etc.

Autores e/ou obras citadas

Debussy	Jean Françaix
Rossini	Fernando Lopes Graça
Boildieu	Hugo Reiman
Meyerbeer	Erik Satie
Saint-Saëns	Louis Gruenberg
Daniel Auber	Ernest Krenek
César Franck	Constant Lambert
Vicent D'Indy	Paul Bekker
Durey	Haydn
Honegger	Mozart
Milhauer	Beethoven
Poulec	Gisèle Brelet
Auric	Stravinski
Tailleferre	André Schaeffer
André Jolivet	Pierre Henry
Elsa Barraine	Pierre Boulez
Tony Aubin	Alois Zimmermann
Henry Barraud	Kartheinz Stockhausen
	Maurice Martenot

3.10.1.10.2.1. THEODOR, Erwin. “Redenção e Verdade, Problema do Moderno Romance Alemão”. (135-139). Crítica negativa ao romance alemão do pós-guerra, tais como o caráter provisório do gênero, que além de não se cristalizar inteiramente, ainda não se impôs no quadro geral da literatura.

Autores e/ou obras citadas:

Kafka	Conrad
Rilke	Shaw
Hermann Hesse	Hugo Von Hoffmansthal
Mann	C. J. Burckardt
Hauptmann	T. S. Eliot
Brecht	Camus
Zuckmayer	Sartre
<i>Morte de Virgílio</i>	Hemingway
Hermann Broch	W. H. Audon
Weimar	Gertrud Von Le Tort
<i>Doktor Fausto</i>	Mansueto Kohnen
<i>Die Stadt Hinter Dem Storm (A Cidade Atrás da Corrente)</i>	Unser Weg Dusch Die Nacht (Nosso Caminho Através da Noite)
Hermann Kasach	Stefan Andres
Das Unauslöschliche Sigel (O Selo Inextinguível)	<i>Die Sintflut (O Dilúvio)</i>
Elizabeth Langgaesser	<i>Das Tier Aus Der Tiefe (O Animal das Profundezas)</i>
Das Glasperlenspiel (O Jogo das Pérolas de Vidro)	<i>Die Arch (A Arca)</i>
Die Wandleing	Alfred Doebelin
Heidelberg	Hamlet, oder die Lang Natch Nimmt Ein End (Hamlet, ou O Fim da Longa Noite)
Curtius	Gerd Gaiser
Jaspers	Die Sterbende Jagd (A Caça Agonizante)
Sternberg	Herbert Eisenreich
Walter Jens	Auch In Ihrer Sünd (Também em seu Pecado)
Taulkner	Hans H. Kirts
Gide	Null Acht Fünfzehn (Zero-Oito-Quinze)
Sinclar Lewis	

3.10.1.11.2.1. LISBOA, Henriqueta. “A Poesia de *Grande Sertões: Veredas*”.)141-146). Para a autora, todos os gêneros literários tendem para a poesia. Nenhuma obra ilustra com maior brilho este conceito que *Gande Sertões: Veredas*, de Guimarães Rosa.

Autores e/ou obras citadas:

Waldo Frank
Virgílio
André Bellessort
Proust

3.10.1.12.2.1. MARTINS, Hércio. “Afã de Originalidade na Poesia de Júlio Herrera Y Reissig”. (147-169). Estudo sobre o poeta Júlio Herrera e Reissig.

Autores e/ou obras citadas:

Verlaine
Leconte

Heredia
Díaz Mirón
Ossian

Musset
 Vigny
 Lamartine
 Byron
 Carducci
 Rubén Darío
 Lugones
 Álvaro Armando Vasseur
 Lope de Vega
Los Ojos Negros
Los Extasis de la Montaña

Los Parques Abandonados
Sonetos Vascos
Fiat Lux

Bromuro Romántico
El Granjero
Los Maitines de la Noche
Cansinos-Asséns
Tertúlia Lunática
 Góngora
 Dámaso Alonso
La Lengua Poética de Gongora
 Samuel Blixen
 Guillermo de Torres
Discurso en Elogio de Alcides de Maria
 Gustavo Bécquer
Wagenerianas

3.10.1.13.2.1. FRAGOSO, Augusto. “*O Álbum- O Último Jornal Literário de Artur Azevedo*”. (171-176). O autor traz informações sobre o último periódico fundado por Artur Azevedo.

Autores e/ou Obras Citadas:

Cavaco Preliminar
 Paula Nery
 João Gutierrez
Crônica Fluminense
 Alcindo Guanabara
 Fontoura Xavier
 Ismênia do Santos
 Furtado Coelho
 Xisto Bahia
 Eduardo Garrido
 Artur Napoleão
 Henrique Chaves
 Olavo Bilac
 Aluísio Azevedo
 Guimarães Passos
 Luiz Murat
 Pardal mallet
 Lúcio Mendonça
 Urbano Duarte
 Rodrigo Otávio
 Valentim Magalhães

Via Láctea
História Comum
O Destemido

Cantiga de Esponsais
 Machado de Assis
Dom Casmurro
 Adelino Fontoura
 Francisca Júlia
 Júlio Salusse
 Emiliano Perneta
 Antônio Sales
 Emílio de Menezes
 Pedro Rabelo
 Adolfo Caminha
 Virgílio Varzea
Cantilena
Recordação
 Afonso Celso
Minha Filha
A Família Medeiros
 Júlia Lopes de Almeida
Estalactites
 Júlio César da Silva
Missal
 Cruz e Souza
Festas Nacionais
 Rodrigo Octávio
Vultos e Fatos

Contos Amazônicos
Inglês de Souza
A Normalista

A Mortalha de Alzira
Osório Duque Estrada
Nevrose Azul

3.10.1.14.2.1. GUIMARÃES, Alphonsus de. “Mocidade e Morte”. (177-179). Sobre o poema *Mocidade e Morte* de Castro Alves.

Autores e/ou obras citadas:

Castro Alves
Afrânio Coutinho
Lamartine
Musset
Byron
Espronceda
Alexandre Herculano
Manuel Bandeira
O Canto do Cossaco
Béranger

3.10.1.15.2.7. ALVARENGA, Octávio Mello. “Um Panorama: Rosas e Epitáfios”. (181-185). Sobre *Panorame des Idées* organizado por Gaetan Picon, que faz distinção entre o “homem especializado” e o “homem enciclopédico”.

Autores e/ou obras citadas:

Panorame des Idées Contemporaines
Gaetan Picon
Ortega Y Gasset
La Rebelión de las Masas
Robert Oppenheimer
John Brow
Panorama da Literatura Contemporânea nos Estados Unidos
J. P. Sartre
Simone de Beauvoir
O Ser e o Nada
L'Existencialisme est un Humanisme
As Idéias Filosóficas
Roland Caillois
A Psicologia Contemporânea
Maurice Encontre
As Ciências Sociais

Gaston Bouthoul
A Filosofia da História

François Erval
Posições e Problemas Políticos
Problemas e Formas da Arte Contemporânea
René Bertele
O Pensamento Religioso
Robert Kanters
As Ciências Matemáticas e Físicas
Jacques Merleu-Ponty
A Biologia Contemporânea
André Létry
O Humanismo Contemporâneo
Henry Bergson
Karl Vossler
Leo Spitzer
Bibliografia Crítica da Nova Estilística
Helmut Hatzfeld
Schelling
Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência
Língua e Vida

*Poesia Espanhola – Ensaio de
Método e Limites Estilísticos*
T. S. Eliot

Damaso Alonso
*Introdução as Ciências Matemáticas e
Físicas*

3.10.1.16.2.1. LOPES, Robert. “Leituras de Monte Alverne”. (187-192). Sobre o escritor romântico Frei Francisco de Monte Alverne.

Autores e/ou Obras Citadas:

Silvio Romero	Corneille
Dante	Thibaudet
Silva Alvarenga	Crébillon
Maffei	Chateaubriand
<i>Discurso Preliminar</i>	Renaud
Marini	Antônio Cândido
Crèvier	Dudon
Bocage	<i>Oração Fúnebre de D. Maria I</i>
Quintiliano	Voltaire
<i>Os Jardins</i>	<i>Les Martyrs</i>
Marmontel	Rosseau
Delille	Bossuet
Cícero	Dumas
<i>Estações</i>	Bordaloue
Rollin	Diderot
Tompson	Massillon
Hugues Blair	D’Alembert
<i>Voeux d’un Soltarie</i>	Gonçalves de Magalhães
Maury	Strauss
Fénélon	Araújo Porto Alegre
Robertson	Barão de D’Holbach
Télémaque	Victor Hugo
Jaucount	Pope
Holbach	Molière
Raynal	Schiller
Helvetius	Ducis
Racine	Tasso
<i>Génie du Christianisme</i>	Colombo

3.10.1.17.3.1. BROCA, Brito. “Coelho Neto e Artur Azevedo”. (193-194). Pequena estudo de Brito Broca estabelecendo um paralelo entre a peça teatral *Capital Federal* de Artur Azevedo e um romance do mesmo título de Coelho Neto.

Autores e/ou obras citadas:

Morgadinha dos Caniviais

Júlio Diniz
A Cidade e as Serras
 Eça de Queiroz
 Artur Azevedo
 Coelho Neto
Capital Federal
Relíquia

3.10.2.1.4.1. DAMASCENO, Darcy. “Correspondência Inédita de Manuel Antônio de Almeida”. (197-211). Uma carta inédita enviada por Manuel de Almeida e assinada como Maneco

Autores e/ou obras citadas:

José de Alencar
 Francisco Otaviano
 Quintini Bicaíúva
 Emílio Zaluar
 Bethencourt da Silva
Diário do Rio de Janeiro
Jornal do Comércio
Correio Mercantil
 Francisco Ramos Paz
 Charles Ribeyrolles
 Capistrano de Abreu
O Brasil Pitoresco
 Victor Frond

3.10.2.1.2.8. NÓBREGA, Dormevilly. “Um Polemista Mineiro: Silvio Romero”. (215). Sobre o texto de Silvio Romero *Um Polemista Mineiro*, que tece comentários sobre Estevão de Oliveira e a política mineira.

Autores e/ou obras citadas:

História da Literatura Brasileira
 Byron
 Brant Horta
O Teatro em Juiz de Fora
 Albino Estêves
 Franklin Magalhães
O Pharol
Correio de Minas

3.10.3.2.2.8. ROMERO, Sílvio. “Um Polemista Mineiro”. (216-229). Publicação na integra do texto *Um Polemista Mineiro* de Silvio Romero publicado anteriormente no *Correio de Minas* (1912).

Autores e/ou obras citadas:

Estevão de Oliveira
 Lessing
 Taine
 Scherer
 Macaulay
 Setembrini
Notas e Epístolas

3.10.6.1.6.8. FRAGOSO, Augusto. "Artur Azevedo e Antoine". (233-239). Sobre um incidente envolvendo Artur Azevedo e André Antoine.

Autores e/ou obras citadas:

A Notícia
Jornal do Comércio
Correio da Manhã
Fígaro

3.10.6.2.6.1. n.c. "Frei Francisco de Monte Alverne". (239-242). Sobre os 100 anos da morte de Frei Francisco do Monte Alverne.

Autores e/ou obras citadas:

Gonçalves de Magalhães
A Confederação dos Tamoios
 José de Alencar
 Araújo Porto Alegre
Revista Contemporânea
 José Feliciano de Castilho
Correio Mercantil
 Machado de Assis

3.10.6.3.6.1. n.c. "Prêmios do INL". (243-245). Concedidos os prêmios do Instituto Nacional do Livro na área de literatura.

Autores e/ou obras citadas:

Sérgio Buarque de Holanda
 Marly de Oliveira
 Autran Dourado
 Moreria Campos
 Guido Wilmar Sassi
 Guimarães Rosas

Grande Sertão: Veredas
 Edgar de Carvalho
 Artur Azevedo
 Alphonsus de Guimarães
 Lúcia Miguel Pereira
 Eduardo Portela

Brito Broca
 Paulo Rónai
 Assis Brasil
 Cavalcanti Proença
 Augusto Meyer
 Aurélio Buarque de Holanda
Caminhos e Frontiras

Cêrco da Primavera
Nove h
Portas Fechadas
Amigo Velho
Histórias em grupos de três

3.10.6.4.6.8. n.c. “Comemorações do Cinquentenário da Morte de Machado de Assis”. (245-247). Sobre as festividades em comemoração aos 50 anos da morte de Machado de Assis.

3.10.6.5.6.8. n.c. “Roger Martin Du Gard”. (247). Sobre a morte de Roger Martin Du Gard, prêmio Nobel de literatura em 1937.

3.10.6.6.6.8. n.c. “Joaquim de Carvalho”. (248). Sobre a morte do filólogo e ensaísta português Joaquim de Carvalho.

3.10.6.7.8.8. n.c. “Catálogo das Publicações do INL”. (249-250). Catálogo das publicações do INL no período.

Autores e/ou obras citadas: vários

3.10.7.1.7.8. CARMO, Célio de Assis do. “Índice do Dicionário Bibliográfico Brasileiro de J. F. Velho Sobrinho – (A-B)”. (253-269) Dicionário cuja proposta era reunir todos os ramos da atividade humana. Foi interrompido na letra B com a morte do autor.

3.10.7.2.2.1. FONSECA, Edson Nery da. “Um Aspecto da Influência de Gilberto Freire”. (271-279). Indicação de uma bibliografia a ser publicada juntamente com a cronologia e uma antologia de Gilberto Freire.

3.10.7.3.10.1. GOMES, Celuta Moreira. “Machado de Assis”. (281-287). Bibliografia e trechos de poesia e prosa de Machado de Assis vertidos para outras línguas.

3.10.7.3.8.8. OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (289-341). Catálogo das publicações brasileiras entre julho e setembro de 1959.

Autores e/ou obras citadas: vários

4.11.0.1.10.8. n.c. “Apresentação”. (5-6). Nesta apresentação, a Revista a princípio conclama os escritores e os meios universitários a colaborarem. Em seguida responde as críticas quanto a ausência de ficção e poesia, alegando que se trata de uma publicação especializada e destinada a suprir uma falha quanto a escassez de revistas para publicação de trabalho de pesquisa, bibliografia, crítica universitária, história literária.

4.11.1.1.2.6. MONTELLO, Josué. “Uma Alternância Vocálica na Poesia de Língua Portuguesa”. (9-18). O texto verifica uma certa preferência no português pela sonoridade da vogal. As consonâncias em A faz com que o português possa ser denominado uma língua em A.

4.11.1.2.2.8. DOURADO, Mecenas. “George Canning e o Brasil”. (19-26). Caio de Freitas no livro *George Canning e o Brasil* discorre sobre a influência da diplomacia britânica na formação brasileira, particularmente durante o ministério de George Canning.

4.11.1.3.2.1. NÓBREGA, Mello. “O Rimário de Alberto de Campos”. (27-45). O autor discute as características do parnasianismo e questiona até que ponto os poetas parnasianos teriam realmente todas as características inerentes ao movimento.

4.11.1.4.2.1. RELA, Walter. “El Mito Santos Vega en el Teatro del Rio da Plata”. (47- 61). A personagem Santos Vegas é recorrente na literatura argentina. O mito se criou a partir da tradição oral.

4.11.1.5.2.3. CASTRO, Zenaide Maciel de & COUTO, Araci do Prado. “A Literatura das Folias de Reis”. (69-80). As autoras analisam os cânticos das Folias de Reis, que apesar da pouca originalidade musical não deixa de ter valor poético.

4.11.1.6.2.1. VIANA, Fernando Mendes. “Sophia de Mello Breyner Andersen”. (81-99). O artigo pretende contribuir para a divulgação, entre os brasileiros, da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andersen.

4.11.1.7.2.1. ALVARENGA, Octávio Mello. “O Papel de Sade na Revolução Francesa”.. (101-105). O autor faz um levantamento da obra do Marques de Sade, dando ênfase a trabalhos de sua autoria pouco conhecidos e denominados de escritos políticos (écrits politiques).

4.11.1.8.2.1. HADDAD, Jamil Almansur. “Introdução ao Conto Árabe; Oriente Ocidente”. (107-117). O conto árabe recoloca um problema arcaico: o da própria conceituação do gênero. Em geral, quando o conceituam, tem-se em vista o conto ocidental, uma deformação, já que a noção de oriental era vaga.

- 4.11.1.9.2.1.** BENITEZ, Justo Pastor. “Evocación de Ruben Darío”. (119-127). A vasta obra de Ruben Darío, um autor renovador, que rompe com as formas obsoletas. Sua revolução literária constitui um passo além do romantismo.
- 4.11.1.10.2.1.** JOSEF, Bella. “A Poesia de Delmira Agustini”. (129-138). Análise da obra da poeta Delmira Agustini, a precursora da poesia lírica feminina hispo-americana no século XX.
- 4.11.1.11.10.3.** COSME, Luís. “Catalogação de Discos Musicais de Longa Duração”. (139-162). Metodologia para catalogação de discos musicais
- 4.11.1.12.2.1.** BROCA, Brito. “O que liam os Românticos”. (163-172). Brito Broca duvida da erudição dos escritores românticos (Alvarez de Azevedo, José de Alencar, Francisco Otaviano etc.). As citações de grandes autores da literatura mundial somente evidencia o desejo de mostrar leitura. Muitos desses nomes figuram no desenrolar da narrativa não tendo nada a ver com sentido da mesma, o que leva a crer que o escritor não conhece todos os autores citados.
- 4.11.1.13.2.1.** VAL, Waldir Ribeiro do. “O Centenário de Valentim Magalhães”. (173-177). O texto resgata o escritor Valentim Magalhães. Além da dedicação à poesia, fundou vários jornais e encabeçou grupos que causaram polêmica e movimentou o ambiente literário.
- 4.11.2.1.2.1.** CATALANI, Diego. “Personalidad y sinceridad en un monodialogo de Unamuno”. (181-192). Dialogo inédito entre Miguel de Unamuno e Augusto Peres.
- 4.11.3.1.3.1.** POMPÉIA, Raul. “A vida na corte”. (195-223). Crônicas de Raul Pompéia que estavam dispersas em jornais e revistas. Nelas, o autor procura resumir os acontecimentos semanais no Rio de Janeiro, tecendo em torno deles comentários que tinham tanto de jornalístico quanto de literário.
- 4.11.6.1.6.8.** n.c. “Os prêmios do Instituto Nacional do Livro nos concursos deste ano”. (227). Regras do concurso literário promovido pelo INL. Concorrem as categorias: ensaio, romance, conto, poesia e teatro.
- 4.11.6.2.6.1.** n.c. “Panorama da atividade literária de 1958”. (228-230). Os lançamentos literários no ano de 1958.
- 4.11.6.3.6.8.** DIAS, Antônio Caetano. “O ensino da biblioteconomia e sua regulamentação”. (231-233). Discussão do anteprojeto que regulamentou a profissão de biblioteconomia.
- 4.11.6.4.6.8.** CHEDIAK, Antônio José. “Histórico e resumo das atividades da comissão Machado de Assis até março de 1959”. (235-256). Informes sobre os trabalhos elaborados pela comissão Machado de Assis.

4.11.6.5.8.8. n.c. “Catálogos das publicações do INL”. (257-258). Catálogo das publicações do Instituto Nacional do Livro no ano de 1959.

Autores e/ou obras citadas:

Visões e Revisões

Eugênio Gomes

Cartas Chilenas

M. Rodrigues Lapa

Política do governo Provincial mineiro

Francisco Iglesias

Bíblia Medieval Portuguesa

Serafim da Silva Neto

Castro Alves

4.11.7.1.7.8. CARMO, Célio Assis do. “Índice do Dicionário Bibliográfico Brasileiro de J. F. Velho Sobrinho”. (261-273). Continuação do dicionário do número anterior da revista com verbetes de C a L.

Autores e/ou obras citadas: vários

4.11.7.2.8.8. OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (275-325). Relação das obras publicadas no Brasil no ano de 1958.

Autores e/ou obras citadas: vários

4.12.1.1.2.1. LAPA, M. Rodrigues. “Algo novo sobre Alvarenga Peixoto”. (7-18). Alguns pontos da biografia de Alvarenga Peixoto que ainda continuam nebulosos e que necessitam serem elucidados.

Autores e/ou obras citadas:

Alberto Faria

Joaquim Norberto de Souza Silva

Memórias Particulares

Dr. Inácio José Peixoto

Tomás Antonio Gonzaga

Basílio da Gama

Antônio Caetano de Almeida Vilasboas

Cláudio Manuel da Costa

Obras Poéticas

Eureste Fenício

João Xavier de Matos

Uruguai

Joana Isabel de Lencastre Forjaz

Tolentino

Camões
 Norberto de Souza
 Inocêncio F. Dias da Silva

4.12.1.2.2.7. PAIM, Antônio. "A obra filosófica e a evolução de Tobias Barreto". (19-48). Discurso de saudação a Euclides da Cunha, feito por Silvio Romero na Academia Brasileira de Letras, onde o escritor critica a pouca expressão reinante no Brasil no campo das idéias.

Autores e/ou obras citadas:

Comte	<i>Introdução ao Estudo do Direito</i>
Darwin	<i>O Capital</i>
Haeckel	Karl Marx
Tobias Barreto	Alberto Lange
Castro Alves	Carlos Vogt
<i>Lições de Filosofia</i>	Jacob Moleschot
José Soriano de Souza	Luís Buchner
Victor Cousin	Herman Helmholtz
Condillac	Eduardo Zeller
Royer-Collard	Otto Liebmann
De Bonald	<i>Os Enigmas do Universo</i>
Maistre	Hegel
São Tomás de Aquino	Padre Jerônimo Tomé
<i>Fatos do Espírito Humano</i>	<i>Sobre a Religião Natural de Jules Simon</i>
Domingos de Magalhães	Descartes
Platão	Leibniz
Kant	<i>Recordações de Kant</i>
Homero	Beautin
<i>História Natural da Criação</i>	Guiraud
Eduard Von Hartmann	Littré

4.12.1.3.2.1. VARGAS, Augusto Tamayo. "Personalidad Poetica de José Santos Chocano".

(49-63). Apesar de Chocano não ter a preocupação descritiva em sua poesia, seus versos remetem às paisagens sul-americanas, em especial ao Perú.

Autores e/ou obras citadas:

<i>Alma América</i>	Salvador Rueda
Ortega y Gasset	Whitman
Unamuno	Ruben Darío
Antonio Machado	Diaz Mirón
Juan Ramón Jiménez	Lugones
Manuel Machado	Herrera
	Reissing
	Llorens Torres

Verlaine
Prosas Profundas
Cantos de Vida y Esperanza

Luís Benjamin Cisneros

Quintana
 Victor Hugo
Tras Santas
En la aldea
Selva Virgen

Arnaldo Márquez

Cantos do Pacífico
La Epopeya de Morro
 Ménendez Pelayo
 Olegário Andrade
Canto del Siglo

El Sermón de la Montaña
El Fin de Satán
Fiat Lux
Poema y Ayacucho
Primicias
Oro de Indias
Poemas del Amor Doliente
Poema Neo-Mundiales
Elementos de Literatura Peruana

Pedro Henrique Ureñas

Luís da Camara Cascudo
Profisión de Fé
Pensamiento de América

Cesár Vallejo

4.12.1.4.2.1.MENDONÇA, Carlos Sussekind. “Recordação de Medeiros e Albuquerque”. (65-77). Segundo Felix Pacheco, Medeiros e Albuquerque é o tipo complexo do verdadeiro homem de letras moderno. Um poeta devotado à ciência que passava dos escritos cotidianos em jornais e revista à trabalhos de peso em conferências e livros.

Autores e/ou obras citadas:

Silvio Romero

O Mistério

Tito Lívio de Castro
 Afrânio Coutinho
A mulher e a sociogenia
 Viriato Correia
 Paula Nei
 Memórias de Antônio Ipiranga
 Olavo Bilac
A opinião e a multidão
 Coelho Neto
O hipnotismo
 José do Patrocínio
Páginas de crítica
 Guimarães Passos
O regime presidencial no Brasil

Valentim Magalhães

A obra de Júlio Dantas

Canções da Decadência
Poemas sem versos
Pecados
Os homens e as coisa da academia
Polêmicas
Pontos de Vista
 João do Rio
Teatro meu e dos outros
 Souza da Silveira
O Escândalo
 Agenor de Roure
Ciúmes
 Heitor Lira
Por alheias terras

Gaston Veiga

Terra de Santa Cruz
Memórias
Freud e sua teorias sexuais
Perigo americano
O Brasil e a guerra européia

*Marta**Laura*

4.12.1.5.2.1. **FREIXEIRO, Fábio Mello.** “Estilo Indireto Livre em Graciliano Ramos”. (79-85). **O estilo indireto livre, um terceiro processo usado ao lado dos estilos direto e indireto, é amplamente utilizado por Graciliano Ramos em *Vidas Secas*.**

Autores e/ou obras citadas:

Bally
Saussure
Matoso Câmara
Vidas Secas
Machado de Assis

4.12.1.6.2.2. HECKER, FILHO, Paulo. “Um teatro popular?” (87-96). Baseando-se em ensaístas estrangeiros de esquerda, nossos críticos teatrais passam a professar o advento de um teatro popular. Segundo o autor, um erro imperdoável, pois essa doutrina deforma os julgamentos a ponto de ser o responsável pelos inexplicáveis erros críticos neste terreno.

Autores e/ou obras citadas:

A moratória
Jorge Amado
A compadecida

Ariano Suassuna

Fausto
Quixote
Jaspers
Goethe
Miguel de Cervantes
Tennessee Williams
Gata em teto de zinco quente

Brecht

Ópera dos três centavos
Círculo de giz caucasiano
Mãe Coragem
Arthur Miller

Eugene O’Neill
Whitman
Mark Twain
Faukner
Tomás Wolf

Miller

A morte do caixeiro viajante
The crucible
Victor Hugo
Balzac
Marivaux
Molière
Fedra
Racine
Jouvert

4.12.1.7.2.1. LINHARES, Temistocles. “Macedo e o Romance Brasileiro”. (97-105). Os primeiros livros de Macedo giram em torno de temas triviais, mesmo assim, a galeria de personagens não é pobre, já se percebe a evolução quanto ao tema e aos personagens

Autores e/ou obras citadas:

O moço loiro
Os dois amores
Rosa
Vicentina
Nina
A namoradeira
Os quatro pontos cardeais
A baronesa do amor
Memórias do sobrinho de meu tio
A carteira de meu tio
 Ronald de Carvalho
Dom Casmurro

4.12.2.1.4.8. CORREIA, Raimundo. “Algumas Cartas”. (109-122). Publicação das cartas de Raimundo Correa em homenagem ao seu centenário de nascimento.

Autores e/ou obras citadas:

Waldir Ribeiro de Val
 Machado de Assis
 Lúcio de Mendonça
 Alfredo Pujol
 Lucindo Passos Filho
 Urbano Duarte
 Augusto de Lima
 Max Fleiuss
 Filinto de Almeida
 Assis Brasil

4.12.3.1.10.1. n.c. “Os folhetins de Hop-Frog”. (125-170). Publicação dos folhetins de Thomaz Alves.

Autores e/ou obras citadas:

O Primo Basílio

Francisco Palha

Cancioneiro Alegre
 Livio da Assunção
 Camilo Castelo Branco
 Guilherme de Azevedo
 Fagundes Varela
 Alberto Faria
 Casimiro de Abreu
 Alfredo Pujol

Tomás Alves
O culto da forma no Brasil
 Artur Alves
O mulato
 Carlos Laet
 Aluizio de Azevedo
 Gaspar da Silva
 Zola
 Alexandre da Conceição
 Lúcia Miguel Pereira
 Ferreira de Araújo

O cacaulista

Eça de Queiroz
O coronel sangrado
 Machado de Assis
 Lúcio de Almeida
 Capistrano de Abreu
O marido da adúltera
 José do Patrocínio
 Inglês de Souza
 Raul Pompéia
História de um pescador
 Araripe Júnior
O ateneu

Alberto de Oliveira
 Alberto Faria
 Valentim Magalhães
 Tomáz Alves
As mil uma noites
 Júlio de Mesquita
 Júlio Ribeiro
 Júlia Lopes

4.12.4.1.2.1. MARCHIORI, Laura. “L’art de tradurre”. (173-178). As comemorações pelo cinquentenário da morte de Machado de Assis e a tradução para o italiano de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Autores e/ou obras citadas:

Benedetto Croce
Pinocchio
 Eça de Queiroz
Il Cugino Basílio
 Ugo Foscolo
O crime do padre Amaro
Os Maias

4.12.4.2.2.8. LEAL, Francisco de Cunha. “Vinte teses acerca da formação e sobrevivência de Portugal”. (179-182). Trecho do livro a ser publicado *O Enigma Português*, que discute a formação portuguesa sobre vários aspectos.

4.12.4.3.2.8. VIANNA, Hélio. “O Livro que dá Razão do Estado do Brasil”. (183-187) Mapas, manuscritos e pergaminhos que fazem a história do Brasil.

Autores e/ou obras citadas:

Razão do Brasil
Dicionário de Língua Portuguesa
 Diogo de Menezes
 Francisco Adolfo Varnhagen
Notícias do Brasil
História Geral do Brasil
Livro que dá Razão das Cousas do Brasil
 Joaquim Manuel de Macedo
 Melo Morais
Dicionário Bibliográfico Brasileiro

Candido Mendes de Almeida
Iracema
 José de Alencar
 João Teixeira Albernaz
Memórias Políticas da Província da Bahia
 Serafim Leite
 História da Companhia de Jesus
 Testamento de Mem de Sá – Inventário de seus bens no Brasil

Wanderley Pinto
História da expansão portuguesa no mundo
Livro velho do tombo do mosteiro de São Bento da cidade de Salvador
História de um engenho do Recôncavo

Manuel Diégues Júnior
The Hispanic American Historical Review
 Engel Sluiter

4.12.4.4.2.8. COSME, Luís. “Salamanca do Jarau”. (189-195). Balé inspirado na lenda da Salamanca do Jarau proveniente da Espanha e incorporada pelo folclore do Rio Gande do Sul.

4.12.4.5.7.8. CARMO, Célio Assis do. “Índice do Dicionário Bibliográfico Brasileiro de J.F. Velho Sobrinho III – (M-Z)”. (197-211). Continuação do dicionário do número anterior da Revista.

Autores e/ou obras citadas: vários

4.12.6.1.8.8. n.c. “Catálogo das Publicações de INL”. (215-217). Obras publicadas pelo Instituto Nacional do Livro durante o ano de 1959.

Autores e/ou obras citadas: vários

4.12.7.1.8.8. OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (221-266). Obras publicados no Brasil entre janeiro e março de 1959.

Autores e/ou obras citadas: vários

4.13.0.1.10.1. TOSTES, Joel Bicalho. “Cronologia de Euclides da Cunha”. (7-11). Cronologia de Euclides da Cunha organizada por Joel Bicalho Toste.

4.13.1.1.2.1. SODRÉ, Nelson Werneck. “Revisão de Euclides da Cunha”. (15-53). As atenções a Euclides da Cunha ficaram reduzidas à tragédia do autor em detrimento a sua obra.

Autores e/ou obras citadas:

Os Sertões
 Benjamin Constant
À Margem da História
Um Paraíso Perdido
Diário de Uma Expedição
 Teodoro Sampaio
 Derby
 Spix e Martius

Hartt
 Gardner
 Burton
 Hatzfeld
 Rathburn
 Lopes Mendes
 Darwin
 Roquette Pinto
 Castro Alves

Valentim Magalhães
 Gilberto Freire
 Graça Aranha
Canaã

Domingos Olimpio
 Luzia Homem
 Silvio Rabelo
Contrastes e Confrontos

4.13.1.2.2.1. ANDRADE, Olímpio de Souza. “Linguagem, Poesia e Imaginação na História Sem Fronteiras”. (55-74) O processo de criação de *Os Sertões* de Euclides da Cunha.

Autores e/ou obras citadas:

Inferno Verde
Poemas e Canções
 Hatzfeld
D. Quixote
 Valery
Memórias Póstumas de Brás Cubas
 Eugenio Gomes
 José Lins do Rêgo
 Macedo Soares
 Taine
 Augustin de Védia

4.13.2.1.4.8. CUNHA, Euclides. “Cartas Familiares e outras”. (77-105). Publicação da correspondência de Euclides da Cunha.

4.13.3.1.2.1. CUNHA, Euclides. “Dia a Dia”. (109-172). Vários artigos de Euclides da Cunha publicados em *O Estado de São Paulo*.

4.13.1.2.9.1. CORREIA, Viriato. “A última entrevista concedida por Euclides da Cunha”. (173-176). Última entrevista com Euclides da Cunha em agosto de 1909 e publicada na revista *Ilustração Brasileira*.

4.13.3.3.10.1. VIEIRA, José & NETO, Coelho. “A repercussão da morte de Euclides da Cunha na Câmara dos Deputados. (177-179). Trecho do livro *Na Cadeia Velha* de José Vieira sobre a morte de Euclides da Cunha e a reprodução do discurso de Coelho Neto na Câmara dos Deputados.

4.13.4.1.10.1. SOUZA, J. Galante de. “Algumas fontes para o estudo de Euclides da Cunha”. (183-219). Bibliografia de Euclides da Cunha por Francisco Venâncio Filho e Antônio Simões dos Reis.

Autores e/ou obras citadas:

Francisco Venâncio Filho
 Antônio Simões dos Reis
A Glória de Euclides da Cunha

Edgard Sussekind de Mendonça

4.13.4.2.2.1. BENÍTEZ, Justo Pastor. “Euclides da Cunha”. (221-224). O autor traça um paralelo entre a vida de Euclides da Cunha e suas personagens.

Autores e/ou obras citadas:

Os Sertões

Sarmiento

Alcides Arguedes

Horácio Mann

Raza de Bronce

Dostoievski

Fernando Dias de Medina

Gustavo Otero

Pueblo Enfermo

La História de Bolívia

4.13.4.3.2.1. BROCA, Brito. “Um Romance de Afonso Arinos sobre Canudos”. (225-228)
O romance *Os Jagunços* escrito por Afonso Arinos sob o pseudônimo de Olívio de Barros.

Autores e/ou obras citadas:

João Felício dos Santos

João Abade

Paulo Dantas

O Capitão Jagunço

Tristão de Ataíde

Morte de Conceição

Os Miseráveis

Victor Hugo

L Chartreuse de Parme

O Guarani

4.13.6.1.6.8. n.c. “Catálogo das Publicações do INL”. (231). Catálogo das obras publicadas pelo INL no período.

Autores e/ou obras citadas: vários

4.13.6.2.6.8. n.c. “Os Prêmios do INL”. (231-233). Autores e obras premiadas pelo Instituto Nacional do Livro.

Autores e/ou obras citadas: vários

4.13.6.3.2.1. n.c. “O Centenário de Nascimento de Clóvis Beviláqua”. (234-238).
Homenagem aos 100 anos de nascimento de Clóvis Beviláqua.

4.13.7.1.8.8. n.c. “*Bibliografia Brasileira Corrente*”. (345-309). *Bibliografia publicada no Brasil entre abril e junho de 1959.*

Autores e/ou obras citadas: vários

4.14.1.1.2.1. CAMPOS, Augusto de. “Um lance de “Dês” do Grande Sertão”. (9-27). *Estudo comparativo entre Grande Sertão e Finnegans Wake.*

Autores e/ou obras citadas:

James Joyce
 Harry Levin
Finnegans Wake
Grande Sertão: Veredas
 Guimarães Rosa
Macunaíma
 Mário de Andrade
 Oswald de Andrade
Serafin Ponte Grande
Memórias Sentimentais de João Miramar
 Mallarmé
 David Hayman
 Joyce et Malarmé
Un Coup de Dés
 André Gide
 Robert Geer Cohn
Lance de Dados
 Ulisses
 Oswaldino Marques
 Ezra Poud

4.14.1.2.2.1. COELHO, Jacinto do Prado. “Germes do Romantismo num Poeta Barroco”. (29-38). Sobre o escritor português Pina e Mello.

Autores e/ou obras citadas:

Teófilo Braga
Arcádia Lusitana
História da Literatura Portuguesa
 Fidelino de Figueiredo
História da Crítica Literária em Portugal
 Hernâni Cidade
 Cruz e Souza
Bucólica
Teatro de Eloquência

Triunfo da Religião

Rapin

Boileau

Voltaire

Gongora y la Poesia Portuguesa del Siglo XVII

Nova Arte e Conceitos

Fênix Renascida

Postilhão de Apolo

História do Movimento Romântico Espanhol

Almeida Garret

Cristovão Falcão

Rodrigues Lobo

Um Auto de Gil Vicente

4.14.1.3.2.1. GUSMÁN, Pascual Gonzáles. “Los dos mundos de Don Perlimplin”. (39-59).
Sobre *O amor de Don Perlimplin con Belisa en su jardin* de Garcia Lorca.

Autores e/ou obras citadas:

O amor de Don Perlimplin con Belisa en su jardin

Garcia Lorca

Angél Del Rio

Guilhermo de Torre

José Antonio Maravall

Garcilaso

Fray Luis Becquer

Juan Ramón

Salinas

San Juan de la Cruz

Antonio Machado

Guillén

Balada Triste

Libro de Poemas

Yerma

Bodas de Sangre

La Casa de Bernarda Alba

La Zapatera Prodigiosa

Proust

Faulkner

Leyenda del Tiempo

Así que pasen cinco años

4.14.1.4.2.1. PICCHIO, Luciana Stegagno. “O itinerário de Murilo Mendes”. (61-73).
Estudo da poesia de Murilo Mendes

Autores e/ou obras citadas:

Mário de Andrade
 Manuel Bandeira
Discípulos de Emaús
 Gonçalves de Magalhães
 Carlos Drumond de Andrade
 Augusto Frederico Schmidt
 Gil Vicente
 Camões
 Gonçalves Dias
 Castro Alves
 Machado de Assis
 Antônio Nobre
 Cesário Verde
 Góngora
 São João da Cruz
 Manrique
 Stendhal
 Rimbaud
 Mallarmé
 Aragón
 Reverdy
 Eluard
 Montesquieu
 Jorge de Lima

4.14.1.5.2.8. LYRA, Heitor. “O Falso Pretendente”. (75-81). As manobras políticas que afastaram a Princesa Izabel.

4.14.1.6.10.1. MENDONÇA, Carlos Süssekind de. Lúcio de Mendonça: “Últimos Anos de Estudante”. (83-97). Capítulo III do livro em preparo *Pensamento e Ação* de Lúcio de Mendonça.

Autores e/ou obras citadas:

Névoas Matutinas
 Pedro Lessa
 Raimundo Correia
Rigoletto
Fausto
O Crime do Padre Amaro
 Ezequiel Freire
 Assis Brasil
 Afonso Celso
As Farpas
História Pátria

Almeida Nogueira

Laurindo Pita

Magalhães Castro

Paula Santos

Vicente Machado

Fontoura Xavier

4.14.1.7.2.6. TAVINI, Giuseppe. “Os Judeus Portugueses do Livorno e algumas características de sua língua”. (99-108). A migração dos judeus portugueses pela Europa e as características de sua língua.

4.14.1.8.2.1. MOISÉS, Massaud. “Alguns aspectos da obra de Aluísio Azevedo”. (109-137). A partir da obra de Aluísio de Azevedo pode-se repensar os problemas das características fundamentais do romantismo e do romance realista.

Autores e/ou obras citadas:

<i>Lucíola</i>		<i>A Bola Preta</i>
Alexandre Dumas		Coelho Neto
O Gaúcho	Don Casmurro	Bernardo Guimarães
José de Alencar		<i>Aos Vinte Anos</i>
<i>Das Notas de uma Viúva</i>		Castro Alves
<i>Amores de um Médico</i>		<i>Último Lance</i>
<i>Madame Bovary</i>		Eça de Queiroz
<i>Joaquim Manuel de Macedo</i>		<i>Macaco Azul</i>
<i>Gustavo Flaubert</i>		Raul Pompéia
Inocência	O Primo Basílio	<i>Uma Lição</i>
Visconde de Taunay		<i>A Mortalha de Alzira</i>
<i>Demônio</i>		Fora de Horas
<i>Helena</i>		<i>A Condessa Vésper</i>
<i>Olímpia de Clèves</i>		<i>O Madeireiro</i>
<i>Machado de Assis</i>		<i>Girândola de Amores</i>
Germinal		<i>O Impenitente</i>
<i>O Mulato</i>		<i>Mistério da Tijuca</i>
Júlio Verne		<i>Pelo Caminho</i>
<i>O Cortiço</i>		Filomena Borges
H. G. Wells		<i>O Touro Negro</i>
Casa de Pensão	A Cidade e as	<i>Canaã</i>
Serras		Afrânio Peixoto
Taine		Graça Aranha
Eça de Queiroz		<i>Orpheus</i>
<i>A Loureira</i>		<i>Amar Verbo Intransitivo</i>
Fialho de Almeida		Salomão Reinach
<i>O Felizardo</i>		Mário de Andrade
Trindade Coelho		<i>A Catedral</i>

Naná
 J. K. Huysmans
 Emile Zola
Fluxo e Refluxo
O Coruja
Livro de uma Sogra
O Homem
Eurico, O Presbítero

Alexandre Herculano
 Bernardo Guimarães
O Seminarista
O Crime do Padre Mouret
O Missionário
 Inglês de Souza
A Dama das Camélias

4.14.2.1.4.8. n.c. “Do Arquivo de Afonso Arino”. (141-179). Reprodução das cartas recebidas e expedidas por Afonso Arinos durante sua viagem de Belo Horizonte a Diamantina em 1904.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis
 Joaquim Nabuco
 Mário de Andrade
 Manuel Bandeira
Pedro Barqueiro
A Garupa
Joaquim Mironga
O Contratador de Diamantes
Sítios e Personagens
 Olavo Bilac
 Artur Azevedo
 Magalhães de Azevedo
 Domício Gama
 José Veríssimo
 Euclides da Cunha

4.14.3.1.10.8. ANDRADE, Oswald de. “Manifestos Modernistas”. (185-202). Reprodução dos manifestos publicados nas revistas *Klaxon*, *Terra Roxa* e outras.

4.14.4.1.2.8. LINS, Ivan. “Frância”. (205-209). Sobre José Gaspar de Frância, patriarca da independência do Paraguai.

Autores e/ou obras citadas:

Augusto Comte
Calendário dos Grandes Homens
Suma
 Santo Tomás de Aquino
 Voltaire
 Rousseau
 Raynal

Montesquieu
 Volney
 Taplace
 Aristóteles
Calendário Histórico
 Rui Barbosa
Cartas de Inglaterra
La vida solitária del Dr. José Gaspar de Frância

4.14.4.2.2.1. MELLO, Silva. “Recordação de Gastão Cruls”. (211-222). Sobre o escritor e historiador Gastão Cruls.

Autores e/ou obras citadas:

Gilberto Freire
Panoramas da América Latina
 Antônio Torres
 Agripino Grieco
Problemas do Ensino Médico e de Educação
Angra
 Anatole
 Eça de Queiroz
 D’Annunzio
 Machado de Assis
 Guy de Maupassant
 Afonso Arinos
 Barbey d’Aurevilly
Les Diaboliques
 Euclides da Cunha
 Edgar A. Pöe
 Oscar Wilde
Contes Choisi
 Pierre Louys

4.14.4.2.2.8. SCHNEIDER, Otto. “Não cora o livro de ombrear com o sabre”. (223-226). Sobre a fundação da biblioteca do exército.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis
 Érico Veríssimo
 Guy de Maupassant
Guerra e Paz
 Tolstoi
Deuses, Túmulos e Sábios
 Castro Alves

5.15.1.1.2.1. LUCAS, Fábio. “Caminhos da Consciência Literária Nacional”. (9-17).
Mário de Andrade dedicou toda sua carreira insistindo na necessidade de fixar o escritor em seu espaço social e não continuar em um modelo alienígena.

Autores e/ou obras citadas:

Mário de Andrade	<i>Macunaíma</i>
Castro Alves	<i>Amar, Verbo Intransitivo</i>
José de Alencar	Hawthorne
Silvio Romero	Eliot
Machado de Assis	Auden
João Ribeiro	Balzac
Euclides da Cunha	Tolstoi
Raul Pompéia	Proust
Alberto Torres	Faulkner
Oliveira Viana	Hemingway
Manuel Bandeira	Goethe
Jean Paul Sartre	Tomas Mann
<i>Escrever para nossa época</i>	

5.15.1.2.2.1. ANDRADE, Olimpio de Souza. “O leitor Joaquim Nabuco e o livro de Bagehot”. (19-24). A importância da obra de Joaquim Nabuco para o Brasil.

Autores e/ou obras citadas:

Minha Formação
Walter Bagehot
Renan
La Constitution Anglaise
A América Latina
Phisic and Politocs

5.15.1.3.2.1. PROENÇA, M. Cavalcanti. “Arraiada de Mário”. (25-30).O texto trata do livro *Primeiro Andar*, onde Mário de Andrade republica os seus primeiros contos.

Autores e/ou obras citadas:

Primeiro Andar
Caçada de Macuco
Conto de Natal
O Besouro e a Rosa
Contos de Malazarte
Cocoricó
Eva
Moral Cotidiana

Macunaíma
História sem Data
 Machado de Assis
 Ebbinghans
 Robot
 Bergson
 W. James
 Woodsworth
 Lombroso
A Filha do Enforcado
 Teófilo Gautier
Menina do Olho no Fundo
Vestida de Preto
 Oneyda Alvarenga

5.15.1.4.2.1. FRAGOSO, Augusto. “Dois Momentos de Joaquim Nabuco”. (31-40). Trata-se de dois textos do mesmo autor: A polêmica literária entre Joaquim Nabuco e José de Alencar e notas sobre um soneto de Joaquim Nabuco.

Autores e/ou obras citadas:

O Jesuita	Cartas de Ig	Couto de Magalhães
José de Alencar		<i>Bibliografia de Joaquim Nabuco</i>
<i>O Sr. José de Alencar e o Teatro Brasileiro</i>		Pinto de Campos
<i>As Asas de um Anjo</i>		<i>Correspondência entre Machado de Assis e Silvio Romero</i>
Araripe Júnior		Joaquim Nabuco
<i>O Guarani</i>		Melo Morais
<i>A Dama das Camélias</i>		<i>Memorial do Rio de Janeiro</i>
<i>Iracema</i>		<i>Capistrano de Abreu</i>
<i>Luciola</i>		<i>Carlos Laet</i>
<i>Demônio Familiar</i>		Lúcio de Mendonça
Gregório de Matos		Dantas Barreto
<i>Verso e Reverso</i>		Salvador de Mendonça
Voltaire		Alcides Maia
Mãe	Minha	<i>Raimundo Correia</i>
Formação		<i>Gregório de Matos</i>
Vale Cabral		<i>A Confederação dos Tamoios</i>
<i>O Nada</i>		<i>Canções dos Trópicos</i>
Teixeira de Freitas		<i>Gonçalves de Magalhães</i>
<i>Morte</i>		<i>Soares de Souza Júnior</i>
Augusto Zaluar		
<i>Uruguaiana</i>		

5.15.1.5.2.1. SIMÕES, João Gaspar. “Geração de Orpheu”. (41-57). A importância de Fernando Pessoa para o modernismo português.

Autores e/ou obras citadas:

Verlaine	Texeira de Pascoais	
<i>Indícios de Oiro</i>	<i>A Invenção do Dia Claro</i>	
<i>Moréas</i>	Mário Beirão	
<i>As Sete Canções de Declínio</i>	<i>O Menino d'Olhos de Gigante</i>	
<i>Laforgue</i>	Maurice Maeterlinck	
<i>Cesário Verde</i>	<i>A Engomadeira</i>	
Rimbaud	O Marinheiro	Nome de
Antônio Nobre	Guerra	
Mallarmé	<i>A Voz de Deus</i>	
Camilo Pessanha	<i>A Explicação do Homem</i>	
Mário de Sá Carneiro	<i>Queda</i>	
<i>Antologia do Interseccionismo</i>	<i>O Evangelho de São Vito</i>	
<i>Santa Rita</i>	<i>Poente</i>	
<i>Clepsidra</i>	<i>As Memórias Astrologicas de Camões</i>	
Raul Leal	<i>A Nova Poesia Portuguesa</i>	
<i>Os Passos da Cruz</i>	<i>Missal de Trovas</i>	
José Pacheco	<i>Chuva Oblíqua</i>	
Ângelo de Lima	<i>Versos Frios, Poemas da razão</i>	
Amadeu de Sousa Cardoso	<i>Matemática</i>	
<i>Poemas do Guardador de Rebanhos</i>	<i>Mensagem</i>	
<i>José de Almada Negueiro</i>	<i>Arvore de Natal</i>	
<i>Pedro de Meneses</i>	<i>Antinous</i>	
Luís de Montalvar	<i>35 Sonetos</i>	
<i>Cena do Ódio</i>	<i>Inscriptions</i>	
<i>Ronald de Carvalho</i>	<i>English Poems</i>	
<i>Marinetti</i>	<i>Aviso Por Causa da Moral</i>	
Guerra Junqueiro	<i>Dégénérescence</i>	
<i>Manifesto Anti- Dantas</i>	Max Nordau	
<i>Pauís</i>	<i>Ode Marítima</i>	
<i>10 Poemas Portugueses</i>	<i>Confissões de Lúcio</i>	
<i>O Sino de Minha Aldeia</i>	<i>Céu em Fogo</i>	
Sonia de Delaunay - Terke	<i>Dispersão</i>	

5.15.1.6.2.1. DOMINGO, Javier. “João Guimarães Rosa y la Alegria”. (59-60). Segundo o autor, *Grande Sertão: Veredas* talvez seja o único exemplo de realização completa de “estado de alegria”, somente proporcionado pela mística teológica.

Autores e/ou obras citadas:

Kierkegaard
 Unanuno
 Sartre
 Heidegger
 Herman Melville

Gabriel Miró
 Andreiev
Grande Sertão: Veredas
 Mallarmé
 Henriqueta Lisboa
Don Quixote
Sagarana
Corpo de Baile
 James Joyce
 San Juan de la Cruz

5.15.1.7.2.1. NÓBREGA, Mello. “Rimas que não Rimam”. (65-76). A conceituação dos efeitos de identidade ou aproximação sonora usado em poesia.

Autores e/ou obras citadas:

Pierre Fabri
 Georges Lote
 Raoul De La Grasserie
 Lanzinus Curtus
 J. H. Rizius
 Bluteau
 Jean Bastia
 Joaquim José do Vale
 François Rabelais
 Felice Cavallotti
 Salustri
 Arrigo Boito
 John Taylor
 George Mac Donald
 Ralph Thomas
 Ane Lake
 Verlaine
 Samuel Butler
 Emile Debraux

5.15.1.8.2.1. VELLINHO, Moyés. “Histórias Mal Contadas”. (77-85). A vida pobre e praticamente reclusa de Machado de Assis em nada se compara a seus livros.

Autores e/ou obras citadas:

Memórias Póstumas de Brás Cubas
 R. Magalhães Júnior
 Luís Murat
 Agripino Grieco
Quincas Borba

Fetiches e Fantoques
 Lúcia Miguel Pereira
Estudo Crítico e Biográfico
 Mário Matos
 Brito Broca
Almanaque Brasileiro
 Coelho Neto
O Rei Negro

5.15.1.9.2.1. MEYER, Marlyse. “O Moscheta de ângelo Beolco, O Ruzante”. (87-98). Desenrolou-se na cidade de Ferrara, uma grande homenagem a Ângelo Beolco e outras figuras do renascimento.

Autores e/ou obras citadas:

Moscheta
 Mortier
 Lovarini
 Grabher
 Anconitana
 Piovana
 Vacaria
 Bosio
 Baseggio

5.15.1.10.10.8. BENITEZ, Justo Pastor. “Carlos Antonio López”. (99-108). Biografia de Carlos A. López, primeiro presidente constitucional do Paraguai.

5.15.1.11.2.1. NAVA, José. “Brasileiros no caminho de Proust”. (109-125). A grande euforia causada pela chegada das obras de Proust no Brasil.

Autores e/ou obras citadas:

Du Côté de Chez Swann
A L'Ambre des Jeunes Filles en Fleurs
 Milton Campos
 Gustavo Capanema
 Martins de Oliveira
 Euríalo Canabrava
 Pedro Nava
 Carlos Drumond de Andrade
 Artur Veloso
 Eduardo Frieiro
 Alberto de Campos
 Mário Casassanta
 Mário Mendes Campos

Emílio Moura
 Francisco Magalhães Gomes
 Gabriel Passos
A La Recherche du Temps Perdu
 Graça Aranha
 Rabelais
 Zola
L'Atlantide el L'Histoire du Brésil
O Herdeiro de Caramuru
As reflexões sobre a colonização do Brasil
Inocência
 Visconde de Taunay

5.15.1.11.2.1. LINHARES, Temístocles. “Macedo e o Romance Brasileiro”. (127-135). Macedo pode ser qualificado de romancista da cidade, visto que sua obra tem por objeto casos urbanos ou complicações com gente da cidade.

Autores e/ou obras citadas:

Os Dois Amores

A Namorada

O Rio do Quarto

Eça de Queiroz

Emíle Zola

O Forasteiro

Mulheres de Mantilha

Um Noivo e Duas Noivas

Walter Scott

Memórias da Rua do Ouvidor

Um Passeio Pela Cidade do Rio de Janeiro

5.15.2.1.10.8. RIO, João do. “Dom Luís”. (139-148). Biografia de Dom Luís de Orleans e Bragança, filho da Princesa Isabel e do Conde D’Eu.

5.15.2.2.10.8. BRAGANÇA, Dom Luís de Orleans e. “Journal de Guerra”. (149-188). Texto *Sob o cruzeiro do sul* publicado em *Journal de Guerre*, onde o autor faz uma narrativa militar.

5.15.2.3.10.3. ANDRADE, Mário de. “Pedro Malazarte”. (195-203). Ópera cômica narrando as peripécias do personagem Pedro Malazarte.

5.15.4.1.3.8. PLACER, Xavier. “O Perfeito Bibliotecário”. (207-210). O papel do bibliotecário nas antigas e modernas bibliotecas.

5.15.4.2.6.8. SCHREID, Maria Romano. “Bodoni e o Museu Bodoniano de Parma”. (211-213). Homenagem ao tipógrafo italiano Giambattista Bodoni.

5.15.4.3.7.8. CARMO, Célio Assis do. “Índice do Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres e da Coletânea de Autores Mineiros”. (215-223). Transcrição do dicionário de autoria de Pereira Costa (1882), contendo as biografias de pessoas que se notabilizaram em Pernambuco em vários ramos da atividade humana e a coletânea de autores mineiros.

Autores e/ou obras citadas: vários

5.15.4.4.5.8. BROCA, Brito & CARPEAUX, Otto Maria. “Revista do Livro – Resenhas Críticas”. (225-233). Resenha crítica de vários livros lançados em 1959 e 1960.

Autores e/ou obras citadas:

<i>O Trapicheiro</i>	José Lins do Rego
Marques Rebelo	Joaquim Nabuco
<i>Marafa</i>	Fernando Pessoa
<i>Espelho Partido</i>	Orígenes Lessa
Belmiro Braga	<i>Omelete em Bombaim</i>
<i>Dias Idos e Vividos</i>	<i>João Simões Continua</i>
Carlos Drummond de Andrade	<i>Desintegração da Morte</i>
<i>Sentimento do Mundo</i>	<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>
<i>A Rosa do Povo</i>	<i>Formação da Literatura Brasileira</i>
<i>Panorama da Poesia Brasileira</i>	Antônio Candido
Josué Montelo	<i>Maria de cada porto</i>
<i>A Décima Noite</i>	<i>A Fantasia Exata</i>
<i>Fronteiras da Criação</i>	Franklin de Oliveira
Guilheme Aragão	<i>Ordem e Progresso</i>
<i>Origem e Evolução da Música em</i>	Gilberto Freire
<i>Portugal e sua Influência no Brasil</i>	Sérgio Buarque de Holanda
Eça de Queiroz	<i>Augusto dos Anjos e outros ensaios</i>
Machado de Assis	<i>Introdução ao Cinema Brasileiro</i>
<i>O Crime do Padre Amaro</i>	Alex Viany

5.15.6.1.8.8. n.c. "Catálogo das Publicações do INL". (237-242). As últimas publicações do Instituto Nacional do Livro e o regulamento para os prêmios concedidos anualmente pelo instituto.

Autores e/ou obras citadas: vários

5.15.6.2.6.8. n.c. "Lúcia Miguel Pereira e Otávio Tarquínio de Sousa". (243-245). Notícia sobre a morte de Lúcia Miguel Pereira e Otávio Tarquínio de Sousa em um acidente de avião.

5.15.6.3.2.7. n.c. "Albert Camus". (245-246). Sobre a filosofia de Albert Camus.

5.15.6.3.6.8. n.c. "Alfonso Reyes". (247). Com a morte de Alfonso Reyes desaparece uma das grandes figuras intelectuais da América Espanhola.

5.15.6.4.9.8. n.c. "Joaquim Nabuco". (247-251). Reprodução da entrevista concedida por Joaquim Nabuco ao jornal *Estado de São Paulo* em 1898.

5.15.6.4.8.8. n.c. "Dicionário Biobibliográfico da Literatura Brasileira". (252). A publicação pelo INL do *Dicionário Biobibliográfico da Literatura Brasileira* organizado por J. Galante de Sousa.

5.15.6.5.2.1. n.c. "Movimento Literário de 1959". (252-254). O grande número de obras literária lançadas em 1959.

Autores e/ou obras citadas: vários

5.15.7.1.8.8. OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (257-312). Bibliografia lançada no Brasil em outubro-dezembro de 1959.

Autores e/ou obras citadas: vários

5.16.1.1.2.2. PENNAFORT, Onestaldo de. “Alguns Aspectos do Otelo”. (9-24^o). O autor discute a peça *Otelo* de Shakespeare e considera que seja a sua obra mais bem acabada.

Autores e/ou obras citadas:

Shakespeare

Otelo

Hamlet

Paul de Saint-Victor

5.16.1.2.2.4. GÜNEWALD, José Lino. “Cine-Situação: Vertentes”. (25-50). Para alguns que encaram o cinema “a sério”, se dizem decepcionados com os rumos da sétima arte e acham que esta se tornou um mero entretenimento.

5.16.1.3.2.1. IVO, Lêdo. “Rol de Insulíndias”. (51-50). Os recursos estilísticos na poesia de Jorge de Lima.

Autores e/ou obras citadas:

Invenção de Orfeu

Pedro Salinas

Leo Spitzer

Poemas Escolhidos

Toda América

Ronald de Carvalho

Walt Whitman

Leaves of Grass

Paul Claudel

Frederico Garcia Lorca

Essa Nega Fulô

Castro Alves

Rúben Dario

Rabelais

A Túnica Inconsútil

Baldwin

Victor Hugo

Dante

Mallarmé

Rimbaud

Valery

Proust

Góngora

Rilke

Murilo Mendes

Ilha de Maré

Manuel Botelho de Oliveira

Santa Rita Durão

Sílvio Romero

Música no Parnaso

5.16.1.4.2.1. CAMPOS, Haroldo de. “A Temperatura Informal do Texto”. (61-70). Haroldo de Campos responde às críticas dos que pensam a poesia concreta como um empobrecimento da linguagem.

Autores e/ou obras citadas:

Dante
 Arnaut Daniel
 Max Bense
 James Joice
 Mandelbrot
 G. A. Miller
 Henry Levin
 Mallarmé
 William Carlos Williams
 Cummings
 Oswald de Andrade
 João Cabral de Melo Neto

Mário Pedrosa
 Guimarães Rosa
 Pedro Xisto
Grande Sertões: Veredas
Serafim Ponte Grande
 Machado de Assis
Memórias Póstumas de Brás Cubas
Shanno
The Mathematical Theory of
Communication

5.16.1.5.2.8. GRASSO, Dick Edgar Ibarra. “Sobre el Desarrollo de las Civilizaciones Precolombianas de Bolívia y el Origen del Imperio Incaico”. (71-83). *Sobre a formação do povo boliviano.*

5.16.1.6.2.1. ALVARENGA, Octávio Mello. “Proust e Nobokov: Aproximações. Octávio Mello Alvarenga”. (85-98). O tema de aproximação entre Proust e Nobok é o ciúme. Proust em *A la recherche du temp perdu* e Nobok em *Lolita*.

5.16.2.1.4.8. QUEIROZ, Eça de. “Cartas a Eduardo”. (101-126). A correspondência entre Eça de Queiroz e Eduardo Prado.

5.16.3.1.10.8. CELSO, Afonso. “Dom Pedro II”. (127-173). Publicação de 3 textos: Dom PedroII, O assassinato do Coronel Gentil José de Castro e Oito anos de Parlamrnto.

5.16.4.1.2.1. MARTINS, Wilson. “Cendras e o Brasil”. (177-183). As relações de Blaise Cendras com o Brasil.

5.16.4.2.2.1. TORRES, João Camilo de Oliveira. “A ficção científica como fantasia pura ou a vingança de Dom Quixote”. (185-189). A situação da literatura e da arte no séculoXX diante do exito das artes nascidas das máquinas.

5.16.4.2.2.3. COSME, Luís. “Vila Lobos, Compositor Brasileiro”. (191-196). A música de Vila Lobos está alicerçada nas três raças: portuguesa, negra e a ameríndia.

5.16.4.3.10.1. HOUAISS, Antônio. “Plano do Dicionário com as Obras de Machado de Assis”. (197-223). Anteprojeto do dicionário das obras de Machado de Assis.

5.16.6.1.8.8. n.c. “Catálogo das publicações do INL”. (227-227). Obras publicadas pelo Instituto Nacional do Livro.

5.16.6.2.6.8. n.c. “Centenário da Morte de Ribeyrolles”. 228-229. Sobre os 100 anos de morte do escritor Charles Ribeyrolles, autor de *Le Brésil Pittoresque*.

5.16.7.1.8.8. OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (233-287). As publicações no Brasil entre janeiro e março de 1960.

Autores e obras: vários

5.17.1.1.2.1. OROENÇA, M. Cavalcanti. “Pão Seco”. (9-18). *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é o livro considerado a ruptura com as influências românticas onde Machado de Assis se apresenta na plenitude de sua concepção materialista do universo.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis
Astrogildo Pereira
Mário de Andrade
Sterne
Xavier de Maistre
Eça de Queiroz

5.17.1.2.2.7. LINS, Ivan. “Bergson: Um Filósofo da Belle Époque”. (19-33). Segundo o autor do texto, *L'Énergie Spirituelle* é o trabalho de maior brilho literário de Bergson.

Autores e/ou obras citadas:

L'Énergie Spirituelle
Jules Grivet
Descartes
Augusto Comte
Pavlov
Diderot
Voltaire
Confúcio
Platão
Padre Antônio Vieira
Goethe

Segundo Fausto
Metafísica
Mães
Jacques Chevalier
Matière et Mémoire
Padre Laberthonnière
Maritain
Descartes ou A Encaranação do Anjo
Bertrand Russel

Plotino

Nicolau
 Locke
 Leibnitz
 Ficht
 Kant
 Schopenhauer
 Henri Poincaré
História da Filosofia
 Padre Leonel Franca
Los deux sources de la morale et de la religion

Alceu Amoroso Lima
 Alfred Fouillée
Évolution Créatrice
Palhoriès
 Castro Neri
 William James
 Medeiros e Albuquerque
 Leonardo Van Acker
A Filosofia Bergosiana

5.17.1.3.2.1. MANZI, Italo Alfonso. “Agnes Von Krusenstjerna – Escritora de la locura”. (35-54). Sobre a obra e o estilo da escritora sueca Agnes Von Krusenstjerna.

Autores e/ou obras citadas:

Baudelaire
 Rimbaud
Los últimos años de estudio de Tony
Caminos de Damasco
El primer amor de Elena
El diário de Nina
Las señoritas Von Pahlen
Nobreza Pobre
História del alma
Tony se hace mujer
Secesos en el camino
La casa de las monjas

5.17.1.4.2.8. CASCUDO, Luís da Câmara. “Aves e Pássaros no Folclore Brasileiro”. (55-62). Lendas e crendices envolvendo as aves.

5.17.1.5.2.1. PEREZ, Renard. “A Evolução do Conto no Brasil”. (63-74). A definição do gênero conto.

Autores e/ou obras citadas:

Mário de Andrade
O Guarani
 José de Alencar
Iracema
Bocário
 Somerset Maughan
 Clarice Lispector
 Helena Silveira

Osman Lins
 Dorothy Parker
 Origenes Lessa
 Diná Silveira Queiroz
 Maupassant
 Ligia Fagundes Teles
 José Condé
 Jorge Amado
Terras do Sem Fim

Luís Canabrava
 William Faulkner
 John Steinbeck
 Ernest Hemingway
 Erskine Caldwell
Estrada do tabaco
Chão Trágico

William Saroyam
 Truman Capote
 Barbosa Lima Sobrinho
Os Percursores
 Norberto de Souza
As duas orfãs
 Alvarez de Azevedo
A Noite na taverna
 Bernardo Guimarães
Lendas e Romances
A Viuvinha
Cinco Minutos
 Machado de Assis
 Contos Fluminenses
 Herman Lima
Várias Histórias
Páginas recolhidas
Relíquias de Casa Velha
 José Veríssimo
 Medeiros e Albuquerque
 Domício da Gama
 Aluísio Azevedo
Pegadas e Demônios
 Coelho Neto
O Jardim das Oliveiras
Banzo
 Júlia Lopes de Almeida
 João do Rio

Simões Lopes Neto
 Afonso Arinos
 Valdomiro Silveira
 Simões Lopes Neto
 Monteiro Lobato
Urupês
Tropas e Boiadas
 Hugo de Carvalho
 Ramos
 Bernardo Elis
 Gastão Cruls
Coivara
Ao embalo da rêde
 Lima Barreto
Histórias e Sonhos
 Antônio de Alcântara
 Machado
 Ribeiro Couto
Belazarte
Contos Novos
Braz, Bexiga e Barra
Funda
O Crime do Estudante
Batista
 Peregrino Júnior
 João Alphonsus
A Galinha Cega
A Pesca da Baleia

Rodrigo M. F. de
 Andrade
Velórios
 Marques Rebêlo
Três Caminhos
Estela me abriu a porta
Omelete em Bombaim
A Desintegração da
Morte
 Guilherme de
 Figueiredo
Rondinela
 Telmo Vergara
Cadeiras na Calçada
 Aurélio Buarque de
 Holanda
Dois Mundos
 Luís Jardim
Maria Perigosa
 Lúcia Benedetti
Vesperal com Chuva
 Diná Silveira de Queiroz
A Sereia Verde
As Noites no Morro
do Encanto
Eles herdarão a Terra

5.17.1.6.2.8. CARNEIRO, Édison. “Os Caboclos de Aruanda”. (75-81). A representação dos caboclos na macumba cariocas.

Autores e/ou obras citadas:

Théo Brandão
 Melo Morais Filho
 Lourenço Braga
 Benedito Ramos da Silva
 Oliveira Magno
 Byron Torrês de Freitas
 Tancredo Silva pinto

5.17.1.7.2.8. COSTA FILHO, Miguel. “Engenheiros Centrais e Usinas”. (83-91). A história da indústria açucareira no Brasil.

5.17.1.8.2.4. HECKER FILHO, Paulo. “Ingmar Bergman” (93-106). A propósito dos filmes de Ingmar Bergman

Autores e/ou obras citadas:

Charles Chaolin
El Buarlador de Sevilha
 Tirso de Molina
 Orson Welles
Sorrisos de uma noite de verão
Uma Lição de Amor
Quando as mulheres esperam
Mônica
Noite no Circo
 Elia Kazan
 Tennessee Williams
Macbeth

5.17.1.9.2.1. RELA, Walter. “Um Documento Poético-Popular Chileno do Século XIX”. (107-118). A poesia popular chilena difundida pelos cantadores e repentistas.

Autores e/ou obras citadas:

Mariano Latorre
El huaso y el gaucho en la poesia popular
 Nicásio Garcia
 Alvaro Yunque
 Santos Veja
 Juan Draghi
Los payadores vencidos
 Marcelino Román

5.17.1.10.2.7. MACHADO FILHO, Aires da Mata. “O Poeta Augusto de Lima”. (119-137). A filosofia na obra do poeta Augusto de Lima.

Autores e/ou obras citadas:

Heckel	Banville
Hegel	Lúcio de Mendonça
Comte	<i>Contemporâneas</i>
Darwin	<i>Paradoxos</i>
Spencer	<i>Turbilhões</i>
Kant	<i>Símbolos</i>
Baudelaire	<i>Dúvidas</i>
Gauthier	<i>Colisão</i>
Laconte	<i>Dois Desertos</i>

<i>No Mar</i>	<i>Cético</i>
<i>Negação</i>	<i>O Polvo</i>
<i>São Francisco de Assis</i>	<i>Epílogo</i>
<i>Noites de Sábado</i>	Eduardo Freire
<i>Tia Chiquinha</i>	<i>Visita a uma mineração</i>
<i>Morte de Safo</i>	<i>Serenata</i>
<i>Herança de Prometeu</i>	<i>Peregrina</i>
<i>Lux Umbra</i>	<i>Oração ao Sol</i>
Manuel Bandeira	<i>O Crucifixo de São Damião</i>
<i>Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase</i>	<i>Francisco beija o leproso</i>
<i>Parnasiana</i>	<i>Exaltação do humilde</i>
Andrade Muricí	<i>Alegria Perfeita</i>
<i>Panorama do Movimento Simbolista</i>	<i>Crepúsculo dos Deuses</i>

5.17.2.1.2.1. ALENCAR, “José de. Poesia”. (141-179). Publicação de poesias de José de Alencar.

5.17.3.1.10.2. n.c. “Norma (vaudeville – jocoso)”. (183-206). *Paródia da ópera Norma*.

5.17.4.1.2.1. BROCA, Brito. “João Ribeiro e os Modernistas”. (209-212). A postura de João Ribeiro frente ao movimento modernista.

Autores e/ou obras citadas:

Humberto de Campos	Manuel de Abreu
<i>Diário Secreto</i>	Marinetti
Olavo Bilac	Paul Valéry
Alberto de Oliveira	Mallarmé
Oswald de Andrade	<i>Cobra Norato</i>
Emilio de Menezes	<i>Macunaíma</i>
<i>Fabordão</i>	Mário de Andrade
Leal de Souza	Cavalcanti Proença
<i>Via Láctea</i>	Adelino Magalhães
Francisca Júlia	Eugênio Gomes
Múcio Leão	<i>Laranja da China</i>
<i>Crítica – Os Modernos</i>	Antônio de Alcântara Machado
<i>9 mil dias com João Ribeiro</i>	Graça Aranha
Álvaro Moreyra	Afrânio Peixoto
Manoelito de Ornelas	Bernardelli
Rui Cirne Lima	Correia Lima
Paulo Torres	

5.17.4.2.2.1. IVO, Lêdo. “A Propósito de Laura Moura”. (213-218). Sobre a musa de Mário de Andrade, Laura Moura, que se diferencia de outras que portam apenas prenome. Humanizada, consta até do catálogo telefônico.

Autores e/ou obras citadas:

Mário de Andrade
A Costela do Grão Cão
Lira Paulistana
Macunaíma
Pequena História da Música Brasileira

5.17.4.3.2.8. BARRETO, Castro. “Roquette Pinto e o Homem Brasileiro”. (219-226). Homenagem à memória de Roquette Pinto.

Autores e/ou obras citadas:

Artur Ramos
 Olavo Bilac
 Alexandre Rodrigues Ferreira
 Maximiliano de Wied-Newied
 Martius D’Orbigny
 Couto Magalhães
 Von de Steinen
Ensaio Brasileiro
 Fritz Müller

5.17.4.4.7.8. CARMO, Célio Assis do. “Índice do *Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro* de Argeu Guimarães. (227-236). Índice dos verbetes de A a G do *Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro*.

Autores: vários

5.17.6.1.8.8. n.c. “*Catálogos das Publicações do INL*”. (239–240). *Consta do catálogo a tradução de Darci Damasceno de Poesia Espanhola. Ensaio e Limites Estilísticos e os Prêmios do Instituto Nacional do Livro.*

5.17.7.1.8.8. OTTONI, Áureo. *Bibliografia Brasileira Corrente*. (243-293). *Bibliografia lançada no Brasil entre abril e junho de 1960.*

Autores: vários

5.18.1.1.10.8. n.c. “Primeiro Encontro de Deodoro da Fonseca com os Republicanos”. (7-18). *A resistência do Marechal Deodoro em receber chefes republicanos civis na proclamação da república.*

5.18.1.2.2.1. ALVAR, Manuel. “Cantos de Muerte Sefardi”. (19-31). *Sobre um aspecto específico da poesia sefardi.*

Autores e/ou obras citadas:

Menéndez y Pelayo
Menéndez Pidal
Benoliel
Diaz Plaja
Béruchou

5.18.1.3.2.1. EULÁLIO, Alexandre. “O Último Bom Selvagem”. (33-48). A vida e a obra do escritor Lúcio de Mendonça.

Autores e/ou obras citadas:

João Mandi
Mãe Cabocla
Coração de Caipira
Brito Broca
Tristão de Ataíde
Esboços e Perfis
Horas de Bom Tempo
O Hóspede
Cabocla
Ribeiro Couto
O Marido da Adúltera
Luís da Seera
Tropical Birds
Ornithologie Bresilienne

J. Th. Descourtilz
Alvoradas
Paulo e Virgínia
Canção de Viagem
Rousseau
São Jeronimo e o Leão
Fioretti
Vida do Venerável Joseph de Anchieta
Padre Simão de Vasconcelos
Balzac
Une passion dans le désert
O Sertanejo
Canção do moço montanhês

5.18.1.4.2.8. NEVES, José Teixeira. “Aspectos do Século XIX na Vida de um Prelado mineiro”. (49-59). A vida e a obra de Dom João Antônio dos Santos, primeiro bispo de Diamantina – MG.

5.18.1.5.2.1. IVO, Lêdo. “As Diatomácias da Lagoa”. (61-66). Sobre o poeta Augusto dos Anjos.

Autores e/ou obras citadas:

Eu
Álvares de Azevedo
Fagundes Varela
Alphonsus de Guimarães
Cruz e Souza
Antônio Tôrres
Sílvio Romero
Panorama do movimento Simbolista Brasileiro
A Poesia Científica

Andrade Murici

Darwin

Haeckel

Herbert Spencer

Augusto Comte

Le Cemetière Merin

Cesário Verde

Uma Noite no Cairo

No Egito

5.18.2.1.10.1. ANDRADE, Mário de. “Poesia malditas”. (69-103). Série de 24 poemas inéditos de Mário de Andrade que constam de um prefácio de Oneyda Alvarenga, a quem o material foi confiado.

Autores e/ou obras citadas:

Pequena História da Música

A Costela do Grão Cão

Poesias Completas

Paulicéia Desvairada

Cartas de Andrade a Manuel Bandeira

Manuel Bandeira

O Empalhador de Passarinhos

Remate de Males

5.18.3.1.2.1. MENDONÇA, Salvador de. “Cousas de meu tempo”. (107-198). Publicação dos artigos de Salvador de Mendonça que foram publicados anteriormente em *O Imparcial*.

5.18.4.1.7.6. CUNHA, A. G. “*Modelos de Verbetes de um Dicionário Histórico dos Indigenismos da Língua Portuguesa*”.. (201-209). *Dicionário histórico com expressões arcaicas incorporadas ao nosso idioma, que o autor chama de “brasileirismo”*.

5.18.4.2.7.8. CARMO, Célio Assis do. “Índice do Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro de Argeu Guimarães”. (211-221). Verbetes do Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro” de H a Z.

Autores e/ou obras citadas: vários

5.18.6.1.10.8. n.c. “Cinco Anos de Administração no Instituto Nacional do Livro”. (225-232). Balanço da administração do INL entre 1956 e 1960.

5.18.6.2.10.8. n.c. “Catálogo das Publicações do INL”. (232). Catálogo das publicações do Instituto Nacional do Livro no período.

5.18.6.3.10.8. n.c. “Prêmios do Instituto Nacional do Livro”. (223). Os prêmios para os melhores de 1959.

5.18.7.1.8.8. OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (237-294). Trabalhos publicados no Brasil entre julho e setembro de 1960.

Autores e/ou obras citadas: vários

6.19.1.1.2.1. XISTO, Pedro. “A Busca da Poesia”. (9-30). A revisão dos conceitos entre prosa e poesia.

Autores e/ou obras citadas:

Doutor Fausto

Heidegger

Herbert Read

Eurialo Canabrava

João Cabral de Melo Neto

Carlos Drummond de Andrade

Max Lerner

Edwin Mims

Buriti

Grande Sertão: Veredas

Franz Boas

João Guimarães Rosa

Platão

Dante

Virgílio

Stazio

R. Wellek

A. Warren

Ilíada

Odisséia

Eneida

Divina Comédia

Os Lusíadas

Demanda do Santo Graal

Corpo de Baile

6.19.1.2.2.6. COELHO, Jacinto do Prado. “O Aproveitamento Estilístico de Algumas Possibilidade Sintáticas do Português”. (31-41). A modernização da prosa literária portuguesa se dá através da ruptura da linguagem rebuscada e com a inserção da sintaxe oral.

Autores e/ou Obras Citadas:

Almeida Garret

Eça de Queiroz

Luís Antônio Verney

Camilo Castelo Branco
 Júlio Diniz
 Ernesto Guerra da Cal
 Aquilino Ribeiro
 Miguel Torga
Cinco Réis
A Casa Grande de Romarigões
 Antônio Nobre
Ao Canto do Lume

Epifânio da Silva
 Leo Spitzer

Alf Lombard
 Frei Luís de Sousa
Os Meus Amores
 Trindade Coelho
Amorinhos
 Teófilo Braga
Romanceiro Geral Português
Viagens na minha terra
Dicionário de Calão
 Albino Lapa

5.19.1.3.2.10.8. BENITÉZ, Justos Pastor. “Algunos Aspectos de la Cultura Guaranítica”. (43-57). A cultura dos antigos povos indígenas que habitavam o atual território paraguaio.

6.19.1.4.2.1. FERREIRA, Orlando da Costa. “Temáticas da Lineas”. (59-63). As várias atitudes da crítica diante dos novos rumos nos domínios da arte.

Autores e/ou obras citadas:

Maximilien Vox
 Deberny
 Peignot
 Herbert Bayer
 Feininger
 G. W. Ovink
 M. A. Tinker
 Brör Zachrisson

6.19.1.5.2.1. SENA, Jorge de.”A Estrutura de Os Lusíadas”. (65-74). O autor faz críticas aos estudiosos de Camões, para em seguida fazer sua própria análise da estrutura de *Os Lusíadas*.

Autores e/ou obras citadas:

Camões
Os Lusíadas
 Emanuel Paulo Ramos
 Ovídio
 Pedro Nunes
Eneida
Dom Quixote
Guerra e Paz
Os Irmãos Karamazov
Moby Dick

6.19.1.6.2.1. CUNHA, Fausto. “Recursos Acumulativos em Coelho Neto”. (75-81). Segundo o autor, Coelho Neto fazia uma literatura medíocre, já que a maioria de sua obra era encomenda de jornais.

Autores e/ou obras citadas:

Camilo Castelo Branco
Lima Barreto
Rui Barbosa
Leconte
Flaubert
A Conquista
A Bico de Pena
As Sete Dores de Nossa Senhora
Fabulário

Imortalidade
Machado de Assis
Thomas Hardy
Tess of the D'Ubevilles
José Geraldo Vieira
Quadragesima Porta
Ladeira da Memória
Fogo Fátuo
João Ribeiro
Banzo

6.19.1.7.2.8. PEREIRA FILHO, Emanuel. “As Duas Versões do tratado de Pero de Magalhães de Gôndavo”. (83-107). Sobre o *Tratado da Terra Brasil*, considerado a primeira História do Brasil impressa em Portugal em 1576.

Autores e/ou obras citadas:

Rodolfo Garcia
Afrânio Peixoto
Lúcio de Azevedo

6.19.1.8.2.8. HECKER FILHO, Paulo. “O teatro Brasileiro”. (109-129). As relações entre literatura e teatro.

Autores e/ou obras citadas:

Gordon Crig
Panorama Visto da Ponte
Arthur Miller
Cocteau
Ionesco
Gianfrancesco Guarniere
Augusto Boal
Pirandello

Eugene O'Neill
Bernard Shaw
Garcia Lorca
Giraudoux
Crommelynck

Brecht
Gonçalves Dias
Mário de Andrade
Macário
Alvares de Azevedo
Gonzaga ou a Revolução de Minas
Castro Alves
Noite na Taverna
Artur Azevedo
Machado de Assis
Coelho Neto
Memórias Póstumas de Brás Cubas
Martins Pena
O Juiz de Paz da Roça
O Judas em Sábado de Aleluia

Contos Fora de Moda

Emile Zola

Affaire Dreyfus

Christopher Fry

A Capital Federal

Molière

Goldoni

Turbilhão

Armando Gonzaga

Cala Boca, Etelvina

Gastão Tojero

Pensão da Dona Estela

Renato Viana

Sexo

Ernâni Fornari

Nada!

Iaiá Boneca

Sinha Môça Chorou

Paulo Magalhães

O Marido

Raimundo Magalhães Júnior

Carlota Joaquina

Canção Dentro do Pão

Henrique Pongetti

Amanhã se não chover

Deus lhe pague

Joraci Camargo

As Mãos de Eurídice

Pedro Bloch

Araposa e as Uvas

Guilherme Figueiredo

6.19.1.9.2.8. LIMA, Herman. “Nossa Primeira Caricaturista”. (131-143). Nair de Teffé, a primeira caricaturista brasileira

Autores e/ou obras citadas:

Figueiredo Pimentel

João do Rio

Ruben Gill

O Século Boêmio

Dom Casmurro

British Cartoonist

David Low

Otto Prazeres

Petrópolis, A Encantadora

Chiquinha Gonzaga

Corta – Jaca

Miss Love

Coelho Neto

6.19.2.1.10.8. BROCA, Brito. “Das Memórias” (147-168). Sobre *Quando Havia Província*, livro de memórias de Brito Broca.

Autores e/ou obras citadas:

Otto Maria Carpeaux

Minha Vida de Menina

6.19.3.1.10.1. ARANHA, Graça. “A Literatuta Atual no Brasil”. (171-192). Conferência realizada no Ateneu Argentino em dezembro de 1897.

Autores e/ou obras citadas:

José Veríssimo	<i>Retirada dos dez mil</i>
<i>Estudo Brasileiros</i>	<i>Bíblia Sagrada</i>
Lúcio de Mendonça	<i>Dom Quixote</i>
Medeiros e Albuquerque	<i>Ilíada</i>
<i>História do Direito Nacional</i>	<i>Os Lusíadas</i>
Martins Júnior	Garcia Mérou
<i>Nevoas do Passado</i>	<i>O Mulato</i>
<i>Canaã</i>	<i>Sertão</i>
<i>Malazarte</i>	<i>Miragem</i>
Machado de Assis	<i>Álbum de Caliban</i>
Rui Barbosa	José do Patrocínio
Joaquim Nabuco	Pedro Tavares
Visconde de Taunay	Quintino Bocaiúva
Aluísio Azevedo	Ferreira Araújo
Coelho Neto	Carlos Laet
Raimundo Correia	Constância Alves
Sílvio Romero	Afonso Celso
Araripe Júnior	Afonso Arinos
Edgar Allan Poe	Domício Gama
<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	Rodrigo Octávio
<i>Quincas Borbas</i>	Magalhães de Azevedo
Anatole France	Virgílio Rabelo
<i>Cartas de Inglaterra</i>	Valdomiro Silveira
Oliveira Lima	Antônio Sales
Valentim de Magalhães	Olavo Bilac
José de Alencar	Guimarães Passos
Bernardo Guimarães	Alberto de Oliveira
Inglês de Sousa	Artur Azevedo
<i>Inocência</i>	Silva Ramos
<i>Casa de Pensão</i>	João Ribeiro
<i>O Cortiço</i>	Felinto de Almeida
<i>Retirada da Laguna</i>	Raimundo Correia

6.19.4.1.2.1. MASSA, Jean-Michel. “La Bibliothéque de Machado de Assis”. (195-238). Em comemoração aos cinquenta anos da morte de Machado de Assis, Jean-Michel Massa lança *A Biblioteca de Machado de Assis*.

Autores e/ou obras citadas:

Lamartine

Victor Hugo
 Alexandre Dumas
 Prosper Mérimée
 Gustave Flaubert
 Pierre Loti
 Arthur Napoleãoi
 Charles Dickens

Lorde Byron
 Artur Azevedo
 Schopenhauer
 J. C. Abreu
 Antonio Feliciano de Castilho
 Júlio de Castilho
 Valentim Magalhães
 J. M. Pereira da Silva

Salvador de Mendonça

6.19.4.2.2.3. COSME, Zilda. “Panorama da Composição Musical no Brasil”. (239- 247). Sobre o compositor musical Luís Cosme.

6.19.6.1.8.8. n.c. “Catálogo de Publicações do INL”. (249). As publicações do Instituto Nacional do Livro no período

Autores e/ou obras citadas: vários

6.19.6.2.10.1. n.c. “Brito Broca”. (250-251). Biografia de Brito Broca.

Autores e/ou obras citadas:

A Gazeta
Letras e Artes
Jornal de Letras
Correio da Manhã
A Vida Literária
Horas de Leitura
Machado de Assis e a Política e outros Estudos
Pontos de Referência

Quando Havia Província
A Vida Literária no Brasi- Época Modernista

6.19.6.3.10.1. n.c. “Centenários de 1961”. (251-253). Centenários da morte de Aureliano Lessa e Manuel Antonio de Almeida e os de nascimento de Cruz e Sousa, Xavier Marques e Manuel de Oliveira Paiva.

Autores e/ou obras citadas

Álvares de Azevedo
 Bernardo Guimarães
Poesias Póstumas do Dr. Aureliano José
 Lessa
 Plutarco

Lorde Byron
 Musset
 Alphonsus de Guimarães
Memórias de um Sargento de Milícias
 Eduardo Frieiro

*Do Lazareto de Tormes ao filho de
Leonardo Pataca
Dona Guidinha do Poço
Jana e Joel
Uma Família Baiana
Boto e Companhia
Pindorama
Sargento Pedro
A Afilhada*

José Veríssimo
Roger Bastide
Evocações
Virgílio Várzea
Tropos e Fantasias
A Festa Inquieta
Broquéis

6.19.7.1.8.8. OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (257-308).
Publicações no Brasil entre outubro e dezembro de 1960.

Autores e/ou obras citadas: vários

6.20.1.1.2.1. CUNHA, Fausto. “Castro Alves e o Realismo Romântico”. (7-22). A transição
entre o romantismo e o parnasianismo.

Autores e/ou obras citadas:

Sílvio Romero
Castro Alves
Espumas Flutuantes
Casimiro de Abreu
As Primaveras
Sonetos e Rimas
Guimarães Rosa
Olavo Bilac
Cruz e Souza
Alphonsus de Guimarães
Vicente de Carvalho
Alberto de Oliveira
Raimundo Correia
Vozes d’Africa
Gonçalves Dias
Guesa Errante
Sousândrade
Euclides da Cunha
Carlos Ferreira
Castro Rebêlo
Ardentias
Tito Livio de Castro
Machado de Assis
Redivivas

*Uma Cena de Outros
Dias*
Pedro Calasans
Lorde Byron
Victor Hugo
Musset
Quirino dos Santos
José Bonifácio
Ofenísias
Pôrto-Alegre
Bernardo Guimarães
Lamartine
Tobias Barreto
Flores Pálidas
Hoffmann
Goethe
Tomás Ribeiro
Mário de Andrade
João de Lemos
Les Burgraves
Lucrèce
Flaubert
Madame Bovary
Baudelaire
Menores e Loucos

Paes de Andrade
Tônes Bandeira
Rosas Loucas
Junqueira Freire
Fagundes Varela
Luís Delfino
Vitoriano Palhares
Trajano Galvão
Melo Morais Filho
Pedro Luís
Terribilis Dea
Celso da Cunha
Magalhães
Alberto de Oliveira
Dias e Noites
As Noites da Virgem
As Peregrinas
*Aspectos da Literatura
Brasileira*
Primeiros Sonhos
Sinfonias
Canções Romantiscas
Luís Murat
Múcio Teixeira
Tobias Barreto

6.20.1.2.2.1. CAMPOS, Haroldo de. “Maiakovski em Português: Roteiro de uma Tradução”. (23-50). O autor comenta o processo de tradução empregado em Maiakovski.

Autores e/ou obras citadas:

Ezra Pound	Iliá Erenburg
Arthur Waley	<i>Ivan, O Terrível</i>
Lila Guerrero	<i>Quando Voam as Cegonhas</i>
<i>Antologia de Maiakovski</i>	<i>Os Banhos</i>
Karl Dedecius	Walt Witman
Sierguéiu Iessiêninu	Arthur Rimbaud
Elsa Triolet	<i>O Lance de Dados</i>
Georges Triolet	Mallarmé
Georges Luckacs	Karl Marx
<i>La Signification Présente du Réalisme</i>	Hugh Kenner
<i>Critique</i>	Max Bense
James Joice	<i>A Plenos Pulmões</i>
	Dylan Thomas

6.20.1.3.10.1. RAEDERS, Georges. “Le Caramuru Et Son Traducteur Français”. (51-66). A tradução de *Camaramurude* Santa Rita Durão para o francês.

Autores e/ou obras citadas:

José de Santa Rita Durão
 Walter Scott
 Manzoni
 Basílio da Gama
 Cooper
O Uruguai
Marília
 Gonzaga
 Rocha Pita
 Simão de Vasconcelos
 Francisco de Brito Freire

6.20.1.4.2.1. LORENÇO, Eduardo. “Presença ou a Contra-Revolução do Modernismo Português”. (67-81). O presencismo na literatura portuguesa.

Autores e/ou obras citadas:

Camões	<i>Os Carneiros</i>
Bocage	Fernando Pessoa
Almeida Garret	Walt Whitmann
Virgílio	Aristóteles

Kant
Einstein
Ode Marítima
Cântico Negro
Jacob e o Anjo
José Régio
Casais Monteiro
Alberto Serpa
Saúl Dias

Carlos Queiróz
Vitorino Nemésio
Antônio de Souza
Poemas Ibéricos
Antônio Ferro
Marinetti
Cendrars
Appolinaire

6.20.1.5.2.1. SOIFER, Miguelina. “Bécquer y Baudelaire”. (83-91). A influência de Baudelaire na poesia de Bécquer.

Autor e/ou obras citadas:

Dámasio Alonso
Victor Hugo
Edgar Allan Pöe
Las Flores del Mal
José Pedro Dias
Antonio Machado
J. Ramón Jimenez
Rubén Dário

6.20.1.6.2.1. CUNHA, José Mariano Carneiro da. “O Grande Personagem do ‘Calunga’ de Jorge de Lima”. (93-98). Estudo dos personagens do romance *Calunga* de Jorge de Lima

Autores e/ou obras citadas:

Strindberg
Invenção de Orfeu

6.20.1.7.10.6. MARTINS, Heitor. “Notas para uma Metodologia da Língua Portuguesa no Exterior”. (99-106). Método de ensino da língua portuguesa para estrangeiros.

6.20.1.8.2.1. CASTRO, Sílvio. “Raquel de Queiroz e o Chamado Romance Nordestino”. (107-120). A temática nordestina nos romances de Raquel de Queiroz.

Autores e/ou obras citadas:

Domingos Olímpio
José Lins do Rêgo
O Quinze
Luzia Homem

José Américo

A Bagaceira

Graciliano Ramos

Vidas Sêcas

Fogo Morto

As Três Marias

João Miguel

Caminho das Pedras

6.20.1.8.2.3. SALES, Vicente. “A Música em Belém no Século XIX”. (121-141).Partindo da música, o autor faz um balanço dos aspectos da vida social e religiosa no início do século XIX no Pará.

6.20.2.1.4.8. n.c. “Do Arquivo de Araújo Pôrto-Alegre”. (145-166).Série de cartas pertencentes ao acervo pessoal de Pôrto-Alegre, onde o autor se corresponde com alguns escritores.

Autores e/ou obras citadas:

Joaquim Norberto

Machado de Assis

6.20.3.1.5.10. SANTOS, Joaquim Felício dos. “Fragmento de um Manuscrito/Os Invisíveis”. (169-201). Publicação de duas narrativas de Joaquim Felício dos Santos (*Fragmento de um Manuscrito e Os Invisíveis*).

6.20.4.1.10.1. ANDRADE, Olímpio de Souza. “Os Sertões entre Dois Vales”. (205-213).

Conferência proferida em 9 de agosto de 1961, na abertura do ciclo da Semana Euclidiana, em São José do Rio Pardo.

Autores e/ou obras citadas:

Euclides da Cunha

Os Sertões

Espumas Flutuantes

Castro Alves

Voltaire

Augusto Comte

Fagundes Varela

Gonçalves Dias

Victor Hugo

História e Interpretação de “Os Sertões”.

6.20.4.2.2.3. COSME, Luís. “Criação Musical”. (215-217). Sobre o processo criativo na composição musical.

Autores e/ou obras citadas:

Gisèle Brelet
Bèla Bartok
Bohuslav Martinu
The Book of modern Composer

6.20.4.3.2.1. CASTRO, Arnaldo José de. “Raúl Pompéia”. (219-226). O processo de criação do escritor Raúl Pompéia.

Autores e/ou obras citadas:

Monteiro lobato	<i>A Literatura das Letras</i>
Coelho Neto	Maupassant
Homer	Nerval
Virgílio	Kleist
Manuel Antônio de Almeida	Stendhal
Olívio Montenegro	Mário de Andrade
Cassiano Ricardo	Olavo Bilac
<i>A Poesia na Técnica do Romance</i>	<i>Vida Fluminense</i>
Dostoievski	Machado de Assis
Graciliano Ramos	Aluísio Azevedo
República das Letras	Júlio Ribeiro
<i>O Ateneu</i>	Cassiano Ricardo
	<i>Poesia Técnica do Romance</i>

6.20.6.1.8.8. n.c. “Catálogo das Publicações do INL”. (229). Obras publicadas pelo Instituto Nacional do Livro.

Autores e/ou obras citadas: vários

6.20.6.2.6.8. n.c. “Notícias da Seção de Enciclopédia e do Dicionário do INL”. (230-323). Informe sobre a confecção da enciclopédia e do dicionário.

6.20.7.1.8.8. OTTONI, Áureo. “*Bibliografia Brasileira Corrente*”. (235-319). *Publicações no Brasil entre janeiro e junho de 1961.*

7.21.1.1.2.1. CAMPOS, Augusto de & CAMPOS, Haroldo de. “Sousândrade: O Terremoto Clandestino”. (9-75). Os autores propõem uma revisão da obra esquecida do romântico Sousândrade.

Autores e/ou obras citadas:

<i>Harpas Selvagens</i>	García Lorca	<i>Le Monde est Méchant</i>
<i>Primaveras</i>	T.S. Eliot	<i>Carmen</i>
Casimiro de Abreu	Donne	<i>Tatuterama</i>
James Blish	Crashaw	<i>Inferno de Wall Street</i>
Ezra Pound	Marvell	<i>Mamãe Ganso</i>
Camilo Castelo Branco	Nerval	<i>Cancioneiro Geral de Resende</i>
<i>Cancioneiro Alegre</i>	Lautréamont	Álvaro Brito Pestana
Humberto de Campos	Corbière	Mallarmé
João Ribeiro	Arnault Daniel	Gil Vicente
Clarindo Santiago	Guido Cavalcanti	Gregório de Matos
Astolfo Serra	Robert Browning	Arnaut Daniel
Raimundo Lopes	Herbert Read	Robert Briffault
Fausto Cunha	Gerard Manley Hopkins	<i>Cantares</i>
<i>A Literatura no Brasil</i>	Dylan Tomás	Gonçalves de Magalhães
Sílvia Romero	Chateaubriand	<i>A Confederação dos Tamoios</i>
Edgard Cavalheiro	Musset	Pôrto-Alegre
Oswald de Andrade	Wordsworth	Harriet Beecher Stowe
<i>Panorama da Poesia brasileira</i>	Byron	<i>A Cabana do Pai Tomás</i>
Antônio Candido	<i>Fleurs du Mal</i>	Padre Manuel da Nóbrega
<i>Formação da Literatura Brasileira</i>	Baudelaire	<i>Cartas do Brasil</i>
	<i>Novo Éden</i>	
	Heidegger	
	<i>Hino à Noite</i>	
	Geneviève Bianquis	
	Théophilo Gauthier	

7.21.1.2.2.1. COELHO, Jacinto do Prado. “Presença da França nas Letras Portuguesas nos Séculos XVIII e XIX”. (77-93). Panorâma geral da influência francesa sobre as letras portuguesas nos séculos XVIII e XIX.

Autores e/ou obras citadas:

<i>Relações Francesas do Romantismo Português</i>	Fernão Mendes Pinto
Vitorino Nemésio	<i>Os Lusíadas</i>
<i>Eça de Queiroz e a França</i>	<i>Dialoghi di Amore</i>
Pierre Hourcade	Candide
<i>Balzac em Portugal</i>	Voltaire
Aníbal Pinto de Castro	Leão Hebreu
<i>Trésor de la Cité des Dames</i>	Diana
Christine de Pisan	Jorge de Montemor
<i>Historie du Portugal</i>	<i>Lettres Portugais</i>
Goulard	<i>Espanáfora Amorosa</i>
<i>Georges le Gentil</i>	Francisco Manuel de Melo
<i>Peregrinação</i>	Antonio Ferreira
	Matias Aires

Reflexões sobre a Vaidade dos Homens

7.21.1.3.2.1. CUNHA, Fausto. “Virtualidades Parnasianas do Colombo”. (95-101). Ensaio crítico sobre o livro *Colombo* de Pôrto-Alegre.

Autores e/ou obras citadas:

Augusto Meyer

Hélio Lobo

Manuel de Araújo Pôrto-Alegre

A Literatura no Brasil

Confederação dos Tamoios

Machado de Assis

Castro Alves

Castro Alves e o Realismo Romântico.

Franklin de Oliveira

Guesa Errante

Sousândrade

Sinfonias

Fagundes Varela

Timbiras

Gonçalves Dias

Olavo Bilac

Ilha de Maré

Caramuru

Eugênio Gomes

Álvares de Azevedo

Casimiro de Abreu

Mário de Andrade

Aspectos da Literatura Brasileira

7.21.1.4.2.10.8. BENÍTEZ, Justo Pastor. “El Folklore Paraguayo”. (103-109). Aspectos do folclore paraguaio.

7.21.1.5.2.8. RAEDERS, Georges. “Connaissance Du Brésil en France au XVI Siècle.”.(110-130) As concessões feitas pelo governo português à França em relação ao Brasil.

7.21.1.6.2.1. CAPOVILA, Maurice. “*O Recado do Morro* de João Guimarães Rosa”. (131-142). A constatação de duas realidades na obra *O Recado do Morro* de Guimarães Rosa.

Autor e/ou obras citadas:

Cavalcanti Proença

A Condenação

Ezrählungen und Kleine Prosa

Franz Kafka

Trilhas do Gande Sertão

7.21.2.1.2.7. NUNES, Benedito. “Farias Brito”. (145-150). A obra do filósofo Farias Brito.

Autores e/ou obras citadas:

Estudos de Filosofia e Teologia Intelectual

Finalidade do Mundo

A Filosofia Moderna

O Mundo como Atividade Intelectual

O Mundo Interior

7.21.2.2.2.7. BRITO, Farias. “Ensaio Sobre o Conhecimento”. (151-180). Fragmentos de *Ensaio sobre o Conhecimento* de Farias Brito.

7.21.2.3.10.8. BRITO, Maria José de Farias. “Dados Biográficos de Raimundo Farias Brito”. (181-190). Biografia de Raimundo Faria de Brito.

Autores e/ou obras citadas:

Pequena história

Cantos Modernos

A Filosofia como Atividade Permanente do Espírito Humano

A Filosofia Moderna

A Verdade Como Regra das Ações

O Poema da Dor Base Física do Espírito

Mundo Interior

Dos Filósofos Brasileños

7.21.3.1.4.8. CALDAS, Antônio de Sousa. “Cartas de Abdir a Irzerumo”. (193-212). A correspondência entre dois mulçumanos que trocam idéias sobre problemas diversos.

7.21.4.1.2.7. PAIM, Antônio. “Os Artigos de Tobias Barreto em Alemão”. (215-224). *Sobre alguns artigos de Tobias Barreto publicados na Alemanha.*

Autores e/ou obras citadas:

Ruskisichtslose Briefe

Estudos de Direito

Sílvio Romero

Estudos Alemães

José Carlos Rodrigues

Ensaaios e Estudos de Filosofia e Crítica.

7.21.4.2.2.3. COSME, Luís. “Música de Câmara Ingêsa”. (225-229). Notas sobre a música de câmara ingêsa.

7.21.4.3.7.8. ASSIS, Célio de. “Índice do *Dicionário Bibliographico de Brasileiros Célebres* de M. F. da Silva e das *Biografias de Brasileiros Ilustres* do Padre Rafael Maria Galanti”. (231-242). Tentativa de organizar um catálogo geral de autores e figuras destacadas da vida política e social brasileira.

Autores e/ou obras citadas: vários

7.21.6.1.8.8. n.c. “Catalogos das Publicações do INL”. (245-247). Obras publicadas pelo Instituto Nacional do Livro.

Autores e/ou obras citadas: vários

7.21.7.1.8.8. OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (251-348). Publicações no Brasil entre julho e dezembro de 1961.

Autores e/ou obras citadas: vários

7.22.1.1.10.8. VIANNA, Hélio. “Um famoso Panfleto de 1821”. (9-38). *Transcrição de um folheto publicado em 1821, que trata do regresso da família real a Portugal.*

7.22.1.2.2.1. NUNES, Benedito. “O Amor na Obra de Guimarães Rosa”. (39-62). São abordadas as obras de Guimarães Rosa através da análise de sua estrutura mítica.

Autores e/ou obras citadas:

Grande Sertão: Veredas

Sócrates

O Banquete de Platão

A História de Lélío e Lina

Corpo de Baile

A Serpente Emplumada

Primeiras Histórias

Divina Comédia

Dante

As Margens da Alegria

Nenhum, Nenhuma

A Menina de Lá

Platão

O Banquete

7.22.1.3.2.1. DENA, Jorge de. “A Estrutura de *Os Lusíadas*”. (63-83). O autor pesquisa a complexa simbologia numérica de *Os Lusíadas*.

7.22.1.4.2.2. LÓPEZ, Enrique Martinez. “Guia para Lectores Hispánicos del *Auto da Compadecida*”. (85-103). Levantamento das fontes populares do *Auto da Compadecida*.

Autores e/ou obras citadas:

O Teatro Adolescente do Recife

Jean Louis Marfaing

Georges Raeders

Fernando Soares

Willy Keller

Wojciech Chabasinski

Dillwyn F. Ratcliff

Teatro do Estudante de Pernambuco

A Barraca
 Gilberto Freire
Milagros de nuestra Señora
 Gonzale de Berceo
El Teatro del Mundo
 Gil Vicente

Auto da Barca da Glória
 Ariano Suassuna
 Cervantes
O Casamento Suspeitoso
 Antônio José da Silva
O Judeu

7.22.1.5.2.1. CUNHA, José Mariano Carneiro da. “A existência como competição lúdica em *O Encontro Marcado* de Fernando Sabino”. (105-109). O texto aborda um dos aspectos da psicologia existencial do personagem Eduardo Marciano do romance de Fernando Sabino *O Encontro Marcado*.

7.22.2.1.4.1. SENNA, Homero. “Correspondência entre Escritores”. (113-116). Análise de duas cartas inéditas de Mário de Andrade para Sousa da Silveira.

Autores e/ou obras citadas:

República das Letras
 Manuel Bandeira
Meu Poeta Futurista
Gramatiquinha da Fala Brasileira
Há uma gota de sangue em cada poema

Olavo Bilac
 Raimundo Correia
 Vicente de Carvalho
 Amadeu Amaral
 Alberto de Oliveira
Espumas Flutuantes
Paulicéia Desvairada

Machado de Assis
 Gonçalves Dias
 História da Música
 Carlos Drummond de Andrade
 José Lins do Rego
 Laudelino Freire
 Afrânio Peixoto
 João Ribeiro
 José de Alencar
Minas de Prata
 Lúcio Cardoso

Maleita

Severino de Sá Brito
Trabalhos e Costumes Gaúchos
Vejo Lágrimas

Leonardo Mota
 Heitor Martins
 Heitor Martins de Ataíde
História do Menino da Floresta
 Basílio Machado
Madresilvas
Belazarte
 Cláudio Manuel da Costa

Camões
Remate de Males
A escrava que não era Isaura
Amar, Verbo Intransitivo
Macunaíma

Tristão de Ataíde
Ensaio Sobre Música Brasileira

Camargo Guarnieri
 Compêndio de História da Música
 Modinhas Imperiais

7.22.2.2.4.8. ANDRADE, Mário de. “Mário de Andrade a Sousa da Silveira”. (117-126). Da correspondência de Mário de Andrade com Sousa da Silveira.

Belazartes

Cláudio Manuel da Costa

Camões

Olavo Bilac

Macedo Papança

Vicente de Carvalho

Gonçalves Dias

Paulicéia Desvairada

Manuel Bandeira

Remate de Males

A Escrava que não é Isaura

Bach

Beethoven

O Losango Cáqui

Primeiro Andar

Oliveira Viana

Há uma Gôta de Sangue em cada Poema

Amar, Verbo Intransitivo

Macunaíma

Compêndio de História da Música

Modinhas Imperiais

7.22.3.1.10.8. MIRANDA, Manuel José de. “Alexandre Rodrigues Ferreira”. (137-144). Nota biográfica sobre o cientista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira.

7.22.3.2.10.8. FERREIRA, Alexandre Rodrigues. “Notícia Histórica da Ilha de Joanes ou Marajó”. (145-164). Documento inédito sobre a Ilha de Marajó, antiga Ilha Joanes.

7.22.4.1.5.5. ANDRADE, Rodrigo M. F. de. “O Aleijadinho de Germain Bazin”. (167-173). Lançado em Paris, um livro sobre Antônio Francisco Lisboa, o “Aleijadinho”, de autoria de Germain Bazin, conservador-chefe do museu do Louvre.

7.22.4.2.2.8. BRAGANÇA, Carlos “Tasso de Saxe-Coburgo e. A Imperatriz Dona Leopoldina. Sua correspondência com Maria Luísa Parma”. (175-181). O autor discorre sobre sua quarta avó materna, a Imperatriz Leopoldina.

7.22.4.3.8.3. CORRÊA, Sérgio Alvim. “Catálogo Geral da obras de Alberto Nepomuceno (1864-1920)”. (183-196). Extenso catálogo da produção musical do compositor Alberto de Nepomuceno, compilado por seu neto Sérgio Alvim.

7.22.6.1.8.8. n/c. “Publicações Periódicas” (198 -202). Listagem de periódicos publicados no período.

7.22.7.1.8.8. OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente” (203-384). Publicações no Brasil entre janeiro e dezembro de 1962.

Autores e/ou obras: vários

8.23.1.1.2.1. KNOLL, Victor. “Vidas Sêcas”. (7-29). Neste estudo, o autor verifica o pessimismo de Graciliano Ramos comparando-o a Dostoievski.

Autor e/ou obras citadas:

Insônia
São Bernardo
Corpo de Baile
Recado do Morro
 Guimarães Rosa
 Memórias do Cárcere
 Caetés
 Mário de Andrade
Recordação da Casa dos Mortos
 Dostoievski
Angustia

8.23.1.2.2.1. SENA, Jorge de. “A Estrutura de *Os Lusíadas*”. (31-80). O autor mostra como Camões organiza dentro de um esquema geométrico o material que irá constituir a sua obra.

8.23.1.3.2.7. PAIM, Antônio. “Importância e Limitações na Obra Filosófica de Tobias Barreto”. (81-105). A propósito da reedição de dois volumes das obras completas de Tobias Barreto.

Autores e/ou obras citadas:

Evaristo de Moraes Filho	Victor Egger
Alcides Bezerra	<i>Curso de História e Filosofia Moderna</i>
Matias Aires	Antônio Pedro de Figueiredo
Mont'Alverne	Sílvio Romero
Paulo Mercadante	Virgílio
<i>Os Fatos do Espírito Humano</i>	Sá Pereira
Domingos de Magalhães	Frederico Helmholtz
<i>Investigações Psicológicas</i>	J. Zollner
Visconde de Araguaia	Kant
Eduardo Ferreira França	<i>Introdução ao Estudo do Direito</i>
<i>Compêndio de Filosofia</i>	Haeckel
Morais Tôrres	Artur Orlando

8.23.1.4.10.8. CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. “Língua Européia de Ultramar – O Português do Brasil”. (107-118). Palestra feita no Seminário Românico da Universidade de Bonn e publicada em alemão em *Archiv Für das Studium der Neuren Sprachen und Literaturen*.

Autores e/ou obras citadas:

José de Alencar
 Rufino José Guervo
 Machado de Assis
 José Jorge Paranhos da Silva
 Batista Caetano
 Renato Mendonça
Les Langues dans l'Europe Nouvelle
 Roman Jakobson
 Franz Boas
 Valdomiro Silveira
 Simões Lopes Neto
 Mário de Andrade
Macunaíma
 Curt Nimuendaju

8.23.2.1.10.8. n.c. “Nomeação de Medeiros e Albuquerque”. (121-127). Publicação de decreto de nomeação para funções públicas do jornalista Medeiros e Albuquerque.

8.23.4.1.2.1. PROENÇA, M. Cavalcanti & ANTUNES, Sávio. “Sextina Lúdica”. (131-137). Estudo em que os autores analisam os aspectos esotéricos de uma sextina de Bernardino Ribeiro.

9.24.1.1.2.8. TORRES, João Camilo de Oliveira. “Tobias Barreto e o Poder Moderador”. (9-17). *A posição adotada por Tobias Barreto em relação ao poder moderador, instituído pela Constituição do Império.*

Autores e/ou obras citadas:

Princípios de Politique
 Benjamin Constant
 José Antônio Pimenta Bueno
Direito Público Brasileiro
 Zacarias de Góis Vasconcelos
A Questão do Poder Moderador

9.24.1.2.10.1. HAM, Edward B. “Crítica Textual e o Senso Comum”. (18-37). Palestra a respeito dos problemas da crítica textual.

Autores e/ou obras citadas:

Charles Livingston
 Yakov Malkill
 Housman
 Bateman Edwards

Albert Henry
 Albert C. Clark
Descent of Manuscripts
 Mário Roques
The Owl and the Nightingale
El Libro de Alexandre
 Mildred K. Pope
 Wilmotte
 Philipon
 U. T. Holmes
Recent Developments in Textual Criticism
 Paul Maas

9.24.1.3.2.2. FURTER, Pierre. “The Theatre Politique, de Bertold Brecht a Friederch Dürrenmantt”. (38-49). Minucioso estudo do teatro político de Brecht e Dürrenmatt.

9.24.1.4.2.1. SANTIAGO, Silviano. “Fragmento de ‘Les Faux-Monnayeurs’”. (50-94). Um estudo de Silviano Santiago do manuscrito inédito *Les Faux Mannayeurs* de André Gide.

9.24.3.1.10.8. MAGALHÃES, Celso de. “Carranquinhas”. (97-129). Transcrição dos folhetins de Celso de Magalhães publicados no jornal *O País* de São Luís, entre 1827 a 1873, precedidos de um ensaio de Alexandre Eulálio.

9.24.4.1.2.1. LIMA, Herman. “Os Sócios do Romance e da Vida”. (133-144). Estudo da obra e da vida de Alphonse Daudet.

Autores e/ou obras citadas:

Trent ans de Paris
 Alphonse Daudet
 Tartariri de Tarascon
Figaro
 Lucien Descaves
 Georges Simeon
Coup de Lune
 Pierre Hubermont
 Hardi Montarchain
 Pot-Bouille
 Emile Zola
 Stendhal
Le Rouge et le Noir
 Aluísio de Azevedo
O Mulato
A Normalista

Roteiro de Adolfo Caminha
 Raul Pompéia
 O Ateneu
 Lima Barreto
Numa e a Ninfa
Os Maias
 Eça de Queiroz
 Aristófanos
 Sócrates
Nuvens
 Balzac
Comédia Humana
 Flaubert
Tentação de Santo Antônio
Madame Bovary
 Guerra Junqueiro

Mar Morto
Gabriela Cravo e Canela
Tres Novelas Ejemplares y un Prologo
 Unamuno

Shakespeare
Guerra e Paz

9.24.4.2.4.8. VIANNA, Hélio. “Cartas de Diplomatas a Araújo Pôrto-Alegre”. (147-150). A correspondência recebida por Pôrto-Alegre.

10.25.1.1.4.8. VIDAL, Ademar. ‘Mário de Andrade e o Nordeste’. (9-46). *A visita de Mário de Andrade à Paraíba a partir de uma série de cartas.*

10.25.1.2.2.8. DIAS, Antônio Caetano. “Biblioteca Universitária: Sua integração ao Processo de Desenvolvimento”. (47-53). O papel da biblioteca universitária no desenvolvimento do país.

10.25.2.1.10.1. ROSA, Guimarães. “Simple Passaporte”. (57-61). Prefácio para a terceira edição do livro de impressões de viagens *De Sete Lagoas aos Sete Mares* de Vasconcelos Costa.

10.25.4.1.2.1. ATHAYDE, Tristão de. “O Patriota Expatriado”. (65-66). Artigo sobre Afonso Arinos.

Autor e/ou obras citadas:

Afonso Arinos
Pelo Sertão
 Remy de Goncourt
 Capistrano de Abreu
 Gilberto Amado
 Aluísio Azevedo
 Graça Aranha
Contratador de Diamantes
 Eduardo Prado

10.25.4.2.2.1. MELLO, Silva. “Recordações de Gastão Cruls”. (67-72). Artigo onde são lembradas certas características da personalidade de Gastão Cruls, com reprodução de dois trabalhos desconhecidos do autor.

10.25.4.3.2.1. PIMENTEL, Fonseca. “Gonzaga e Puchkin”. (73 – 80). O estudo levanta dúvidas sobre um poema de Tomás Antônio Gonzaga, que na verdade teria sido de Puchkin.

Autores e/ou obras citadas:

Marília de Dirceu

Obras Completas de Gonzaga
Guerra e Paz
 Tolstoi

10.25.8.1.10.8. PEREGRINO, Umberto. “INL: Perspectivas”. (83-85).
 Transcrição do discurso de posse do novo diretor do INL, Umberto Peregrino, que definiu as linhas do plano de ação que se propõe a realizar, com o objetivo de democratizar o livro e estabelecer condições favoráveis ao desenvolvimento da cultura brasileira.

10.25.8.2.10.8. CUNHA, Fausto. “INL: 30 Anos”. (91-105). Texto comemorativo dos 30 anos do INL.

10.25.8.3.10.8. MENEZES, Fagundes de. “CNL: Organização e Funcionamento”. (107-119). Texto que explica a organização e funcionamento da CNL – Campanha Nacional do Livro.

10.25.8.3.10.8. PEREIRA, Arlindo. “O INL no “Diagnóstico Preliminar da Cultura”. (121-125). O papel do INL na cultura brasileira.

10.25.8.4.8.8. OTTONI, Áureo. “INL: Bibliografia”. (127-147). Bibliografia corrente no Brasil de 1941 a 1967.

Autores e/ou obras citadas: vários

10.25.8.5.8.8. RAMOS, Maria. “Ação Editorial do INL”. (149-158). As obras raras publicadas pelo INL.

Autores e/ou obras citadas: várias

10.25.8.6.10.8. SOUZA, J. Gaklante de. “Atividades da SED em 67”. (159- 161). Os trabalhos realizados pelo SED (Seção da Enciclopédia e do Dicionário).

10.25.8.7.10.8. ALMEIDA, George Cunha de. “Assessoria da Biblioteconomia”. (163- 167). As atribuições específicas da campanha nacional do livro.

10.25.8.8.10.8. MORAIS, Santos. “SB: Livros para todo o Brasil”. (169-181). A seção de bibliotecas é a responsável por organizar um cadastro geral de bibliotecas, as quais inscritas nesta seção do INL, passarão a receber doações.

11.26.1.1.2.1. ARINOS, Afonso. “Uma Visão de Euclides da Cunha”. (9-22). A personalidade e a obra de Euclides da Cunha.

Autores e/ou obras citadas:

José Veríssimo

Estudos de Literatura
Santiago Dantas
Dois Momentos de Rui Barbosa
Joaquim Nabuco
Um Estadista do Império
Raimundo Correia
Pelo Sertão
Afonso Arinos
Machado de Assis
Dom Casmurro
Olavo Bilac
Canaã
Graça Aranha
Os Sertões
Contrastes e Confrontos

Araripe Júnior
Rui Barbosa
Poemas e Canções
Vicente de Carvalho
Castro Alves
Álvares de Azevedo
Gilberto Freire
Perfil de Euclides da Cunha

Afrânio Coutinho
A Literatura no Brasil
Ilíada
Canção de Rolando
Franklin Távora
Sílvio Romero
Olímpio de Sousa Andrade
História e Interpretação de “Os Sertões”
Eduardo Prado
Os Jagunços
Guerra e Paz
Camões
Dante
Lúcio de Mendonça
Gastão da Cunha
Artur César Ferreira Reis
A Amazônia que os portugueses revelaram
Leandro Tocantins
Formação Histórica do Acre
Tavares Bastos
Acalanto de Seringueiro
Mário de Andrade
À Margem da História

11.26.1.2.2.8. IPANEMA, Marcelo. “Subsídio para a História das Livrarias”. (23-31). Texto sobre as livrarias do Rio Antigo.

11.26.1.3.2.8. DOYLE, Plínio. “Histórias de Revistas e Jornais Literários”. (33-45). Parte de um longo estudo de Plínio Doyle sobre periódicos. Aqui um estudo das revistas *Nitheroy* e *Guanabara*.

11.26.2.1.10.1. MARIANO, Olegário. “Se não me falha a memória...”.(49-92). *As memórias inacabadas de poeta Olegário Mariano com nota introdutória de Herman Lima.*

11.26.3.1.4.8. VIANNA, Hélio. “Carta de Capistrano de Abreu a Tobias Monteiro”. (95-100). *Carta de Capistrano de Abreu a Tobias Monteiro a propósito da obra Pesquisa e Depoimentos para a História.*

11.26.7.1.8.8. n.c. “Dicionários Brasileiros 1938/1967”. (103-124). Relação de todos os dicionários lançados entre 1938 e 1967.

Autores e/ou obras citadas: várias

11.26.9.1.2.1. OSTA, Winifred H. “O Tempo, a Noite e o Vento em Três Obras de Moacir C. Lopes”. (127-138). Alguns dados peculiares nos romances de Moacir C. Lopes.

Autores e/ou obras citadas:

Navio do Morto
Os Dez Mandamentos
Cais, Saudade em Pedras
A Ostra e o Vento
Belona, Latitude Noite

11.26.9.2.3.1. FIGUEIREDO, Guilherme de. “Cecília Meireles em Francês”. (139-144). Crônica de Guilherme de Figueiredo acerca do lançamento dos poemas de Cecília Meireles na França.

11.26.4.1.2.1. ATHAYDE, Austregésilo de. “Medeiros e Albuquerque”. (133-144). Reprodução de um artigo de Austregésilo de Athayde sobre a obra de Medeiros e Albuquerque.

11.26.4.2.3.1. MONTELLO, Josué. “Grande Rosa: Saudades”. (145-147). Sobre a posse de Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras.

Autores e/ou obras citadas:

Pequeno Amedotário da Academia Brasileira de Letras
Dom Casmurro
Várias Histórias
Machado de Assis
Quincas Borba
Memórias Póstumas de Brás Cubas

11.26.4.3.2.1. CUNHA, Edson Nery da. Oliveira Lima. “Bibliofilo e Bibliógrafo”. (149-151). A personalidade do escritor Oliveira Lima.

11.26.8.1.6.8. n.c., n.c. (155-173). Esta seção traz notícias referentes ao INL: posse do novo diretor, cargos de chefia, intercâmbios Brasil-Espanha, etc.

11.26.5.1.6.8. n.c., n.c. (175-179). Nova seção que traz as atividades propostas pelo INL.

11.27.1.1.2.8. PEREGRINO, Umberto. “Livro e Cultura - A problemática geral do livro no Brasil e, em particular no Estado da Guanabara”. (11-20). Texto do diretor do INL, onde é discutido os problemas do livro no Brasil.

11.27.1.2.2.8. NOBREGA, MELLO. “Ocultação e Disfarçe de Autoria - Do anonimato ao nome literário”. (21-47). Um estudo acerca do anonimato e uso dos pseudônimos no mundo das letras.

11.27.1.3.2.8. SOUZA, J. Galante de. “Referências Bibliográficas - Sugestões para um plano de normas de uniformização” (49-86). O texto discute um padrão para a referência bibliográfica.

11.27.1.4.2.1. LIMA, Herman. “A Guerra dos Canudos, num Romance de Afonso Arinos”. (89-101). O estudo do romance *Os Jagunços* de Afonso Arinos

Autores e/ou obras citadas:

Os Sertões

Araripe Júnior

Os Jagunços

Pelo Sertão

Afonso Arinos

Tristão de Ataíde

Plínio Doyle

História e Paisagem

Lendas e Tradições Brasileiras

O Contador de Diamantes

O Mestre do Campo

Brito Broca

Gil Cássio

Olavo Bilac

Ironia e Piedade

O Caçador de Esmeraldas

Euclides da Cunha

11.27.1.5.2.8. DOYLE, Plínio. “História de Revistas e Jornais Literários”. (103-119). Estudo das revistas *Estética* e *Nova*.

11.27.2.1.10.1. Olympio, Domingos. “A Teoria da Felicidade”. (123-131). Um conto inédito do autor de *Luzia Homem*.

11.27.3.1.2.8. VIANNA, Hélio. “D. Pedro e o Incunábulo do Caraça”. (135-141). A visita de D. Prdro II ao Colégio de Caraça em Santa Bárbara, Minas Gerais, onde se constaria posteriormente que o mesmo havia “subtraído” uma obra rara da biblioteca do referido colégio.

11.27.7.1.8.1. GRAVATÁ, Hélio. .”Bibliografia de/sôbre Afonso Arinos”. (143-155). As obras de Afonso Arinos.

11.27.4.1.3.1. MONTELLO, Josué. “Lembrança de Afonso Pena Júnior”. (159-161). Duas crônicas evocando a figura humana de Afonso Pena Júnior.

Autores e/ou obras citadas:

Memórias

A Arte de Furtar e seu Autor

Histórias da Vida Literária

Cartas Chilenas

11.27.4.2.2.1. MORAIS, Walfrido. “O Primeiro Romance dos Garimpos da Bahia”. (163-166). O romance *Larvas Diamantinas* de Marcelino José das Neves, sobre os costumes regionais dos garimpos da Bahia.

Autores e/ou obras citadas:

Maria Dusá

Lindolfo Rocha

Bugrinha

Afrânio Peixoto

Garimpos

Cascalho

Herberto Sales

Horácio Matos, Sua Vida e suas Lutas.

Olímpio Barbosa

Montalvão e o Chefe Horácio de Matos

Américo Chagas

Jagunços e Heróis

Memórias Descritivas

Gonçalo Ataíde Pereira

A Mulher do Chale Preto

Maninha

11.27.4.3.3.1. ATHAYDE, Tristão de. “Um Grande Vivo”. (167-168). A respeito de Mário de Andrade.

Autores e/ou obras citadas:

Mário de Andrade

Lígia Fernandes

Augusto Meyer

Murili Rubião

Antônio de Alcântara Machado
 Oswald de Andrade
 Manuel Bandeira
 Simões dos Reis

11.27.4.4.2.1. FILHO, Adonias. “Best-Seller”. (169-170). Sobre a lógica de um best-seller.

Autores e/ou obras citadas:

Nada de Novo no Front
Bom Dia, Tristeza
Lolita
Exodus
 Alexandre Dumas
 Pasternak
 Schwarz-Bart
 Morris West
 Dickens
 O. Henry
 Ernst Hemingway

11.27.8.1.10.8. n.c. “As atividades do INL no 1º Trimestre de 1968”. (173-193). *Relação das atividades efetuadas pelo INL.*

11.27.10.1.10.8. n.c., n.c. (197-202). Sobre o lançamento de vários livros.

Autores e/ou obras citadas: vários

11.27.5.1.10.8. n.c.c. “Prêmio Rondon, Euclides e Viriato Corrêa”. (205-206). *Decreto do presidente Costa e Silva, instituindo prêmios cívicos-culturais para ciclos ginásial e colegial, proposta do INL.*

11.28.1.1.2.8. LUCAS, Fábio. “Da Epígrafe”. (11-24). História e psicologia da epígrafe enquanto problema do livro e problema do autor.

Autores e/ou obras citadas:

<i>L’Espirit de Lois</i>	Cesare Cases	<i>Glaura</i>
Montesquieu	Lupe Cutrim Garaude	Silva Alvarenga
Confession	<i>Inventos</i>	<i>Princípios de Economia e Política</i>
Rosseau	Josué Montello	José da Silva Lisboa
<i>Literatura e Humanismo</i>	<i>Dois V6ezes Perdida</i>	Gonçalves Dias
Carlos Nelson Coutinho	Marshall McLlhan	<i>Bíblia Sagrada</i>
G. Luckacs	Miguel de Unamuno	

Victor Hugo	<i>Marco Zero</i>	Rillke
Lorde Byron	Carlos Drummond de Andrade	John Donne
Turquety	<i>O Gerente</i>	<i>O Triunfo das Águas</i>
Shakespeare	<i>Claro Enigma</i>	César Leal
Ésquilo	Valéry	Leonidas Câmara
Horácio	Manuel Bandeira	Roberto Campos
Virigílio	<i>A Cinza das Horas</i>	Celso Furtado
Tasso	<i>Carnaval</i>	<i>Desenvolvimento e</i>
Dante	<i>Mafuá de Malungo</i>	<i>Subdesenvolvimento</i>
Petrarca	Emílio de Menezes	Osman Lins
Metastásio	<i>O Cançãoeiro</i>	<i>Nove, Novena</i>
Bocage	Pedro Salinas	Autran Dourado
Lamartine	João Cabral de Melo Neto	<i>A Ópera dos Mortos</i>
Clément Marot	<i>Psicologia da</i>	Claude Lévi-Struss
<i>O Poema do frade</i>	<i>Composição</i>	Darci Damasceno
Júlio Ribeiro	Jorge Guillén	<i>Cemitério Marinho</i>
<i>A Carne</i>	Clarice Lispector	<i>Labirinto</i>
Emile Zola	<i>Perto do Coração</i>	Antônio Rangel Bandeira
<i>Germinal</i>	<i>Selvagem</i>	<i>Aurora Vocular</i>
Aluísio Azevedo	<i>A Maçã no Escuro</i>	Ruben Fonseca
<i>O Homem</i>	Marques Rebelo	Wander Piroli
Cruz e Souza	<i>O Espelho Partido</i>	<i>Os Prisioneiros</i>
Lima Barreto	George Moore	<i>A Coleira do Cão</i>
<i>Recordações do Escrivão</i>	<i>Memórias de Minha Vida</i>	Theodore Roethke
<i>Isaías Caminha</i>	<i>Morta</i>	<i>A Mãe e o Filho da</i>
Mário de Andrade	<i>O Trapicheiro</i>	<i>Mãe</i>
Oswald de Andrade	Raul Leoni	José Edson Gomes
<i>Os Condenados</i>	<i>A Mudança</i>	<i>Os Ossos Rotulados</i>
<i>Memórias Sentimentais</i>	Lêdo Ivo	<i>O País dos Homens</i>
<i>de João Miramar</i>	Hilda Hilst	<i>Calados</i>
<i>O Uruguai</i>	Camões	<i>Industria</i>
Basílio da Gama		Mário Chamie
<i>Ponta de Lança</i>		

11.28.1.2.2.1. BARBOSA, Francisco de Assis. “Contribuições para uma edição crítica das poesias de Augusto de Campos”. (25-53). Preparação de uma provável edição crítica da obra de Augusto dos Anjos.

Autores e/ou obras citadas:

Obras de Lima Barreto
M. Cavalcanti Proença
Antônio Houaiss
Eu
Carlos Ribeiro
Castro e Silva

Augusto dos Anjos, Poeta da Morte e da Melancolia
Augusto dos Anjos, o Poeta e o Homem
 Humberto Nóbrega
Augusto dos Anjos e sua Época
Poema Negro
Bíblia Sagrada
Perfis da Noite
 Santos Neto

11.28.1.3.10.1. SOUZA, J. Galante de. “Nestor Vítor”. (56-62). Síntese biográfica de Nestor Vítor, acompanhada de sua bibliografia.

Autores e/ou obras citadas:

<i>Signos</i>	<i>Três Romancistas do Norte</i>
Cruz e Souza	Farias Brito
<i>O Elogio do Amigo</i>	Sílvio Romero
<i>Amigos</i>	Tristão de Ataíde
Júlio Estrela Moreira	Andrade Muricy
<i>A Sabedoria e o Destino</i>	Afrânio Coutinho
Maeterlinck	Wilson Martins
<i>Últimos Sonetos</i>	Ibsen
<i>A Terra do Futuro</i>	Noralis
Dias da Rocha Filho	Carlyle
Rodolfo Teófilo	Nietzsche
Xavier Marques	<i>Missal</i>
Papi Júnior	

11.28.1.4.2.8. CAMACHO, Fernando. “Universidade de Essex e os Estudos Brasileiros na Grã-Bretanha”. (63-73). Texto sobre as realizações da Universidade de Essex no sentido da difusão dos estudos brasileiros.

11.28.1.5.2.8. DOYLE, Plínio. “História de Revistas e Jornais Literários”. (75-79). Continuando o estudo de periódicos, Plínio Doyle escreve sobre a *Gazeta Literária*.

11.28.2.1.10.1. FONTES, Amando. “Deputado Santos Lima - Primeiros capítulos de um romance inacabado”. (83-126). Trecho de um romance inacabado que narra imagens da vida brasileira, particularmente da vida política.

11.28.3.1.10.8. ARANHA, Graça. “A Emoção Estética na Arte Moderna”. (129-135). O discurso de Graça Aranha na abertura da semana de arte moderna.

11.28.7.1.2.2. n.c. “Bibliografia de/sôbre Teatro 1938/67”. (139-170). “A evolução do teatro brasileiro”.

11.28.4.1.2.8. BRITO, Mário da Silva. “Graça Aranha: Chefe – ou não – da Semana de Arte Moderna”. (173-178). A polêmica criada em torno de Graça Aranha como sendo o articulador da semana de arte moderna.

11.28.4.2.2.1. CAVALCANTI, Valdemar. “Amando Fontes”. (179-181). Sobre um romance inacabado de Amando Fontes.

11.28.10.1.10.7. PEREIRA, Armindo. “Filosofia em Verbetes”. (185-187). Reedições do segundo volume do dicionário de filosofia de Órris Soares.

11.28.8.1.6.8. n.c. “Atividades do 2º Trimestre”. (191-205). As realizações do INL no 2º trimestre de 1968.

11.28.5.1.10.8. n.c. “Exportação de Livros Antigos. Reforma dos Orgãos Culturais”. (209-210.). Decreto-lei nº 5.471 de 9 de julho de 1968, que dispõe sobre a exportação de livros antigos e conjuntos bibliográficos brasileiros.

11.29.1.1.2.8. FERREIRA, Orlando da Costa. “Para uma Introdução ao Estudo do Produto Bibliográfico”. (11-33). As características do produto bibliográfico com indicações de sua evolução em termos de arte e técnica.

11.29.1.2.2.1. PEREGRINO JÚNIOR. “Língua e Estilo de José Lins do Rêgo” (35-51). As peculiaridades da linguagem e do estilo do escritor José Lins do Rêgo.

Autores e/ou obras citadas:

Macunaíma
A Bagaceira
 José Américo
Fogo Morto

Sérgio Millet
As Minas de Prata
Moleque Ricardo

11.29.1.3.2.8. DOYLR, Plínio. “História de Revistas e Jornais Literários”. (53-62).
 Reconstituição da trajetória da revista *Klaxon*

11.29.2.1.4.6. LOUZADAS, Wilson. “Uma Carta de Gonçalves Dias”. (65-68). Carta do poeta Gonçalves Dias, datada de 1864, com pontos de vista a respeito das transformações da língua portuguesa no Brasil.

Autores e/ou obras citadas:

Homero
 Virgílio
 Almeida Garret
Viagens à minha Terra
 Gregório de Matos

11.29.3.1.10.8. LIMA, Jorge de. “Preparação à Poesia”. (75-107). Espécie de diário literário de Jorge de Lima, onde o autor registra idéias a respeito do exercício da poesia, repercursão de certos contatos, impressões de leitura e surpresas e dúvidas diante da literatura e da vida.

Autores e/ou obras citadas:

Freud
 Dante Alighieri
 Maritan
 Claudel
 T.S. Eliot
 João Gaspar Simões
 Adolfo Casais Monteiro
 Rimbaud
 Murilo Mendes
 Manuel Bandeira
 Carlos Drummond de Andrade
 José Lins do Rêgo
 Mário de Andrade
 Aloísio Branco
 Valdemar Cavalcanti
 Cassiano Ricardo
 Tarsila do Amaral
 Raymundo Magalhães
 Oswald de Andrade

Eugênia Moreira
 José Maria Morais
 Alceu Amoroso Lima
 Jackson de Figueiredo
 Sérgio Milliet
 Gilberto Freire
 José Régio
Considerações Pessoais
 André Gide
 Lautréamont
 Rainer Rilke
 Kierkegaard
 José Martí
 Henri Michaux
 Baudelaire
Visionário
 Murilo Mendes
 Karl Marx
Libertinagem

Manuel Bandeira

Mary Collum

11.29.7.1.10.8. COELHO, Aníbal Rodrigues. “Catálogo e Índice da Coleção de Documentos Brasileiros”. (111-138). Trabalho apresentado pelo autor à Faculdade de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do diploma de bacharel em biblioteconomia.

11.29.4.1.10.8. FONSECA, Edson Nery da. “Integração de Conhecimento na Universidade: Sua Expressão Bibliográfica”. (141-143). O autor discorre sobre a história da biblioteca e do livro.

11.29.4.2.2.8. LINS, Osman. “O Leitor”. (145-149). O papel do leitor em relação à obra literária

11.29.4.3.2.1. ADONIAS FILHO. “Fogo Morto”. (151- 153). Artigo sobre *Fogo Morto* em comemoração aos 25 anos de seu lançamento.

11.29.8.1.6.8. n.c. n.c. (155-172). Atividade do INL no 3º trimestre de de 1968.

11.29.5.1.10.4. n.c. “Prêmio Roquete Pinto”. (175-177). Texto da lei que criou o Prêmio Roquete Pinto para roteiro cinematográfico.

11.29.5.2.10.8. n.c. “Direitos Autorais em Co-Edições Oficiais” (179-186). Estudo para estabelecer normas de co-produção e co-edição de obras didáticas, técnicas, científicas e outras, por parte de órgãos do governo e editoras particulares.

11.30.1.1.2.8. SCARPIT, Robert. “A Revolução do Livro”. (11-32). Os problemas do livro em suas perspectivas histórica, sociológica e econômica.

Autores e/ou obras citadas:

Raymond Loewy

Estética da Locomotora

O que é feio não se vende

Echanges Culturels et Barrières Commerciales

La Edición de Libros en Argentina

Raul H. Hottaro

11.30.1.2.2.8. RÓNAI, Paulo. “Subsídios para tradutores”. (33-45). Problemas da tradução do francês para o português.

11.30.1.3.2.1. NUNES, Cassiano. “O Humor na Poesia Moderna”. (47-66). O autor discorre sobre traços de humor na poesia moderna.

Autores e/ou obras citadas:

Virgínia Woolf	<i>Sentimento do Mundo</i>
Aparício Torelli	<i>História do Brasil</i>
Clive Bell	Cassiano Ricardo
Otto Maria Carpeaux	Ribeiro Couto
Mário da Silva Brito	<i>O Visionário</i>
<i>História do Modernismo Brasileiro</i>	<i>Macunaíma</i>
Mário de Andrade	Murilo Mendes
<i>A escrava que não era Isaura</i>	Carlos Drummond de Andrade
Mário de Andrade	Mariano Procópio
Menotti Del Picchia	<i>A Família Pitangueira</i>
Manuel Bandeira	Vinícius de Moraes
<i>Paulicéia Desvairada</i>	Sérgio Milliet
<i>Losango Caqui</i>	<i>Três Romances da Idade Urbana</i>
<i>Memórias Sentimentais de João Miramar</i>	
<i>Castidade</i>	

11.30.1.4.2.1. JOSEF. Bella. “A Poesia de Olavo Bilac”. (67-78). A autora fala de forma sintética de alguns pontos da lírica bilaquiana

Autores e/ou obras citadas:

Monteiro Lobato
 Machado de Assis
A Barca de Gleyre
 Baudelaire
 Alberto de Oliveira
 Manuel Bandeira
Via láctea
O Caçador de Esmeraldas
Tarde
Profissão de Fé
 Mário de Andrade
 Paulo Mnedes Campos

11.30.1.5.10.8. DOYLE, Plínio. “História de Revistas e Jornais Literários”. (76-86). As atividades desenvolvidas pela *Revista da Sociedade Phenix Brasiliense*, editada no Rio de Janeiro em 1878.

11.30.12.1.2.1. BRASIL, Assis. “A Crise Positiva na Ficção Brasileira”. (89-101). Algumas obras de ficção consideradas representativas em 1968.

Autores e/ou obras citadas:

João Guimarães Rosa
 Adonias Filho
 Clarice Lispector
 Autran Dourado
Uma Vida em Segredo
Ópera dos Mortos
Léguas da Promissão
O Túmulo das Aves
O Rei
Corpo Vivo
Memórias de Lázaro
Paulo Jacob
Chuva Branca
Andirá
Jorge, Um Brasileiro
 Osvaldo França Júnior
O Sexo Portátil
 Luís Canabrava
A Verdade
 Paulo Rangrl
Sangue de Rosaura
Os Sete Sonhos
 Samuel Rawei
Contos do Imigrante
 Dalton Trevisan
 Ruben Fonseca
 José Louzeiro
O Vampiro de Curitiba
Meditações de um Feto Inquieto
 José Luís Silveira
Feliz Ano Velho

Luís Paiva de Castro
 José J. Veiga
Os Cavalinhos de Platiplano
A Hora dos Ruminantes
A Máquina Extraviada
Diálogos da Relativa grandeza
 Walpole
 Carson Maccullers
 Truman capote
 Faulkner
 João Ubaldo Ribeiro
Setembro não tem sentido
 Henry James
 Michael Butor
 Henry Miller
 Nosman Mailer
 Jorge Mautner
Deus da chuva e da Morte
Kaos
Narcisa em Tarde Cinza
Vigarista Jorge
 Kerouac
 José Alcides Pinto
Entre o Sexo: a Loucura e a Morte
 José Agripino de Paula
Lugar Público
Pan-América
 Ignácio de Loyola Brandão
Bebel que a Cidade Comeu
 Ricardo Hoffmann
 Tânia Jamardo Fallace

11.30.12.2.2.1. LUCAS, Fábio. “Alguns Lados do Poliedro”. (103-119). Títulos que marcaram a ensaística brasileira moderna.

Autores e/ou obras citadas:

R. Welleck
A tradição Afortunada
 Afrânio Coutinho
Ensaio Escolhidos
 Oswaldino Marques
 Matthew Arnould

The Function of Criticism at the Present time
 Northrop Frye
 Robert Langbaum
The function of Criticism Once More
 Yeats
 T.S. Eliot

Roland Barthes	Helen Gardner
<i>Essais Critiques</i>	<i>Otelo</i>
<i>Antologia de Crítica Literária</i>	Maria Luíza Ramos
Albert D. Van Nostrand	<i>Fenomenologia da Obra Literária</i>
Serge Doubrovski	Georg Lukacs
<i>Pourquoi la Nouvelle Critique – Critique</i>	<i>Marxismo e Teoria literária</i>
<i>et objectivité</i>	Guimarães Rosa
Pierre Daix	<i>Sagarana</i>
<i>Nouvelle Critique et Art Moderne</i>	Oswaldino Marques
<i>Dom Casmurro</i>	<i>Canto e Plumagem das palavras</i>
Machado de Assis	<i>A Rima na Poesia de Carlos Drummonde</i>
<i>O Enigma de Capitú</i>	<i>de Andrade</i>
Eugênio Gomes	Hélcio Martins
René Dumesnil	<i>A Repetição: Um Processo Estilístico de</i>
Flaubert	<i>Carlos Drummonde de Andrade</i>
<i>Visões e Revisões</i>	Gilberto Mendonça Teles

11.30.3.1.10.1. BROCA, Brito. “Marginália”. (123-147). Seleção de pequenas notas e partes de ensaios que Brito Broca publicou em diferentes jornais por longo tempo.

Autores e/ou obras citadas:

Hermann Burmeister	Afânio Peixoto	<i>Souvenirs et</i>
<i>Viagens ao Brasil</i>	Sílvio Romero	<i>Confidences d’un</i>
Miguel de Cervantes	Machado de Assis	<i>Écrivain</i>
<i>Dom Quixote</i>	Artur de Oliveira	André Gide
Maupassant	<i>Obra Crítica de Araripe</i>	Kafka
Tchecov	<i>Júnior</i>	Balzac
Carvalho Júnior	Schopenhauer	Proust
Manuel Bandeira	<i>Os Maias</i>	<i>Os Sertões</i>
Péricles Eugênio da Silva	Eça de Queiroz	Euclides da Cunha
Ramos	Alphonse Daudet	<i>Les Croix de Bois</i>
Baudelaire	Benoit-Guyot	Roland Dorgelés
<i>Parisina</i>	<i>Le Miroir des Lettres</i>	<i>Nada de Novo na Frente</i>
Emile Zola	Fernand Vanderen	<i>Ocidental</i>
<i>Journal d’un Attaché</i>	<i>Conversações de Goethe</i>	Erich Maria Remarque
<i>d’Ambassade</i>	<i>Memórias de um</i>	Jean Pierrefeu
Paul Morand	<i>Sargento de Milícias</i>	Visconde de Taunay
Cocteau	Manuel Antônio de	<i>Memórias</i>
Marcel Proust	Almeida	Dionísio Cerqueira
Giraudoux	Joaquim Nabuco	<i>Reminiscências da</i>
Claudé	<i>Minha Formação</i>	<i>Guerra do Paraguai</i>
Berthelot	<i>Parábolas</i>	Belmiro Braga
<i>Dom Casmurro</i>	Jules Romain	<i>Dias Idos e Vividos</i>
Francis Miomandre		Humberto de Campos

David Copperfield	Paul Claudel	Charles Green
<i>Memórias Póstumas de</i>	<i>A Mocidade de Trajano</i>	Adolphe
<i>Brás Cubas</i>	Bernardo Guimarães	Lamartine
<i>A mão e a Luva</i>	<i>Rosaura, a Enjeitada</i>	<i>Retratada Memória</i>
<i>O Livro de uma Sogra</i>	<i>Sonhos de Ouro</i>	<i>Fruta do Mato</i>
Aluísio Azevedo	José de Alencar	Somerset Maughan
<i>Os Meus Sêres</i>	Leon Lemmonier	<i>O Guarani</i>
<i>O Morro dos Ventos</i>	Oscar Wilde	<i>Lucíola</i>
<i>Uivantes</i>	Helena Morley	<i>Diva</i>
Emily Bronte	<i>Minha Vida de Menina</i>	Augusto de Castro
Lima Barreto	Katherine Mansfield	
	<i>Extraits d'un Journal</i>	

11.30.2.1.10.1. ANDRADE, Oswald. “Poemas de Oswald de Andrade”. (151-157). Três poemas inéditos de Oswald de Andrade.

11.30.7.1.10.8. DÓRIA, Irene de Menezes. “Normalização da Documentação”. (161-172). Normas para referência bibliográfica.

11.30.4.1.8.1. CAVALCANTI, Valdemar. “Literatura 1968”. (175-190). Balanço literário de 1968.

11.30.8.1.10.8. n.c. “Atividades do 4º Trimestre” (193-208). Os trabalhos desenvolvidos pelo INL no 4º trimestre de 1968.

11.30.5.1.10.8. n.c. “Livros na Farmácia. Prêmios Literários”. (211-212). Texto de dois decretos do governo federal, um que regulamenta a venda de livros em farmácias e outro sobre a regulamentação de prêmios literários.

12.31.1.1.2.8. ANDRADE, Olympio de Souza. “O Livro Brasileiro – Progresso e Problemas numa Visão de Conjunto”. (11-54). Os problemas fundamentais do livro brasileiro em termos de produção, distribuição e consumo.

12.31.1.2.2.1. OTÁVIO FILHO, Rodrigo. “Constâncio Alves”. (55-77). Sobre a figura humana e a personalidade literária de Constâncio Alves.

Autores e/ou obras citadas:

Josué Montello
 Goethe
 Olavo Bilac
 Alberto de Oliveira
 Rodrigo Otávio

João Ribeiro
 Abelardo Lôbo
 Aurélio Leal
 Basílio de Magalhães
 Rui Barbosa
 Gilberto Freire
Ordem e Progresso
 Múcio Leão
Autores e Livros
 Humberto de Campos
Polêmica de Carlos Laet e Constâncio Alves
 Carlos Laet
 Afrânio Peixoto
 Pero Vaz de Caminha

12.31.1.3.2.1. GOMES, Eugênio. “Sobre um Soneto de Joaquim Nabuco”. (79-82).
 Controvérsia sobre a autoria de um soneto de Joaquim Nabuco.

12.31.1.4.10.8. DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. “Melo Moraes Filho: Centenário”. (83-97).
 Comunicação com o objetivo de assinalar o transcurso do centenário de nascimento de folclorista brasileiro.

Autores e/ou obras citadas:

Tradições Populares
Cancioneiro Cigano
Ciganos no Brasil
 Sílvio Romero
 Ronald de Carvalho
Parnaso Brasileiro
Pequena História da Literatura Brasileira
 Afrânio Peixoto
Panorama da Literatura Brasileira
 Nelson Werneck
História da Literatura Brasileira
Introdução à Literatura Brasileira
 João Pacheco
O Realismo
 José Veríssimo
Compêndio de História da Literatura Brasileira

Crônica Geral
Curso de Literatura Brasileira
 Andrade Muricy
Poetas Brasileiros Contemporâneos
 Cruz e Souza
 Emílio Pernetta
 Alphonsus de Guimarães
 Nestor Vitor
 Dário Veloso
Festas e tradições Populares no Brasil
Serenatas e Saraus
Histórias e Costumes
 Rocha Pombo
 Cantos Populares
Brasil – Reino e Brasil Império
Crônica Geral do Império do Brasil
 Jorge de Lima

12.31.1.5.10.8. DOYLE, Plínio. “História de Revistas e Jornais Literários”. (99-116) Estudo de *A Revista*, fundada em Belo Horizonte por Martins de Almeida e Carlos Drummond de Andrade (1925-26).

12.31.12.1.2.1. BRASIL, Assis. “Os Melhores da Ficção em 68”. (119-124). Os mais significativos lançamentos da temporada de 1968, na área de ficção.

Autores e/ou obras citadas:

Chuva Branca

Paulo Jacob

Bebel que a cidade comeu

Ignácio de Loyola Brandão

O Sexo Portátil

Luís Canabrava

Deus de Caim

Ricardo Guilherme Decke

Macedo de Miranda

O Sol Escuro

Aguinaldo Silva

Geografia do ventre

Viaduto

Paulo Dantas

Palha de Arroz

Fontes Ibiapina

Entre Sexo: a Loucura e a Morte

José Alcides Pinto

Lady Godiva

A Cabeça do Papa

O Deus Faminto

Cidade Enferma

O Livro de Daniel

Purgatório

Estação da Morte

Léguas de Promissão

Corpo Vivo

Memórias de Lázaro

A Máquina Extraviada

José J. Veiga

Desastres de Amor

Dalton Trevisan

Meditação de um Feto inquieto

José Luís Silveira

Judas Arrependido

José Louzeiro

O Sofredor do Ver

Os Cavalinhos de Platiplano

Virgínia Woolf

História do Amor Maldito

Gasparino Damata

Os 18 Melhores Contos do Brasil

Machado de Assis

Walmir Ayala

Lígia Fagundes Telles

Jurandir Ferreira

Flávio José Cardozo

Luiz Villela

12.31.2.1.4.8. GARDEL, Luís. “Duas Cartas ao Barão Homem de Mello”. (127-137).

As cartas dirigidas ao Barão Homem de Mello, uma de Joaquim Nabuco e outra do Barão do Rio Branco, são objetos de um estudo metuculoso de reconstituição histórica feita por Luís Gardel.

12.31.3.1.2.1. FERRAZ, Geraldo. *Paulo Prado: Centenário.* “Perfil de um Homem e de um Livro”. (143-147). Para registrar o centenário de Paulo Prado, a *Revista do Livro* reproduz o estudo de Geraldo Ferraz intitulado *Perfil de um Homem e de um Livro*.

12.31.7.1.10.8. CUNHA, Maria Emília Melo e. “Catálogo e Índice da Coleção Biblioteca Histórica Brasileira”. (151-162). Coleção impressa pela Livraria Martins Editora, de São Paulo, com o título *Biblioteca Histórica Brasileira*.

Autores e/ou obras citadas:

Diário de minha viagem ao Brasil
Príncipe Adalberto da Prússia
 Sérgio Buarque de Holanda
 Johan Moritz Rugendas
Viagem Pitoresca através do Brasil
 Augustin Saint-Hilaire
Viagem à Província de São Paulo
 Daniel Kidder
Reminiscências de Viagem e Permanência no Brasil
 Jean Baptiste Débret
Viagem Pitoresca e História do Brasil
 Thomaz Davat
Memórias de um Colono no Brasil

12.31.4.1.2.8. FREIRE, Gilberto. “O Problema do Livro”. (165-166). As deficiências do intercâmbio cultural entre o Brasil e Portugal. O autor sugere que se intensifique a circulação de livro entre os dois países.

12.31.4.2.2.1. LEAL, César. “Baudelaire”. (161-170). A propósito das comemorações do centenário de Baudelaire na França.

Autores e/ou obras citadas:

Petrarca
Fleurs du Mal
 Rimbaud
 Mallarmé
Divina Comédia
 Dante
 Ezra Pound
 T.S. Eliot
 Apollinaire
 Frederico Garcia Iorca
 Jorge Guillén
 Goethe
 Edgar Allan Poe

Rosseau
 Diderot
Les Salon
 Boucher
 Vernet
 Bouchardon

12.31.4.2.2.8. CAVALCANTI, Valdemar. “Rodrigo Otávio: Lembrança”. (171-173). Sobre a morte de Rodrigo Otávio.

12.31.10.1.10.8. MENEZES, Fagundes. “Publicações do INL”. (175-178). Relação das últimas obras publicadas pelo INL.

Autores e/ou obras citadas: várias

12.31.8.1.6.8. n.c. “Atividades do 1º Semestre”. (181-190). As atividades desenvolvidas pelo INL durante o primeiro semestre de 1969.

12.31.5.1.10.8. n.c. “Congratulações com o INL. Robert Escarpit no Brasil. Doação ao Patrimônio da União”. (193-195). Votos de congratulações ao do Conselho Estadual de Cultura ao INL pela publicação do *Livro que dá Razão do Estado do Brasil* e da visita do escritor francês Robert Scarpit ao Brasil. Ainda é publicado o texto onde o presidente da república informa que o Serviço do Patrimônio da União aceita a doação de um terreno no Rio Grande Norte doado por Umberto Peregrino.

12.32.1.1.2.1. COTINHO, Afrânio. “A Crítica Literária Romântica”. (11-38). A definição do ideário crítico romântico.

Autores e/ou obras citadas

Salomé Queiroga	Joaquim Norberto de	José Osório de Oliveira
Almeida Garret	Sousa e Silva	<i>Sextilha de Frei Antão</i>
<i>Parnaso Lusitano</i>	Gonçalves Dias	<i>Primeiros Cantos</i>
Cláudio Manuel da Costa	Macedo Soares	<i>Nênia</i>
Basílio da Gama	Tavares Bastos	Firmino Rodrigues
Silva Alvarenga	José de Alencar	Silva
Tomás Antônio Gonzaga	Machado de Assis	<i>Uraguai</i>
Sousa Caldas	Sílvio Romero	Teixeira e Souza
Pereira da Silva	<i>Cartas sobre a</i>	Junqueiro Freire
Francisco Adolfo	<i>Confederação dos</i>	Bernardo Guimarães
Varnhagen	<i>Tamoios</i>	Couto de Magalhães
Justiano José da Rocha	José da Gama e Castro	Fagundes Varela
Santiago Nunes Ribeiro	José de Anchieta	Araújo Pôrto-Alegre

Luís Guimarães
Americanas
 Olavo Bilac
 Teixeira de Melo
 Bittencourt Sampaio
Como e Porque sou
Romancista
 Franklin Távora
 J. Feliciano Castilho
 Joaquim Nabuco
O Guarani
Iracema
Diva
Senhora
O Tronco do Ipê
 Diogo Barbosa
 Machado
Biblioteca Lusitana
 Loreto de Couto
Desagravos do Brasil
Glórias de Pernanbuco

Januário da Cunha
 Barbosa
 Pereira e Silva
 Gregório de Matos
 José Bonifácio
 Ferdinand Denis
 Conêgo Joaquim
 Caetano Fernandes Pinho
Curso Elementar de
Literatura Nacional
Resumo da História
Literária
Curso de Literatura
Portuguêsa e Brasileira
 Camilo Castelo
 Branco
 Teófilo Braga
 Fidelino Figueiredo
 Oscar Lopes
 Antônio José Saraiva
 João Gaspar Simões
 Ferdinand Wolf

Fernandes Pinheiro
Dom Casmurro
 Crítica Literária
O Primo Basílio
O Instinto de
Nacionalidade
 Anatole France
 Virgínia Woolf
 Eça de Queiroz
 Dutra e Melo
 Carlos Emilio Adet
 Antônio Pedro Lopes de
 Mendonça
 Alexandre José de Melo
 Morais
 Quintino Bocaiúva
 Antônio Joaquim de
 Melo
 Inocêncio Francisco da
 Silva
 João Francisco Lisboa

12.32.1.2.2.1. BELTRÃO, Luís. “Comunicação Moderna e Literatura”. (39-49). O avanço das tecnologias modernas seria a decadência do romance?

Autores e/ou obras citadas:

Willy Lewin
 Michel Butor
 Alain Robert-Grillet
 Saul Bellow
 John Updike
 William Styron
 Bernard Malamud
 Philip Roth
 Norman Mailer
 Brion Gysin
 Burroughs
 Leroy Jones
 Maurice Blanchot
 Herman Broch
 McLuhan
 Etienne Gilson
 Literatura de Massa
 Dante

Divina comédia
 Edgar Morin
 Malraux
 Albert Camus
 Jean Paul Sartre
 Pietro Della Francesca
 Masaccio
 Cézanne
 Picasso
 Assis Brasil
Cinema e Literatura
 Machado de Assis
 José de Alencar
 Júlio Ribeiro
 Monteiro Lobato
 José Lins do Rêgo
 Graciliano Ramos
 Aníbal Machado

Diná Silveira de Queiroz
 Érico Veríssimo
 Guimarães Rosa
 Orígenes Lessa
 Dias Gomes
 Ariano Suassuna
 Carlos Heitor Cony
 Antônio Calado
Édipo Rei

Gerbart D. Wiebe
 Stéphane Mallarmé
 José Mauro de Vasconcelos
Quarup
Meu Pé de Laranja Lima
Rosinha, Minha Canoa
A Madona de Cedro
 Eduardo Portela

12.32.1.3.2.1. DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. “Literatura de Cordel”. (51-57).
 As diferentes características quanto à apresentação gráfica nos folhetins de
 cordel em São Paulo.

Autores e/ou obras citadas:

O Návio do Capitão
Proezas de João Grilo
 Firmino Teixeira do Amaral
A Peleja de Manuel Riachão com o Diabo
 Manuel Pereira Sobrinho
Vida e testamento de Canção de Fogo
 Leandro Gomes de Barros
 João Martins de Athayde
A Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum
 Minelvino Francisco Silva
 Rodolfo Coelho Cavalcanti
A herança que minha sogra deixou
 Paulo Nunes Batista
 Manuel d’Almeida Filho
O Vaqueiro que virou Mulher e deu a Luz
A Chegada de Roberto Carlos no Céu
A Chegada de Roberto Carlos no Inferno

12.32.1.4.10.8. DOYLE, Plínio. “Histórias de Revistas e Jornais Literários”.
 (59-71). Estudo da revista *Cultura*.

12.32.12.1.2.1. BRASI, Assis. “A Nova Literatura Brasileira (o romance, a
 poesia, o conto)”. (73-81). A defesa de uma tese no campo da periodização da
 literatura brasileira.

Autores e/ou obras citadas:

João guimarães Rosa
 Clarice Lispector

Doramundo
 Geraldo Ferraz

Grande Sertão: Veredas
 Reynaldo Jardim

Samuel Rawet
Contos do Imigrante
 Patrícia Galvão
 Adonias Filho
 Marques Rebelo
 Lúcio Cardoso
 Octávio Faria
 Jorge Amado
 Rachel de Queiroz
 José Lins do Rêgo
 Herberto Sales
 José Candido de
 Carvalho
O Coronel e o
Lobisomem
 Autran Dourado
 Osman Lins
O Visitante
Nove Novenas
A Barca dos Homens
Uma Vida em Segredo
 Lygia Fagundes
 Telles
 Macedo Miranda
Ciranda de Pedra
Verão no Aquário
Lady Godiva
A Cabeça do Papa
O Deus Faminto
 Tânia Jamaro
 Faillace
 Ricardo L. Hoffmann
 Paulo Jacob
Chuva Branca
A Fuga de Adão e Eva

A Superfície
 Aguinaldo Silva
 Walmir Ayala
À Beira do Corpo
Um Animal de Deus
 Jorge Mautner
Trilogia do Kaos
O Deus da Chuva e da
Morte
Bebel que a cidade
comeu
 Ignácio Loyola
Entre Sexo: a Loucura e
a Morte
 José Alcides pinto
 João Cabral de Melo
 Neto
 Murilo Mendes
 Oswaldo de Andrade
 Sousândrade
 Lélia Coelho Frota
 Foed Castro Chamma
 Mário Faustino
 Marly de Oliveira
 Décio Pignatari
 Haroldo de Campos
 Augusto de Campos
 Ferreira Gullar
A Luta Corporal
 Ronaldo Azevedo
 Reynaldo Jardim
 José Lino Grunewald
 Waldemir Dias Pino
 Mário Chamie
 Mauro Gama

Yone Giannetti Fonseca
 Armando Freitas Filho
 Antônio Carlos Cabral
 Camargo Meyer
 Moacir Cirne
 Sanderson Negreiros
 Álvaro de Sá
Desastre de Amon
 José J. Veiga
Os Cavalinhos de
Paltiplano
A Hora dos Ruminantes
A Máquina Extraviada
 José Louzeiro
Judas Arrependido
Depois da Luta
Acusado de Homicídio
 Dalton trevisan
 Maura Lopes Cançado
O Sofredor do Ver
Hospício é Deus
 Virgínia Woolf
 Ivan Ângelo
Duas Faces
 Luiz Vilela
Tremor de Terra
O Prisioneiro
A Cólera do Cão
 José Edson Gomes
As Sementes de Deus
Dardará
 Louzeiro Filho

12.32.12.2.2.1. LUCAS, Fábio. “Aspectos Extrínsecos da Obra Literária”. (83-95). A contribuição de críticos ilustres para a literatura brasileira.

Autores e/ou obras citadas:

A Tradição Afortunada
 Afrânio Coutinho
 Otto Maria Carpeaux
História da Literatura
Ocidental

Arte e Alienação
 Herbert Read
 H. Marcuse
A Literatura no Brasil
 Jacques Ehrmann

Les Temps Modernes
 Fernando Correia Dias
O Movimento
Modernista em Minas
 João Alphonsus:

<i>Tempo e Modo</i>	Mário de Andrade	<i>Graciliano Ramos: Autor e Ator</i>
Carlos Drummond de Andrade	<i>Epigramas Irônicos e Sentimentais</i>	Helmut Felmann
Emílio Moura	Ronald de Carvalho	<i>Graciliano Ramos: Reflexos de sua Personalidade</i>
Abgar Renault	Oswald de Andrade	Luiz Gonzaga Mendes Chaves
Aníbal Machado	Guilherme de Almeida	José Gomes Magalhães
Pedro Nava	Fernando C. Dias	<i>Estruturalismo e Crítica de Poesia</i>
Mário Casasanta	Aquiles Vivacqua	Leodegário A. de Azevedo Filho
Alberto de Campos	Rosário Fusco	<i>Caetés</i>
Batista Santiago Gabriel	Ascânio Lopes	Cornélio Pena
Passos	Francisco Inácio Peixoto	<i>Vidas Secas</i>
João Pinheiro Filho	L. Costa Lima	Aníbal Machado
João Dornas Filho	Carlos Nelson Coutinho	Jorge Amado
Martins de Almeida	Rui Mourão	
Guilhermino César	Graciliano Ramos	
José de Guimarães Alves	<i>Sobre o Romance de Graciliano</i>	
Aires da Mata	Antônio Candido	
Cristiano Martins		
Paulicéia Desvairada		

12.32.12.2.4.8. LOUSADA, Wilson. “Da Correspondência de José Carlos Rodrigues”. (99-102). Duas cartas que Cândido Mendes de Almeida dirigiu ao jornalista José Carlos Rodrigues.

12.32.3.1.10.1. RENAULT, Abgar. “Discurso na Academia Brasileira de Letras”. (105-121). O discurso do escritor mineiro Abgar Renault ao assumir a cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Autores e/ou obras citadas:

Fernando pessoa
Mário de Andrade
Stefan George
José Carlos de Macedo Soares
Tirso de Molina
Antônio Vieira
Afrânio Peixoto
Camões
O Brasil e a Sociedade das Nações
Fronteiras do Brasil no Regime Colonial
Max Weber
Osman Lins
João Ribeiro
Alceu Amoroso Lima
Gilberto Amado

12.32.7.1.7.8. FONSECA, Edson Nery da. “Índice da Coleção Brasileira”. (123-166). Índice da coleção *Brasileira* lançada pela Companhia Editora Nacional em 1931 e que se propunha a estudar a realidade nacional em todos os aspectos.

12.32.4.1.2.1. MONTELLO, Josué. “O Príncipe Guilherme”. (169-170). Sobre o poeta Guilherme de Almeida.

12.32.4.2.2.1. MARQUES, Oswaldino. “Guilherme de Almeida e a Perícia Criadora”. (171-176). O processo de criação do poeta Guilherme de Almeida.

12.32.4.3.2.1. SOBRINHO, Barbosa Lima. “Um Homem de Muito Coração”. (177-180). Sobre o escritor Múcio Leão.

12.32.4.4.2.1. CAVALCANTI, Valdemar. “Notas de um Diário”. (181-183). Sobre Guilherme de Almeida, Múcio Leão, Gilberto Amado e Adelino Magalhães.

12.32.10.1.8.8. MENEZES, Fagundes. “Publicações do INL”. (187-189). Catálogos das obras publicadas pelo INL.

12.32.19.2.10.8. n.c. “Repercussão na França”. (193-195). Estudo publicado na revista *Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Brésilien*, da Universidade de Toulouse relativo a diversas obras e autores brasileiros.

Autores e/ou obras citadas: vários

12.32.8.1.10.8. n.c. “Atividades do 2º semestre”. (199-209). As atividades do Instituto Nacional do Livro no período.

12.32.5.1.10.8. n.c. “Uma Decisão Judicial”. (213-217). Ação judicial movida contra a Gráfica Record Editora por haver publicado, sem autorização, um conto de Autran Dourado em uma coletânea intitulada *História do Amor Maldito*.

12.33.1.1.10.8. n.c. “O Livro no Brasil”. (11-42). São quatro textos que versam sobre os problemas e perspectivas do livro no Brasil.

12.33.1.2.2.1. LINHARES, Temistocles. “A Argentina Vista Através de seus Romances”. (43-52). Estudo sobre a verdadeira face da Argentina como tem mostrado alguns de seus melhores escritores.

Autores e/ou obras citadas:

Esteban Echeverría
História de una Pasión Argentina
La Bahia de Silencio

Eduardo Mallea
La Guerra Gaucha
Martin Fierro
Recuerdos de Provincia
Don Segundo Sombra
Cordoba del Recuerdo
Luna de Enfrente
Amália

José Mármol
 Juan Carlos Ghiano
 Américo Castro
 Leopoldo Marechal
 José Hernandez
 Lúcio V. López
 Eugenio Cambacéres
 Julian Martel
 Francisco A. Payró
Sin Rumbo

12.33.1.2.2.1. RÓNAI, Paulo. “Correspondência de Balzac”. (53-65). Considerações sobre o quinto e último volume da *Correspondência de Balzac*.

12.33.1.3.2.1. SALLES, Fernando. “Garimpo do Diamante na Ficção Brasileira. Ciclo bahiano, ciclo mineiro. Outras faixas de mineração”. (67-82). O autor faz o levantamento das obras de ficção que focalizam, como temática central, aspectos do garimpo de diamantes.

Autores e/ou obras citadas:

Maria Dusá
 Lindolfo Rocha
 Lúcia Miguel Pereira
 Afrânio Coutinho
 Humberto Sales
Cascalho
 Marques Rebêlo
 Geraldo de Freitas
 Fred Chateaubriand
Histórias Ordinárias
Duas Versões
Missão Especial
O Diamante Verde

Almáquio Diniz
 Afânio Peixoto
Bugrinha
 Xavier Marques
A Cidade Encantada
O Garimpeiro
 Bernardo Guimarães
 Alberto Rabelo
 Valdomiro Silva
 Herman Lima
 Filgueiras Filho
Ametistas de Caititu
 Eli Brasiliense

Lavras Diamantinas
 Marcelino José das
 Neves
Contos do Norte
 Joaquim Felício dos
 Santos
Memórias do Distrito
Diamantino
 Rodrigo Otávio
 Felisberto Caldeira Brant
O Contratador de
Diamantes
 Aristídes Rabelo

Hóspede
Mário Palmério
Vila dos Confins
Agripa de Vasconcelos
A Vida em Flor de Dona
Beja
Tanus Jorge Bastani
O Escravo da Coroa
W. Bariani Ortêncio
O que foi pelo Sertão

Vão dos Angicos
O Patuá
Hugo de Carvalho
Ramos
José Mauro de
Vasconcelos
Banana Brava
Arara Vermelha
Terra sem Dono

Severino Muniz
Trilhas Assombradas
Monteiro Lobato
Garimpeiro do Rio das
Garças
Antônio de Pádua
Morse
Minha Vida nos
Garimpos

12.33.1.5.10.8. DOYLE, Plínio. “História de Revistas e Jornais Literários”. (83-95). Estudo de *Ostensor Brasileiro*, que circulou no Rio de Janeiro no final do século XIX.

12.33.12.1.2.1. GUERRA, José Augusto. “*Caetés: realismo e introspecção*”. (99-112). *Ensaio crítico sobre o primeiro romance de Graciliano Ramos*.

Autores e/ou obras citadas:

Graciliano Ramos
Francisco de Assis Barbosa
Angústia
Olavo bilac
Lima Barreto
Coelho Neto
Guimarães Passos
O Índio
Antônio Candido
São Bernardo
Emile Zola
Eça de Queiroz

12.33.2.1.4.8. MAGALHÃES JÚNIOR, R. “Machado de Assis, funcionário”. (115-118). Uma carta de Francisco Glicério, dirigida ao escritor Alfredo Pujol, sobre Machado de Assis como funcionário público, curioso documento descoberto pelo historiador José Honório Rodrigues.

Autores e/ou obras citadas:

Lúcia Miguel Pereira
Machado de Assis Desconhecido
Cartas Chilenas
Memórias Póstumas de Brás Cubas

12.33.3.1.2.1. CAVALCANTI, Valdemar. “*Novas Perspectivas para a Literatura Infantil*”. (121-124). *Recomendações formuladas pelo Bureau Internacional Católico para a Infância com o objetivo de abrir novas perspectivas para a literatura infantil.*

12.33.7.1.10.8. FREITAS, Edna Gondin. “Repertórios Biográficos Brasileiros”. (127-166). Bibliografia cronológica e índice onomástico geográfico e temático.

12.33.4.1.10.8. PEREGRINO, Umberto. “Uma Biblioteca Infantil”. (169-173). Discurso do diretor do INL no ato de inauguração da biblioteca infantil Carlos Alberto, no Rio de Janeiro.

Autores e/ou obras citadas:

Charles Perrault	<i>Rimas Infantis</i>
Fenelon	Adolpho Coelho
Júlio Verne	Grimm
Kipling	<i>Contos da Carochinha</i>
<i>Mark Twain</i>	<i>Histórias da Avózinha</i>
Carlo Lorenzini	<i>Histórias da Baratinha</i>
José Veríssimo	Figueiredo Pimentel
<i>Manual Enciclopédico</i>	Luís Edmundo
Monteverde	Leonardo Arroyo
<i>A Vida de João de Castro</i>	Olavo Bilac
Jacinto Freire	Coelho Neto
João Ribeiro	Júlia Lopes de Almeida
<i>Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro</i>	Guilherme de Almeida
Sílvio Romero	Bastos Tigre
Camões	Manuel Bonfim
Rocha Pita	Monteiro Lobato
Xavier Pinheiro	<i>Narizinho Arrebitado</i>
Alexina de Magalhães Pinto	<i>Saudade</i>
<i>Os Novos Brinquedos</i>	Tales de Andrade
<i>Catingas das Crianças e dos Pretos</i>	<i>Através do Brasil</i>
<i>As Nossas Histórias</i>	Josué Montelo
<i>Poesias e Hinos Patrióticos</i>	

12.33.4.2.2.1. SOUZA, J. Galante de. “Um Pseudônimo de Aluísio Azevedo”. (175-177). Resultado de uma pesquisa a respeito de um pseudônimo de Aluísio Azevedo.

Autores e/ou obras citadas:

Valentim Magalhães

Amélia Smith
A Credora
 Francillon
E. Zola e a Academia Francesa
 Visconde de Taunay
Colunas da Noite
 Felinto de Almeida
O Mulato

12.33.10.1.10.8. MENEZES, Fagundes. “Publicações do INL”. (181-183). As últimas publicações do Instituto Nacional do Livro.

Autores e/ou obras citadas:

Quincas Borba
Dom Casmurro
 Machado de Assis
 Lúcia Miguel Pereira
 J. Galante de Souza
Memórias Póstumas de Brás Cubas
 José Veríssimo
 Carlos Magalhães de Azevedo
 Araripe Júnior
 Lúcio de Mendonça
 Medeiros e Albuquerque
Um Irmão de Brás Cubas

12.33.10.2.10.8. MENEZES, Fagundes. “O Livro Brasileiro no Exterior”. (187-189). Resumos de notas críticas e informativas feitas pelo *Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Brésilien*, relativos a diversos autores e obras brasileiras.

12.33.8.1.10.8. n.c. “Atividades do 3º trimestre”. (193-200). Atividades desenvolvidas pelo INL no 3º trimestre de 1969.

12.33.5.1.10.8. n.c. “Lei do Depósito Legal”. (203-204). Texto da nova lei para depósito legal para aquisição de obras no exterior.

12.33.5.2.10.8. n.c. “Prêmios Literários nacionais”. (205-206). Recentes portarias baixadas pelo ministro da educação que regulamenta os prêmios literários.

13.34.1.1.2.1. ADONIAS FILHO. “Depoimentos Sobre Mário de Andrade”. (11-13). O texto ressalta a importância da obra de Mário de Andrade no sentido de uma renovação cultural.

Autores e/ou obras citadas:

Macunaíma
Cavalcanti Proença

13.34.1.2.2.1. LIMA, Herman “O Tico – Tico – Revista Pioneira de Literatura Infantil”. (15-25). Estudo da Revista *O Tico – Tico*.

Autores e/ou obras citadas:

Casemiro de Abreu
A Ilha do Tesouro
Lowis Stevenson
Gustavo Barroso
Finados
Velas Brancas
Praias e Várzeas
O Anél Mágico
Aventuras do Bravo Capitão Castanhola
Somerset Maughan
O Malho
Alfredo Storni
As Mil e Uma Noites
Leônidas Freire
História do Brasil em Figuras
Manuel Bonfim
O Homem da Máscara Negra
O Conde de Chavagnac
Lições de Vovô
Dr. Sabe Tudo
História de um Quebra Nozes

A Princesa Medusa
Os Semeadores de Gêlo
O Planeta Artificial
Viagem maravilhosa do Dr. Alfa ao Mundo dos Planetas
Candido Mota Filho
Um Passarinho
Carlos Drummond de Andrade
O Consertador de Bonecas
O Galho de Jamelão
O Caçador de Borboletas
A Espada de Jacó
As Três Tamareiras
Paulo Coelho Neto
Turbilhão e Treva
Políticos e outros Bichos Domésticos
Alberto Deodato
Leonardo Arroyo
Literatura Infantil Brasileira
Vasco Lima

13.34.1.3.10.1. LIRA FILHO, João. “Augusto dos Anjos”. (27-43). A vida e a obra de Augusto dos Anjos em texto proferido em uma palestra em João Pessoa, Paraíba.

13.34.1.4.2.1. SEVERINO, Alexandrino E. “O Homem Sertanejo nos Contos de Afonso Arinos”. (45-52). A importância dada ao homem sertanejo na ficção de Afonso Arinos.

Autores e/ou obras citadas:

Euclides da Cunha
 Coelho Neto
 Valdomiro Silveira
 Afonso Arinos
Pelo Sertão
 Nelson Werneck Sodré

13.34.1.5.10.8. DOYLR, Plínio. “História de Revistas e Jornais Literários”. (53-68). Estudo da *Revista Festa*, lançada em 1927.

13.34.12.1.2.1. CUNHA, Godofredo. “Godofredo Rangel, Calígrafo”. (71-76). Análise crítica da obra de escritor mineiro G. Rangel.

Autores e/ou obras citadas:

Vida Ociosa
Os Humildes
Andorinha
Monteiro lobato
A Barca de Gleyre
Falange Gloriosa
O Queijo de Minas ou A História de um Nó Cego
Os Bem Casados
Rui Barbosa
País do Ouro e Esmeralda
Sonho de Gigante
Amor Imortal
Antônio Candido
Caetés
 Graciliano Ramos
O Legado
Urupês
Messidor
Pequena História da Literatura Brasileira
Madame Pommery
O Professor Jeremias
A Divina Quimera

13.34.2.1.1.4.8. SALES, Fernando. “Afrânio Peixoto: Duas Carta”. (79- 84). Reprodução de duas cartas particulares de Afânio Peixoto, documentos importantes para o estudo da personalidade do escritor.

13.34.3.1.10.1. ANJOS, Cyro dos & RODRIGUES José Honório. “Dois Discursos de Posse na Academia brasileira de Letras”. (88-125). Dois discursos pronunciados na Academia Brasileira de Letra. O primeiro, de Cyro dos Anjos, faz elogios a Manuel bandeira, o segundo, de José Honório Rodrigues, faz uma análise do pensamento de Tavares Bastos.

Autores e/ou obras citadas:

Cinzas das Horas
 Manuel bandeira
Itinerário de Pasárgada
Canção do Vento e de Minha Vida
Lira dos Cinquenta Anos
Um Retrato da Morte
 Fidelino de Figueiredo
Noturno do Morro do Encanto
Crônicas da Província do Brasil
 Múcio Leão
 Rodrigo Otávio
 Frei Caneca
 Tôrres Homem
Tavares Bastos, Ideologo do Liberalismo
 Aureliano Candido Tavares Bastos
Cartas do Solitário
Os Males do presente e Esperanças do Futuro

Vale do Amazonas
Memórias sobre Imigração
A Província
A Situação e o Partido Liberal
Reforma Eleitoral e Parlamentar
Festas Nacionais
 Raul Pompéia
 Carlos Drummond de Andrade
Memórias do Distrito Diamantino
 José Bonifácio de Andrada e Silva
Minhas Memórias dos Outros
Mário Pederneiras – Poesia
A Literatura no Brasil
 Afrânio Coutinho
Sonho de Uma Noite de Verão
 Shakespeare

13.34.7.1.10.8. SANTOS, Ormy Menegazo dos. “Livros para Crianças”. (129-147). Pesquisa que mostra o volume da produção do livro infantil no Brasil.

13.34.4.1.10.8. CAVALCANTI, Valdemar. “Literatura – 1969”. (151-167). Levantamento dos fatos marcantes de 1969 e indicação dos livros que alcançaram maior repercussão.

Autores e/ou obras citadas: vários

13.34.10.1.10.8. MENEZES, Fagundes de. “Publicações do INL”. (171-177). Levantamento das últimas publicações do INL.

Autores e/ou obras citadas: vários

13.34.10.2.10.8. n.c. “O Livro Brasileiro no Estrangeiro”. (181-182). Resumo de notas críticas e informativas publicadas em revista estrangeiras (*Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Brésilien* e *Inter-American Review of Bibliography*) sobre obras e autores brasileiros.

Autores e/ou obras citadas:

Hélio Silva
Ciclo Vargas
 Lothar F. Hessel
 Antônio Chimango
Cartas Chilenas
 Ramiro Bracelos
Martin Ferro
 José Hernández
 Santos Veja
 Hilário Ascasubi
Fausto
 Estanislau de Campo
 Armando Corrêa Pacheco
 Plínio Doyle
Contribuição à Bibliografia de e sobre Guimarães Rosa Sagarana
 Afrânio Coutinho

13.34.8.1.10.8. n.c. “Atividades do 4º trimestre”. (185-193). As várias atividades desenvolvidas pelo INL no 4º trimestre de 1969.

Autores e/ou obras citadas: vários

13.34.5.1.10.8. n.c. n.c. (197-209). Textos de leis, portarias e instruções que dizem respeito ao livro no Brasil.

13.35.1.1.2.1. PÓLVORA, Hélio. “Réquiem e Permanência do Romance Policial”. (7-22). Estudo sobre o romance policial.

Autores e/ou obras citadas:

Álvaro Lins	Arthur Conan Doyle
Thomas Browne	Graham Greene
Edgar Allan Poe	S. S. Van Dine
<i>Os Assassínatos da Rua Morgue</i>	Chesterton
Wilkin Collins	Agatha Christie

E. C. Bentley
 Chandler
 Mignon G. Eberhart
 Charlotte Armstrong
 Dashiell Hammett
 Clifford Knighth
 Patrícia Highsmith
 Vera Gasparin
 Scott Fitzgerald
 Carl Sandburg
 Theodore Dreiser

James Hilton
 Ernest Hemingway
 Mário da Silva
A Promessa
A Man of Talent
The Maltese Falcon
 Norman Mailer
The American Dream
 John Dickson Carr

13.35.1.2.2.1. LINS, Álvaro. “No Mundo do Romance Policial”. (13-36). Estudo em que o autor discute a exclusão do romance policial como gênero literário.

Autores e/ou obras citadas:

Voltaire
 Balzac
 Dickens
 Dostoievski
Crime e Castigo
 Raskolnikov
 Porfírio Sémeionovith
O Mistério de Edwin Drood
Édipo Rei
O Último Caso de Trent
 E. C. Bentley
Dom Quixote
Hamlet
 Conan Doyle
O Mistério da Estrada de Sintra
 Eça de Queiroz
 François Fosca
História e Técnica do romance Policial
 Humbert
 Steinkeil
O Duplo Assassinato da Rua Morgan
O Mistério de Maria Roget
A Carta Furtada
 Edgar Wallace
O Crime de Canária
A Morte de Roger Acroyde
O Caso Benson
 Van Dine

13.35.1.3.2.1. LISBOA, Henriqueta. “A Poesia de Alphonsus de Guimarães”. (22-30). Aspectos da obra poética de Alphonsus de Guimarães.

Auores e/ou obras citadas:

Kenneth Burke
Teoria da Forma Literária
Escada de Jacó e Pulvis
Ária do Luar
Pastoral dos Crentes do Amor e da Morte
Câmara Ardente
 José Veríssimo
 Verlaine
 Mallarmé
 Guerra Junqueiro
 Antônio Nobre
 Dante
Divina Comédia

13.35.1.4.10.1. ARAÚJO, Murilo. “O Modernismo de 22 e o Rio de Janeiro”. (31-36). As primeira manifestações modernistas no Rio de Janeiro.

Autores e/ou obras citadas:

Rui Barbosa	Correia Lima	<i>O Instante Universal</i>
Euclides da Cunha	Eliseu Viscondi	<i>Francisco Karan</i>
<i>Evocações</i>	Hélio Seelinger	<i>A Hora Espessa</i>
Cruz e Souza	Miguel Caplonch	<i>Árias de Muito Longe</i>
Gonzaga Duque	Zina Aita	Ricardo Bampi
Hermes Fontes	Martins Ribeiro	Quirino Silva
Álvaro Moreira	Lasar Segall	Maurício Wellish
Orestes Barbosa	Anita Malfatti	<i>História da Pintura no</i>
Alfred Jarry	Brecheret	<i>Brasil</i>
Mário da Silva Brito	Tarsila do Amaral	Cornélio Pena
<i>Cinza das Horas</i>	Alceu Amoroso Lima	<i>Túmulo da Vida</i>
Manuel Bandeira	Graça Aranha	<i>Inquietude</i>
Olavo Bilac	Adelino Magalhães	<i>Toda a América</i>
Alberto de Oliveira	Ribeiro Couto	Tasso de Oliveira
Ronald de Carvalho	Cecília Meireles	Augusto Frederico Smidt
<i>Luz Gloriosa</i>	Gilka Machado	Jorge de Lima
Catúlo da Paixão	Henrique Abílio	Felipe de Oliveira
Cearense	Afrânio Coutinho	Murilo Mendes
Oswald de Andrade	Heitor Alves	Manuel de Abreu
Ernesto Nazaré	Carlos Drummond de	Dante Milano
Villa-Lobos	Andrade	José Américo de
Bernardelli	Pádua de Almeida	Almeida

Jorge Amado
Fronteira
Marques Rêbello
Lúcio Cardoso

Adonias Filho
Manuel Antônio de
Almeida

Machado de Assis
Lima Barreto
A Iluminação da Vida

13.35.1.5.10.1. SALES, Fernando. “Livros Novos, de 1920”. (37-53). Levantamento de livros que foram publicados no Brasil na década de 20, e ainda hoje constituem evidentes marcos históricos e, sobretudo, peças de grande valor literário.

Autores e/ou obras citadas:

Fruta do Mato
Afrânio Peixoto
O Professor Jeremias
Sud Menucci
José Veríssimo
Tristão de Athayde
Leo Vaz
Edgar Cavalheiro
Hilário Tácito
Madame Pomemery
Monteiro Lobato
Cardoso de Oliveira
Dois Metros e Cinco
Vida Ociosa
Godofredo Rangel
Senhora do Engenho
Aderbal Jurema
Mário Sette
Papi Júnior
Sem Crime
A Casa dos Azulejos
O Simas e os Gêmeos
Pedro de Castro e
Canto Melo
Mana Silveira
Almas em Delírio
Relíquias da Memória
Flama e Argila
A Tragédia
Menotti Del Picchia
Medeiros e Albuquerque
Coelho Neto
Viriato Corrêa
O Mistério
Fábio Luz

Avelino Foscolo
O Jubileu
O Caboclo
Lucilo Varejão
O Destino de Escolástica
De que morreu João
Feital
Passo Errado
Gastão Cruls
Herman Lima
A Noiva de Oscar Wilde
Nas Serras e Nas Furnas
Mixuango
Leréias
Valdomiro Silveira
Histórias e Sonhos
Antônio Noronha Santos
Vida e Morte de
Gonzaga de Sá
Andrade Muricy
Urupês
Negrinha
Xavier Marques
Jana e Joel
Praeiros
Sêres e Sombras
Oscar Lopes
Machado de Assis
Pedro Gama
Lúcia Miguel Pereira
Em Surdina
Contos e Impressões
Colunas
Artur Sales
Guilherme de Almeida

Dentro da Noite
Cassiano Ricardo
Jardim dos Hespérides
Martim Cererê
Jeremias Sem Chorar
As Máscaras
Juca Mulato
Alma Cabocla
Paulo Setúbal
Penúmbra Sagrada
Orestes Barbosa
Castro Menezes
Homero Prates
Félix Pacheco
Estrada de Damasco
No Jardim dos Idolos e
das Rosas
Luar de Verona
Nilo Bruzzi
O Triste Epigrama
José Geraldo Vieira
Parque Antigo
Galeão Coutinho
Pôr do Sol
Faria Neves Sobrinho
Ritmos e Idéias
Luís Murat
A Volta do Imperador
Carlos Magalhães
Azeredo
Mendigos
Alphonsus de Guimarães
Parábolas
Alcides Flávio
Velatinas

Claros e sombras
Gastão Penalva
Frutas do Templo

Benjamin Costallat
Modernos
Roque Callage

Terra Natal
Crônicas e Contos

13.35.1.6.10.8. DOYLE, Plínio. "História de Revistas e Jornais Literários". (57-70). Estudo da *Revista de Antropofagia*.

13.35.12.1.2.1. LOURO, Rosa Carino. "Poesia". (71-75). Análise de duas obras: *Mercado*, de Elaine Zagury e *Poetas Novos do Brasil*, antologia organizada por Walmir Ayla.

13.35.15.1.2.1. REIS, Marcos Konder. "Um Diário de Fogo". (76-84). Ensaio sobre a obra *Um Diário de Fogo*.

Autores e/ou obras citadas:

Diário Completo
Lúcio Cardoso
Byron
O Salgueiro
Crônica da Casa Assassinada

13.35.16.1.2.8. COUTINHO, Edilberto. "O Livro de Bolso no Brasil". (85-91). Os problemas do livro de bolso no Brasil.

Autores e/ou obras citadas:

Moby Dick
Melville
Gabriel Garcia Marques
História da Arte
Mickey Spilane
Dostoievski
Balzac
Artur Azevedo
Lúcio Costa
Chuva
O Idiota da Família
Lin Yutang
A Importância de Viver
Otávio de Faria

13.35.16.2.9.8. ARAÚJO, Paulo César. "Otávio de Faria: Sou um católico que é ou pretende ser romancista". (92-98). Entrevista com o escritor Otávio de Faria.

Autores e/ou obras citadas:

Tragédia Burguesa
A Sombra de Deus
O Indigno
Os Malditos
O Espírito da terra
O Romance de Ivo
A Morte de Rodolfo Borges
Ludovico Contreiras
Gildinha
O Retrato do Morto
O Lôdo das Ruas
Os Caminhos da Vida
O Anjo de Pedra
Os Renegados
Senhor do Mundo
Os Retratos da Morte
Ângel ou As Areias do Mundo
O Cavaleiro da Viagem

13.35.7.1.10.8. CUNHA, Maria Emília Melo e. "Catálogo e Índice de Os Cadernos de Cultura". (1965-1964). (99-111). *Indexação de Os Cadernos de Cultura*.

13.35.13.1.9.8. GORGA FILHO, Remy "Eu não sou um monstro sagrado". (112-115). *Entrevista com Clarice Lispector*.

Autores e/ou obras citadas:

Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres
Laços de Família
Legião Estrangeira
Herman Hesse
O Lobo das Estepes
 Katherine Mansfield
 Cornélio Pena
 D. H. Lawrence
Força Vital
 Dalton Trevisan
 José J. Veiga
Os Noivos
A Máquina Extraviada
A Hora dos Ruminantes
Perto do Coração Selvagem
O Lustre
A Maçã no Escuro
O Mistério do Coelho Pensante
A Paixão segundo G.H.

A Mulher que Matou os Peixes

13.35.13.2.10.1. ARAÚJO, Carmosina. “Mal-Assombrado”. (116-122). Conto.

13.35.13.3.10.1. SANGLARD, Luís & MAIA, João Domingues. “Poesia”. (123).
Publicação de duas poesias: *O Crepúsculo e Mesa Posta*.

13.35.4.1.10.8. MOUTINHO, Nogueira. “O Escritor Novo, esse desconhecido”. (124-136).
Trabalho de cunho jornalístico sobre a situação do escritor novo em face das dificuldades de publicação.

13.35.5.1.10.8. n.c. “Livros Didáticos na Escola”. (137-141). Circular do Ministério da Educação e Cultura Jarbas Passarinho, relativo à adoção de livros didáticos nas escolas do país; decreto referente a edição do livro-texto para o ensino superior e a lei federal que instituiu o dia da cultura e da ciência.

13.35.8.1.6.8. n.c. “Concurso de capas de livros”. (142-148). Síntese das atividades desenvolvidas pelo INL no primeiro semestre do ano.

13.36.1.1.2.3. n.c. “A Retórica do Samba-Enrêdo”. (7-21). Estudo que analisa os vários aspectos do samba-enrêdo, realizado por uma equipe de estudantes da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

13.36.1.2.2.1. MOTARA, Marcella. “Problemas Estruturais de Composição do Novo Romance Francês”. (22-27). Balanço crítico do *nouveau roman*, análise das características da renovação do romance francês.

Autores e/ou obras citadas:

Nathalie Sarraut
Alain Robb – Grillet
Michael Bulor
Claude Simon
Zadig
Candibe
Montesquieu
La Recherche du Temps Perdu
Les Temps Retrouvé
La Modification
Náusea
Michel Lewis
L'Emploi du Temps
Dans le Labyrinthe
Hamlet

Edgar Allan Pöe
La Route des Flanders
 Jean Ricardou
Problèmes du Nouveau Roan
Le Voyeur

13.36.1.3.2.1. ZAGURY, Eliane. “O Problema da Disposição Poética”. (28-33). Questões que dizem respeito à compreensão de determinados fenômenos da criação literária.

Autores e/ou obras citadas:

O Menino da sua Mãe
 Fernando Pessoa
Le Dourmeur Du Val
 Arthur Rimbaud

13.36.1.4.10.8. DOYLE, Plínio. “História de Revistas e Jornais Literários” (34-42). Estudo das revistas *Sul –Americanas* e *A Nova*.

13.36.12.1.5.1. LOURO, Rosa Carino. “A Espada e o Mapa”. (43-45). Análise do romance *Fundador* de Nélida Piñón.

13.36.15.1.2.1. RONÁI, Paulo “*Um Museu Inteiro sem o Corredor Morto*”. (46-49). *Pequeno ensaio sobre um livro Ave, Palavra de Guimarães Rosa*.

Autores e/ou obras citadas

:

Estas História
Ave, Palavra
Sagarana
Jardins e Riachinhos

13.36.16.1.10.1. COUTINHO, Edilberto. “*Como nascem os personagens de romance*”. (50-59). *O processo de criação dos personagens de romance*.

Autores e/ou obras citadas:

Virgínia Wolf
Mr. Bennett and Mrs. Brown
 Elizabeth Bowen
Notes on Writing a Novel
Gabriela Cravo e Canela
 Jorge Amado
São Jorge dos Ilhéus
Terras do Sem Fim

Corpo Vivo
 Adonias Filho
Léguas da Promissão
Memórias de Lázaro

13.36.16.2.10.1. QUINTELA, Ary. “O Dr. Macedinho, 150 Anos, Vivo Ainda”. (60-67). O autor focaliza a figura humana e a obra de Joaquim Manuel de Macedo.

Autores e/ou obras citadas:

Emílio de Menezes	<i>Nina</i>
Humberto de Campos	<i>O Rio do Quarto</i>
Múcio Leão	<i>A Luneta Mágica</i>
Lyra Tavares	<i>As Vítimas Algozes</i>
<i>A Moreninha</i>	<i>Quadros da Escravidão</i>
<i>Môço Loiro</i>	<i>Os 4 Pontos Cardeais</i>
<i>Os Dous Amores</i>	<i>Romance de uma Velha</i>
<i>O Cego</i>	<i>Remissão de Pecados</i>
<i>Rosa</i>	<i>A Namorada</i>
<i>Vicentina</i>	<i>Um Noivo e Duas Noivas</i>
<i>A Carteira de Meu Tio</i>	<i>Cincinato Quebra-Louça</i>
<i>O Forasteiro</i>	<i>A Baronesa do Amor</i>
<i>O Fantasma Branco</i>	<i>Vingança por Vingança</i>
<i>A Nebulosa</i>	<i>Amores de um Médico</i>
<i>O Primo da Califórnia</i>	<i>Voragem</i>
<i>O Sacrifício de Isaac</i>	<i>Panfílio</i>
<i>Amor e Pátria</i>	<i>Considerações sobre Nostalgia</i>
<i>Luxo e Vaidade</i>	<i>Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro</i>
<i>Os Romances da Semana</i>	<i>Ano Biográfico Brasileiro</i>
<i>Lusbela</i>	<i>Ephemenda Histórica do Brasil</i>
<i>O Novo Otelo</i>	<i>Mulheres Célebres</i>
<i>A Torre em Concurso</i>	<i>Um Mês de Amores de um Estudante</i>
<i>O Culto do Dever</i>	<i>Memória de um Sargento de Milícias</i>
<i>Mazelas da Atualidade</i>	
<i>Memórias do Sobrinho de Meu Tio</i>	

13.36.17.1.9.1. ARAÚJO, Paulo César de. “Raquel de Queiroz Sob Palavra”. (68-71). *Questões formuladas por amigos e colegas à escritora Raquel de Queiroz.*

Autores e/ou obras citadas:

O Quinze
 Mário de Andrade
 Graça Aranha
As Três Marias
Caminho das Pedras

Marques Rêbello
João Miguel
O Galo de Ouro
A Donzela e a Moura Torta
Lampião
A Beata Maria do Egito
O Caçador de Tatú
Cem Crônicas Escolhidas
O Brasileiro Perplexo
O Menino Mágico

13.36.17.2.9.1. GORGA FILHO, Remy. “Autran Dourado: “Do Signo de Capricórnio, Com muita Honra”. (72- 75). Entrevista com Autran Dourado.

Autores e/ou obras citadas:

Eurico, O Presbítero
 Alexandre Herculano
 Padre Vieira
 Manuel Bernardes
 Frei Luís de Sousa
 Eça de Queiroz
 Machado de Assis
 Cervantes
 Tolstoi
 Dostoievski
 Balzac
 Flaubert
Três Contos
Educação Sentimental
Madame Bovary
Sombra e Exílio
Tempo de Amar
Nove Histórias em Grupo de Três
A Barca dos Homens
Ópera dos mortos
Uma Vida em Segrêdo
 Dujardin
 James Joyce
 Tchecov
 Turgueniev
 Thomas Wolfe
 Henry James
 Kafka
 Italo Svevo
 Musil Conrad

Thomas Mann

13.36.4.1.10.1. RENAULT, Abgar. “Alphonsus: A Grandeza Descarnada e Sem Pompa”. (76-80). *Discurso do acadêmico Abgar renauld sobre Alphonsus de Guimarães*.

Autores e/ou obras citadas:

Cecil Day Lewia
Pastoral aos Crentes de Amor e da Vida
Lua Nova
Ismália

13.36.4.2.10.8. COSTA, Octávio. “Poder Público e o Povo: Linhas de Comunicação”. (81-88). Fragmentos de dois discursos na abertura e encerramento de uma reunião com assessôres de imprensa dos govêrnos federal, estadual e municipal.

13.36.13.1.2.1. FERREIRA, Luci Ramos. “O Contista Carlos Drumond de Andrade”. (89-98). A obra de ficção de Drumond.

Autores e/ou obras citadas:

Via Láctea
 Olavo Bilac
O Crime
Confissões de Minas
Passeios na Ilha, ensaios e crônicas
Fala Amendoeira
A Bôlsa e a Vida
Versiprosa, crônicas em prosa
Caminhos de João Brandão
Reunião
Boitempo

Antônio Candido
 José Ederaldo Castelo
Alguma Poesia
 Sérgio Milliet
Contos de Aprendiz
 Somerset Maugham
Seis Novelas
 Maupassant

Tchevov
A Doida
Câmara e Cadeia
Beira-Rio
A Baronesa
O Gerente
Miguel e seu Furto

Flor, Telefone, Môça
A Salvação da Alma
Conversa de Velho com Criança
O Sorvete
Meu Companheiro
Extraordinária Conserva
Um Escritor Nasce e Morre

 Hildon Rocha
Drumond em Prosa e Verso

13.36.13.2.10.1. MENEZES, Cláudia Canuto. “O Salvador”. (99-100). Poesia.

13.36.13.3.2.1. LAFETÁ, João Luis Machado. “À Sombra das Moças em Flor”. (101-111). Sobre o romance *O Amanuense Belmiro* de Cyro dos Anjos

Autores e/ou obras citadas;

Antônio Candido
Cyro dos Anjos

13.36.13.4.10.1. LIMA, Renato Soares de. “Um Dedo ao Vento”. (112-115). Conto.

13.36.19.1.10.1. MAMEDE, Zilda. “A Mudança”. (116). Poesia

13.36.19.2.10.1. SAVARY, Olga. “Abstrata”. (117). Poesia.

13.36.3.1.9.1. GONÇAVES, Delmiro & SOARES, Francisco Luiz de Almeida. “Jorge Luís Borges: Es poco lo que se”. (118-128). *Entrevista com Borges em sua viagem ao Brasil*.

Autores e/ou obras citadas:

El informe Brodie
Fervor de Buenos Aires
Keats
Chesterron
Kiplin
Stenvensonson
Edgar Allan Pöe
Whitman
Henry James
Michel Foucault

13.36.18.1.10.1. n.c. “Augusto Meyer”. (129-139). Breve nota e dois poemas de Augusto Meyer.

13.37.0.1.10.8. n.c. “INL: Abertas Novas Perspectivas”. (6-10). *Balanço das atividades do INL no decorrer de 1970*.

13.37.0.2.2.8. KELY, Celso. “O Livro e o Ensino”. (11-13). O papel do livro na educação.

13.37.0.3.5.8. n.c. Atlas Cultural: “Um Retrato do Brasil”. (14-17). Publicação do *Atlas Cultural*, obra que se destina a oferecer um panorama geral da vida brasileira.

13.37.0.4.2.8. FERREIA, João. “O Livro Como Forma de Comunicação”. (18-22). As várias possibilidades de comunicação do livro.

13.37.1.1.2.1. CUNHA, Fausto. “Álvares de Azevedo e Varela ou a Rebelião Romântica”. (23-34). *As propostas literárias nas obras de Azevedo e Varela.*

Autores e/ou obras citadas:

Lorde Byron

Otelo

Shakespeare

Musset

Don Juan

Poema Tártaro

Eugênio Gomes

Manuel Antônio

Prata da Casa

Poema do Frade

Antônio Ferreira

Olavo Bilac

Lionel Trilling

Mário de Andrade

Castro Alves

Machado de Assis

Vozes da América

F. Quirino dos Santos

J. Ferreira de Menezes

Cantos e Fantasias

Flores sem Cheiro

José Inácio Gomes F. de Menezes

Cláudio Manuel da Costa

Said Ali

Sousa Silveira

Manuel Bandeira

Bernardo Guimarães

Luís Gama

Primeiras Trovas Burlescas

Tobias Barreto

José de Alencar

Francisco José Correia

Virgílio

Homero

Luís de Camões

Canções da Vida

Belarmino de Matos

Fagundes Varela

Celso de Magalhães

Vitoriano Palhares

Luís Guimarães Júnior

Carlos Ferreira

Lamartine

Bocage

Victor Hugo

13.37.1.2.5.1. SALES, Fernando. “1870: Livros em Destaque”. (35-45). Livros que fizeram a história literária brasileira.

Autores e/ou obras citadas:

Espumas Flutuantes

Machado de Assis

Castro Alves

José de Alencar

Said Ali

Agripino Grieco

Homero Pires

Eugênio Gomes

Afrânio Peixoto

O Gaúcho

A Pata da Gazela

Araripe Júnior

José Veríssimo

Bernardo Guimarães

Franklin Távora

M. Cavalcanti Proença

Heron Alencar

Joaquim Manuel de Macedo

As mulheres de Mantilha

A Namoradeira

Remissão dos Pecados
O Moço Loiro
Os Romances da Semana
O Culto do Dever
A Luneta Mágica
As Vítimas Algozes
Nina
A Baronesa do Amor
O Cego
Contos Fluminenses
Lúcia Miguel Pereira
Histórias da Meia Noite
Ressureição
Falenas
Americanas
A Província
Euclides da Cunha
 Alberto Torres
 Capistrano de Abreu
 Tavares Bastos
 Francisco Adolfo Varnhagen
Cancioneiro

História geral do Brasil
João Salomé Quiroga
Maricota e o Padre Chico
Canhenho
História do Brasil-Reino
Brasil Império
Alexandre José de Melo Moraes
 J. M. Pereira Silva
História Geral do Brasil
 Manuel Duarte Moreira de Azevedo
Os Franceses no Rio de Janeiro
 Alexandre Dumas
 Walter Scott
 Pinheiro Chagas
 Luís Guimarães
Corimbos
História para Gente Alegre
Peregrinas e Centelhas
Mocidade e Tristeza
Sílvio Romero

13.37.1.3.2.8. CHACON, Vamireh. “Barroco e Iluminismo no Brasil”. (46-55). Mais de qualquer outro movimento, o Barroco e o Iluminismo tiveram uma grande influência no Brasil.

Autores e/ou obras citadas:

Gilberto freire
 Viana Moog
 Antônio Candido
 Frei Caneca
 Silva Alvarenga
 Francisco de Melo Franco
 Basílio da Gama
 Sousa Caldas

13.37.1.4.10.8. DOYLE, Plínio. “História de Revistas e Jornais literários”. (56-61). Estudo do revista *Terra Roxa e Outras Terras*.

13.37.1.5.2.1. VIANA, Hélio. “D. Pedro II e a Confederação dos Tomoios”. (62-71). A polêmica causada quando da publicação de *Confederação dos Tomoios*.

Autores e/ou obras citadas:

Domingos José Gonçalves de Magalhães

Poesias Avulsas

Suspiros Poéticos e Saudades

Carta sobre a Confederação dos Tamoios

José Martiniano de Alencar

Manuel Araújo Pôrto-Alegre

José Aderaldo Castelo

A Polêmica sobre a “Confederação dos Tamoios”

Alexandre Herculano

Meditações

Urânia

Dicionário Bibliográfico Brasileiro

Franklin Távora

Sacramento Blake

La Lega dei Tamoi

Riccardo Ceroni

Uruguai

Basílio da Gama

Caramuru

Frei Santa Rita Durão

Os Timbiras

Gonçalves Dias

Grandes Poetas Românticos do Brasil

13.37.12.1.2.1. DAMASCENO, Darcy. “Três Momentos de Poesia”. (72-75). Sobre a reedição de *Do Sonho e da Esfinge* (Afonso Félix de Souza) e a publicação de *Sintaxe Invisível* (Gilberto Mendonça Teles) e *Labirinto* (Foed Castro Chamma).

13.37.15.1.2.1. RÓNAI, Paulo. Raimundo Magalhães Jr. “A Arte Biográfica”. (76-84). As muitas facetas de Raimundo de Magalhães Júnior.

Autores e/ou obras citadas:

A Arte do Conto

Homem e Época das Letras e das Artes Brasileiras

Artur Azevedo

Álvarez de Azevedo

Casimiro de Abreu

Cruz e Souza

José do Patrocínio (pai)

José do Patrocínio Filho

Machado de Assis

As Mil e Uma Vidas de Leopoldo Fróis

Martins Pena
 José Alencar
Machado de Assis Desconhecido
A Vida Turbulenta de José do Patrocínio
Mimos

13.37.16.1.10.1. COUTINHO, Edilberto. “Como Nascem os Personagens de Romance”. (85-90). Continuando a reportagem do número anterior da revista, o autor discute o processo de criação dos personagens de romance.

Autores e/ou obras citadas:

José Candido de Carvalho
O Coronel e o Lobisomem
 Raquel de Queiroz
 Josué Montelo
 Marques Rêbello
 Êrco Veríssimo

13.37.17.1.9.1. ARAÚJO, Paulo César. “Dinah Silveira de Queiroz Sob Palavra”. (91-99). *Questões formuladas por amigos e colegas para a escritora Dinah Silveira.*

Autores e/ou obras citadas:

A Princesa dos Escravos
A Muralha
 Júlia Lopes de Almeida
 Lúcia Miguel Pereira
 Cecília Meireles
 Margarida La Rocque
O Solitário
 João Cabral de Melo Neto
 Josué Montelo
 Ruben Braga
Café da Manhã
Floradas na Serra
Verão dos Infiéis
A Sereia Verde

13.37.17.2.2.1. GORGA FILHO, Remy. “José J. Veiga: Escrevo para me justificar”. (100-102). A vida e a obra de José J. Veiga.

Autores e/ou obras citadas:

Os Cavalinhos de Platimplanto
A Máquina Extraviada
A Hora dos Ruminantes

13.37.13.1.10.1. FALCÃO, João Emílio. “O Galo, Ela e Eu”. (103-1050). Conto.

13.37.13.2.10.1. BARROZO FILHO, José Pires. “Flor/Aço”. (106). Poesia.

13.37.13.3.10.1. MIRANDA, Luis de. “Exigências”. (107). Poesia.

13.37.2.1.10.1. RANGEL, Alberto. “Os Gestos do Euclides”. (108-111). Capítulo inédito do livro *Águas Reversas*.

13.37.3.1.10.8. MOTA, Mauro. “O Navegante Gilberto Amado”. (112-127). Discurso de posse de Gilberto Amado na Academia Brasileira de Letras.

13.37.7.1.10.8. FONSECA, Edson Nery da. “Álvaro Lins: Bibliografia com Notas Remissivas”. (128-137). *Bibliografia de Álvaro Lins*.

13.37.4.1.2.1. PÓLVORA, Hélio. “As Viagens de Brás Cubas”. (138-140). Os trabalhos internacionais sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis

Helen Caldwell

Machado de Assis – The Brazilian Master and His Novels

Sílvio Romero

Quincas Borba

Dom Casmurro

História de Subúrbios

Esaú e Jacó

The Brazilian Othello of Machado de Assis: A Study of Dom Casmurro

13.37.4.2.2.1. MARTINS, Wilson. “Encontros e Desencontros”. (141-144). Sobre a tradução de quatro autores brasileiros nos Estados Unidos.

Autores e/ou obras citadas:

Order and Progress

Gilberto Freire

My Sweet – Orange Tree

The Misplaced Machine

The Three Trials of Manirena

José J. Veiga

Divina Comédia

O Castelo de Kafka

João guimarães Rosa
Juan Rulfo
Gabriel Garcia Márquez
Thomas Lask
Rodriguez Menegal
José Mauro de Vasconcelosx

Considerações Finais

Com o propósito de analisar e indexar a *Revista do Livro*, principiamos mostrando o contexto político-cultural do período em que a mesma circulou, visto que como veículo de uma fase conturbada de nossa história foi oportuno fazer emergir as relações interculturais de seu universo para uma melhor compreensão do trabalho que ora apresentamos.

Falamos da chegada da imprensa e de sua instalação no Brasil, o que também se fez necessário por conta de algumas atribuições e dúvidas que precisaram ser esclarecidas no processo de desenvolvimento da história da imprensa brasileira.

A revista é um gênero que privilegia seu momento, valorizando-o como fonte documental. Por sua diversidade de temas e perenidade, ela se torna instrumento que propicia rica fonte para pesquisa nas mais variadas áreas do conhecimento.

Criada em 1956, a *Revista do Livro* foi o porta-voz do Instituto Nacional do Livro (INL), órgão oficial do governo, responsável pela editoração no país. O Instituto, criado em 1937, sob o regime ditatorial do governo de Getúlio Vargas, foi um órgão de controle das publicações e da divulgação da política cultural então vigente. Dirigido no momento de sua implantação por um dos mais influentes intelectuais brasileiros daquele momento, o escritor gaúcho Augusto Meyer, enfrentou vários problemas, na medida em que este divergiu de instâncias superiores da ditadura, a ponto do próprio governo passar a fazer campanha no sentido de tornar o INL desacreditado. Grandes nomes da

intelectualidade brasileira fizeram parte do corpo editorial da *Revista do Livro*. Uns mais constantes como: Alexandre Eulálio, Brito Broca, Antônio Houaiss, Augusto Fragoso, Celso Cunha, J. Galante de Sousa, M. Cavalcanti e outros que tiveram passagem esporádica como: Antônio Candido, Sérgio Buarque de Holanda

Com a criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) vêm acirrar-se mais os ânimos já que os dois órgãos passaram a desempenhar papéis iguais no processo de editoração. Vale lembrar que, a princípio, o Instituto Nacional do Livro fora criado com a função específica de elaborar a *Enciclopédia Brasileira* e o *Dicionário de Língua Nacional*, pois Getúlio Vargas, preocupado com a cultura, considerava-a primordial para o desenvolvimento do país. O projeto deveria seguir os moldes da Enciclopédia italiana *Treccani*, projetada por Benito Mussolini. O trabalho foi entregue a Mário de Andrade que, prevendo distorção do projeto inicial, resolve afastar-se sem terminar o trabalho. Algumas tentativas de retomada do projeto foram feitas, anos mais tarde, mas o fato de já existirem várias enciclopédias e dicionários lançados comercialmente no país, tornou-o mais uma vez inviável.

A *Revista do Livro* foi criada com a função de divulgar os trabalhos elaborados pelo Instituto Nacional do Livro, porém não se limitou a esse trabalho específico. Publicou em suas várias seções trabalhos dispersos em jornais e bibliotecas tanto contemporâneos, quanto das mais variadas épocas, o que fez do periódico um painel da cultura brasileira. Com tiragem trimestral, a *Revista do Livro* teve seu primeiro número homenageando Machado de Assis, já considerado o centro do cânone da literatura brasileira e que funcionaria como uma espécie de patrono do periódico.

A visão especializada da *Revista do Livro* lhe conferiu um caráter elitista, pois pelo nível das matérias editadas em suas páginas como *A Biblioteca de Machado de Assis* de Jean-Michel Massa e *De Machadinho a Brás Cubas* de Augusto Meyer, que se

tornariam clássicos para os estudiosos de nossa literatura, o leitor mediano brasileiro dela se afastou, pois para sua fruição se fazia necessário um vasto referencial teórico que dificilmente ele viria a ter.

Durante o regime militar em 1970, o INL veio a sofrer um grande golpe quando foi instaurado o sistema de co-edição. Sob este sistema, o governo praticamente renunciou ao projeto editorial inicial e passou a subsidiar as editoras particulares, sem abrir mão do poder de veto das obras a serem publicadas. Com o acirramento do regime militar, o INL passou a fortalecer-se como mais um dos mecanismos oficiais de repressão. Neste período, foi criada a SECOM (Secretaria de Comunicação) que tinha a função específica de popularizar o regime político vigente e censurar as edições de obras que não atendiam aos interesses do governo militar. A partir daí foram contratados grupos de escritores com a função de pareceristas das obras a serem publicadas.

O processo de co-edição criou um impasse entre os escritores e seus editores, pois ao submeterem suas obras à apreciação, estavam na verdade compactuando com o sistema. Talvez por isso o sistema de co-edição veio a ser o golpe de misericórdia da *Revista do Livro*, que, em 1970, sem maiores explicações, deixou de ser publicada.

Apesar de ter sido um veículo de divulgação do sistema político vigente, a *Revista do Livro* foi um documento importante para se estudar a cultura brasileira, pois em suas páginas editaram-se textos relevantes para variadas áreas, mesmo que tivessem nela predominado textos literários e/ou crítico literários como os pareceres de Machado de Assis quando exercia o cargo de censor do Conservatório Dramático Nacional, ou culturais como os índices da *Coleção Brasileira*. Outra contribuição importante da *Revista do Livro* foi a publicação permanente de uma bibliografia brasileira atualizada.

Nela também editaram-se trabalhos de crítica como: *Um Enigma de nossa História Literária: Gregório de Matos*, que levanta a possibilidade de plágio de o “Boca do Inferno”, *Os Folhetins de Hop-Frog*, escritos por Tomás Alves e considerados as primeiras manifestações do Naturalismo no Brasil; *Ocultação nas Cartas Chilenas*, de Rodrigues Lapa, que esclarece as dúvidas quanto a autoria do poema e a representação de seus personagens; e *Dois Momentos de Joaquim Nabuco*, de Augusto Fragoso, que nos apresenta a polêmica entre Joaquim Nabuco e José de Alencar.

Por tudo isso, achamos relevante elaborar a indexação da *Revista do Livro* seguindo uma metodologia específica, pois uma revista sem a devida indexação é material inútil, fazendo-se necessário uma certa ordenação que venha a facilitar a tarefa de futuros pesquisadores.

REFERÊNCIAS

DA PESQUISA:

REVISTA DO LIVRO. Rio de Janeiro: INL, 1956-1970.

DE APOIO:

ABREU, Alzira Alves de et al. *A Imprensa em Transição*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ANTELO, Raúl. *Literatura em Revistas*. São Paulo: Ática, 1984.

ANTONIO, João. *Abraçado ao meu amor*. São Paulo: Cosac e Naify, 2001.

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica: História da Imprensa Brasileira*. São Paulo: Ática, 1990.

BAHIA, Juarez. *Três fases da imprensa brasileira*. Santos: Presença, 1960.

BOSI, Ecléa. *Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1977.

CAMPOS, Haroldo de. *O Sequestro do Barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

COLLISON, Robert L. *Índices e Indexação. Guia para a indexação de livros, e coleções de livros, periódicos, partituras musicais, discos, filmes e outros materiais, com uma seção de referência e sugestões para leitura adicional*. Trad. Antônio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono, 1972.

DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Edunesp, 1999.

DERRIDA, Jacques. *Papel-Máquina*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

DIMAS, Antonio. *Tempos Eufóricos. (Análise da Revista Kosmos: 1904-1909)*. São Paulo: Ática, 1983.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio – O Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. *Exílio e Diáspora* in O papel do Intelectual Hoje. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

GOMES, Renato Cordeiro. *Intelectuais e a Cidade das Letras*. IN: O Papel do Intelectual, Belo Horizonte: Humanitas, 2004.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. São Paulo: Edusp, 1985.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio: José Olympio, 1948.

IGLÉSIAS, Francisco. *Trajectoria Política do Brasil: 1500-1964*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

LAJOLO, Mariza; ZILBERMAN, Regina. *O Preço da Leitura: Leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática, 2001.

LARA, Cecília de. *Nova Cruzada (Contribuição para o estudo do pré-modernismo)*. São Paulo: IEB, 1971.

LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

LUSTOSA, Isabel. *O Nascimento da Imprensa Brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MARCONI, Paolo. *A censura política na imprensa brasileira; 1968-1978*. São Paulo: Global. 2. Ed., 1980.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP;Imprensa Oficial; FAPESP, 2001.

- MARTINS, Wilson. *A Palavra Escrita. História do livro, da imprensa e da biblioteca*. 2ed. São Paulo: Ática, 1996.
- MAUD, Ana Maria. *Através da Imagem: fotografia e história, interfaces*. IN: Tempo, Revista do Departamento de História da UFF, Niterói: Departamento de História/Relme Dumará, vol. 1, nº 2, dez. 1996.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- MOREIRA, Alice Campos. *CDROM Periódicos Literários: Anais das Jornadas e do Encontro Nacional*. Porto Alegre-RS: CPL-PUCRS, 2003.
- MOTTA, Luiz Gonzaga (org). *Imprensa e Poder*. Brasília: Ed. UnB, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- NEME, Mário. *Plataforma da Nova Geração*. Porto Alegre: Globo, 1945.
- NOSSO SÉCULO. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- OITICICA, Ricardo. *O Instituto Nacional do Livro. Academia Brasílica dos Rejeitados*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, PUC. 1997. 233 pp. Tese (Doutorado em Letras).
- OLINTO, Antonio. *Jornalismo e Literatura*. Rio de Janeiro: São José. 1960.
- OUTRA TRAVESSIA. Revista de Literatura. Florianópolis: Curso de Pós-graduação em Literatura-UFSC, nº. 40/1, 2º semestre/2003.
- RAMA, Ángel. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- REVISTA DO LIVRO.. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, nº. 44, Ano 14, jan./2002.
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História Militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileira. Itinerários no Pensamento Social e na Literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- VENTURA, , Zuenir. *1968; o ano que não acabou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 17 ed. 1988.
- WEFFORT, F. *O Populismo na Política Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Janelas que se abrem para o mundo: fotografia de imprensa e distinção social no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. <http://comciencia.br/reportagem/memorial/12.shtml>. aceso em 07/10/2004.

ANEXOS

Corpo Editorial da *Revista do Livro*

O corpo editorial da *Revista do Livro* contou com intelectuais das mais variadas tendências políticas e literárias.

José Renato Santos Pereira (1925 -). Diretor. Nasceu em Visconde do Rio Branco – M.G. Foi diretor do Instituto Nacional do Livro (INL) e da *Revista do Livro*. Escreveu vários roteiros cinematográficos para o irmão cineasta José Geraldo Santos Pereira, além de *O Guarda - Chuva e Outros Contos*.

Alexandre Eulálio (1932-1988), Redator. Mineiro de Adamantina, ensaísta, crítico e professor, formado em 1956 pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. A convite do Itamarati foi leitor brasileiro em Veneza (*Ca'Foscari*) como professor regente de Língua e Literatura Portuguesa. Foi ainda professor visitante na Universidade de Harvard, assessor do Diretor do Departamento de Assuntos Culturais do MEC e professor de Teoria Literária na Universidade de Campinas. De sua produção constam:

Joaquim Felício dos Santos, cronista romântico

A aventura brasileira de Blaise Cendrars

Literatura e Artes Plásticas

Os melhores poemas de Tomas Antônio Gonzaga (Org.)

Livro Involuntário: literatura, história, matéria e modernidade (Org.)

Colaborou com os jornais *Correio da Manhã* e *Diário Carioca*, ambos do Rio de Janeiro, com *O Diário*, de Belo Horizonte e na revista *Discurso*, de São Paulo.

Preparou a 3ª edição de *Memórias do Distrito de Adamantina*, de Joaquim Felício dos Santos.

Escreveu o roteiro de três documentários para o cinema: *Memória da Independência*, *Arte Tradicional da Costa do Marfim* e *Murilo Mendes: a poesia em pânico*.

Colaborou com Joaquim Pedro de Andrade no roteiro do longa metragem *O Homem do Pau Brasil*.

José B. B. Brito Broca (1904-1961). Redator. Tornou-se importante intelectual no cenário brasileiro, paulista de Guaratinguetá, foi jornalista, ensaísta e crítico. Iniciou a vida jornalística em *O Popular* por volta de 1924. Foi membro da comissão instituída pelo MEC em 1958 para preparar o texto das obras de Machado de Assis. Elaborou o prefácio de *Memorial de Aires*. Escreveu:

Americanos (1944).

Pensadores Franceses (1948).

Raul Pompéia (1956).

Horas de Leitura (1957).

Machado de Assis e a política e outros estudos; (1957).

O caderno e o saxofone (1966).

Augusto Souza-Meyer (1902-1970). Assistente Geral. Foi praticamente quem deu as diretrizes do INL, do qual assumiu a direção em 1938. Estudou língua e literatura. Colaborou em jornais e revistas, como poeta e crítico literário fez parte do modernismo gaúcho, dando um toque regionalista à poesia. Além de poeta foi grande

ensaísta, sendo responsável pela divulgação, no Brasil, de inúmeros escritores estrangeiros.

Na poesia escreveu:

A Ilusão Querida (1923);

Coração Verde (1926);

Giraluz (1928);

Duas Orações (1928);

Poema de Bilu (1929)

Na crítica e ensaio escreveu:

Machado de Assis (1935);

Prosa dos Pagos (1943);

À Sombra da Estante (1947);

Notas Camonianas (1955);

Preto e Branco (1956);

Camões, o bruxo e outros estudos (1958).

Antônio Houaiss (1915-1999). Membro do Conselho Consultivo. Formado em Letras clássicas, exerceu a carreira de diplomata. Colaborador e pesquisador da Casa de Rui Barbosa, desde de 1958, membro da comissão para publicação e edição crítica da obra de Rui Barbosa. Foi ainda superintendente da Editora Delta, editor-chefe da *Enciclopédia Mirador Internacional*, diretor-presidente do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, membro da Academia Brasileira de Filologia e da Academia Brasileira de Letras. Escreveu:

Tentativa de descrição do sistema vocálico do português culto na área dita carioca (1959)

Plano do Dicionário das Obras de Machado de Assis (1960)

Crítica Avulsa (1960)

Seis Poetas e um problema (1960)

Augusto dos Anjos (1960)

Elementos de Bibliologia (1967)

A rima na poesia de Carlos Drummond de Andrade (1968)

Estudos vários sobre palavras, livros e autores (1979)

A nova ortografia da Língua Portuguesa (1991)

Além de ensaios sobre política como *A modernidade no Brasil Conciliação ou ruptura?* (1995) e obras sobre gastronomia e culinária como *Magia da Cozinha Brasileira* (1979), traduziu grandes obras da literatura universal, entre elas *Ulisses*, de James Joyce.

Celso Cunha (1917 – 1989). Membro do Conselho Consultivo. Mineiro de Teófilo Otoni, foi professor de português no Colégio Pedro II e de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade do Rio de Janeiro, Doutor em Letras e Livre-docente em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, lecionou na Sorbonne, na Universidade de Colônia e na Universidade Clássica de Lisboa. Dirigiu a Biblioteca Nacional, foi secretário geral do governo provisório do Estado da Guanabara, membro do Conselho Nacional de Educação, da comissão de textos da UNESCO e representante do Brasil, no Instituto Internacional de Língua Portuguesa. Membro da Academia Brasileira de Letras, foi filólogo e ensaísta.

Principais Obras:

O Cancioneiro de Paay Gómez Charinho, trovador de século XIII (1947)

O Cancioneiro de Martin Codax (1956)

Estudos da Poesia Trovadoresca (1961)

Manual de Português, vários volumes (1962 a 1965)

Uma Política do Idioma (1965)

Língua Portuguesa e realidade brasileira (1968)

Língua e Verso (1968)

Gramática Moderna (1970)

Gramática do Português Contemporâneo (1970)

Estilística e Gramática Histórica (1978)

Gramática de Base (1979)

Breve Gramática do Português Contemporâneo (1985)

Questão da Norma Culta Brasileira (1985)

Em Torno do Conceito de Brasileirismo (1987)

Crisanto Martins Filgueiras (1901 – 1978). Membro do Conselho Consultivo. Diplomou-se em "Letras clássicas" em 1941, e em Ciências jurídicas em 1943. Trabalhou no Instituto Nacional do Livro e se aposentou em 1967, onde era chefe da Seção de Publicações.

José Galante de Sousa (1913-1986). Membro do Conselho Consultivo. Foi professor do Colégio Pedro II, chefe da seção da Enciclopédia e do Dicionário do Instituto Nacional do Livro (1967-1974), Diretor Substituto do Instituto Nacional do Livro (1967-1971), chefe da Biblioteca do Centro de Documentação da Fundação Casa de Rui Barbosa, membro da comissão criada pelo MEC em 1958 para preparar o texto definitivo das Obras de Machado de Assis, membro da comissão criada pelo MEC em

1971 para leitura e seleção de obras a serem editadas para distribuição nas bibliotecas brasileiras, co-fundador da Sociedade Brasileira de Romanistas. Escreveu:

Bibliografia de Machado de Assis (1955)

Fontes para o estudos de Machado de Assis (1958)

Algumas fontes para o estudo de Euclides da Cunha (1959)

O Teatro no Brasil (1960)

Introdução ao estudo da literatura brasileira (1963)

Machado de Assis e outros estudos (1979)

Em torno do poeta Bento Teixeira (1972)

Manuel Cavalcanti Proença (1905-1966). Membro do Conselho Consultivo. Nascido em Cuiabá, frequentou o Colégio Militar do Rio de Janeiro. Escreveu crônicas, contos, além de trabalhos jornalísticos. Com o ensaio *Roteiro de Macunaíma* (1951), recebeu o prêmio de ensaio do governo do Estado de São Paulo. De sua bibliografia constam:

Uniforme de Gala (1953)

Ritmo e Poesia (1955)

Nove anos de praça (1956)

Augusto dos Anjos e outros ensaios (1960)

No termo de Cuiabá; Malaquias Corumbá; manuscrito holandês (1960)

Mário de Andrade (1960)

General Augusto Fragoso (? - ?) Membro do Conselho Consultivo. Foi professor e diretor da Escola Superior de Guerra tendo escrito na *Revista da Associação*

dos Diplomados na Escola Superior de Guerra importante artigo sobre “A Escola Superior de Guerra (Origem - Finalidade – Evolução)”.

PROJETO GRÁFICO DA *REVISTA DO LIVRO*

A marca registrada da publicação é o projeto gráfico elaborado por **Tomás Santa Rosa Júnior**. O artista foi o responsável pela introdução do *desing* gráfico no setor editorial. Nascido em João Pessoa – PB – em 1909, transfere-se para o Rio de Janeiro em 1932, onde trabalha como auxiliar de Portinari na realização de vários murais. Fundou em 1933, o grupo teatral “Os Comediantes”. Em 1945, torna-se crítico de artes no *Diário de Notícias*, vindo a trabalhar em outros periódicos. Foi neste período que passou a colaborar com o INL.. De 1952 a 1954, integra a Comissão Nacional de Belas Artes, dirigindo o Conservatório Nacional de Teatro. Artista versátil, sempre atuou em diversas áreas como: cenografia, figurino, pintura, gravura, ilustração, crítica de arte e docência. Criou em 1946, o Curso de Desenho de Propaganda e Artes Gráficas.

Em 1948, a convite da Fundação Getúlio Vargas., na ocasião da fundação do Museu de Arte Moderna, foi nomeado Diretor do Departamento de Teatro da instituição e ainda professor de Desenho Estrutural e Composição. Como cenógrafo recebeu a medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos de Artes pelos cenários das peças *Vestido de Noiva*, *A Morte do Caixeiro Viajante* e *Senhora dos Afogados*. Em 1956, Tomás Santa Rosa viajou para a Índia como representante brasileiro na Conferência Internacional de Teatro, em Bombaim. Seguindo depois para Nova Delhi com o objetivo de integrar a Delegação Brasileira na Conferência Geral da UNESCO. Foi durante essa viagem que Santa Rosa faleceu, vítima de embolia séptica.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)